



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPEG**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC**  
**LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS EDUCATIVAS, CULTURA, DIVERSIDADE E**  
**INCLUSÃO**

**FRANCINILDA HONORATO DOS SANTOS**

**ÊXITO SOCIAL ATRAVÉS DA HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO:**  
**TRAJETÓRIA DE UMA MULHER DE SÍTIO EM DIÁLOGO COM OS SABERES**  
**DA EXPERIÊNCIA E OS SABERES ACADÊMICOS**

**MOSSORÓ/RN**

**Maior de 2019**

**FRANCINILDA HONORATO DOS SANTOS**

**ÊXITO SOCIAL ATRAVÉS DA HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO:  
TRAJETÓRIA DE UMA MULHER DE SÍTIO EM DIÁLOGA COM OS SABERES  
DA EXPERIÊNCIA E OS SABERES ACADÊMICOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, à Linha de Pesquisa Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Professora. Ana Lúcia Oliveira Aguiar,  
PhD em Educação.

MOSSORÓ/RN

Maio de 2019

**Catálogo da Publicação na Fonte.**  
**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

S237e Santos, Francinilda Honorato dos  
Êxito social através da história de vida e formação:  
trajetória de uma mulher de sítio em diálogo com os  
saberes da experiência e os saberes acadêmicos. /  
Francinilda Honorato dos Santos. - Mossoró/RN, 2019.  
217p.

Orientador(a): Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar.  
Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-  
Graduação em Educação). Universidade do Estado do Rio  
Grande do Norte.

1. História de vida. 2. Saberes da Experiência. 3. Êxito  
Social. I. Aguiar, Ana Lúcia Oliveira. II. Universidade do  
Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

FRANCINILDA HONORATO DOS SANTOS

ÊXITO SOCIAL ATRAVÉS DA HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO: TRAJETÓRIA DE  
UMA MULHER DE SÍTIO EM DIÁLOGO COM OS SABERES DA EXPERIÊNCIA E OS  
SABERES ACADÊMICOS

DATA DE APROVAÇÃO: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

COMISSÃO EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Lúcia Oliveira Aguiar PhD em Educação  
Orientadora- Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

---

Prof. Dr. Emerson Augusto de Medeiros  
Avaliador Externo - Universidade Federal Rural do Semi Árido - UFERSA

---

Dr.<sup>a</sup> Prof.<sup>a</sup> Normandia de Farias Mesquita Medeiros  
Avaliadora Interna- Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

## DEDICATÓRIA

Ao meu pai, Honorato dos Santos (*in memoriam*), dedico minha história de vida, que é sua história de vida, que vem da alma e do coração, do pisar por entre as fendas do chão batido, do açude transbordante de água que alimenta a vida, dos criatórios, da casinha de fogão à lenda, lições aprendidas no convívio de homens e mulheres simples, o amar à terra e a sua memória para o resto da minha vida.

A minha mãe, e amiga, Terezinha Alves Pereira, com muita honra e orgulho, dedico esse trabalho, a mulher guerreira e sitiante, minha primeira professora, não só dá lida, com a terra, mas com as letras do ABC, me ensinou o caminhar, e caminhando cheguei ao lugar do sonho tão sonhado.

Dedico a minha orientadora, Professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, por todas às vezes que eu tive que iniciar uma trajetória, com choros, regressei cantando alegrias com os feixes nas mãos. Com ela é impossível navegar sem construir alegrias. O amor que a alimenta é um escudo que nos defende. Que Ana Lúcia continue, para sempre cheia de flores e florescendo.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiro ao meu Deus, Criador do Universo e de minha vida, tornou possível a realização desse sonho, me deu a fé, que segundo a Bíblia Sagrada, (Mateus:17:20 e Marcos:4:31) “do tamanho do grão de mostarda que, me permitiu remover montanhas durante toda caminhada desse trabalho. Sem essa força que nos ilumina, não chegaríamos a lugar nenhum.” Obrigada Pai!

Agradeço aos meus filhos, Isaias, Débora e Bárbara, razão de meu viver, herdeiros de uma luta comum, herdeiros de tristezas e de alegrias, herdeiros de uma fé em Jesus Cristo e da resistência de uma mãe que, falando, quis ensinar, brigando diz amo vocês, fragilizada pede me ajudem, socorro, eu preciso de vocês. Meus maiores incentivadores e orgulhosos por me verem com sessenta e quatro anos terminando meus estudos, principalmente o mestrado. Eles falam! Mãe você é nosso maior orgulho e exemplo! Obrigada meus filhos! vocês muitas vezes são quem me dão colo. Amo vocês! Incondicionalmente!

A toda minha família, em nome dos meus pais, Honorato dos Santos (in memoriam) minha mãe Terezinha Alves Pereira, com muita felicidade digo, minha primeira educadora da vida, e professora que me alfabetizou, e ensinou o caminhar da vida. Aos meus adorados irmãos, Francimar Honorato, pilastra forte, irmão mais velho, e representante da família desde criança, por determinação do meu pai, sempre nos cuidou com muito amor e zelo. Eugenio, Chico e Josemar e Graciliano (neto e filho adotivo). Meu agradecimento por terem compreendido a minha ausência, e me apoiarem, para que eu pudesse chegar ao término desse trabalho.

A casa das sete mulheres, minhas irmãs, Francinete, Francineide, Francilene, Maria das Graças, Maria de Fátima (gêmeas), Maria do Carmo Santos, e Ivonete Honorato (irmã adotiva), destaque, são as mulheres, mais guerreiras da família Honorato, determinadas e corajosas, tomam conta de tudo e de todos. O coração do tamanho do mundo! Porém, são como abelhas na fabricação do mel, bem unidas no enxame, ao assanhar uma! O enxame todo sai em defesa! Como se diz! Sai debaixo! Só que, existe a abelha rainha! Essa é a mais valente de todas, manda em todo mundo, chama-se, Maria do Carmo Santos, carinhosamente a chamamos de DÚ. Uma pessoa bastante cômica, hilária, muito humorística, mesmo sendo uma pessoa com deficiência física, sempre teve sua autonomia, é muito empoderada e dá exemplo de superação. Gosta, muito de curtir aventuras radicais como: passear de ultraleve, parapente em canoa quebrada CE, dançar, namorar. Eu, e ela moramos com a nossa mãe, as vezes estamos entre tapas e beijos,

mas, nos amamos muito, não pudemos ficar longe uma da outra. Obrigada minhas abelhas rainhas por vocês existirem, na minha vida! Amo vocês de paixão.

Agradeço a todos os meus queridos e amados sobrinhos e sobrinhas, e aos seus esposos e esposas, todos são de enorme grandeza em carácter, tenho muito orgulho de ser tia de vocês, que torcem e vibram com o meu sucesso, sempre me apoiaram e me respeitam, amo vocês incondicionalmente, e também agradecer a Larissa por ter me ajudado durante essa trajetória da realização desse trabalho, meu muito obrigada.

Agradeço aos meus cunhados e cunhadas, com especial, Rafael de Souza Araújo, meu cunhado irmão do coração, que fala que sou a irmã que ele nunca teve! Ele, Djalma e Enoch, que são para mim, meus escudos de força e proteção, anjos em minha vida! Sempre prontos para me ajudarem, são quem me socorrem nas horas de aflição.

Aos meus irmãos do coração, Lima e Honorina, amigos e membros do nosso aconchego familiar, meu muito obrigada especial, amo vocês!

Aqueles que, com muita dedicação e amor participaram na trajetória da construção desse trabalho, principalmente aos meus professores, colegas e amigos, através de suas entrevistas, especialmente, professor Francisco José de Carvalho, sua esposa Fatima Resende, professora Brígida Batista Félix, professora Vera Lúcia de Abreu, doutor Genivan Josué Batista, doutor Clovis Augusto de Miranda e sua esposa Laurita Rosado Maia de Miranda, professor Ari Nunes de Souza, professora Maria Nauri Nunes de Souza, professora Neuzuíte Diniz, (dona nega) o senhor José Galdino Campelo, a senhora Maria do Socorro Santiago, a missionária e bioquímica Maria de Fátima de Souza Azevedo, e por fim, ao meu padrinho Severino Ramos, alegria que tive ao encontrá-lo com 95(noventa e cinco anos,) lúcido, e ainda me contou história do dia do meu batizado.

Às professoras Dra. Lia Matos Brito de Albuquerque. Educadora que, até com sua aparência mostra uma transparência, de dentro para fora, o saber e o compreender o outro, valorizando as experiências dos sujeitos, elevando-os reconhecimento, que somos capazes. Obrigada professora Lia, pela sua forma de encantar que até em falar ensina! Sonhei com sua contribuição nesse trabalho, mesmo antes de ser possível realizá-lo, e com a graça de Deus, foi possível, com sua presença e suas contribuições bastante pertinentes para minha qualificação. A senhora é, uma educadora de um amor inacabado que, nos proporciona o esperar sempre, a senhora também é espelho e inspiração para mim, e para todos aqueles que a conhece, profissional que ensina e mostra o que é superação para muitos. Eu entendo que, para a senhora, a educação está em todo contexto da vida. Pois sua contribuição em nossa dissertação me deu

a certeza que, o nosso trabalho irá sim, atender, os nossos objetivos, com que, realmente os leitores, reconheçam como uma mulher de sessenta e quatro anos e sitiante, chega através das experiências e saberes pela a sua história de vida que dialogam com os saberes e experiências pelos os estudos na academia, e consegue êxito social. Atende as diversidades com respeito e amor. Parabéns e meu muito obrigado.

A professora Dra Normandia de Farias Mesquita Medeiros, professora, simples e de um comportamento exemplar de pessoa humana e educadora, engajada pela luta da profissão, dar com amor, o retorno do seu ensinar o aprender fazer. Meu muito obrigada! Pela sua nota de reconhecimento desde, do início do processo do mestrado, e também ao nosso trabalho dissertativo, a senhora também é louvável nessa trajetória.

Agradeço ao Prof. Dr. Emerson Augusto de Medeiros, professor de enorme competência profissional e dedicação, em sua escolha pela docência, ser humano de coração singelo e humilde, tenho muito orgulho de fazer parte em minha vida, e de trabalhar em suas equipes nos eventos, junto a professora Ana Lúcia. Trajetórias da vida, como por exemplo, desde o Curso de Especialização, você me conquistou, me ensinou, me respeitou como se eu fosse sua mãe, acreditou, me incentivou e me inspirou. O menino que veio do campo, batizado de boa índole, dotado de bom carácter, tendo por professor, seu padrinho e pai adotivo, que com seus saberes e experiências de homem do campo, transforma o menino do campo, em um Doutor da academia pelos os estudos. Obrigada Emerson! Amo você.

A professora, Dra. Rosa Maria Barros Ribeiro, apesar, de não, conhecê-la pessoalmente, mas temos enormes referências através da professora Lia Matos e a professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar, referências essas, de muito renome, na área educacional e também como pessoa humana, Parabéns! E nosso muito obrigada, pela grandeza profissional, de contribuições com o nosso trabalho de dissertação.

A professora Dra. Giovana Carla Cardoso Amorim, professora, a quem tenho enorme admiração e honra por fazer parte do quadro de docente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, lotada no departamento de educação/FE/UERN, o qual faço parte. Professora dedicada e preocupada em oferecer uma educação de qualidade em todo nível acadêmico, principalmente na pesquisa. Professora que prima, respeito e amor pelos seus alunos e orientandos. Meu muito obrigada a essa educadora que, com suas valiosas contribuições e sugestões, validaram junto aos outros professores da banca, toda dedicação e respeito no exame de minha qualificação, do nosso trabalho de dissertação do mestrado.

Aos professores, e professoras do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC/UERN), especialmente a professora Dra. Marcia Betânia de Oliveira, que ministrou a disciplina pesquisa educacional. Professora que sabe compreender e entender seu aluno como um eterno aprendiz em todo âmbito educacional, disciplina, que nos proporcionou leituras com propostas e reflexões sobre a pesquisa. No que veio contribuir com o meu crescimento acadêmico, e através da disciplina, tivemos uma produção de um artigo apresentado já em eventos.

A Equipe Gestora e todos os professores do Programa de Pós- Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), na coordenação das professoras Dra. Maria Edgleuma de Andrade e a professora Dra. Normandia de Farias Mesquita Medeiros, a minha admiração e respeito pelo o trabalho desempenhado por toda essa equipe, e dessa equipe, quero destacar e parabenizar a coordenação do POSEDUC por ter ganho, uma funcionária de muita competência e ética no que faz, todo um diferencial como secretária do POSEDUC, Adiza Cristiane Avelino Bezerra, meu muito obrigada! Por todo respeito, carinho e dedicação que nos atende.

A todos os coordenadores e ex-coordenadores do curso de Especialização em Educação/FE/UERN, desde, do ano de 2000, época que ingressei na Faculdade de Educação/FE. Ensinarão-me o saber caminhar dentro dessa academia com suas experiências, me fizeram, com seus saberes e exemplos, uma secretária consciente e cumpridora com meus deveres. Irei citar alguns desses professores, Anadja Gomes Braz, Francisca Otília Neta, Cleonice Holanda, Arilene Maria Soares de Medeiros, Mayra Rodrigues Fernandes Ribeiro, Aleksandro Donato Carvalho, Antônia Batista Marques, Regina Santos Young, Francisca de Fátima Araújo Oliveira, Verônica Maria de Araújo Pontes. Também, aos professores, Sílvia Maria Costa Barbosa, Gutemberg Praxedes, Hostina Maria Ferreira do Nascimento, Josenildo Oliveira de Moraes, Sandro Soares de Souza, Alex Carlos Gadelha, Maria Cleonice Soares, Manoel Fábio Rodrigues, Vera Lúcia Lopes, Dr. Dauri Lima, Júlio Ribeiro.

Agradeço em especial, aos professores, Zacarias Marinho, e a professora Brígida Félix, por terem me convidado, e confiado em participar em uma das suas bancas de TCC, de seus alunos de graduação, como avaliadora especialista. Jamais esquecerei, desse reconhecimento de terem me presenteado, pela modesta contribuição, que muito enriqueceu-me com essas experiências inusitadas. Ato de educadores que acreditam, que mesmo numa função de técnico, somos capazes com a nossa formação de especialista, sabermos avaliar e contribuir com a formação Acadêmica.

Aos meus amigos e ex-colegas de trabalhos, Nadja Helena, Isaura Amélia, Elisama Mendonça, Ednalva da Silva Caetano Costa, Leydinha, Zelia Couto, Marcílio Couto, Laurilânio (Milano), Rosa, Francisco Valdean,(irmão) Clara, Gerilda, Luordes (in memoriam) Maria Anecy Marinho, meu muito obrigada por vocês terem me proporcionado muitos momentos felizes aqui nessa casa, e também em outros lugares, como nossas viagens, vocês são meus anjos, amos demais, são inesquecíveis! Nossas festas, aniversários e outras coisas mais, que faziam parte de nosso cotidiano, muito obrigada amigos por terem me feito tão feliz!

A todos os meus colegas de trabalho e amigos, e professores da Faculdade de Educação/FE/UERN, com vocês aprendi muito sem exceção, suas experiências e saberes me contagiaram pelo o aprender fazer, meu muito obrigada! Amo vocês! Aos diretores e vice diretores, chefes de Departamento da Faculdade de Educação FE/UERN, Maria das Dores de Paiva Lopes, Francisco José de Carvalho, José Evangelista de Lima, Maria Antônia Teixeira, Maria Auxiliadora Alves Costa, Regina Young, Meyre Ester Barbosa, Francisca Cabral, Glaudionora Silveira, meu muito obrigada por toda compreensão e apoio, em todos os meus momentos de fragilidade, inclusive nessa última trajetória dentro da faculdade, vocês também me fizeram gente.

Meus agradecimentos especiais pelo apoio e paciência de aturarem meus estresses, mas, sempre dispostos a me ajudarem, principalmente, Jassen Klauss Dias Xavier, Higor Henrique Figueiredo Barbosa, Sara Cristina do Couto Silva, Caroline Pereira Rebouças Dantas, Kassandra Guedes e Adna Raquel, meus filhos do coração! Amo muito vocês, são minha inspiração! Obrigada pelo o amor, carinho e respeito, nunca me senti tão amada!

A todos os colegas do Mestrado em Educação, turma, 2017.2,- POSEDUC/UERN, em especial Eliane Cota Florio, Silvana Holanda, Euclides Flores, Adriano Pinheiro, Pe. Charles Lamartine, meu muito obrigada pela força que sempre me deram, principalmente, no período que me encontrei doente, as mensagens de fé que recebi de vocês, e terem compreendido a minha doença e fragilidade, mas, a união e a força de vocês me ajudaram a me erguer. Meu agradecimento muito especial, ao meu amigo, professor mestre Stênio Brito Fernandes, que incansavelmente sempre teve, a nossa disposição, contribuindo e me ajudando, desde o início do projeto para a seleção do mestrado, e também grande colaborador nesse trabalho dissertativo, e continua a contribuir com projetos e eventos da professora Ana, na academia. Nosso muito obrigada meu amigo querido, você é um ser humano de alma transparente que com sua sabedoria ensino o outro a ser mais humano.

As minhas irmãs, amigas e vizinhas inesquecíveis do Ulrik-Graff. Risalva Medeiros, Nenen, e Penha, que nas horas mais difíceis da minha vida elas estavam ali do meu lado, nunca me deixaram só, sempre me apoiaram, e cuidaram de mim, muito obrigada amigas!

Aos meus ex-sogros, Raimundo Barbosa Cavalcante e a Alcídia Auxíliia de Assis (in memoriam) que foram exemplo e me passaram experiências de vida e toda a família, seus filhos, filhas, noras e genros, especialmente a senhora Luzia Cavalcante e esposo, Benedito Elias e o senhor José de Paiva Torres e esposa Juwete Paiva, ao meu ex-marido amigo, professor mestre Ozorio Barbosa de Meneses, pai de meus filhos, meu muito obrigada por ter contribuído com algumas informações na trajetória desse trabalho de mestrado.

A minha amiga Bernadete Campos, e esposo Jorge e filhos, que, com toda paciência e bondade, na cidade de Rafael Godeiro-RN, que todas as noites ficavam comigo e meus filhos, até as 22:30, enquanto Ozorio, vinha do campus de Patu-RN onde era professor. Pois depois dessa espera toda, ainda íamos para o sítio com as crianças, cerca de(seis) 6 km, muitas vezes a pé ou de bicicleta. Meu muito obrigada!

E por fim quero agradecer a todo o Cangaço, na pessoa da professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar, Rosa Siqueira, Rosilene Ramos, Magnólia, Aldivete, Risalva, Maria da Conceição França (Naide), Stenio Brito, José Evangelista de Lima, Vicente e ao Grupo de Estudos e Pesquisa Educação, Memória, (Auto) Biografia e Inclusão (GEPEMABI) em nome da professora e coordenadora professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar e Francisca Gomes Cabral Soares professoras dedicadas, que lutam cotidianamente pela a qualidade da pesquisa em educação.

Agradeço, ao Dr, Frederico de Sousa Costa, meu, psicólogo que depois de Deus, cuidou de mim, como um filho, que, cuida de sua mãe com todo amor e carinho. Um cuidado que não só, por usar seus métodos profissionais da Psicologia, mas, o zelo de ver o outro, com olhar de ser humano, se preocupa com o bem, estar da alma, da mente, e do corpo de seus pacientes. Homem fraterno que, contribuiu muito com seus cuidados para que eu pudesse, chegar terminar esse trabalho, chegou a me dizer! “você não vai desistir do seu mestrado, vamos terminar juntos”, isso é uma promessa”. Meu muito obrigada! a Vilma sua atendente, sempre sorridente, e muito eficiente, nos atende com muito profissionalismo.

As professoras, Natália Bezerra (in memoriam) e a sua irmã, professora aposentada da UERN Vera Núbia Bezerra, o professor José Walter da Fonseca, ex reitor da UERN, e a professora Sirleyde Dias de Almeida, pró-reitora na época, sem eles, eu não teria conseguido chegar a UERN, meu muito obrigada!

A minha querida amiga, Marluce Pereira Dantas, que sempre me apoiou e me ajudou incansavelmente, não só quando trabalhávamos no Curso de Licenciatura Pedagogia da Terra, mas, nos meus trabalhos de graduação e também com o meu primeiro capítulo da dissertação, passava a noite comigo, fazendo a formatação do meu trabalho, muitas vezes nas madrugadas adormecíamos por cima do computador e dos livros, muito obrigada minha amiga Deus te recompense por tudo! Amo você!

Agradeço ao Amigo, Geraldo Mendes Florio, esposo de minha amiga e colega Eliane Cota Florio, por estar sempre nos apoiando em nossas caminhadas.

Aos meus atuais colegas da faculdade de Educação e departamento, minha gratidão pelo amor, carinho e respeito, e força! Que, me fazem forte! Sara Couto, Nonato, Thiago Jales, Vanessa, Beatriz, Eloíza e Carol.

Meu muito obrigada a toda equipe da Diretoria de Políticas Públicas e Ações Inclusivas (DAIN) que sempre foram nossos parceiros incondicional, aprendi muito com vocês!

A professora e artista plástica, Maria Goreth de Medeiros, especialista em origami, hoje faz parte também do cangaço, professora e mulher de sítio, também dá seu exemplo de uma mulher sitiante que conquistou seu êxito social através dos estudos. Parabéns amiga!

Jamais, poderia esquecer de agradecer ao um jovem inteligente, e de minha admiração, do meu coração, ser humano muito especial, por nome de Kawê Vieira das Mercês, que muito contribuiu, e fez o artigo do vaqueiro ficar mais rico pelas suas escolhas de ilustrações com fotos e vídeos em vozes do vaqueiro Honorato, meu pai, muito obrigada Kawê! Você, muito me inspirou! E, me ensinou com seu talento, e sempre me falava! Tia Nilda! A senhora vai vencer! Sou teu fã!

A Professora Lucivanda Braga Lima, Diretora do Centro Estadual de Formação de Educadores e Atendimento ao Surdo (CAS) pelo relevante trabalho de inclusão na região, às pessoas surdas e pela extensão do referido trabalho em parceria com a Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

A Thiago Fernando Queiroz, nosso muito obrigada extensivos a todos aqueles que perceberam e se sensibilizaram, que nos entenderam e nos inspiraram. A todas as pessoas e irmãos, com deficiência, a todos e a todas que lutam pela diversidade diariamente que, me instigam com o olhar de alteridade necessária à construção do outro, todos são colaboradores nessa trajetória e me são exemplo de inspiração e superação.

Para finalizar, quero deixar em destaque, a professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, minha orientadora, como fechamento dos Agradecimentos, pois, considero como a referida professora afirma “prego batido e ponta virada”. Ela como do início ao final do “Bom da Viagem”, referência nesta e em todas as trajetórias de vida que passa por suas mãos. A minha gratidão a professora e orientadora doutora Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação, responsável incondicional pelos incentivos e toda realização desse trabalho e de outros já realizados, sem a sua existência, eu não teria realizado o meu maior sonho de minha vida educacional e profissional, tenho muito de agradecer a Deus pela sua vida! A essa educadora, guerreira, que confia, acredita, e transforma o sujeito através de seu olhar biônico, de ver o outro, até onde não conseguimos perceber que podemos ir, ela nos provoca um mergulho dentro de nós para encontrarmos possibilidades adormecidas. Professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar, que carinhosamente a chamamos de Aninha, educadora que, sem egoísmo procura mostrar aos seus alunos o universo da intelectualidade, também pelas diversas culturas. Tem o dom de transformar os sujeitos comuns em pessoas que descobrem entre si, as próprias potencialidades através dos saberes e experiências de suas práticas cotidianas. Agradeço os seus filhos, Artur Henrique, Tobias e Cesar Augusto e seus netos, em permitiram e entenderam a sua ausência, por ter saído de sua pertença familiar, para assumir responsabilidade de realizar sonhos de muita gente, principalmente o “meu”. Aninha que nasceu para cuidar do outro. Família linda! Erguida em princípios cristãos e de base familiar, construída na rocha firme que a compreendem e incentivam a mãe educadora que foi criada para cumprir sua missão aqui na terra. Embora fisicamente distante, mas em sintonia cotidianamente através de meios de comunicação, pelo zelo, o cuidado, e amor incondicional pela família, como ela mesma “fala, que é mulher de muitas Pátrias.”

Estes agradecimentos estão carregados de saberes e experiências cotidianas que nos fazem chegar a outros saberes e que nos permitem desenvolver nossa sensibilidade para descobrirmos outras leituras, novas lentes. Meu muito obrigada, a todos e a todas!

Ali onde estive, ainda  
nos espinhos  
que quiseram ferir-me,  
achei que uma pomba  
ia cosendo em seu voo  
meu coração com outros  
corações.  
Achei por toda parte  
pão, vinho, fogo, mãos,  
ternura.

Pablo Neruda (1979)

## RESUMO

Pensar as vozes de sujeitos simples na academia tornou-se, atualmente, uma prática relevante considerando os novos paradigmas em ciência sociais e seus efeitos na área da educação brasileira. Refletir sobre a valorização das histórias de vida de homens e mulheres comuns, pescadores, camponeses, quilombolas, indígenas, labirinteiras, povos do mar, das plurais culturas e comunidades, repercute nos estudos e pesquisas e permitem trazer saberes e fazeres de sujeitos que passaram durante décadas, silenciados. Nessa direção, o tema mulheres de sítios torna-se importante pauta de discussão para a academia. Com vistas a contribuir com essa discussão, este estudo apresenta a histórias de vida de uma mulher de sítio para compreender, por meio de narrativas (auto)biográficas, como obteve êxito social pelos estudos em sua história de vida e formação, em diálogo dos saberes da experiência com os saberes acadêmicos. O estudo, realizado no Programa de Pós-Graduação em Educação/POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, no âmbito da Linha de Pesquisa, Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão, investigou a partir da seguinte pergunta: “como mulheres de sítio obtiveram o êxito social através dos estudos em um diálogo entre as suas experiências de vida e saberes acadêmicos. A abordagem de pesquisa adotada foi a qualitativa, desenvolvida a partir do aporte teórico do método (auto)biográfico com foco nas narrativas auto reflexivas das vozes de uma mulher de sítio. Como resultados as narrativas apontam experiências subjetivas dos lugares, sujeitos e acontecimentos permeados pelos saberes e fazeres simples que conduziram o sujeito da pesquisa a uma trajetória exitosa de estudos da Educação Básica à Universidade tendo como base a formação adquirida através dos ensinamentos de seus pais e pessoas que comungaram de seu aparto de estudos no *ethos* do campo e na construção da validação das histórias de sujeitos comuns. Esta é uma das, possibilidade de demonstrar a relevância de histórias de vida de pessoas simples para entender a relevância do diálogo, a nível social, dos saberes e trajetórias de vida de mulheres de sítio. Suas lutas, suas conquistas, seus percursos de vida podem somar para a sociedade repensar acerca de projetos e ações, que se reportem a sua inclusão na educação e em outras dimensões sociais.

**Palavras-chave:** História de vida. Saberes da Experiência. Êxito Social

## ABSTRACT

Thinking the voices of simple subjects in the academy has now become a relevant practice considering the new paradigms in social science and its effects in the area of Brazilian education. Reflecting on the valuation of the life histories of ordinary men and women, fishermen, peasants, quilombolas, natives, labyrinths, seafarers, plurals cultures and communities, has repercussions in studies and researches and allows to bring knowledge and actions of subjects that passed during, decades, silenced. In this direction, the theme of women of sites becomes an important agenda for the academy. In order to contribute to this discussion, this study presents the life histories of a woman of siege to understand, through (biographical) narratives, how she has achieved social success through studies in her life history and formation, in the dialogue of knowledge of experience with academic knowledge. The study, conducted in the Postgraduate Program in Education / POSEDUC of the State University of Rio Grande do Norte - UERN, within the scope of the Research Line, Educational Practices, Culture, Diversity and Inclusion, investigated from the following question: as sow women have achieved social success through studies in a dialogue between their life experiences and academic knowledge. The research approach adopted was the qualitative one, developed from the theoretical contribution of the (Auto) Biographical method, focusing on the self - reflexive narratives of the voices of a woman of siege. As results the narratives point to subjective experiences of places, subjects and events permeated by the simple knowledge and practices that led the subject of research to a successful trajectory of studies of Basic Education to the University based on the training acquired through the teachings of their parents and people who shared their study in the ethos of the field and in the construction of the validation of the histories of common subjects. This is one of the possibilities to demonstrate the relevance of life stories of simple people to understand the relevance of the social dialogue of the knowledge and life trajectories of slave women. Their struggles, their achievements, their life paths can add to society's rethinking of projects and actions, which are re-invested in education and other social dimensions.

Keywords: Life history. Knowledge of experience. Social Success

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1 - Açude Velho, Sítio Cabeços. Lugar da História de Vida de Francinilda Honorato ...	35
Foto 2 - Casa de Taipa – 1ª casa da Família Honorato - Sítio Cabeços/PB .....	38
Foto 3 - Família do Sr. Honorato com esposa, filhos e filhas e sogra.....	39
Foto 4 - Honorato dos Santos, vaqueiro – Sítio Sereno/RN.....	40
Foto 5 - Última residência no Sítio Cabeços/PB, - Família Honorato .....	41
Foto 6 – A lida de homens e mulheres de sítio com a terra.....	42
Foto 7 - Maria do Socorro Santiago, amiga e comadre de Francinilda.....	44
Foto 8 - Sítio Cabeços/PB .....	46
Foto 9 – Terezinha Alves Pereira, mãe de Francinilda Honorato e primeira professora .....	46
Foto 10 – Cartilha do ABC.....	47
Foto 11 – Grupo Escolar Sítio Coroatá/RN.....	51
Foto 12 - 1º Eucaristia, de Francinilda e sua irmã Francineide .....	52
Foto 13 - Igreja Sítio Coroatá - realizou o Batismo e a 1ª Eucaristia de Francinilda.....	53
Foto 14 - Primeira escola de Francinilda Honorato em Catolé do Rocha/PB .....	54
Foto 15 – Colégio Estadual Jerônimo Rosado/Mossoró/RN.....	57
Foto 16 - Ozorio com projeto de hortaliças no Pará.....	61
Foto 17 - Gravidez do 1º filho, Isaias .....	64
Foto 18 – Francinilda Honorato e Rita Cortez - amiga de trabalho - auxiliar de enfermagem	66
Foto 19 - Família de Francinilda Honorato, formatura da filha Bárbara Meneses.....	69
Foto 20 - Casa de Saúde e Maternidade Santa Luzia/Mossoró/RN – 1º Trabalho.....	71
Foto 21 - Certificado de Reconhecimento Acadêmico.....	77
Foto 22 - Homenagem de aluno a Francinilda .....	77
Foto 23 – Formatura de Francinilda Honorato em Teologia .....	79
Foto 24 - A professora Ana Aguiar e Francinilda Honorato fazendo uma entrevista coletiva construindo o artigo do vaqueiro .....	80
Foto 25 - Francinilda Honorato e Ana Lúcia Oliveira Aguiar, Sítio Cabeços/PB .....	86
Foto 26 - Festa dos cem anos da vó paterna Mãe Zefinha .....	91
Foto 27 – Rita Honorato, tia de Francinilda Honorato .....	94
Foto 28 - Doutor Lavoisier Maia e esposa Treziême Rosado Maia .....	96

Foto 29 - Doutor Clovis Augusto de Miranda e esposa Laurita .....	97
Foto 30 – Dr. Genivan Josué Batista e esposa Lenita .....	98
Foto 31 - Moagem no Sítio Cabeços/PB .....	103
Foto 32 – Prosas no terreiro no final de tardes: conversa na debulha do feijão Sítio Sereno/Mossoró/RN .....	109
Foto 33 - Professora Ana Lúcia Aguiar no evento Congresso Nacional de Ciência e Tecnologia (CIENTEC) em Natal, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte .....	116
Foto 34 - Professor Ari Nunes .....	121
Foto 35 - Maria Nauri Nunes, filha do professor Ari Nunes .....	123
Foto 36 – Francinilda Honorato, Ana Lúcia Oliveira Aguiar e José Galdino, no Sítio Cabeços/PB .....	126
Foto 37 – Francinilda Honorato na Casa Grande do Sítio Cabeços/PB .....	128
Foto 38 – Francinilda Honorato revive a emoção ao tocar a água do Açude Velho .....	130
Foto 39 – Francinilda Honorato com a sua segunda professora, Dona Nega.....	131
Foto 40 – Francinilda Honorato simbolizando o fechamento da cancela na partida para Mossoró/RN .....	134
Foto 41 - Faculdade de Educação, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte .....	141
Foto 42 – Fátima Azevedo, no período que trabalhou com Francinilda Honorato .....	144
Foto 43 - Entrevista com Fátima Azevedo .....	146
Foto 44 – Coordenador Francisco José e equipe do Pedagogia da Terra, MST e FETARN .	160
Foto 45 – Professora Vera Lúcia de Abreu .....	162
Foto 46 - Prof. Francisco José de Carvalho e esposa Maria de Fátima Resende de Carvalho. ....	194
Foto 47 – Retornando da viagem do Sítio Cabeços, sítio de sua pertença .....	198

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quantitativo de alunos matriculados e concluintes do Curso de Especialização Em EducaçãoFE/UERN- Anos de 1998 a 2012.....	154
Quadro 2 – Produções na Academia por Francinilda Honorato .....	180
Quadro 3 - Produções da LBI, promovidas pela Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN), com participação de Francinilda Honorato. ....	184

## LISTA DE SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CE	Estado do Ceará
CEIPEV	Centro de Educação Integrada Professor Elizeu Viana
CIENTEC	Ciência Tecnologia e Cultura
COBAL	Companhia Brasileira de Alimentos
COHAB	Companhia de Habitação Popular do Rio Grande do Norte
COMPERVE	Comissão Permanente de Vestibular
CONSEPE	Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão
CPEAMN	Complexo Penal Estadual Agrícola Dra. Mario Negócio – RN
DAIN	Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas
EAJ	Escola Técnica Agrícola de Jundiá – RN
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ERNAB	Encontro Regional de Narrativas (auto)biográficas
ESAM	Escola Superior de Agronomia de Mossoró – RN
FASSO	Faculdade de Serviço Social
FURRN	Fundação Universitária Regional do Rio Grande do Norte
GEPEI	Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicologia e Educação Inclusiva – UERN
GPEMABI	Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Memórias (Auto)Biográfica e Inclusão
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IF	SC- Instituto Federal de Santa Catarina
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
LBI	Lei Brasileira de Inclusão
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PA	Estado do Pará

PARFOR	Plano Nacional de Formação de Professores
POSEDUC	Programa de Pós-Graduação em Educação
PROFORMAÇÃO	Programa de Formação de Professores em exercício
PRORHAE	Pro- Reitoria de Assuntos Estudantis – UERN
RN	Estado do Rio Grande do Norte
SSP/RN	Secretaria de Saúde Pública do Estado do Rio Grande do Norte
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UERN	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
UFERSA	Universidade Federal Rural do Semi- Árido
UNORCA	Unión Nacional de Organizaciones Regionales Campesinas Autónomas

## SUMÁRIO

<b>UMA TRAJETÓRIA DE VIDA NA HISTÓRIA: DO CASULO À BORBOLETA QUE VOOU PARA SONHAR.....</b>	<b>24</b>
--	-----------

<b>CAPÍTULO 1 – UM OLHAR SOBRE A TRAJETÓRIA DE VIDA DE UMA MULHER DE SÍTIO: O PESSOAL, O ESCOLAR E O PROFISSIONAL .....</b>	<b>35</b>
---	-----------

1.1 Vim da terra seca e árida do sertão, de uma vida muito dura, mas que me deu força e inspiração: eu-pessoa.....	36
--	----

1.2 Entre letras e lutas me eduquei: a escolaridade .....	46
---	----

1.3 Um momento na vida, um complemento na trajetória: o casamento. ....	58
---	----

1.4 Minhas pegadas na história trazem à memória toda a trajetória que trilhei até agora: O Profissional – A Universidade .....	70
--	----

<b>CAPÍTULO 2: SABERES DAS EXPERIÊNCIAS DE UMA MULHER DE SÍTIO: LUGARES E FAZERES (AUTO) FORMATIVOS.....</b>	<b>86</b>
--	-----------

2.1 Moro num lugar, numa casinha inocente no sertão, de fogo baixo aceso no fogão... fogão à lenha .....	88
--	----

2.2 Prosas no terreiro no final de tardes: conversa na debulha do feijão .....	108
--	-----

2.3 Os guardiões da memória como historiadores de família: vivências do Primário no Grupo Escolar. ....	119
---	-----

2.4 Ao entardecer, o caminhão parte, as cancelas se fecham: a chuva, uma noite, a entrada em Mossoró .....	133
--	-----

<b>CAPÍTULO 3 – SABERES DA EXPERIÊNCIA EM DIÁLOGO COM OS SABERES ACADÊMICOS: ÊXITO SOCIAL PELA HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO DE UMA MULHER DE SÍTIO.....</b>	<b>141</b>
--	------------

3.1 A mulher de sítio na construção de uma vida profissional: da educação básica ao Ensino Superior .....	143
---	-----

3.2 Os estudos se complementam no desafiar, no conhecer e no fazer: Aprender com o caminho .....	148
--	-----

3.3 O Mestrado em Educação: o “momento-charneira”.....	164
--	-----

3.4 Na esteira da luta pelo êxito social através dos estudos: o desembocar de uma mulher de sítio .....	179
<b>COMO SUJEITO INACABADO, NÃO TEMI A COLHEITA, ESPEREI COM PACIÊNCIA NO SENHOR .....</b>	<b>201</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>213</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>216</b>

## **UMA TRAJETÓRIA DE VIDA NA HISTÓRIA: DO CASULO À BORBOLETA QUE VOOU PARA SONHAR<sup>1</sup>**

Quero trazer à memória o que me pode dar esperança  
(Lam. 3:21)

Iniciar uma introdução corresponde a uma dimensão fundamental, pois significa o que vem de dentro de nossa essência que motivou o caminho escolhido para a escrita de um estudo. Esta discussão trazendo algumas notas (auto)biográficas da minha história de vida e formação indica, com a mesma pertinência, para além de mim. Iniciou com a minha pertença para desenhar como tudo começou e a origem desse passeio acadêmico. Sou filha da zona rural. Meus pais eram agricultores e sobreviveram na zona rural por um longo período com atividades oriundas da agricultura para o sustento familiar. No que toca à família, aponto que se constituiu de 13 filhos, sendo 11 (onze) biológicos e 02 (dois) adotados. Os irmãos mais velhos nasceram e permaneceram no Sítio Cabeços, Catolé do Rocha – PB, até a adolescência. Meu pai, além de agricultor exerceu a função de vaqueiro, vivenciadas com muito amor e apreço.

Em relação à minha vivência estudantil, enfatizo que a mulher de sítio que narra, neste momento, esta introdução intitulada Uma trajetória de vida na História: do casulo à borboleta que voou para sonhar a sua história escolar, começou ainda pequena. Ela e seus irmãos foram alfabetizados pela sua mãe, que cursou, apenas, a 3ª série do antigo Curso Primário.

Na busca de melhores condições para a educação de seus filhos, no ano de 1965 a família saiu de seu lugar de origem e pertença e migrou para a zona urbana do Município de Catolé do Rocha no Estado da Paraíba. Reafirmo como justificativa para a migração de meus pais para o perímetro urbano a preocupação com a educação de seus filhos. Assim, o caminho encontrado foi vislumbrar condições para uma educação de qualidade, entendida por eles, no espaço urbano.

Postas essas breves considerações sobre parte de minha trajetória de vida, e significativa para este estudo afirmo que objetiva, por meio de narrativas (auto) biográficas, compreender como ocorreu o êxito social de uma mulher de sítio, tendo como dimensão maior a sua história de vida e formação. Desse modo, pretendi com isso, estabelecer um diálogo entre os saberes da

---

<sup>1</sup> O nome dos sujeitos da pesquisa, que estão no corpo do texto de toda esta dissertação, corresponde ao nome de nascimento, por manifestação expressa dos referidos sujeitos. As narrativas construídas na interação entre os sujeitos e o pesquisador atentaram para assegurar os direitos e deveres que dizem respeito aos participantes com assentimento livre e esclarecido e anuência do participante da pesquisa. Todos os cuidados foram observados acompanhando a Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012.

experiência com os saberes acadêmicos, pois senti como Tardif (2012) que os sujeitos são construídos por muitos saberes, que constituem a totalidade identitária de si.

Ao caminhar por minha história de vida, visito e reconstruo os diferentes momentos históricos formadores de tempos e espaços e, assim, entendi outras dimensões, que fazem parte de nossa sociedade, em especial, da realidade em que vivi.

Sou, atualmente, funcionária da Faculdade de Educação da universidade pública do Estado do Rio Grande do Norte. Há muito tempo venho atuando na área educacional. Deste modo, que a pesquisa pode somar em estudos que sigam na direção de estabelecer um elo entre a academia e a zona rural, dado que há um distanciamento entre esses espaços. Defendo que ambos se complementam e que podem produzir conhecimentos no âmbito das diferentes ciências e incluir sujeitos historicamente silenciados pelas esferas governamentais.

O interesse em trazer a presente discussão para a pós-graduação *stricto sensu* se deu, com realce, a partir da compreensão elucidada no parágrafo anterior. Sempre fui interessada em leituras e estudos, que a Faculdade de Educação, espaço em que atuo profissionalmente, me proporcionou. Além disso, participei de ações de extensão, a saber: os Encontros Regionais de Narrativas (auto)biográficas – (ERNAB) e os Seminários Potiguares de Inclusão; que aos poucos me alimentaram o interesse em continuar a formação. Nesse entendimento, no ano de 2016, em conversa com a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Lúcia Oliveira Aguiar, fui motivada a continuar e a cursar a disciplina “Memória, Formação e Pesquisa (Auto)Biográfica”, na condição de aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC/UERN) oportunidade que me deixou entusiasmada com a possibilidade de retornar a estudar, principalmente, com a perspectiva metodológica vivenciada no componente curricular supracitado, o qual desenvolveu estudos e diálogos com histórias de vida, fato que aguçou, mais uma vez, meus sentidos para este estudo.

Passei a unir a minha experiência e vivência como profissional e aluna aos novos conceitos estudados, o que me direcionou para a construção deste projeto investigativo, buscando o desafio de galgar este novo patamar de formação – a pós-graduação.

Do ponto de vista teórico, vejo que este estudo contribui para a valorização dos saberes da experiência de uma mulher de sítio no âmbito acadêmico, de modo a permitir uma reflexão sobre a importância dos diferentes conhecimentos que nos formam.

Além dos aspectos mencionados, considero que a proposta de investigação proporciona, com sua realização, entender a relevância do diálogo, a nível social, dos saberes e trajetórias de vida de mulheres de sítio. Suas lutas, suas conquistas, seus percursos de vida podem somar para

a sociedade repensar acerca de projetos e ações, que se reportem a sua inclusão na educação e em outras dimensões sociais.

Justifico ainda a referida investigação considerando que poucas pesquisas caminharam nessa direção. Em estudos realizados na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), na intenção de construir o “Estado da Arte”<sup>2</sup> sobre o tema, percebi que há ausência de investigações, dissertativas e doutorais quanto ao tema. Na totalidade dos trabalhos foram encontradas 34 produções. Para a busca, utilizei descritores que, diretamente, possuem uma relação com o objeto central desta pesquisa, quais sejam: “êxito social”, “mulheres de sítio”, “formação de mulheres de sítio” e “histórias de vida de mulheres de sítio”.

Como conclusão da busca no espaço destacado me deparei com investigações que abordaram o tema de forma genérica, porém, não delimitando seu olhar para a relação “êxito social, mulheres de sítio, histórias de vida e formação”. Nessa perspectiva, das 34 produções, que consideraram os descritores apontados, apenas 06 trouxeram considerações para esta proposta dissertativa.

Não há produções que tenham atentando para o foco desta investigação – o êxito social na história de vida e formação de mulheres de sítio. Esta pesquisa traz, também, necessidade da efetivação do direito da escolaridade básica até a universidade. Inexistem, na busca realizada, dissertações e teses que focassem esse caminho.

Optamos por adentrar na história de vida e formação de uma mulher de sítio, seu êxito social por meio dos estudos, o diálogo entre os saberes da experiência e os saberes acadêmicos no decorrer de toda sua trajetória educacional. Considero relevante a proposta dissertativa apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC/UERN), pois entendemos que este estudo pode contribuir para o campo das Ciências Humanas, por meio da investigação sobre a ordem dos fatores pessoal, social, histórico e político, haja vista, que parte da trajetória pessoal e profissional de uma mulher de sítio.

O entendimento da (auto)biografia como um método investigativo no processo de transformação do sujeito, no pensar em si, falar de si e escrever sobre si, surge em um contexto de produção de conhecimentos científicos dinamizados pela invenção de si próprio e da valorização da subjetividade e das experiências privadas. Com os estudos centralizados nas

---

<sup>2</sup> Compreendo o “Estado da Arte” como uma metodologia investigativa que por meio de levantamentos documentais, inventaria a produção científica sobre um determinado tema em uma área ou contexto específico (FERREIRA, 2002).

práticas de formação do sujeito em construção, este, passa a ser protagonista da sua própria história de vida, no seu cotidiano na relação de si e com o outro.

O método (auto)biográfico e de histórias de vida apresenta-se como opção e alternativa para a mediação entre as ações e a estrutura, ou seja, entre a história individual e a história social. Para este estudo, as histórias de vida de uma mulher de sítio, marcarão sua passagem de formação ao logo da sua trajetória escolar até chegar à universidade. Nesse percurso, trazemos um diálogo entre os saberes da experiência e os saberes acadêmicos. Parte daí a importância da pesquisa (auto)biográfica para visibilizar através das narrativas toda a trajetória de vida e formação dessa mulher de sítio.

O caminho proposto pelo método (auto)biográfico e de histórias de vida é a narrativa que, segundo Josso (2010), permite explicitar a singularidade e, vislumbrar o universal, perceber o caráter processual da formação e da vida, articulando espaços, tempos e as diferentes dimensões de nós mesmos em busca de uma (trans)formação de vida. As histórias de vida registram-se por momento singular e plural, pois a subjetividade permite diferentes interpretações do sujeito, que narra sua própria história de vida e formação por meio da memória individual, mas também coletiva.

Abordamos, no caminhar desta pesquisa, conceitos centrais, tais como: saberes da experiência, com base na conceituação definida por Tardif (2012). Para o autor, os saberes da experiência são temporais, não estáticos, ou seja, se constroem em permanência com respaldo no que foi vivido e produzido no sentido da vida. Eles são as principais referências para práticas e ações cotidianas. O conceito de experiência trará para esta pesquisa, a discussão central que abordaremos no decorrer desse estudo. Os saberes da experiência de uma mulher de sítio em diálogo com os saberes acadêmicos. Nesse diálogo, apontamos o êxito social na trajetória dessa mulher de sítio, que enfrentou as dificuldades para objetivar seu ingresso na universidade.

Vejo que os objetivos desta pesquisa me conduziram para outros conceitos. Para o conceito de saberes acadêmicos. Tais saberes são a marca, em termos de ciência, que a humanidade em sua evolução evidencia do que produziu e sistematizou. Não devem ser utilizados para fins de dominação ou benefícios de grupos, ao contrário, devem servir de canais para a melhoria da qualidade da vida terrestre.

Trabalhar as narrativas se faz necessário o uso da memória, as lembranças em cada contexto da vida nos remeti a memória. Para este estudo o conceito de memória, referenciado a partir dos estudos de Pollak (1992) e Halbwachs (1999), nos ajuda a trazer lembranças que só a memória poderá, nos auxiliar para tornar fértil as narrativas da história de vida e formação de

uma mulher de sítio. Os autores percebem a memória como uma construção social, coletiva e ilustrativa de tempos, de espaços e de práticas culturais. A memória denota o que fez parte de uma cultura, em lugares e períodos históricos, pois tipografa a experiência humana na terra. Através da memória, que iremos mergulhar nas lembranças tanto individual como coletiva da trajetória de vida e formação do sujeito em construção. Trabalharei com o conceito de memória, enfocando as lembranças da minha trajetória de vida no Sítio Cabeços, lembranças que se tornará viva nas narrativas de quem vivenciou uma história de superação e empoderamento para o êxito social.

Por último, reforcei sobre o conceito de êxito social me beneficiando das lições de Charlot (2014). Para o autor, o êxito social de um sujeito não pode ser delimitado unicamente por meio dos estudos, isto é, às questões pedagógicas no espaço escolar. Muitos fatores contribuem no que é ensinado e na vida dos sujeitos. O autor considera questões sociais, culturais, econômicas e temporais de uma sociedade. Esse amalgama de fatores influem diretamente no que é ensinado e aprendido nas instituições escolares.

A educação transforma o sujeito nessa busca da construção do conhecimento, estamos sempre nesse processo do inacabado, a educação para uma mulher de sítio, marcou o ponto de partida para a construção de sua formação. As experiências, vividas no Sítio Cabeços fortaleceu o desejo de crescimento e perseverança, para seguir em frente e alcançar o êxito social.

O propósito deste estudo dissertativo é de trabalhar com o método (auto)biográfico e de histórias de vida na perspectiva das narrativas (auto)biográficas, com ênfase nas experiências de uma mulher de sítio. Este trabalho abre condições para a autora, mulher de sítio, contar sua trajetória que é marcada por resistências e lutas, por caminhos erráticos e não lineares.

Objetivamos compreender, por meio das narrativas (auto)biográficas, como uma mulher de sítio obteve êxito social em sua história de vida e formação, a fim de estabelecer um diálogo entre os saberes da experiência com os saberes acadêmicos. Utilizo a abordagem qualitativa referendando-me em autores como Bogdan e Biklen (1994). A investigação, para esses estudiosos, assume muitas formas e é conduzida em múltiplos contextos. Nesses diferentes contextos, situo a subjetividade dos sujeitos e sua história de vida, ou seja, sua historicidade.

Definindo a abordagem de investigação do estudo, utilizada do método de pesquisa (auto)biográfica e de história de vida, compreendemos como um método investigativo, que explora a subjetividade e a memória como elementos constitutivos para o (re)conhecimento da realidade das experiências de vida dos sujeitos em permanente formação. As narrativas de uma mulher de sítio possibilitarão tecer as respostas para as perguntas dessa pesquisa. O caminhar

da pesquisa oportuniza ouvirmos a voz do outro, de forma que seja respeitada a sua alteridade na reconstituição de sua memória e constituem as histórias de vida como um processo de formação em que se permite situar histórias particulares em contextos coletivos.

Nessa linha de compreensão, o sujeito cerne da pesquisa é a autora e pesquisadora do estudo, caracterizada como uma mulher de sítio, hoje funcionária do Programa de Pós-Graduação *lato sensu* de uma universidade pública do Estado do Rio Grande do Norte. Por se tratar de um estudo (auto)biográfico, considero que não há um *lócus* físico para estudar. Os espaços da pesquisa estão emaranhados na trajetória de vida do sujeito da pesquisa. São espaços que serviram de suporte para suas ações no decorrer de sua história vital. O sítio, a cidade de Mossoró – RN, local onde resido, e a Faculdade de Educação de uma instituição pública do Rio Grande do Norte, espaço no qual exerço minhas funções profissionais servirão de reflexão.

Somando-se à (auto)biografia do estudo considero relevante a participação – colaboração – uma mulher de sítio que tiveram trajetórias marcadas na zona rural e que, similantemente, obtiveram êxito social na vida acadêmica e profissional. Para a escolha das colaboradoras da pesquisa, me referendo nas palavras de Alberti (2005). Segundo o autor, as razões de escolha dos participantes de um estudo devem ser pautadas, no próprio interesse da sua participação na pesquisa, em contribuir como sujeito do estudo, bem ainda da disponibilidade de tempo para a realização dos procedimentos metodológicos da pesquisa. Para esta pesquisa entra em cena uma mulher de sítio, sujeito da pesquisa, que deseja narrar sua história de vida e formação, através do êxito social pelos estudos, estabelecendo um diálogo com os saberes da experiência e os saberes acadêmicos. Trazer as narrativas de uma mulher de sítio visibiliza uma trajetória de vida e formação até alcançar o êxito social. Essa mulher será protagonista da sua própria história de vida. O seu percurso educacional marcará sua ascensão social. Os saberes da experiência e o êxito social serão centrais na compreensão da trajetória de vida e formação a ser refletida. Não vejo a experiência como um dado para análise científica, mas como uma possibilidade de entendimento da vida.

Este estudo está estruturado em três capítulos, com uma introdução e considerações finais que farão parte da dissertação, a fim de traçar pontos importantes, que encaminharam para o problema central que é êxito social através da história de vida e formação: trajetória de uma mulher de sítio em diálogo com os saberes da experiência e os saberes acadêmicos que contará a sua trajetória de vida – pessoal, escolar e profissional –, através do diálogo com os saberes da experiência e acadêmicos. E é através destes, que identificaremos com as narrativas (auto)biográficas, de como aquela chega ao seu êxito social, onde o diálogo, os saberes e

experiências contribuirão para a formação pessoal, profissional e acadêmica na vida de mulher de sítio.

Apresentamos como Introdução **Uma trajetória de vida na História: do casulo à borboleta que voou para sonhar** que percorre as páginas da trajetória de vida de uma mulher de sítio, desde o Sítio Cabeços, sítio de sua pertença, até o desembocar na vida acadêmica. Aponta a relevância para a formação e a (auto)formação a partir das narrativas do referido percurso, a pertinência dos estudos para a academia e para todas as mulheres ouvintes e leitoras do presente estudo. Ressalta a ressignificação de uma mulher de sítio através do ouvir, contar, narrar e o processo de empoderamento até chegar ao diálogo entre os saberes de sítio, saberes escolares e saberes acadêmicos. O voo da mulher de sítio como condição para a saída do casulo em meio aos aprendizados, as dúvidas, os medos, os encontros e a condição de transformação.

O primeiro Capítulo **Um olhar sobre a trajetória de vida de uma mulher de sítio: o pessoal, o escolar e o profissional**, onde a autora conta através de narrativas, suas experiências de vida de mulher de sítio sobre o olhar de sua trajetória. Tem como primeiro tópico **Vim da terra seca e árida do sertão, de uma vida muito dura inspiração: eu- pessoa**. Neste será feita uma ressalva desde o casamento dos pais, passando pelo nascimento até a juventude da sítiente. A vida simples de pais agricultores era baseada no cultivo do próprio alimento. Ainda neste primeiro tópico serão retratados caminhos da infância e adolescência, e toda construção da identidade dessa mulher em busca de seu objetivo: o seu êxito social. Obtido através do diálogo com senso comum e saberes acadêmicos.

No segundo tópico **Entre letras e lutas me eduquei: a escolaridade** em que dá continuidade as narrativas da escolaridade da mulher de sítio, relata todo contexto da vida e vivência estudantil da Educação Básica da mulher de sítio que narra sua história escolar, que começou ainda muito pequena, no sítio cabeço município de Catolé do Rocha - PB. A autora relata também as dificuldades enfrentadas, mesmo assim tem a perseverança em superar as barreiras.

Neste tópico há breves histórias de como era o sistema de “paquera” daquela época na juventude. O irmão mais velho, por ordem dos pais, estava sempre a vigiar suas irmãs nas festas mais esperadas da cidade como forma de manter uma certa “moral” das moças. A proibição ocasionava na mulher de sítio a fuga busca de namorar na época, pois sempre fui uma moça muito romântica.

No terceiro tópico **Um momento na vida, um complemento na trajetória: o casamento** se dá como ocorreram os primeiros momentos em que Francinilda Honorato conheceu o homem, que futuramente viria a ser seu esposo, as dificuldades do casamento, tanto financeiras como a do relacionamento em si, até seu momento de ruptura. Neste momento é mostrado o verdadeiro papel da mulher sitiante, que é assumir as responsabilidades quando mais ninguém encontra solução, diante das dificuldades e rupturas, momentos nos quais configuram o semblante experiente e extraordinário da mulher. Finaliza este tópico com a ruptura de casamento, um impacto na vida de quem havia crescido na perspectiva de um casamento até o fim da vida, de quem tinha tomado a decisão de agir em prol da família. O divórcio marcou o fim da história do seu amor por seu ex esposo, mas viria a dar início ao amor próprio e independência, não muito conhecida por mulheres sitiantes, que privada de seus prazeres em nome de outros chegava a se assustar com a liberdade de finalmente poder amar a si mesma.

O quarto tópico **Minhas pegadas na história, trazem à memória toda a trajetória que trilhei até agora: o profissional – a universidade** registra a ruptura como ser social através da intelectualidade adquirida pelos saberes, abrindo a mente e descobrindo a possibilidade daquilo que um dia viria a ser o sonhado “êxito social”. A autora relata encontrar no seu trabalho uma válvula de escape para seus problemas, encontra amigos, uma família; e toda essa conjectura reafirma para Francinilda que a educação é a progenitora do êxito social da mulher de sítio, quebra a ingenuidade da mulher pacata e passa a revogar sua submissão, agora sendo responsável por mudar o pensamento da sociedade tornando-a a si como modelo, modificando seus arredores através dos saberes adquiridos, e compartilhados, empíricos ou não. O desafio de cursar teologia, seguido de uma especialização e a surpresa da mesma iniciar seu mestrado, onde apesar das limitações e da idade já avançada se propõe a não deixar-se estagnada como aqueles que antes a dominavam (pais, irmãos, ex esposo, filhos e sociedade em geral), por não sentir-se satisfeita, a educação mostrou a mulher sitiante a constante insatisfação do estático, mostrando que não há barreiras para esta conseguir seu êxito social. Torna-se detentora de saberes acadêmicos, sendo agora referência e tendo ultrapassado aqueles que um dia haviam a dominado. Frisa neste tópico a importância da professora, Dra. Ana Lúcia Aguiar, que logo mais se tornou sua amiga. Comenta e chega a discorrer que sem ela não teria conseguido orientação e estímulo para continuar sua vida acadêmica e ter chegado com a concepção da capacidade de ascensão da mulher de sítio, que outrora costumava se subestimar.

O segundo capítulo **Saberes das experiências de uma mulher de sítio: lugares e fazeres (auto)formativos** conduz a mulher de sítio a mostrar os seus saberes através das suas

experiências, de lugares e saberes (auto)formativos, que irão fomentar como uma mulher de sítio chaga ao êxito social através da sua história de vida e formação.

O primeiro tópico **Moro num lugar, numa casinha inocente no sertão, de fogo baixo aceso no fogão...fogão à lenha**, a autora fala de suas experiências no sítio de sua pertença, onde passou sua infância e início de sua adolescência com seus familiares. Lugar que lhe traz muitas recordações e saudades do tempo em que era criança. Toda a sua vida, ainda uma menina, lembra-se dos momentos numa casinha simples e aconchegante no sertão, que tinha fogão aceso de lenha, não só para cozinhar, mas também aquecer os saberes e lugares por ela vivido, trazendo suas experiências para sua (auto)formação.

O segundo tópico **Prosas no terreiro no final de tardes: conversa na debulha do feijão**, esses momentos narramos as experiências e costumes das mulheres sítio do sertão nordestino, que normalmente aos finais de tardes, se reúnem na sombra do terreiro de suas casas para prosear e conversar durante a debulha do feijão, alimento preparado para o seguinte dia. As mulheres aguardam os seus esposos chegarem da roça no final da tarde, para juntos realizar com a família a tão esperada ceia, como é de costumes no sertão, o feijão ainda é o alimento pioneiro na panela do sertanejo. As mulheres compartilham suas histórias de vidas cotidianas, tecendo experiências, onde as mesmas em suas conversas aprendem uma com as outras, como por exemplo traçam planos do cotidiano para serem realizados juntas como: dia de lavar roupa, debulhar o feijão, irem à igreja e batizarem os filhos

O terceiro tópico **Os guardiões da memória como historiadores de família: vivências do Primário no Grupo Escolar**, trazemos através dos guardiões familiares as colaborações de suas memórias coletivas emprestadas, segundo Halbwachs (1999) a memória deve ser entendida, como um fenômeno coletivo e social construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes em uma sociedade. Ainda segundo o autor a memória individual não está inteiramente isolada e fechada, e para evocar o passado apelamos para as lembranças alheias, onde recorremos as memórias da família, como avós, tios e pais.

O quarto tópico **Ao entardecer, o caminhão parte, as cancelas se fecham: a chuva, uma noite, a entrada em Mossoró**, a autora começa com uma história triste, nesse momento de partida, que foram de muitas dores e saudades, era um entardecer o caminhão passa e as cancelas se fecham de longe se viam o adeus dos que ficaram os animais e pássaros também nos dava o adeus, pois não era mais um até logo, e sim a partida definitiva da mulher de sítio que sai de sua querida pertença, juntamente com os seus familiares, momentos dolorosos e de tristezas, nos rostos de todos à amargura da partida, na certeza de que não voltariam mais para

sua terra tão querida e não mais sentiria o cheiro da chuva, chão molhado de uma terra, do sol ardente. A mulher de sítio que via através da esperança o seu sonho a caminho, onde junto destes trazia consigo seus saberes e experiências em busca do seu êxito que chegaria através de sua história de vida que a levaria ao diálogo e os saberes com a tão sonhada academia.

O terceiro capítulo **Saberes da experiência em diálogo com os saberes acadêmicos: êxito social pela história de vida e formação de uma mulher de sítio**, apresenta através das narrativas (auto)biográficas os saberes da experiência que irá dialogar com os saberes acadêmicos através da história de vida e formação de uma mulher de sítio.

No primeiro tópico **A mulher de sítio na construção de uma vida profissional: da educação básica ao Ensino Superior**, mostra como foi a sua construção de vida profissional, educacional básica e superior; a mesma inicia a sua carreira profissional ainda muito jovem, e o seu primeiro emprego foi na área da saúde, trabalhou como enfermeira de berçário na casa de saúde e maternidade Santa Luzia, e através desse trabalho lhe trouxe um pouco de maturidade que proporcionou experiências e também adquiriu saberes os quais nortearam caminhos para a sua (auto)formação, que com as experiências já vividas, passa novamente por outro caminho profissional, o seu segundo emprego até os dias de hoje. E no caminhar dessa construção educacional básica e do ensino superior lhe traz através de sua trajetória de vida o encontro dos saberes e das experiências que dialogam com o ensino acadêmico.

Relata ainda que, para chegar à universidade foi preciso muitos incentivos de sua professora e hoje orientadora Ana Lúcia Oliveira Aguiar, que em seus ensinamentos sempre cita que, o sujeito é um ser capaz sim, de mudanças com seus limites e possibilidades. Segundo Freire (1987) os sujeitos aprendem porque são seres sociais, porque a comunhão se faz no diálogo com o outro e com o próprio mundo.

No segundo tópico **Os estudos se complementam no desafiar, no conhecer e no fazer: Aprender com o caminho**, se reporta como os estudos se complementam no desafiar, no conhecer e no fazer de uma mulher de sítio. Que perpassa por desafios por ela enfrentados, luta pela superação, através da consciência do fazer, com as experiências do aprender com o caminho, que irá levá-la ao encontro do conhecimento que, através dos estudos e de sua história de vida conhece o seu êxito social através da história de vida e formação: trajetória de uma mulher de sítio em diálogo com os saberes da experiência e os saberes acadêmicos.

No terceiro tópico **O Mestrado em Educação: o “momento-charneira”** relatamos como aconteceu o seu maior desafio de toda sua história de vida e formação. O mestrado em Educação, o momento-charneira na vida dessa mulher de sítio. É aqui o momento que realmente

faz toda diferença na vida de uma mulher simples, que migra do sítio Cabeço lugar de sua pertença e chega ao um mundo antes desconhecido, que é a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN. Lugar esse, de construção de saberes e conhecimentos intelectuais, tanto no âmbito profissional quanto no acadêmico, trouxeram-me novos olhares paradigmáticos pelo desejo de cursar o mestrado em educação.

No quarto tópico **Na esteira da luta pelo êxito social através dos estudos: o desembocar de uma mulher de sítio**, mostra como foi o lutar de uma trajetória de mulher de sítio pelo o seu êxito social, através dos seus estudos. Traz as suas histórias de vida e os saberes das experiências para fazer uma ponte com o diálogo entre suas experiências de vida cotidiana de mulher de sítio com as experiências e saberes acadêmicos. Ainda nesse tópico mostra todo o desenrolar de como conseguiu o seu empoderamento com respaldo nos estudos que lhe trouxe o êxito social através da sua história de vida e formação.

Como sujeitos inacabados, não temi a colheita, esperei com paciência no senhor, encerra a dissertação com a compreensão do inacabado. Com as lições do maior educador da esteira da educação popular, Paulo Freire, consideramos que, os sujeitos são inacabados. Baseado em seus ensinamentos não temi a colheita desse trabalho, pois a paciência e a confiança no senhor me dará a boa colheita dos bons frutos que servirão para fortalecer e realizar sonhos de outros sujeitos também inacabados, que irão construir o seu êxito social através dos estudos e de suas histórias de vidas.

A dissertação compreende por narrativas (auto)biográficas, como uma mulher de sítio obteve êxito social pelos estudos em sua estória de vida e formação e tem o sentimento de que a trajetória da mulher de sítio estimulará outras mulheres de sítio, outras mulheres de todos os lugares de vivências leitoras destes escritos reavivarem suas energias emancipatórias. Não temi a colheita.

## CAPÍTULO 1 – UM OLHAR SOBRE A TRAJETÓRIA DE VIDA DE UMA MULHER DE SÍTIO: O PESSOAL, O ESCOLAR E O PROFISSIONAL

Eu sou de uma terra que o povo padece,  
mas não esmorece e procura vencer.  
Da terra querida, que a linda cabocla  
de riso na boca zomba no sofrer  
não nego meu sangue, não nego meu nome  
olho para a fome, pergunto o que há?  
Eu sou brasileiro, filho do Nordeste.

(Patativa do Assaré, 2002)\

**Foto 1 - Açude Velho, Sítio Cabeços. Lugar da História de Vida de Francinilda Honorato**



Fonte: Arquivo pessoal, Sítio Cabeços/PB, 2013.

Neste capítulo descreverei, por meio da escrita (auto) biográfica, a história de vida de uma mulher de sítio com ênfase para as dimensões pessoais, escolares e profissionais, que constituem sua totalidade de ser. Esses aspectos se somam para o entendimento de seu êxito social ao longo da vida.

Apresentarei a minha história pessoal de vida, lançando mão da metodologia (auto)biográfica, que me permitiu olhar para mim e para o outro e um encontro com minha subjetividade. Início com a reconstrução de lembranças sobre o meu nascimento, minha formação na infância e, sucintamente, na juventude. No enredo das memórias, apresentadas buscarei, com respaldo em lembranças de minha mãe e de meu pai, reconstruir tempos e lugares,

que foram decisivos para a minha formação. Posteriormente, dissertarei a respeito de minha escolaridade na Educação Básica e, na sequência, registrarei momentos de minha vida conjugal, etapa essencial para o amadurecimento de minha condição de mulher, de mãe e de profissional da Educação. Por último, rememorarei momentos de meu trajeto na Educação Superior e o início de minha carreira profissional.

Os escritos que seguem se preocupam com a (re)significação de minhas experiências e de meu itinerário de vida. Considero que a reconstrução de minha trajetória de vida será necessária para a compreensão de uma realidade silenciada na história, porém, viva nas diferentes memórias, que fazem parte do meu histórico de sujeito. As lembranças podem apontar caminhos sobre o êxito, que construí na vida, seja socialmente ou como pessoa. Esses escritos explicam como foi a trajetória de vida dessa mulher de sítio que, através de suas experiências de vida e de formação, ao ter oportunidade de estudar e conhecer o método da pesquisa (auto)biográfica, me fez ter um novo olhar sobre as histórias silenciadas, mas, presente nas memórias dos sujeitos, contadas através das narrativas. Com essas narrativas, a mulher de sítio conta como conseguiu o seu êxito social através dos estudos e suas experiências e saberes.

### **1.1 Vim da terra seca e árida do sertão, de uma vida muito dura, mas que me deu força e inspiração: eu-pessoa**

Para início de escrita, testifico a ideia de que reconstruir uma história de vida não é tarefa fácil, pois muitos trajetos, acontecimentos, vivências e experiências com seus sabores e (des) sabores emergem na vida. Assim, pois Delory-Momberger (2008) que a história é contada não de forma linear, pois, são infundas curvas, tensões e contradições expostas, que mostram nossas fragilidades e fraturas e também, os itinerários que nos fizeram ser o que somos. Quando escrevemos uma história revivemos e (res)significamos um sem-fim de sujeitos, de espaços e de tempos. As lembranças são por si mesmas, são coletivas, foram construídas com o auxílio do outro, se expressam em nossas individualidades, com as formas próprias de serem expressas. Para Halbwachs (1990, p. 26):

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distinguiam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem.

Começo a escrita (auto)biográfica, destacando uma história anterior à minha história de vida. No Ano de 1949, no Sítio Cabeços, espaço territorial localizado no Município de Catolé do Rocha - PB, tem início uma história de amor, materializada por um rapaz chamado Honorato dos Santos e por uma moça nominada de Terezinha Alves Pereira. Ele com 19 anos e ela com 16 anos, ainda adolescentes, deram início a uma relação, que teria a marca do companheirismo e respeito. Ambos eram filhos de agricultores, que também moravam no Sítio Cabeços e, através dessa paixão, seus pais se aproximaram e aceitaram o namoro. Honorato era muito jovem, porém, muito amado e conhecido na comunidade por seu caráter.

Mais tarde, no ano de 1950, Honorato pede Terezinha em casamento, ele com 20 anos e ela com 17 anos. Ela também se destacava como uma moça prendada, como era comum às jovens daquela época, uma vez que sabia bordar, costurar, tear, coser, cozinhar e tinha um comportamento desejado à época pela sociedade em que vivia. Era também muito bonita, os rapazes do lugar a disputavam, visando um relacionamento conjugal, mas o seu coração já havia sido laçado pelo vaqueiro Honorato, jovem que adorava o trabalho no meio rural e se destacava como vaqueiro. Ainda no ano de 1950, em 08 de junho, na Cidade de Patu – RN, eles se casaram, e na igreja de Patu, foi realizada a cerimônia matrimonial religiosa. Minha mãe conta que o casal e as testemunhas, bem como os convidados foram a cavalo para a Cidade de Patu – RN, numa distância aproximada de quatro léguas, equivalente ao total de vinte e quatro quilômetro. A festa durou um dia e uma noite, com muitos convidados - tanto vizinhos, como moradores e conhecidos pela família do casal, do Município de Catolé do Rocha – PB. E do Rio Grande do Norte – RN.

As lembranças destacadas nos parágrafos anteriores retratam a vida no meio rural nas décadas de 1940 e 1950. Trazem ilustrações da cultura rural e nordestina. Para além disso, são afirmações da vida de um povo, de sua existência e formação no mundo. Segundo Halbwachs (1990, p. 71) a lembrança “[...] é em larga medida, uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente”, ou seja, com a ajuda de narradores e sujeitos deste tempo, mas que, de algum modo, viveram os acontecimentos. No meu entendimento, o estudo relaciona-se as ideias, segundo o autor citado, quando ele diz, “a lembrança é em larga medida”, ou seja, com ajuda dessas lembranças, e as memórias trazidas do passado e narradas pelo sujeito nos fazem reconstruir histórias, e vivermos os acontecimentos, com ajuda do presente.

No que toca à festa de casamento de meus pais, lembro a partir da história narrada por minha mãe, isto é, da memória emprestada por ela, que a festa foi realizada com abundância de comidas típicas da Região Nordeste e, mais que isso, do próprio sertão. O cardápio abrangeu

alimentos como arroz da terra cozinhado no caldo de galinha caipira, macarrão, farofa - produzida na farinha de mandioca -, pirão, carne bovina, galinha caipira cozida, galinha da angola, pato, peru, porco, carneiro, entre outros. Todos os alimentos eram oriundos do meio de vida familiar dos noivos, produzidos no sítio em que eles residiam. Rememoro que para abrilhantar a noite, houve o que não poderia deixar de acontecer: o forró de pé de serra. As músicas nordestinas animaram a festa, dando a tinta necessária para o enriquecimento da ocasião. Após esse grande acontecimento, Honorato e Terezinha se despediram de seus pais, seguiram seu próprio trajeto de vida. Eles mudaram para sua casa própria construída de barro e palha de carnaúba, planta típica do sertão<sup>3</sup>. Na semana após o casamento, conta minha mãe que não houve visitas, pois naquela época, quando um casal se casava, tinha uma semana somente para si, período que era considerado como “lua de mel”, que não podia ser interrompido, conforme a tradição nordestina.

**Foto 2 - Casa de Taipa – 1ª casa da Família Honorato - Sítio Cabeços/PB**



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Passado este momento, Honorato voltou para sua rotina de trabalho, que se refere ao labor diário na pecuária e na agricultura de subsistência familiar. Terezinha, por vez, também retomou sua vida diária, assumindo a função de dona de casa. Ao término do ano de 1950 e início de 1951, vem a grande surpresa: Terezinha engravidada de seu primeiro filho. Para o casal foi um grande acontecimento, dada a nova fase que iniciara.

Lembra minha mãe que ela própria preparou seu primeiro enxoval, bordando as vestimentas infantis, costurando lenções e redes, confeccionando “sapatinhos” de bebês e

---

<sup>3</sup> Esse tipo de moradia é comumente conhecido na Região Nordeste como casa de taipa.

cueiros. A efetivação de tal fase tem início em 17 de março de 1951, momento em que nasce o primeiro filho. Honorato, homem de muita sensibilidade, ficou muito orgulhoso, principalmente porque veio o primeiro filho de sexo masculino. Em conjunto, decidiram nominá-lo de Francimar Honorato dos Santos, pois, Francimar veio, para assumir a família como um pai, um conselheiro.

Nasci em 10 de julho do ano de 1954. Conforme minha mãe, as dores do parto originaram-se na madrugada. De modo apressado, meu pai foi buscar a parteira, contudo, quando ela chegou, eu já havia nascido, necessitando, apenas, de concluir os procedimentos para a finalização do parto, tais como: cortar o cordão umbilical e a retirada da placenta.

Na época, as mulheres sitiantes, que estavam grávidas eram assistidas por parteiras, mulheres comuns e de grandes saberes, que assistiam e auxiliavam nos partos. A mulher que fez o meu parto, era também uma mulher de sítio, conhecida no nosso meio com uma mulher valente e corajosa. Ela se chamava Maria da Conceição e tinha o apelido de “Mãe Conceição”, nome dado a sua pessoa por todos aqueles, que vieram ao mundo por suas mãos. Suas características físicas principais eram: ser alta, magra, negra e de cabelos cacheados, assanhados e, também, tinha a cara muito zangada; toda criança tinha medo dela, mas era uma mulher muito humana.

**Foto 3 - Família do Sr. Honorato com esposa, filhos e filhas e sogra**



Fonte: Arquivo pessoal, Serra do Lima/Patu/RN, 1965.

A casa em que nasci era pequena e de taipa, com uma porta na frente e outra na cozinha, duas janelas, uma na sala e a outra no quarto; o seu piso era de barro batido, era um espaço

muito rústico. No mais, era constituída por um quarto, uma sala e uma cozinha. Não existia banheiro, quando precisávamos utilizá-lo recorriamos ao mato.

Os móveis da casa eram uma cristaleira, que ficava na sala feita de madeira e de vidro transparente para colocar os pratos de ágata. Ainda, na sala existiam vários tamboretos de madeira e potes de barro para colocar água de beber, existia, também, uma copeira de madeira, onde eram colocados os copos de alumínio, usávamos uma bacia branca de ágata para lavar as mãos. No quarto, tinha uma cama feita de talo de carnaúba, com um colchão de palha, onde os filhos mais velhos nasceram, também, existiam duas malas grandes de madeiras, e cobertas de papel colorido para guardar todos os panos de cama e mesa; na cozinha havia uma mesa de madeira rústica com tamboretos de madeira com os assentos de couro de boi e um fogão à lenha.

Dessa época, recordo que de madrugada meu pai saía com os baldes grandes de ferros, chamando seus companheiros de trabalho para tirar o leite do gado para a fabricação de queijos, alimento que servia de suplemento para a família e rendia, quando vendidos, os recursos iam para o dono do sítio. Minha mãe, no mesmo ideário de vida, acordava na madrugada, trocava os cueiros da criançada e, depois, fazia o café. Esse momento era celebrado com inúmeras comidas típicas do lugar: tapioca, cuscuz, queijo e biscoitos para molhar no leite.

**Foto 4 - Honorato dos Santos, vaqueiro – Sítio Sereno/RN**



Fonte: Arquivo Pessoal, Sítio Sereno/RN, 2013.

Minha mãe sempre foi uma mulher muito guerreira, cuidava dos filhos, lavava, engomava, cozinhava, pilava milho para fazer o mungunzá, pilava o arroz da terra para fazê-lo no leite e,

ainda, moía milho para fazer a massa do cuscuz, que era feito em uma cuscuzeira de barro. Pelo que narro, vejo que as nossas fontes de subsistência diárias eram oriundas dos recursos que tínhamos no dia a dia. Tais recursos são de natureza física, mas possuem um grande valor simbólico. Os escritos que narro seguem o encontro do estudo das culturas. A cultura aqui registrada em minha história retrata o povo do sertão.

De acordo com Geertz (1989), a cultura se forma nos sentidos e nos significados, que os sujeitos atribuem às coisas. O simbólico tem uma influência determinante na produção de uma cultura. Em minha história de vida e nas memórias reconstruídas de minha mãe, aparecem elementos da cultura sitiante. As características da vida – os tipos de alimento, as práticas laborais do homem e da mulher sitiante, a casa e sua organização na zona rural<sup>4</sup>.

Mostra como elementos da religião e da vida social, de uma forma geral, conferem sentido à cultura. Os símbolos cognitivos que estão intrínsecos no processo de formação humana e os padrões culturais fornecem uma organização desses processos. As lembranças da minha casa, símbolo do lugar, onde crescemos e residimos por muitos anos até nossa saída para a cidade.

Minha (auto)biografia é marcada por elementos simbólicos, que, ao longo do tempo, para muitos sujeitos, em especial, para os que residem no meio rural, permanecem vivos. Tenho convicção dessa afirmativa, quando revisito as memórias de meu pai e vejo, no diálogo com ele, seu pertencimento à zona rural. Desenho tal pertencimento, no registro que construí com ele.

**Foto 5 - Última residência no Sítio Cabeços/PB, - Família Honorato**



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

As Fotos 4 e 5 (quatro e cinco) representam a identidade do sítio e têm a marca do meu pai, o guardião da memória do lugar, sua marca identitária, e está em nossas memórias. Para mim, a vida no sítio foi simples, pacata, porém, recheada de alegrias, de companheirismo e de

---

<sup>4</sup> Usando como exemplo um estudo etnográfico com povos na Ilha de Bali, na Indonésia, Geertz (1989).

trabalho. Cito algumas lembranças provindas de meus irmãos. Lembro que meus irmãos mais velhos cuidavam dos irmãos mais novos. Quando minha mãe ia ter filhos, eles ficavam na incumbência de ajudar os irmãos menores. Sempre vinha uma tia ou a minha avó materna para auxiliar nas tarefas de casa, até o término do resguardo, repouso destinado às mulheres de sítio, que tinham bebês.

De acordo com Santos (2010), as experiências de outras gerações são agregadoras de sentidos, portanto tipificam tempos, sujeitos e espaços específicos. Não devem ficar no anonimato e nas margens da academia, não devem ser esquecidas.

Trago as narrativas de um sertão, de uma terra árida, mas, também, molhada. Apresento em uma dimensão (auto)biográfica o que vem do mato, o que em parte constitui uma cultura de outrora, que permanece viva porque é terra e existência. Essas experiências contribuíram para a construção de práticas culturais, para a produção de conhecimentos de homens e mulheres comuns, que com coragem resistiram e inspiram as gerações atuais. Seus conhecimentos emergem da força da terra e da luta no sertão.

**Foto 6 – A lida de homens e mulheres de sítio com a terra**



Fonte: Arquivo pessoal, Sítio Sereno, 2019.

Homens e mulheres sertanejas com saberes, que transcendem a qualquer tecnicização que do labor da/na terra aprenderam a viver em harmonia com a natureza, retirando em diálogo com ela, o que necessitam para viver. Seus saberes advêm do dia a dia, quando seguem para a roça, aprendem a conhecer pelos cinco sentidos. Assim, é a vida e a rotina do homem e da mulher sertaneja.

Para reforçar minhas afirmações também, me apoio em experiências e lembranças de minha infância. Nessa etapa de minha vida, experienciei os momentos mais felizes da minha trajetória. Apesar da pobreza, nós – meus irmãos e eu - éramos muito felizes. As brincadeiras nas noites ao redor da casa são referências desse período. Aos domingos, sempre, brincávamos de “guisado”. Essa brincadeira se dá na produção de uma comida típica de nossa região, que é feita com carne de gado e ainda de outros condimentos alimentícios. Seu cozinhar se dá em uma panela de barro, fabricada por nós mesmos. Após cozinhar tal alimento convidávamos os nossos amigos vizinhos para virem participar do banquete. Também, brincávamos de roda, de bonecas produzidas com retalhos de pano, fabricadas pelas mulheres do nosso sítio.

Ainda na infância, resgato outros acontecimentos de muita relevância para minha formação. Durante a semana, íamos todos para a escola, juntos com filhos dos vizinhos, eram cerca de quinze crianças. Nas viagens brincávamos e, muitas vezes, brigávamos, íamos a pé, pois não tínhamos transportes e enfrentamos dias de muito sol. Para nós, a viagem era sinônimo de socialização, aprendíamos em comunhão, no dizer de Freire (2005). Registrando essa história, me veio a inquietação sobre a relevância desta atividade. No decorrer da história humana, é perceptível que o ato de narrar, de escrever ou de registrar uma (auto)biografia é uma forma de tornar viva a memória.

Muitas ciências têm se ancorado na (auto)biográfica como instrumento para o desenvolvimento de pesquisas. Desde os estudos na área da História aos estudos na área de Educação, é notória a importância do trabalho com a (auto)escrita na realização de investigações. Ao narrar, o sujeito também tem a condição de se (auto)formar.

A narrativa registrada, nesta dissertação, poderá crescer com pesquisas sobre as mulheres sitiantes. As dimensões da vida evocadas estão palmilhadas de lembranças de minha mãe e de meu pai. Na construção desta narrativa, pude ver o que teve sentido e, que, ainda, permanece vivo na história de sujeitos sitiantes.

A infância mereceu atenção, pois, dessa etapa da vida, tenho grandes memórias sobre o viver na zona rural. Da infância, trago a força e o aprendizado cotidiano com meus irmãos. Esses elementos foram, sem dúvidas, decisivos para a continuidade de minha vida e para o sucesso alcançado na trajetória, que irei apresentar. Cada período registrado pela escrita (auto)biográfica, até este momento, pode ser considerado, na perspectiva de Josso (2010, p. 70), como essencial no plano de minha personalidade. De acordo com a autora:

A escrita (auto)biográfica articula períodos da existência que reúnem vários ‘fatos’ considerados formadores. A articulação entre esses períodos efetua-se em torno de ‘momentos-charneira’ designados como tais porque o sujeito

escolheu – sentiu-se obrigado a – uma reorientação na sua maneira de se comportar, e/ou com mudanças de pensar o seu meio ambiente, e/ou de pensar em si por meio de novas atividades. Esses momentos de reorientação articulam-se com situações de conflito, e/ou com mudanças de estatuto social, e/ou com acontecimentos socioculturais.

Não posso deixar de registrar o período de minha juventude. Como menina recatada e pobre, formada aos princípios cristãos, muitas vezes, segui os direcionamentos da religião para me referenciar. Minha juventude foi o período em que migramos para a zona urbana, Catolé do Rocha -PB. Neste lugar, fiquei encantada, porém, sempre tive muita clareza de colocar em prática o que aprendi no sítio a respeito da vida para as experiências futuras.

Na juventude, percebi o quanto é dura a rotina na cidade. Minha vinda para esse espaço se deu pela necessidade de estudo e pelo sonho de me qualificar, de conseguir me formar. Apesar do apoio que tive de meus pais, tal período não foi fácil. Fomos recebidos pela família do senhor Venâncio Santiago, seu Venâncio constituiu 2 (duas) famílias, pelo fato de ter ficado viúvo. Casou-se pela segunda vez, sendo sua esposa a senhora Bernadete Santiago, sua cunhada, irmã de sua primeira esposa, pai de 32 (trinta e dois filhos), 16 (dezesesseis) de cada mulher. Profissão, tabelião, homem, de boa reputação e carácter, respeitado em toda cidade. Eles sempre nos consideraram pessoas de sua família, foram responsáveis pela alfabetização de nossa mãe, professora e madrinha por nome Maria Santiago, mas conhecida no meio da família por Aia. Continuaram nos ajudando, ao chegarmos na cidade de Catolé do Rocha PB.

**Foto 7 - Maria do Socorro Santiago, amiga e comadre de Francinilda**



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Aproveitando uma visita de um dos membros da família que nos acolheu em Catolé do Rocha PB. No dia 26 (vinte e seis) de dezembro do ano de 2018, a minha amiga e comadre, Maria do Socorro Santiago, hoje reside em João Pessoa -PB. Convidei-a para participar da narrativa, pelos laços de aproximação familiar, e pedi para ela falar alguma coisa a respeito de minha trajetória de vida, já que a mesma fazia parte.

A minha aproximação com Francinilda foi através da minha irmã que, era professora no sítio que a mãe de Francinilda morava, então ela gostou muito da mãe dela e levou para Catolé do Rocha para estudar lá, e lá ela passou uns anos e casou com Honorato, depois teve muitos filhos, a primeira foi estudar na casa da minha mãe que foi Francinete, depois Francinilda foi estudar na minha casa e Francinilda é uma pessoa de ouro desde criança que Francinilda é muito boa e todo mundo gosta dela. [...] Seu pai comprou uma casa, inclusive na minha rua, na mesma rua e matriculou todos, todos estudaram E você ainda continuou comigo e ninguém queria que você fosse embora, [...] Os pais de Francinilda são dois heróis que, conseguiram criar todos os filhos, só não estudou quem não quis e Francinilda é uma lutadora, ela venceu por que lutou muito, passou por muitos altos e baixos, mas está vencendo graças a Deus e hoje ela é uma pessoa realizada, por que tá terminando o estudo e se Deus quiser vai longe. A família de Honorato evoluiu bastante, porque eles passaram por muitas dificuldades financeiras, mas graças à Deus venceram, são uns heróis, hoje todos vivem bem, todos têm seus empregos e são vencedores, são heróis, é um povo que todo mundo admira, a gente admira muito pela força de vontade que eles têm, pela garra. (Narrativas de Maria do Socorro Santiago, comadre e amiga de Francinilda Honorato, 26/12/2018)

Os escritos produzidos trazem minha essência. A vida no sítio é o fator que mais contribuiu para as etapas seguintes de minha trajetória. Cada escrito foi desenvolvido com o sentimento dos instantes vividos. Ao escrever, por vezes, senti os aromas do lugar em que vivi. As palavras de minha mãe, os “conselhos” de meu pai e o cheiro do sertão ressurgiram em mim. Era como se tudo fosse ao tempo presente. Na escrita deste tópico necessitei, para melhor dissertá-lo, voltar ao sítio em que cresci. A foto 6 (seis) é uma representação dessa época, apesar de ser do tempo presente.

A Foto 6 (seis) nos leva ao tempo da necessidade, ao tempo em que plantávamos, criávamos, ordenhávamos, nutríamos dos sabores de um trabalho suado e colaborativo. Meu pai, Honorato, ensinou a todos o espírito do trabalho coletivo. Penso que a necessidade de retomar o lugar de vivência para a rememoração de minha vida se deu, justamente, pelo espaço central que ele ocupa na história. Afinal, os lugares, independentemente de serem materiais, comportam imagens fundamentais que historicizam as gerações. Neste caso, tal contexto narra meu processo de vida.

**Foto 8 - Sítio Cabeços/PB**



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013.

## **1.2 Entre letras e lutas me eduquei: a escolaridade**

A pesquisa se detém a escrita (auto)biográfica como recurso metodológico para a concretização do objetivo central da investigação, qual seja: compreender, por meio de narrativas (auto)biográficas, como uma mulher de sítio obteve êxito social em sua história de vida e formação, descreve a partir de então recortes de seu histórico de vida escolar.

**Foto 9 – Terezinha Alves Pereira, mãe de Francinilda Honorato e primeira professora**



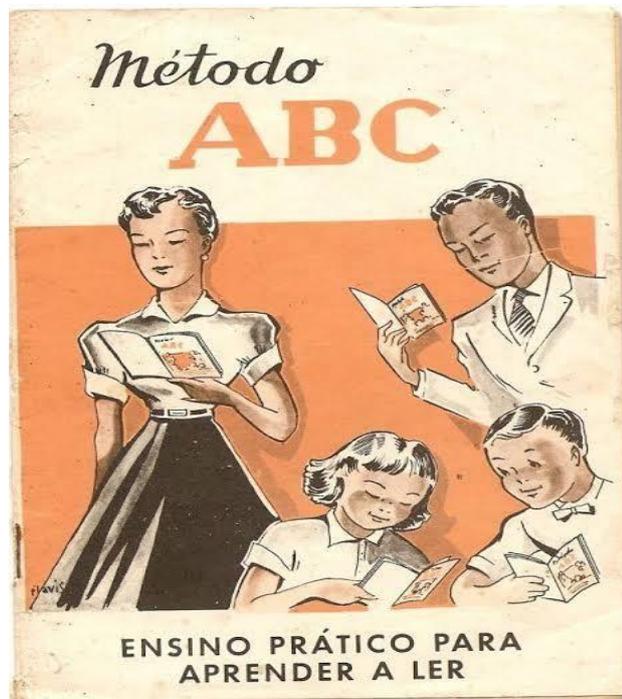
Fonte: Arquivo pessoal, Mossoró/RN, 2012.

Minha vida estudantil principiou no Sítio Cabeços – PB. Com sete anos de idade fui alfabetizada pela minha mãe, Terezinha Alves Pereira. Ela tinha cursado somente o 3º ano do antigo Ensino Primário. Como no sítio não existia escolas e a necessidade de alfabetizar os filhos pequenos, minha mãe preocupada por não poder nos matricular nas escolas mais próximas, resolveu nos alfabetizar.

Com a decisão tomada, meu pai foi à cidade a pedido de minha mãe e comprou as nossas primeiras cartilhas, intituladas de ABC. A rotina para a alfabetização se fez de modo permanente. Todos os dias ela nos levava para um quarto, que ficava dentro de um estábulo de guardar ração para os animais. Tal espaço era nossa sala de aula. Apesar de todo o desconforto no ambiente, pois não tínhamos cadeiras adequadas, iluminação e outros elementos de infraestrutura física, foi uma grande alegria para nós, que iniciávamos o processo de escolarização.

Trago da memória um instante do referido período. Lembro-me que nosso material escolar era guardado dentro de um saquinho de plástico transparente e pequeno, no qual ficavam as cartilhas de ABC, uma tabuada e um lápis grafite, com borracha encachada. Todos tinham muito zelo por esse material, pois ele seria utilizado durante todo o ano.

Foto 10 – Cartilha do ABC



Fonte: Arquivo Pessoal, 1961.

A rotina educacional do espaço era, assim, constituída: minha mãe começava as nossas aulas com algumas orações. Fazíamos o sinal da cruz, o Pai Nosso e, subsequentemente, rezávamos uma Ave Maria. Dentro da sala de aula não existia bancos escolares. Nossos acentos eram em cadeiras de madeira forradas com couro de animais. Esses acentos são popularmente conhecidos como tamboretas. Não existiam intervalos ou período para recreação. No espaço, havia um pote de barro com água para beber.

Após todos sentados, a aula iniciava. A metodologia utilizada possuía a seguinte característica: inicialmente ela chamava um a um e fazia com que fôssemos conhecendo cada letra do alfabeto. Ao dizer o nome de cada letra, orientava-nos a repetir, por vezes, o nome de cada signo linguístico até decorarmos. Junto a isso, destacava a importância de nossa atenção no momento do ensino e na observação dos erros dos demais. Quando avançávamos nesse aspecto, iniciávamos com o processo de silabação, ou seja, desenvolvíamos a leitura e a união de sílabas até a junção de palavras. Dessa forma, fomos alfabetizados. Aos que não conseguissem avançar ou ficassem desatentos nas atividades tinham como castigo um “cocorote<sup>5</sup>”. Certamente, ela não tinha conhecimento de que sua prática pedagógica se inseria na chamada Pedagogia Tradicional,

O ensino de Matemática era baseado na tabuada. Para conseguirmos aprender a recitá-la, começávamos com a memorização dos números. Visando facilitar nossa internalização dos signos numéricos, ela utilizava de recursos da natureza para o entendimento dos números. Como exemplo, a utilização de grãos de milho. Ela juntava em instantes muitos grãos de milho e orientava que realizássemos a contagem do primeiro até décimo grão. Em seguida, introduzia mais grãos e, gradativamente, pedia que os associássemos com os números da tabuada. Outra maneira utilizada para que aprendêssemos a tabuada: utilização dos dedos das mãos. Essa era a metodologia educativa, que vivenciamos no processo de alfabetização na Língua Portuguesa, na Matemática.

Com o passar do tempo, minha mãe não pode continuar nos ensinando, devido às suas tarefas de casa e, também, ao aumento do número de crianças pequenas. Assim, meu pai teve que procurar outra forma para que pudéssemos prosseguir. Neste intento, ele contratou uma professora, para evitar o atraso de nossos estudos. Os esforços contínuos de meus pais foram decisivos para que tivéssemos compromisso com a Educação. A nova professora residia em um sítio vizinho ao nosso, chamado Coroatá, espaço que também pertencia geograficamente ao

---

<sup>5</sup> **Cocorote**: Expressão usada no Ceará para definir uma pancada leve na cabeça dada com a mão fechada; cascudo.

Município de Catolé do Rocha – PB. Ela era conhecida nas comunidades e sítios próximos como Dona Nega e precisava caminhar por 12 km (doze quilômetros) ida e volta para chegar a nossa residência. Esse fator contribuiu para que após um pequeno tempo – finalização do ano – ela desistisse da atividade.

Percebendo o nosso crescimento e a necessidade de continuidade na Educação, nos anos seguintes, fomos matriculados por meu pai nas Escolas Isoladas do Município de Almino Afonso – RN, no Sítio Cajazeiras, equivalente a uma distância de uma légua e meia, o que corresponde a 18 km (dezoito quilômetros), ida e volta do Sítio Cabeços. Para chegar à escola, andávamos a pé todos os dias. Não existia transporte escolar naquele período histórico.

A escola municipal em que iniciamos nossa escolarização formal não tinha sede determinada, pois funcionava na residência dos próprios professores. Nossos docentes iniciais foram dois professores. Eles se chamavam João de Estevão e Sebastião de Estevão. A sala em que estudávamos tinha cerca de 30 (trinta) alunos com idades variadas. Em termos legislativos, vivemos o período nominado na Legislação Educacional Brasileira de Ensino Primário. Esse período foi registrado pelo Decreto Lei Nº 8.529, de 02 de janeiro de 1946, e modificado pela primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei Nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Nos artigos 25, 26 e 27 desse dispositivo legal (BRASIL, 1961) consta que:

Art. 25. O ensino primário tem por fim o desenvolvimento do raciocínio e das atividades de expressão da criança, e a sua integração no meio físico e social.

Art. 26. O ensino primário será ministrado, no mínimo, em quatro séries anuais.

Art. 27. O ensino primário é obrigatório a partir dos sete anos e só será ministrado na língua nacional. Para os que o iniciarem depois dessa idade poderão ser formadas classes especiais ou cursos supletivos correspondentes ao seu nível de desenvolvimento.

Retomando os registros memorísticos de minha escolarização básica, ressalto que a metodologia utilizada pelos meus primeiros professores se diferenciava um pouco da metodologia construída por minha mãe. Os conteúdos por eles trabalhados eram ensinados com base na silabação anunciada com todos da turma – o ensino coletivo e não individual. O uso da caligrafia ocorria durante o ano letivo. Era determinante o aprimoramento de nossa escrita com letras legíveis. Uma particularidade entre o ensino vivido no período com minha mãe e com os dois professores diz respeito ao ensino exclusivo de duas matérias do currículo escolar: português e matemática. No entanto, no estudo da Matemática com os dois docentes era necessário aprender conteúdos para além da tabuada, por exemplo, as operações básicas da matemática: somar, subtrair, multiplicar e dividir. O método utilizado pelos docentes era muito

rigoroso e nem todos os alunos conseguiam passar de ano. Disciplina, compromisso, respeito e atenção eram componentes essenciais durante nossa escolarização.

Na reconstrução da memória, sempre emergem o que nos foi forte e marcante do período em rememoração. Nesse momento confere as lembranças para as características físicas dos professores. O Prof. Sebastião de Estevão era um homem de estatura física alta, moreno claro e muito bonito. Todavia, ele gostava de curtir a vida, passando parte de seus fins de semana em festas. Ele era considerado muito namorador, gostava de beber e de aproveitar da noite. Por esse motivo, certo dia se envolveu em uma discussão na Cidade de Mossoró – RN e, infelizmente, sofreu um atentado, concluindo com seu óbito. Dada a fatalidade, o Prof. João de Estevão assumiu sozinho nossa turma escolar.

Continuando essa digressão histórica de minha vida estudantil, não posso deixar de registrar aspectos da cartilha, que me serviu de reforço para minha alfabetização. O referido documento era intitulado de Sarita, que continha muitas histórias ilustradas com figuras coloridas.

Nessa cartilha, se encontrava uma história, que falava de um personagem com o nome de Frederico. Certa vez, o Prof. João de Estevão direcionou uma atividade para realização em nossas residências. A intenção era de que memorizássemos as letras e sílabas do nome “Frederico”, para que no dia seguinte fizéssemos a leitura e silabação. Ao retornar à escola não consegui desenvolver, a atividade conforme o objetivo do professor. A situação culminou com o meu “castigo”. Sofri duas palmadas na mão com o instrumento chamado de “palmatória<sup>6</sup>”. Nas escolas construídas no século passado, esse elemento é comumente utilizado para castigar os discentes no caso de não atingirem o esperado em relação à aprendizagem. Ele é um artefato de madeira formado por um círculo e uma haste, também conhecida por fêrula. Nessa escola, os alunos eram castigados com a “palmatória” nas mãos. Sobre esse acontecimento, recordo que chorei bastante e fiquei com muita vergonha de meus colegas de turma. Algo que devo também registrar é que esse artefato chegou à instituição por via de meu pai, o qual apresentou a escola com o objeto.

Passado esse episódio vivi grandes momentos na escola. Por mais que ela fosse localizada na residência de nosso professor, existiam características, que nos permitiram viver bons momentos de socialização e de construção de laços fraternos. Ela possuía um enorme terreiro e

---

<sup>6</sup> A palmatória foi utilizada como ferramenta de punição física em estudantes do mundo todo. No Brasil, seu emprego foi introduzido pelos jesuítas, como forma de disciplinar os indígenas. A prática só começou a ser repensada em 1970, com as campanhas pelo fim da violência infantil, na década de 1970. Na década de 1980, foi considerada crime.

alpendre. No horário do recreio, todos se divertiam. As meninas brincavam de rodas, pulavam cordas e brincavam de bonecas. Os meninos optavam por brincar de bola ou por jogar peteca. O intervalo para o momento de recreação não perdurava por muito tempo, era apenas por alguns minutos. Ao término das brincadeiras, lavávamos as mãos e íamos merendar. No cardápio da merenda estavam alimentos da região. A farofa de rapadura com farinha, ou de fubá de milho, fatias de queijo ou bolinhos de fubá, também chamados de orelha de pau.

Com o passar dos anos, tivemos que mudar de instituição devido à oferta de ensino, que não existia naquele ambiente formativo. Saindo dessa escola, fomos matriculados em outra instituição municipal, também da Cidade de Almino Afonso – RN. Dessa vez, a instituição ficava localizada no Sítio Coroatá, próximo ao Sítio Cabeços, local em que residíamos.

**Foto 11 – Grupo Escolar Sítio Coroatá/RN**



Fonte: Arquivo Pessoal, 2017.

Saudade do Grupo nessa escola, que era registrada como Grupo Escolar, tivemos o contato e o acesso aos primeiros livros no processo de ensino e de aprendizagem e não mais às cartilhas. Esse aspecto foi decisivo para que eu continuasse interessada na escolarização. A metodologia adotada era um pouco diferente das demais, visto que, com o acesso aos livros, nos foram apresentados novos conteúdos das áreas de Língua Portuguesa Matemática, Ciências e Conhecimentos Gerais.

No cerne do trabalho com os conteúdos, o professor que nos ensinava organizava as atividades por áreas. Cada dia da semana, estudávamos conteúdo de uma área de conhecimento. Na área de Língua Portuguesa, víamos conteúdos relativos à gramática, à leitura, à interpretação de textos. Na Matemática, estudávamos as quatro operações: adição, subtração, multiplicação e divisão. No conteúdo do âmbito dos Conhecimentos Gerais, eram estudados temas relacionados às áreas de História e Geografia. Nesse enredo, nos ensinavam as datas cívicas, os marcos

históricos do país, a divisão regional brasileira, entre outros. Os conteúdos de Ciências focalizavam no estudo biológico do corpo humano. Com o método elementar, o professor pegava o caderno de cada aluno e escrevia atividades para que resolvessem. Isso acontecia em todas as matérias.

Minha trajetória escolar fez parte o Prof. Ari, que começava diariamente as aulas com uma oração, seguida do canto do Hino Nacional. Ele era muito rigoroso, porém, outros adjetivos podem ser atribuídos ao seu ser: amoroso, cuidadoso e zeloso. Os alunos tinham muito respeito por ele e seus conselhos sobre valores morais e princípios religiosos eram muito úteis.

**Foto 12 - 1º Eucaristia, de Francinilda e sua irmã Francineide**



Fonte: Arquivo pessoal, 1963.

Relembro que, no Sítio Coroatá, eu e meus irmãos mais velhos fizemos a nossa primeira comunhão, na Igreja situada ao lado da escola. Quando tinha festa do Padroeiro da Cidade, nossa mãe aproveitava a ocasião para nos levar à igreja e realizar os sacramentos de nossa fase de vida – batismo e eucaristia. Ainda hoje, esse Sítio é movimentado com muitas festas tradicionais, apesar dos mais velhos já terem falecidos. Por parte da comunidade local, há um cuidado com a preservação do lugar.

**Foto 13 - Igreja Sítio Coroatá - realizou o Batismo e a 1ª Eucaristia de Francinilda**

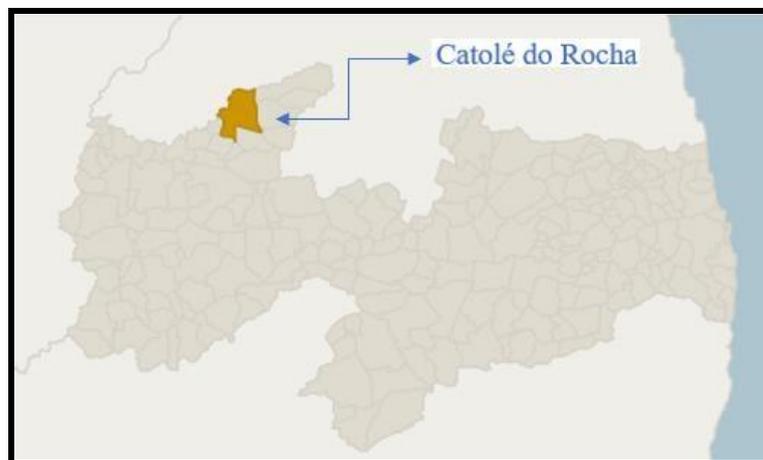


Fonte: Arquivos da Família, 2018.

Minha Primeira Comunhão e a Igreja do Sítio Coroatá são lugares de memórias de fé, de pessoas, de acontecimentos e de tempos memoráveis nas quais estão a pertença da minha família. A presença de Deus em nossas vidas é decorrente da educação firme dos meus pais. Rezar era alimentação espiritual, que nos dava força.

Minha (auto)biografia, um percurso itinerante, que me faz reviver o ano de 1967, ocasião em que fomos morar em outro estado, pois saímos do Grupo Escolar Sítio Coroatá e fomos residir na Cidade de Catolé do Rocha – PB. Chegando à cidade, meus pais trataram logo de nos matricular nas escolas municipais e estaduais. Nos primeiros dias de aula percebe, que, na escola em que fui matriculada, os professores eram mais preparados. No colégio do Círculo Operário, as camadas desprovidas economicamente podiam estudar, havia um plano de ensino para cada série.

**Mapa 1 - Mapa da localização da Cidade Catolé do Rocha no Estado da Paraíba**



Fonte: IBGE, 2019. Adaptado por Francinilda Honorato.

Havia também um trabalho orientado para a educação formal e social. Pela primeira vez, tive uma professora como regente na sala de aula. Ela se chamava Creuza Barreto, era solteira, já tinha uma idade avançada, era alta, de cor clara, cabelos arrumados e muito moralista. Tinha um excelente domínio de sala, era religiosa e possuía muito princípios morais. Os alunos jamais vinham para a escola sem realizar a tarefa orientada para casa. Caso isso ocorresse, havia castigos

**Foto 14 - Primeira escola de Francinilda Honorato em Catolé do Rocha/PB**



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Na Cidade de Catolé do Rocha – PB, nesse período histórico, existiam também dois colégios de renome, que, somente, os de melhores condições financeiras podiam estudar. Colégio Francisca Mendes, conhecido como Colégio das Irmãs - era um espaço particular, administrado por religiosas, ficava localizado no centro da cidade e servia de internato, e o Colégio Dom Vital, também, particular e administrado por padres.

Concluí o Ensino Fundamental em escolas públicas, somente os meus irmãos mais velhos estudaram em escolas particulares. As escolas da cidade exigiam que alunos viessem de fardas e sapatos, ou então sandálias. Tínhamos uma aula de arte, por semana, para aprender a bordar, desenhar, fazer crochê, ou tricô. Eu gostava quando chegava esse dia, pois a aula tornava-se bem divertida.

Em 1969, após concluir o Ensino Fundamental, prestei o exame de admissão, que me deu condições para entrar no Ensino de 1º Grau, ou seja, o 1º Ginásial. Foi um grande contentamento passar no exame, mas para alcançar esse objetivo necessitei estudar muito. Tal exame se assimilava com um vestibular convencional. Estudávamos dia e noite, muitas vezes, com à luz

da lamparina ou da lua. No período da madrugada, vinham todos os estudantes para a rua estudar debaixo de um poste elétrico. Nossas residências ainda não tinham energia elétrica. Nessa época, todos os colégios da cidade participavam dessa seleção. Eu e meus irmãos sempre cursamos os mesmos níveis de escolaridade, mesmo possuindo idades diferentes. Somente os dois irmãos mais velhos cursavam etapas superiores a nós.

Em Catolé do Rocha – PB passei momentos muito marcantes, por exemplo, a semana do Dia 07 (sete) de setembro. Nessa data, os colégios nos preparavam para desfilar, com muitos ensaios. As instituições escolares da cidade eram conhecidas em todo o Estado da Paraíba -PB pelos desfiles que realizavam. As bandas de músicas das escolas, se destacavam. Por anos, desfilei ressaltando a experiência de desfilar como baliza<sup>7</sup> em um dos pelotões, fazendo piruetas.

Meus irmãos e eu vivemos instantes únicos nesta fase da vida, registro o cuidado de meu pai para com todos, em virtude da vida na cidade. Meu irmão Francimar era o responsável, na ausência do meu pai, no período dos desfiles. Ele, também, assumia o papel patriarcal em outras ocasiões, em que nosso pai não se encontrava fisicamente presente.

No dia oito de setembro, a cidade se destaca por outras festividades relacionadas à festa da Padroeira do Município, Nossa Senhora dos Remédios. Esse evento movimentava todos os setores do lugar: o comércio aumentava e registrava crescimento, pois a cidade passava o mês inteiro em festa. Vinham parques, com rodas gigantes e outros instrumentos para divertimento da população. Esse era o foco dos rapazes e moças para namorar e muitas vezes fugir juntos, algo comum nas redondezas, quando não havia aprovação da família da moça acerca do namoro.

Nesse período, havia entre os jovens atividades de disputas na busca de parceiras, por exemplo: mensagens e oferecimentos de músicas nos alto-falantes do parque. Aconteciam a quermesses e vaquejadas, uma das festas mais tradicionais da cidade. Além disso os moradores, que tinham melhores condições financeiras, aproveitavam a festa para celebrar os quinze anos de suas filhas, (festa de debutantes) no maior clube da cidade. Os filhos da cidade, que moravam fora, vinham para as festas, até hoje é assim. Muita paquera e namoro escondido dos pais. Momentos inesquecíveis na minha vida, passávamos o ano todo esperando esta festa, pois ganharíamos roupas e sapatos novos. Apesar de meu irmão mais velho ser muito radical nos seus cuidados, como função de segundo pai, sempre dava o meu jeitinho para namorar, já que era adolescente e estava na fase de muita paixão e amor!

---

<sup>7</sup> A baliza ( versão feminina) ou balizador (versão masculina) é representado pela utilização do bastão, manobrando com garbo, marcha, dança e beleza. O papel de um manobrista é de atrair a atenção do público para sua banda, mostrando a todos orgulho, simpatia e avisando aos presentes que sua Banda chegou para brilhar.

Sonhos... que foram bastante proibidos por ele e meus pais. Nesses momentos proibidos, o meu irmão me flagrou com o meu primeiro namorado, e me mandou para casa e, quando chegou, me deu um puxão de orelhas, que perdi um lindo brinco de ouro que usava. Chorei bastante, não porque a orelha doía, mas pela perda do brinco de ouro.

Era proibido amar, não me deixaram ser feliz com meu primeiro namorado, a melhor fase da vida! Mesmo assim fui feliz! O amor continuava dentro de mim. Entendo meu irmão, “Mazinho”. Está perdoado, pois estava cumprindo com as suas responsabilidades. As lembranças de Catolé, e do sítio, me seguem e, hoje, vejo como é importante para as pessoas trazerem dentro de si, conhecimentos, saberes e experiências cotidianas, adquiridas em suas pertenças e em outros espaços, todos construídos ao longo do tempo. Segundo Josso (2010, p. 65):

O que está em jogo nesse conhecimento de si não é somente compreender como nós formamos e nos transformamos, ao longo de nossa vida, mediante de um conjunto de vividos transformados em experiências, mas também tomar consciência de que esse reconhecimento de nós mesmos como sujeitos encarnados, mais ou menos ativos, ou passivos, segundo as circunstâncias, permite, doravante, visualizar nosso itinerário de vida, nossos investimentos e nossos objetivos, com base numa auto-orientação possível, numa invenção de si, a qual articula mais conscientemente nossas heranças, nossas experiências formadoras, nossas pertenças, nossas valorizações, nossos desejos e nossos imaginários às oportunidades socioculturais que saberemos apreender, criar e explorar, para que advenha um si que aprende a identificar e a combinar obrigações e margens de liberdade.

Como Josso (2010) ensina, o que estava em jogo no conhecimento de mim e do outro não era apenas nos compreender com o mundo, no contexto em que vivemos, mas nos formamos e nos transformamos, ao longo de nossa vida, mediados pelos sujeitos, lugares e acontecimentos. Tomarmos consciência de que esse amálgama de situações nos permite aprendizados e transformações ao longo da vida em um constante inacabado.

No ano de 1970, meu pai resolveu morar em Mossoró - RN, atendendo ao pedido de seu pai adotivo, que estava muito doente. Sabendo que não iria sobreviver, pediu para meu pai vir com toda a família ficar mais próximo dele.

Chegando à Mossoró, meus pais trataram com urgência de nos matricular no Colégio Estadual Jerônimo Rosado, no qual eu e meus irmãos cursamos o 1º e 2º Graus. Foi o primeiro colégio onde estudei ao chegar a Mossoró. Nessa instituição, cursei todas as séries do antigo ginásial e, em seguida, fiz dois cursos de nível médio profissionalizante: Curso de Auxiliar de Escritório, Curso de Magistério. Este último foi realizado na Escola Normal de Mossoró – RN.

**Foto 15 – Colégio Estadual Jerônimo Rosado/Mossoró/RN**



Fonte: Retirada do livro: Escola Estadual Jerônimo Rosado: 60 anos educando gerações e formando cidadãos – 1959 a 2019/ Lindomarcos Faustino, 2019.

Fazer o Curso de Magistério para mim foi muito importante, pois, a minha intenção era realizar um antigo sonho: ser professora. Esse curso habilitava a aluna para lecionar as séries iniciais. O que mais, me orgulhava era vestir a farda do magistério: uma saia azul marinho, toda de prega e abaixo do joelho, blusa branca, sapatos pretos com um par de meias brancas. Nossa primeira experiência em sala de aula foi no nosso estágio. Eu ficava muito alegre com toda criançada, que nos tratava com muito carinho, e nós participávamos de todas as brincadeiras nos recreios.

Quando terminei o Magistério, no ano de 1985, o Estado e no Município não realizavam concursos públicos, portanto para se trabalhar numa escola, era preciso ser indicado por políticos.

Eu já trabalhava na área da saúde, pois entrei no Estado em agosto de 1974 e assim, continuei. Não realizei o sonho de ser professora. Nesse emprego, passei por muitas lutas, mas foi de um grande aprendizado, fiz vários cursos na área da saúde: auxiliar de laboratório e curso de vacinação. Tive a honra de participar da 1ª Campanha Nacional no Brasil de vacina contra Tuberculose, e, de outras campanhas de vacinação do Estado e Município. Depois, trabalhei por muitos anos, como secretária no Centro de Saúde de Mossoró- RN. Foram experiências de muitos valores sociais e profissionais, em que me tornei uma pessoa mais humanizada. Acompanhava todos os dias os sofrimentos das pessoas doentes, que vinham em busca de sua

saúde. Muitas dessas pessoas viam do interior e não tinham o que comer e nem onde dormir, eu, sempre que podia, os levava para minha casa.

Tudo que narrei até o momento faz parte de uma trajetória que fui construindo. Passei por diferentes lugares e com pessoas plurais vivi experiências, que ficaram em minha memória. A trajetória descrita, de certo, me ajudou a ter o caráter que tenho e a ter conseguido o êxito alcançado. Considero-me uma mulher que visa o bem do próximo, luto por isso e me identifico com a justiça e com a força dos que lutam por um mundo mais humano e melhor.

Na minha trajetória estudantil, pesam também os ensinamentos de meu pai. Para ele, a educação é uma “bússola para o futuro”. Ele não foi alfabetizado, mas reconhece a relevância do ensino para a formação do sujeito.

### **1.3 Um momento na vida, um complemento na trajetória: o casamento.**

No ano, de 1975, na minha escola sem perceber, estava sendo observada pelo jovem Ozório Barbosa de Meneses, que disse para Dona Porcina, uma senhora, hoje, falecida, considerada como mãe dos estudantes pobres: “eu vou conquistar essa morena!”. Então, começou a partir desse momento, a luta de sedução, porém eu não mostrei nenhum interesse! Ele nunca se permitiu em perder e continuou na investida da conquista. Eu, muito recatada, tive medo de paquerá-lo, pois até então, não o conhecia o suficiente, para namorar. Passei a me informar sobre ele, e as pessoas, sempre me deram boas informações e ele continuava a me seduzir, até que um dia, eu resolvi dizer sim! Então passamos a namorar, mas ainda, me sentia insegura e, também, tinha medo que meus pais não o aceitem. Começamos a namorar e, mais tarde apresentei-o aos meus pais, que aceitaram o nosso namoro.

Ozório era um aluno muito inteligente, sempre se destacava na escola com as melhores notas. Ele estudava no Centro de Educação Integrada Professor Elizeu Viana. (CEIPEV), fazia um curso profissionalizante e por ter notas excelentes foi selecionado para estudar na Escola Técnica Agrícola de Jundiá – (EAJ) no Rio Grande do Norte. Então, Ozório passa morar em Jundiá para fazer o Curso Técnico. Ficamos namorando e nos, falávamos através de cartas, mas demorava muito para chegar uma carta, segundo ele, o curso exigia demais e ele não tinha tempo. O namoro foi se desgastando, eu trabalhava e estudava. Achemos melhor terminar, depois, eu soube que ele estava namorando com outra, então, foi mais um motivo para eu achar que não daria certo continuar.

Quando chegavam as férias, Ozório vinha sempre a Mossoró e, mais uma vez, ficava me procurando para voltar o namoro, eu, resistia sempre, para não voltar, mas ele ficava me seduzindo até conseguir. Voltávamos namorar e quando chegava o final das férias, ele voltava para Jundiá. Mais uma vez começamos a nos corresponder por cartas e, quando eu demorava a responder as cartas, (ele começava com ciúmes, dizia que eu estava desinteressada e insinuando que já estava com outro namorado.) Eu ficava muito triste e sempre discutíamos muito por essa desconfiança incabível, porque sempre fui muito fiel em todas as formas aos meus sentimentos, jamais admitia qualquer traição.

Ozório termina o curso e vai embora, dessa vez para Belém do Pará, por ser o melhor da turma, recebeu uma proposta de emprego numa empresa multinacional, que ficava na região do médio Amazonas, cujo, o nome era Projeto Jari Florestal, mais uma vez o namoro rompe. Passou um ano e, um certo dia, chega uma carta de Ozório na minha casa, endereçada para um amigo dele, aos meus cuidados. Não entendi de imediato, o porquê essa carta vir aos meus cuidados, se ele sabia o endereço do amigo, portanto, mostrei para uma amiga, que logo entendeu, e me disse “Mulher! Ele está dando a dica do endereço dele para você.” E eu me fazendo de desentendida e escrevi, comunicando para ele, que recebi a carta para o amigo e tinha feita a entrega. Logo que ele recebeu a minha carta, me escreveu, me convidando para recomençar o namoro, o que aceitei e ficamos, novamente, nos correspondendo por cartas, nas quais mostrava muita paixão.

E sempre foi assim o namoro, de idas e voltas e, no ano de 1979, ele me pede em casamento, escreve para meu pai e faz o pedido de casamento através de carta, de uma redação bem convincente. Meu pai, um homem, bastante experiente antes de responder a carta do pedido, procura pessoas conhecidas da família dele e, se informa sobre ele, pois tínhamos um relacionamento conturbado. Meu pai me procura para saber se realmente eu queria casar com Ozório e, eu muito apaixonada, logo aceitei. Então ele veio oficializar o noivado, passaram-se alguns meses e, sem eu esperar, ele chega de surpresa para realizar o casamento, em 19 de abril de 1979. O ato cerimonial foi realizado às 10 horas da manhã, somente no civil, e na presença das testemunhas: Senhor João Pires de Almeida e Rita Pires de Almeida, Maria de Fátima Souza Azevedo e Antônia Ilenilde Silva dos Santos.

Após a cerimônia, almoçamos na casa de meus pais e, de surpresa, chegam à mãe dele Alcídia Aucília de Assis, e uma irmã Luzia Cavalcante Barbosa de Oliveira. À tarde do dia 19 de abril de 1979, as nossas testemunhas foram nos deixar na Praia de Tibau -RN, próximo a Mossoró – RN. Passamos 4 (quatro) dias e retornamos para Mossoró. No dia seguinte, fomos

visitar e nos despedir dos pais dele, que moravam no Sítio Cardosos, município de Olho D'água dos Borges – RN. Fizemos nossa visita, logo retornamos para Mossoró e viajamos para Belém do Pará, a nossa nova morada. Chega o dia da viagem, fico de coração apertado, pois era a primeira vez que eu ia me distanciar de meus familiares, chorei bastante, afinal, estava mudando de vida completamente, era algo muito novo para mim, meus familiares ficaram bastante apreensivos, pois nenhum dos filhos tinham saído de suas companhias.

Pegamos um ônibus com destino a Fortaleza- CE, pernoitamos e, no dia seguinte, viajamos para Belém - PA. Viagem cansativa, um dia e uma noite. Chegando à Belém, o meu esposo foi a procura de um amigo, que tinha uma fazenda no interior de Belém, e estava a sua espera para montar um projeto de hortaliças. Então, passamos quinze dias hospedados em um Hotel na cidade de Belém. Em seguida, fomos morar em uma residência alugada pelo o Dr. Renzo, seu amigo e sócio. Após um mês morando na cidade, mudamos para a zona rural, a Fazenda Pompola, no Km 8, estrada de Belém a Virgílica, com uma distância de 95 km (noventa e cinco quilômetros) da capital. Região de difícil acesso e pouco desenvolvida na época. Chegando à nova morada, me assustei com a realidade, por ser longe de tudo e de todos. Tudo bem diferente da realidade em que eu vivia: uma casa de taipa, à beira de uma estrada carroçável, sem porta e nem janela, que pudesse fechar durante a noite. Por isso, o medo era maior, afinal era uma mata fechada, um deserto em relação aos vizinhos, que moravam a uma distância de três quilômetros.

Senti-me como uma primeira viagem na experiência do casamento e de novos contextos, como nos lidos em Josso (2010, p. 56) com relação à formação experiencial.

Vejamos:

Atividade consciente de um sujeito que efetua uma aprendizagem imprevista ou voluntária em termos de competências existenciais (somáticas, afetivas, consciências), instrumentais ou pragmáticas, explicativas ou compreensivas na ocasião de um acontecimento, de uma situação, de uma atividade que coloca o aprendente em interações consigo mesmo, com os outros, com o meio natural ou com as coisas, num ou vários registros.

Para Josso (2010), aprender com essas dimensões da vida em sua existência prática (somáticas, afetivas, consciências), instrumentais ou pragmáticas, explicativas ou compreensivas exige do sujeito um exercício de transformações psíquicas (consciência, atenção e orientação), em outra dimensão, comportamentais na integração de saber-fazer; e, também, uma tentativa de ressignificações e orientação no centro de sua história de vida. Por assim dizer, aprendizagens que exigem valorização de vida, e referenciais socioculturais na perspectiva do

empoderamento do sujeito. As experiências de mudança de lugar de morada foram determinantes para uma transformação profunda da minha subjetividade, pela vivência de conflito interior. Desconfortáveis, confortáveis, doces e amargas, mas realimentadores para a vida, da alteridade e construção da minha cidadania. Abriu portas para estabelecer uma relação menos intolerante.

Como havia dito, minha primeira experiência foi difícil e por lugares nunca imagináveis em meus pensamentos. Casa ao ermo. Eu não conseguia dormir durante a noite, enquanto isso o meu esposo dormia tranquilo, e não existia energia elétrica, era a base da lamparina ou lampião<sup>8</sup>. Eu só pensava no surgimento de uma cobra gigante ou até mesmo, uma onça, pois eram os animais mais comuns da região. Passamos uns dois meses nesse sofrimento, esperando a construção de uma nova casa próxima ao projeto, que meu esposo trabalhava.

**Foto 16 - Ozorio com projeto de hortaliças no Pará**



Fonte: Arquivo pessoal, 1979.

Plantando, regando e chorando a saudade da família, entre as covas que fazíamos para jogar as sementes, que iriam brotar nosso alimento, finalmente chega o dia de irmos para a nova casa. Era de madeira, com um quarto, uma cozinha, uma sala e um enorme galpão para colocar as hortaliças. Na época da colheita, por trás da casa ficava o projeto do plantio, todos trabalhadores moravam muito longe e, quando eles iam embora, o lugar ficava muito triste e deserto. Eu chorava o tempo todo, ele tentava me conformar, mas não tinha jeito, eu morria de

---

<sup>8</sup> Objeto usado para iluminar, à base de querosene ou gás; pequena lâmpada que fornece luz de pouca intensidade, composta de um reservatório para líquido combustível (azeite, querosene etc.) no qual se mergulha um pavio que traspasa uma pequena rodela de madeira e se acende na outra extremidade; grisetá, luminária.

medo e sentia muitas saudades de minha família, e não tinha notícias nenhuma, portanto, chegava a me desesperar.

Chegava à noite, eu só ouvia o cantar dos animais, que vinha da floresta, pois a mata era muito fechada e perigosa. Tinha uns igarapés<sup>9</sup> – pequenos rios, como a região assim conhecia – ficavam bem próximo ao nosso barraco. Aos domingos, íamos para igreja evangélica Assembleia de Deus, que ficava numa cidade pequena e era bem próxima à fazenda em que morávamos, na cidade de Santo Antônio do Tauá-PA. Quando chegava o domingo, eu ficava bem feliz, pois íamos ter contato com gente, ou seja, com os irmãos da igreja, que nos recebiam muito bem. O nosso transporte era uma bicicleta velha e, a distância para a cidade era de 12 km. Ozório não tinha medo de nada e, na fazenda não havia energia, nem água encanada. Tudo era muito difícil e lugar de muita pobreza, pois os moradores viviam da cultura da mandioca, macaxeira, pimenta do reino, frutas, verduras e, ainda, tinham pocilga, e granjas de galinhas. De forma abnegada e obstinada, Ozório procede como sujeito, que busca forças em si e de dentro de si. Pensava, repensava, aprendia e reaprendia. Josso (2004, p. 59) afirma que:

[...] como um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, cuja atualização consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural.

Em junho de 1979, eu estava grávida, mas ainda não sabia, quando foi um certo dia, fui lavar uma louça em um dos Igarapés, que ficava próximo a minha casa, e quando estava indo para o rio, me deparei com uma enorme cobra, então, tive um susto e gritei desesperadamente, quase morri. Meu esposo e os trabalhadores correram e me socorreram, mas, no terceiro dia, após o susto, na madrugada comecei a sentir muitas dores no pé da barriga, ele ficou preocupado, pois não tinha remédio em casa, e as dores aumentando cada vez mais. Então, ele pega a bicicleta e vai buscar de socorro, o vizinho mais próximo ficava a cerca de três km, eu morrendo de medo de ficar sozinha no meio daquela mata, mas a urgência era maior e me obrigou a criar coragem naquele momento.

Finalmente, chega uma senhora experiente por nome de Dona Raimunda, e diz: Ozório estou achando que é “coisa de mulher!”. Querendo dizer que eu estava grávida, pode ser sinal de aborto. Diante da situação, ele me deixou com ela e foi a procura de um carro, em uma distância de 12 km, da fazenda, pois na cidade próxima não existia médicos, teria que ir para a

---

<sup>9</sup> Igarapé é um caminho percorrido por um rio ou canal de pequenas dimensões.

capital Belém para ser atendida por um ginecologista. Ao me examinar comprovou a gravidez, precisei ficar em repouso absoluto, não pude retornar, para casa, teria que ficar na cidade. Minha vizinha, Dona Raimunda tinha uma casa em Belém e ficou comigo, em observação médica. Ao passar três dias, retornamos para casa, mas, infelizmente, dois dias após o meu retorno, perdi o bebê. Fiquei muito triste e meu esposo também. Senti com muita vontade de voltar para Mossoró, ficar perto da minha família, porém, Ozório tinha feito um contrato de seis meses com o sócio dele Dr. Renzo Battiane e, ainda, faltavam três meses para concluir o prazo.

Eu, já não tinha mais saúde, em contato com a minha família, minha mãe pediu para voltarmos para Mossoró. Em outubro de 1979, chegamos a Mossoró, minha felicidade foi grande, meus pais e irmãos ficaram felizes, e a partir daí começou tudo de novo, uma nova história, uma nova vida, com mais paz. Ozório tinha perdido o emprego e agora precisava ir a busca de outro e não era tarefa muito fácil. Anteriormente, eu já era empregada e, antes do casamento, havia tirado uma licença, e cheguei antes da licença terminar, portanto, não perdi o emprego, fiquei mais tranquila.

Ozório sempre muito estudioso, no ano de 1980, submeteu-se ao vestibular pela a Escola Superior de Agronomia de Mossoró, antiga ESAM. Felizmente é aprovado, o curso era muito intensivo e difícil, poucos terminavam em quatro anos, foi preciso ele se dedicar totalmente ao curso e não podia trabalhar e estudar, e eu tive que assumir a responsabilidade financeira da casa com muitas dificuldades, pois eu não recebia salário mínimo obrigatório e, morávamos em casa alugada e o que eu ganhava não era suficiente para o nosso sustento, a família sempre nos ajudou.

Em 1981, a Companhia de Habitação Popular do Rio Grande do Norte (COHAB) lança um projeto de habitação de casa popular para funcionários públicos de baixa renda. Então me escrevi e fui contemplada em uma das casas, na Rua José Menezes nº 5, Conjunto Abolição III, Mossoró – RN, última rua do conjunto. Chegou o dia do recebimento das casas, fui receber com tanta felicidade, que parecia uma criança quando recebia pela primeira vez um brinquedo. Uma casa simples, mas para mim era como se fosse um palácio. A casa ficava uns (cinco) 5 km do centro da cidade, era distante de meus familiares, mas fomos morar lá.

No ano de 1982, fico grávida, foi uma gravidez cheia de complicações. Meu sangue é B (-) negativo, sempre aparecia ameaça de aborto constante, enjoos, alimentações adequadas não existiam, sempre muito fraca e, assim, foi toda a minha gravidez. Completo os nove meses e o meu médico disse vai ser uma cesariana, e no dia 13 de julho do ano de 1982 às 10 horas da manhã, nasce o meu filho mais velho, Isaias, uma criança linda! Pesou três kg e setecentos

gramas, foram momentos de emoções e muita alegria, pois o que mais eu queria na vida era ser mãe, mas sabia que a nossa responsabilidade iria aumentar. Tive preocupações, as nossas condições de vidas não haviam melhorado, eu ainda estudando e trabalhando e, Ozório, também. De acordo com Freire (2014 p. 57), “É também na inconclusão de que nos tornamos conscientes e que nos insere no movimento permanente de procura que se alicerça a esperança.”

**Foto 17 - Gravidez do 1º filho, Isaias**



Fonte: Arquivo pessoal, 1982.

Ativa, dinâmica, forte pela força do sentimento de ser mãe, era convicta da maternidade, que me animava e renovava minhas forças para acompanhar meu esposo. A escola superior de Agronomia de Mossoró convida Ozório para trabalhar em um projeto agrícola com remuneração por alguns meses, o que foi de muita valia, mas, terminado o contrato, novamente, ele fica desempregado, mas logo encontra uma alternativa, passa a plantar frutas e verduras no quintal de casa e depois colher e vender na Companhia Brasileira de Alimentos (COBAL). Tudo em nossa vida foi sempre muito regrado, mas sempre bem administrado, chega o dia da colheita do nosso humilde plantio, ou seja, nossa horta de verdura e frutas do quintal, bem abençoada, conseguíamos vender tudo e era uma festa, pois tínhamos garantido o alimento do mês do nosso filho Isaias, hoje ele tem 36 anos.

Nesse momento crítico de nossas vidas, mais uma vez acontece uma luz no final do túnel: em Mossoró surge o Senso Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Ozório se inscreve e passa na seleção. É um trabalho periódico de alguns meses somente, mas foi bastante útil para nós, pois conseguimos equilíbrio financeiro. Em 1984, eu

engravido da minha segunda filha, gravidez também de muitas complicações, muito enjoo e até sangramento, ameaças de aborto, precisava até ficar internada, tinha que trabalhar todos os dias, vinha a pé para o centro da cidade, cerca de 5 km.

Nessa época, ainda cursava o magistério, terminava no ano seguinte. No dia 12 de novembro de 1984, nasceu às 12 horas, na Casa de Saúde e Maternidade Almeida Castro, minha filha Débora, nasceu com 3kg 500 gramas, muita linda, moreninha bem cabeluda e de olhos pretos.

Mais uma fase difícil em nossas vidas, mais despesas para administrar com tão pouco que se ganhava, mas tudo com a benção de Deus é muito. O meu salário continuava pouco, quando eu recebia ia para o supermercado e procurava comprar os alimentos, principalmente, o leite dos meninos, que fosse suficiente para o mês. Não pensava em comprar, qualquer coisa a não ser alimento para a nossa família.

Um dia, quando tudo havia acabado, os alimentos e o leite dos meninos, eu fiquei preocupada, pois só haveria alimentos para aquele dia, e conversando com Deus, me indagava o que eu deveria fazer. Já não tinha coragem de pedir nada a meus pais, na casa deles já havia tanta gente para comer. Nesse dia, meu esposo não veio para almoçar em casa, pois precisava ficar na Faculdade, tinha atividade acadêmica o dia todo, e nem sabia do que se tratava. No jantar dos meus filhos, que deveriam comer de três em três horas, o leite não era suficiente para uma refeição, portanto, foi preciso, nesse dia, dá garapa com açúcar. Mais ou menos às 17:30(dezessete e trinta) Ozório chega da Faculdade, trazendo um grande saco na cabeça e eu até me assustei! Uma feira enorme, mas como? Não tínhamos dinheiro, então ele me falou: “agora na Faculdade tem um programa de beneficiamento de alimentos para alunos carentes e eu fui contemplado.” Meu Deus! Chorei! Era o milagre de Deus! eu nunca esqueci, lembro até da mercadoria: feijão, açúcar, arroz, macarrão, farinha, leite, fubá, sardinha, ovos, manteiga, óleo, carne de charque, carne bovina e frango, até farinha láctea. Foi um mês todo de fartura e, o melhor: ele ia ficar recebendo todos os meses, muitas vezes, eu até dava um pouco para os irmãos mais carentes da igreja, que felicidades!

Em 1985, ele termina a Faculdade de Engenharia Agrônômica, mas continua desempregado, tenta arranjar emprego na sua área, mas não foi possível, então, ele resolve voltar para sua pertença sítio Cardosos município de Olho D’água dos Borges -RN. A busca de uma solução, alternativas, possibilidade de um trabalho, dessa vez, para sua pertença, de início ele foi pedir a permissão de seu pai para trabalhar em suas terras, e então, começa novamente outra batalha, Ozorio sem dinheiro, mesmo assim enfrenta o desafio.

Arregaça as mangas e vai à luta, pega as suas companheiras as ferramentas de trabalho de um agricultor, a enxada, pá, roçadeira e um machado. Dessa vez, enfrenta a terra seca e árida do Sertão Nordestino de muito sol ardente, que lhe revela seu estado de dor, mas ainda existe o esperar, porque logo chegará à chuva e, haverá fertilidade e se colherá em abundância e com fartura. Chega a tão esperada chuva! E mais uma vez se concretiza a profecia da terra e, assim, sucessivamente. Afinal o homem do campo também estava em busca do seu êxito social pelos saberes e as experiências já vividas. A partir dessas reflexões sobre a formação do sujeito no processo de construção de si. Freire (2014, p. 42) afirma que ao “Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto”. Assim o fiz.

Eu peço transferência do trabalho e venho morar com os meus filhos no Sítio Cardosos no ano de 1985. Ficamos alguns meses morando de favores com os meus sogros, pessoas do meu coração, sempre me trataram como uma filha, já não vivem entre nós, sinto muita saudade! Começo trabalhar no Centro de Saúde, na cidade de Rafael Godeiro-RN, próximo ao Sítio Cardosos, a (seis quilômetro) 6 km de distância. Fazia esse percurso a pé todos os dias, ida e volta. No final de semana, na sexta feira, era dia de se fazer a feira da semana, como eu não tinha transporte, pegava um saco, colocava na cabeça e seguia viagem para casa, chegava bastante cansada e precisava fazer todos serviços domésticos e cuidar de meus filhos, preparar tudo para o dia seguinte.

**Foto 18 – Francinilda Honorato e Rita Cortez - amiga de trabalho - auxiliar de enfermagem**



Fonte: Arquivo pessoal Rafael Godeiro-RN, 1986.

Todas essas vivências de diferentes saberes tanto de Ozório quanto minhas podem ser referenciadas nas quatro categorias de tipos de aprendizagens, que são adquiridas ao longo da vida, seguindo as lições de Josso (2010, p 71) São elas:

*Aprendizagens existenciais*, constitutivas do conhecimento de si como ser psicossomático, em nossas dimensões de ser-no-mundo, nossos registros de expressão e nossas competências genéricas transversais particulares;  
*Aprendizagens instrumentais* que unem os procedimentos e os processos, em todos os domínios da vida prática, numa dada cultura, num dado momento;  
*Aprendizagens relacionais* que possibilitam aquisições de comportamentos, estratégias de trocas de comunicação com o outro, o saber estar com relação a si mesmo, ao outro e ao mundo;  
*Aprendizagens reflexivas* que permitem a construção do saber-pensar em referenciais explicativos e compreensivos.

Com base em Josso (2010), inferimos que as *aprendizagens experienciais* de Ozório e minhas são os conhecimentos que nós vamos percebendo em nós, dos nossos sentimentos e temperamentos. Também do entusiasmo, das motivações, da alta autoestima; *as aprendizagens instrumentais* foram aquelas habilidades específicas para as quais nos adaptamos e nos organizamos nas diferentes situações e espaços inesperadas da vida; *aprendizagens relacionais* dependem da nossa capacidade de conviver com o contexto, com o inusitado e, assim, expressar e trocar conhecimentos um com o outro e, da mesma forma, nos desentender, nos entender, nos inquietar, nos possibilitar para o outro. Permitíamos pensar na vida com nossos pais, nossas ausências, nossas falhas, nossos acertos. São referências relevantes para o conhecimento de si e do outro e do mundo; finalmente, *as aprendizagens reflexivas* situadas na dimensão das habilidades, que possuímos para pensar de forma adequada, coerente e ética, tornando-nos possibilidades para compreender e explicar situações e resolver problemas.

Por esse entendimento, as dimensões das experiências trazidas por Josso (2010), fazem com que eu me lembre de que certo dia chegara um rapaz conhecido do meu esposo em nossa casa a procura de Ozório, para informar, que na Faculdade de Patu - RN, estavam precisando de professor no Curso de Matemática, então ele lembrou de Ozório. No dia seguinte Ozório foi a Patu e o diretor, já o colocou para dar aula. Ele conquistou todo o alunado e foi diretor por oito anos. O contato com o rapaz e o anúncio da chegada da referida faculdade leva Ozório a somar todas as suas experiências e buscar metas. Com ele, nos novos projetos, vou junto, como que vivenciando "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer (Pollak, 1987 p.3).

E, assim, na sequência da progressão acadêmica que, em desdobramento, leva toda a família a partilhar dessas conquistas.

Em 1998, ele vem para Mossoró para fazer o Mestrado, mais uma vez fico sozinha com os meus filhos, ele passa dias sem vir para casa, e me deixou com a enorme tarefa de cuidar de um grande plantio de frutas e verduras. Muitas vezes, quando chegava do trabalho, eu e meus filhos íamos aguardar todo o plantio, carregando as latas d'água na cabeça, tirando de um cacimbão, pois não havia irrigação.

Então, minha família, me orienta para ir morar na cidade e todos me ajudam a comprar uma casinha na cidade de Rafael Godeiro, próximo ao meu trabalho. Foi outra fase difícil, passaram-se dois anos e ele conclui o mestrado, volta a dar aula em Patu. Em junho de 1994, fico grávida e, próximo a ter minha filha. Em 30 de março de 1995, nasce a nossa filha Barbara, com 4 kg, bem forte e sadia, uma linda menina, e foi muita alegria para nós. Afinal, eu já estava com quarenta anos de idade, e a diferença da minha segunda filha Débora para Barbara era de dez anos.

No ano de 1997, Ozório sofre um acidente de moto, e quebra uma das pernas, precisei vir com urgência com ele para Mossoró. Fiquei alguns dias, esperando no hospital para ele ser operado, finalmente, consegue fazer a cirurgia, é preciso passar 30 dias em Mossoró para fazer fisioterapia. Ele com a perna imobilizada em cima de uma cama sem condições de andar sai do hospital e fica hospedado na casa de uma das minhas irmãs Maria de Fátima. Eu volto para o sítio para determinar os trabalhos, e deixar os meus filhos mais velhos Isaias e Débora, com os avós paternos e, trazer Bárbara, que só tinha dois anos de idade. Ozorio se recupera e voltamos para o Sítio. No final do ano de 1998, Ozorio me faz uma proposta: eu passar um tempo e depois voltar para o sítio, e os meninos ficarem em Mossoró. Aceito e venho para Mossoró com os meninos para estudar em escolas melhores, dizia ele que os estudos da região não eram suficientes para uma boa aprendizagem.

Compramos uma casa, na Rua dos Pereiros Nº 14, Conjunto *Urlick-Graff*. Colocamos nossos filhos para estudar. Fiquei morando sozinha com meus filhos. O pai permaneceu no Sítio Cardosos, vindo somente nos finais de semana, começou vindo às sextas, depois os sábados e, por último, só aos domingos. Passaram-se dois anos e logo acontece uma grande ruptura na minha vida. Minha separação.

Eu, mais uma vez sozinha, assumi a responsabilidade da casa e dos meus filhos, Bárbara tinha apenas cinco anos, sofreu muito, pois não entendia o que estava acontecendo. Os dois mais velhos já compreenderam mais, e me deram muito apoio, também, recebi apoio de toda família

inclusive da dele e dos amigos. Então falei para meus filhos “Agora somos só nós quatro! Mas com a força divina iremos vencer!”. Eu não sabia resolver muita coisa em relação à administração da casa, pois sempre fui dona de casa, e ele era quem, administrava o que eu ganhava. Agora, teria que resolver tudo, por exemplo, fazer feira, ir ao banco e outras coisas mais.

Passei a romper essas barreiras e fui à luta, não foi fácil, chorava todos os dias, porque ingenuamente procurava resposta para o que estava acontecendo. Então, certo dia eu tomei uma atitude com relação aos meus filhos mais velhos: eles estavam terminando o 2º grau, eu me preocupei e concluí que, meus filhos precisam fazer Faculdade. E, sem ninguém saber, arranjei dinheiro emprestado e fiz as inscrições dos dois no vestibular e eles passaram. Débora preferiu ir para Natal. Foi cursar Turismo. Isaias foi cursar, também, Turismo, mas preferiu fazer na FVJ em Aracati- CE, indo todas as noites de ônibus. Os dois concluíram no ano de 2005.

**Foto 19 - Família de Francinilda Honorato, formatura da filha Bárbara Meneses**



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Para todo esse movimento de vida Freire (1979) ensina que o homem ao refletir sobre si mesmo, poderá se descobrir como ser inacabado e, como tal, poderá ser sujeito da própria educação e não objeto dela. Por conseguinte, a busca por vivências de vida em diferentes contextos, a prática dos saberes em diferentes contextos culturais, a educação em todos os lugares deve ser embasada na luta, no empoderamento, na humildade, quanto à sua interação com os seus semelhantes; interação que “[...] comunica um saber relativo a outros que possuem

outro saber relativo” (FREIRE, 1979, p. 29). Isto leva à valorização dos saberes e fazeres da experiência dos sujeitos.

Diante da situação de ruptura na minha vida e para aumentar a renda familiar, fui fazer bolos para vender a funcionários em algumas repartições. Ainda, continuava ganhando pouco e não tinha transporte para ir deixá-los nas repartições, pegava um ônibus e saía com várias sacolas de bolos para entrega, as vezes, um dos meus irmãos, Josemar Honorato, tinha na época um fusca, quando vinha do trabalho, que ficava mais próximo a minha casa, ele passava lá em casa, pegava os bolos e fazia a entrega nas repartições, nos dias de sextas feiras. Passei muito tempo prestando esses serviços e estava muito feliz, pois conseguia completar a minha renda familiar.

Em 11 de junho de 2008, saiu a sentença do divórcio, desligamento total de regime de comunhão de bens. E, aqui termina mais uma história de amor, restando somente, entre, eu e Ozório, os laços de amizade e respeito.

#### **1.4 Minhas pegadas na história trazem à memória toda a trajetória que trilhei até agora: O Profissional – A Universidade**

A Casa de Saúde e Maternidade Santa Luzia foi um dos meus lugares de trabalho que me permitiu avanços. Em, 1971 eu tinha apenas dezessete anos, tive pela primeira vez a oportunidade de trabalho, um grande amigo de meu pai, Dr. Clóvis Augusto de Miranda, médico de renome e bastante conhecido por suas ajudas humanitárias e, também, sua esposa Laurita Rosado Maia de Miranda. Conhecedores da real situação de nossa família, 11 filhos todos desempregados e, eles como uns dos proprietários da Casa de Saúde e Maternidade Santa Luzia, diz para meu pai que vai empregar as três filhas mais velhas: Francinete, Francilene e eu; a minha irmã mais velha muito bonita vai para a recepção. Francilene e eu para trabalhar como auxiliares de enfermagem. Fizemos treinamentos e logo em seguida assumimos o posto de auxiliares de enfermagem de berçário.

**Foto 20 - Casa de Saúde e Maternidade Santa Luzia/Mossoró/RN – 1º Trabalho.**



Fonte: Arquivo Pessoal, 1971.

No início, fiquei temerosa em relação a função, era uma grande missão cuidar, de recém-nascidos, mas, para mim foi uma das maiores contemplações, que tive em minha vida. Aqueles inocentes estavam vindo ao mundo como estrelas, que surgem e brilham no céu, lembro que nos seus olhares me traziam uma inspiração de algo para dentro de mim, que renovava a minha alma, o meu sentimento. Muitas vezes estava com o calor, provocado pelo cotidiano da vida, mas a luz que vinha daqueles olhares tomava conta do meu ser.

Os momentos de temeridade, de tensões e dúvidas são formativos, foram formativos para meu crescimento. Conforme Josso (2010, p. 97) “[...] na maneira de vivê-las, de dar-lhes sentido ou de se projetar nelas a partir do imaginário”. Nessa dimensão vivenciada, foi preciso que eu considerasse o valor fundamental da experiência diária com essas diferentes possibilidades de espaços, que me permitiram empoderamento.

Trabalhava dia e noite, 24 horas (vinte e quatro horas) de plantão para folgar 24(vinte quatro horas) mas, nas vinte e quatro horas ausentes de minhas estrelas, sentia saudades. Trabalhar na Casa de Saúde e Maternidade Santa Luzia e conviver com esses sujeitos, me fizeram refletir de como nós seres humanos precisamos do outro semelhante para reconhecer o quanto eles são necessários para nos humanizar. Eles me fizeram ir à luta em busca de minha cidadania, de minha liberdade em relação ao meu trabalho, pois percebi que o trabalho é uma ferramenta indispensável à construção do ser humano. FREIRE (2000, p.33) afirma:

Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes.

Sempre trabalhei com muita dedicação e amor por tudo que faço. No hospital, as pessoas estavam lutando pela vida, mas, também, era lugar de nascimento e renascimento, havia trocas de estrelas: umas partiam para o céu, outras já estavam a caminho para brilhar na terra. Em dois anos de trabalho, pude obter experiências e construir saberes, que me fizeram uma pessoa de olhar diferente para mim e para outro.

Em 1974, novamente, Dr. Clóvis Augusto de Miranda me traz para o Centro de Saúde de Mossoró, órgão Estadual. Precisei estagiar por(seis) 6 meses sem remuneração, na função de atendente de médico, para que pudesse ter de fato o meu emprego garantido. No Estado, ainda, não havia concursos públicos, conseguia-se empregos por intermédio de pessoas, que tivesse amizade com o governador. Em 1º de agosto do ano de 1974, fui contratada definitivamente pelo Estado. Foi uma enorme felicidade, agora tinha conseguido um emprego de carteira assinada.

Os acontecimentos estavam sinalizando que, aos poucos, eu estava construindo a minha cidadania, o meu êxito social, pois as experiências vividas naqueles lugares foram de um enorme aprendizado, porque me aproximava, e me ensinava a conviver e viver com o outro. Esse aprendizado segundo Tardif (2012) “[...] os sujeitos são construídos por muitos saberes, os quais constituem a totalidade identitária de si.” Meus momentos de charneira, como afirma Josso (2010, p. 207) são momentos que compreendem “[...] aprendizagens de rupturas: ruptura nas relações afetivas; rupturas nos modos de vida; rupturas nas actividades; rupturas com os contextos socioculturais.” Para mim esses “Momentos Charneira” marcam as atividades para as quais eu não imaginava que poderia suportar. Momentos de ruptura do pensar sobre mim e sobre o outro, às adversidades de todas as ordens, biológica, social, cultural, política, econômica e religiosa, que nos levam para uma zona de desconforto para lidar como inusitado em nossas vidas. Situações que nos colocam à prova, e geram dúvidas, embaraços, aflições, insegurança, incômodo e conflito. Não sabemos quanto somos capazes de superação. Superamos, colhemos, recorremos a diferentes dispositivos e seguimos. Escolhas, desejos e oportunidades se estendem como um tapete convidativo em nossa trajetória de vida, como foi na minha. Ficamos machucados, marcados, feridas abertas, fraturas indesejadas, mas, seguimos pelas motivações que o contexto nos oferece.

Exerci função por dois anos na mesma repartição, porém, depois fui assumir a função de Auxiliar de Secretaria, na qual passei mais dois anos e, muitas vezes, substituía a Secretária Geral. Então, construíram um grande laboratório regional do estado e fui convidada para fazer um Curso de Auxiliar de Laboratório. Exerci esta função até o ano de 1979, ano em que casei

pedi licença e fui residir no Estado do Pará. Após seis meses termina a licença e retorno para Mossoró. Mais uma vez, tive a oportunidade de trabalhar com o público carente e ajudar aquelas pessoas, através do meu trabalho. Graças a Deus, consegui resolver muitos problemas.

O Laboratório Regional de Mossoró, inaugurado com esse nome, possuía uma estrutura física muito grande, com setores de atendimentos diferenciados tais como: recepção, direção, secretaria, 3 salas de coletas de amostras para exames, setor de registro, setor de análises do Iodo do Sal. Todos com atendimentos diariamente em 2(dois) turnos nos dias úteis. Os exames realizados eram gratuitos e o público alvo eram pessoas carentes de Mossoró e região. O laboratório tinha uma equipe com boa qualificação, composta por Analistas Bioquímicos, Técnicos de Análises Laboratoriais; Diretor; Vice-Diretor; Secretária; Guardas Sanitários e Auxiliares de Serviços Gerais. Na minha história de vida percebo as lições de (JOSSO, 1991, p. 208) afirma que:

Assim, o que foi formador no meu percurso, foram as actividades, situações, acontecimentos, encontros e relações que me fizeram descobrir realidades desconhecidas até então e que me permitiram exercer ou adquirir qualidades, que me provocaram tomadas de consciência, que interrogaram os significados adquiridos ou criados anteriormente e me forçaram a reelaborar o sentido.

O meu trabalho era auxiliar os analistas, que realizavam os exames laboratoriais, e a minha parte era a que antecedia o trabalho dele, exames de fezes, urina, sangue, testes de gravidez, teste de tuberculose, teste de hanseníase e outros. Todos os exames passavam por meu registro e toda preparação. Muitos deles eram analisados e diagnosticados por mim, o que me condicionava a lutar por aqueles que ali estavam a busca de um resultado satisfatório. Realizar esses exames é ter compreensão do que isso significa para quem o realiza.

Passei analisar os sujeitos pelas amostras coletadas, através do meu olhar em um microscópio e ao ver cada célula examinada, me permiti fazer uma viagem e penetrar no universo de cada sujeito. Não era aquele olhar de ver um material coletado dentro de um recipiente, mas penetrar no universo desses sujeitos para responder à pergunta das angústias desesperadoras a espera de um resultado, que lhes trouxesse um esperançar de vida. Neste contexto, tais experiências me trouxeram conhecimentos jamais imaginados, que na minha vida profissional eu teria a oportunidade através de meus fazeres, construir os saberes para o entendimento para si e o conhecimento de si. Na continuidade dessa minha trajetória, houve rupturas, mas foram necessárias para que eu pudesse refletir e conhecer mais tarde, outros caminhos e outros espaços. Segundo Freire (2015, p. 137):

O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica etc., que nos estão condenados à desumanização. O Sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanente na história que fazemos e que nos faz e refaz.

Vim para Mossoró em 22 de abril de 1997, para que, os meninos pudessem estudar em escolas melhores. Houve uma Redistribuição na Secretaria que eu estava lotada, em decorrência de mudança de Governo do Estado. Procurei uma repartição do Estado para me locar, pois a Secretaria da Saúde não estava recebendo transferências ou redistribuição. Foram momentos de muitas preocupações.

Algo surpreendente me aconteceu, meu esposo soube que sua amiga, a Prof.<sup>a</sup> Natália Bezerra, mulher conhecida em toda cidade de Mossoró pelas suas ações humanitárias, estava assumindo a Central do Cidadão em Mossoró. Ele pede à professora que me coloque nesta instituição. Mas felizmente, falo “felizmente”, porque algo de bom na minha vida estava para acontecer a partir desse “não”. A professora nos recebeu muito bem e nos explica os motivos de daquela interrupção com muita tristeza. Segundo a professora, havia recebido uma ordem do Senhor Secretário do Estado para não receber nenhuma transferência, enquanto não se fizesse um levantamento do quadro da instituição, que já estava superlotada.

Prof.<sup>a</sup> Natália, muito preocupada por não ter nos atendido satisfatoriamente, nos encaminhou para sua irmã, a Prof.<sup>a</sup> Vera Núbia Bezerra, que nessa época, trabalhava na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Era Pró-Reitora adjunta, juntamente, com a Prof.<sup>a</sup> Sirleyde Dias de Almeida, Pró-reitora de Recursos Humanos e Assuntos Estudantis (PRORHAE) da UERN, cujo, o Reitor era o Prof. José Walter da Fonseca.

A chegada à UERN para mim foi algo muito novo, ou seja, muito inusitado, era a primeira vez, na minha vida que entrava em uma Universidade. Mundo esse muito estranho para mim, eu ficava conversando com Deus se teria sido um presente divino, “não sabia o que iria fazer na UERN”. Minha área é outra. Tantas experiências, saberes da experiência viriam.

Saberes que exigem paixão, amor e debruçamento. Para Bondía (2002, p. 21), “[...] a experiência é o que *nos* passa, o que *nos* acontece, o que *nos* toca. Não o que se passa não o que acontece, ou o que toca”. A experiência e os saberes da experiência foram um caminho recheado de portas de sabedoria e determinação e resistência. Em meu cotidiano constituiu uma passagem de uma situação para outra de forma reflexiva e ativa para enfrentar sua vida, que reservava um significado, um sentido.

A Prof.<sup>a</sup> Vera Núbia e a Prof.<sup>a</sup> Sirleyde me receberam bem e estavam cientes do assunto solicitado pela a Prof.<sup>a</sup> Natália. De imediato, fizeram um encaminhamento à Prof.<sup>a</sup> Maria das Dores Lopes Paiva, Diretora da Faculdade de Educação-FE, pedindo para eu ficar à disposição da Faculdade. Tive uma excelente recepção por todos. Então, a Diretora Dorinha, assim como era chamada, disse que eu iria assumir a Secretária do Curso de Especialização. Não consegui acreditar já que eu não possuía curso superior e não me sentia preparada para assumir esta função. Contudo, a Prof.<sup>a</sup> Dorinha continuava acreditando em minha capacidade. Fui apresentada à Coordenação do Curso, na época, Prof.<sup>a</sup> Anadja Marilda Gomes Braz e a Prof.<sup>a</sup> Francisca Otilia Neta, hoje, ambas aposentadas.

Passaram o trabalho para mim: cadastrar todos os livros da Biblioteca Setorial da Faculdade de Educação e, guardá-los dentro dos armários, pois ainda não tinha estantes. A biblioteca ficava dentro da Secretaria do Curso. Aquele serviço já era o suficiente para me deixar orgulhosa do que eu estava fazendo. Tudo estava dando certo. Os caminhos por mim trilhados iam traçando possibilidades e tecendo saberes, pois o lugar proporcionava ensinamentos a todos que ali estavam.

Mundo totalmente diferente do meu anterior, mas os fazeres cotidianos me revelavam, que o sonho da mulher sitiante dava sinal de que ali seria a sua realização profissional. Aos poucos, fui me familiarizando cada vez com o serviço e dando conta das minhas tarefas. Na condição funcional de – à disposição – trabalhei por seis anos, aproximadamente. O Prof. José Walter da Fonseca, reitor da UERN, solicitou ao Governador do Estado minha relotação definitiva para o quadro funcional da Universidade. Certo dia recebo uma correspondência, que trazia o Jornal Oficial do Estado, comunicando a publicação da relotação definitiva para o quadro da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Continuei na mesma trajetória, trabalhando nos Cursos de Especialização. Concluídos já doze Cursos desde 1999 a 2017. Os cursos são distribuídos por Campos Temáticos: Gestão do Sistema de Ensino, Alfabetização, Educação Especial, Currículo, Formação de Professores e, o último de 2017, em andamento, com a temática específica de Especialização em Educação: recursos didáticos e aprendizagens.

Para o processo seletivo de 2018, o Curso de Especialização em Educação: O diálogo entre linguagens para a construção da cidadania. Todos na área da educação, formando professores das Redes Estadual, Municipais e Privada para a Formação Continuada. Esses cursos são oferecidos e trabalhados por professores Mestres e Doutores, da Faculdade de

Educação, com qualificação profissional e pertinência ao aprendizado ao êxito profissional e social.

Enfrentando situações adversas a partir de uma trajetória de trabalho, que me exigiam aprender a aprender sempre, no entendimento de Josso (2010), *ter experiência* consiste na vivência de situações e acontecimentos no decorrer da vida, que não foram provocadas pelo sujeito e que se tornaram significantes por ter marcado a sua história; *fazer experiência* significa criar, propositadamente, situações e acontecimentos vivenciais; *pensar sobre a experiência* consiste na vivência de situações e de acontecimentos, no decorrer da vida, que não foram provocadas pelo sujeito e, também, criar, propositadamente, situações e acontecimentos vivenciais. Tais etapas estão e são recorrentes em minha vida. Aprender e reaprender, aprender a aprender todos os dias, em meio ao sentimento de impossibilidade, que me erguia, mesmo pensando que não daria conta das provações da vida. Quantos desertos vivi, mas tão fortes como foram em enfrentamento, foram em possibilidades.

Na esteira das aprendizagens das programações dos cursos coloquei a força da experiência das atividades exercidas por mim anteriormente à chegada à UERN. Josso (2010) diz que *ter experiência* consiste na vivência de situações e acontecimentos no decorrer da vida, que não foram provocadas pelo sujeito e que se tornaram significantes por ter marcado a sua história; *fazer experiência* significa criar, propositadamente, situações e acontecimentos vivenciais; *pensar sobre a experiência* consiste na vivência de situações e acontecimentos, no decorrer da vida, que não foram provocadas pelo sujeito e, também, criar, propositadamente, situações e acontecimentos vivenciais. Quantas aprendizagens obtive dessas vivências, desses percursos. Dos espinhos, fiz rosas, das pedras, construí minhas oportunidades.

Minha luta juntamente com os professores e alunos me fazem sentir um ser humano mais realizado, pois, muitas vezes, me sinto no papel de mãe, psicóloga e, até mesmo, de professora, mas, não de uma professora que lecionava as disciplinas do Curso, mas, a professora, que era procurada pelos alunos, em momentos de angustias e dores.

Em 19 de junho de 2009, o Curso de Especialização da Faculdade de Educação, completa dez anos de atuação, houve comemorações. Os convidados foram os ex-coordenadores, alunos, professores e funcionários. |Todos receberam homenagem de reconhecimento acadêmico. Foi uma linda comemoração, eu procurei organizar, juntamente com a Professora Dr<sup>a</sup> Anadja Marilda Gomes Braz, coordenadora do curso. Recebi o Certificado de Reconhecimento Acadêmico, o que muito me comoveu.

Foto 21 - Certificado de Reconhecimento Acadêmico



Fonte: Arquivo pessoal, 2009.

Recebi, também, uma homenagem de um aluno de um dos Cursos de Especialização, que me presenteou com um lindo cartão com a nossa foto.

Foto 22 - Homenagem de aluno a Francinilda



Fonte: Arquivo pessoal, 2009.

O que se imagina de uma mulher de sítio? Simples e sofrida pela marca do tempo, que vem para cidade grande, sem saber o que o novo mundo iria lhe oferecer. Com base em suas experiências e saberes de mulher de sítio, começa a buscar êxito social. Sua cidadania fica fortalecida com sua chegada a uma Universidade. Mundo gigante, lugar que se ensina e se

aprende e faz os sujeitos “Aprender a Ser, Aprender a Conhecer, Aprender a Fazer, Aprender a Conviver”.

Minha trajetória como profissional, nesta instituição, me dá orgulho e prazer. Encontro amizade, amor fraterno e respeito. No dia 10 de julho de 2008, outro acontecimento que marcou minha vida: era o dia do meu aniversário, cheguei bem cedo para trabalhar como de costume e ouvi um movimento em frente a Faculdade, provocado pelo “Trem da Alegria”, cheio de faixas com frases lindas em minha homenagem e de minha colega e secretária da Faculdade de Educação- FE/UERN, Nadja Helena Trigueiro.

Em minha trajetória pessoal e profissional percebo alguns elementos e componentes citados por Bondía (2002, p. 24):

Não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial.

Meus colegas e professores me surpreenderam com uma enorme festa de aniversário, com direito a palhaço, músicas e bolo e me colocaram dentro desse trenzinho e saímos pelas ruas de Mossoró. Eu chorava o tempo todo, foi um dos dias mais felizes de minha vida, me sentia como uma criança, que recebia pela primeira vez a boneca de seus sonhos. Parece que eles adivinharam, que nunca tive uma festa de aniversários e, depois, dessa eles, sempre me fazem surpresas, pois todos os anos comemoram, de forma diferente, o meu aniversário.

Hoje, aqui nesta Faculdade, já me vejo uma mulher diferente, através da construção de conhecimento, que trilho cotidianamente pelos corredores dos saberes adquiridos.

Trabalhando na Faculdade de Educação, vi, que com base nos estudos, os sujeitos de uma sociedade se educam e se transformam e segundo Freire (2015, p. 95): “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

Certo dia, colocando um aviso no mural da Faculdade, um anúncio me chamou atenção: um cartaz, que anunciava uma seleção de vestibular para uma Faculdade particular de Teologia, que funcionaria com aulas presenciais somente quinzenalmente aos domingos, do Estado do Ceará. Um dos critérios era fazer uma redação. Aquilo me inquietou, fui para casa e pensei bastante, resolvi fazer o vestibular, passei, fiquei incrédula. Pulei de alegria! Avisei a todos do acontecido. “E agora como vou pagar essa Faculdade?” me perguntava. Começaram as aulas, e não perdia um encontro, agradecendo a Deus porque via que eu estava nos caminhos dos meus

sonhos. Tudo me indicava que ia dar certo, continuei, mas precisei deixar de frequentar, pois uma crise financeira me sufocava.

Fiquei sem estudar algum tempo e, quando minha situação financeira melhorou, voltei para a Faculdade e consegui me formar no ano de 2007. “Mais uma vitória em minha vida, um sonho realizado”, pensava eu. Pronto consegui, agora já estou formada! mas o destino queria mais de mim! Logo vem um convite para uma Especialização em Psicopedagogia e, mais uma vez um desafio diante de mim.

**Foto 23 – Formatura de Francinilda Honorato em Teologia**



Fonte: Arquivo pessoal, 2007.

A mesma faculdade oferecia o curso, fiz todas as disciplinas e quando chegou a época das orientações, não havia orientador. Não aceitei mudar o tema na área da inclusão. Fiquei sem orientador, portanto, não poderia concluir o curso. Porém, um anjo aparece no meu caminho. Em conversa com a Prof.<sup>a</sup> Ana Lúcia Aguiar, falo sobre tal situação, então ela diz “você não vai deixar de concluir a sua especialização, porque eu vou lhe orientar”. No dia seguinte, ela foi falar com o Diretor da Faculdade e disse para ele: “eu estou disponível para orientar Francinilda Honorato, e não vou cobrar por esse trabalho, mas você vai abater na

mensalidade dela o que teria que pagar a um orientador externo.” O diretor atendeu e ela fez todas as orientações. Através de sua ajuda, consegui terminar o Curso de Especialização.

Esse universo me fez descobrir, que: “Além do horizonte existe um lugar bonito e tranquilo pra gente se amar”, como canta Roberto Carlos em uma de suas músicas. Trabalhei também na Biblioteca Central: um expediente na Faculdade de Educação pela manhã e na Biblioteca Central, à tarde. O meu serviço era cadastrar livros. Esse período me proporcionou outras experiências e outros saberes, em prol do êxito social de uma mulher de sítio, pelos seus estudos acadêmicos. Retorno à Faculdade de Educação e fico dessa vez definitivamente os 2 (dois) expedientes, sempre trabalhando nos Cursos de Especialização da Faculdade de Educação.

No ano de 2008, a Prof.<sup>a</sup> Ana Lúcia de Oliveira Aguiar, membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicologia e Educação Inclusiva (GEPEI), me convida para participar desse grupo. Fiquei e perguntei: “Ana? Eu posso? Sou apenas Técnica Administrativa na função de Secretária da Especialização! Vou poder?”. Na Faculdade, um técnico não era considerado capaz de colaborar com academia e, também, ter a sua Formação Continuada. A Prof.<sup>a</sup> Ana me responde com uma linguagem que, às vezes gosta, de dizer: “Oxente, porque, não pode? Vou levar o seu nome para o grupo, está na hora do grupo integrar outras pessoas.” A Prof.<sup>a</sup> Ana Lúcia é assim! Tem um olhar aguçado, no mundo da educação e da diversidade, trabalha com amor e dedicação. Ela faz toda diferença em qualquer segmento que esteja.

**Foto 24 - A professora Ana Aguiar e Francinilda Honorato fazendo uma entrevista coletiva construindo o artigo do vaqueiro**



Fonte: Arquivo pessoal, Sítio Sereno, Mossoró, 2017.

Uma Roda de Narrativas, nos jardins das terras do Sítio Sereno, me leva aos momentos de início da metodologia da pesquisa (auto)biográfica. De forma simples, suave, leve e profunda, realizamos as Rodas de Narrativas embaladas pelo vento, que deixava chegar aos nossos rostos o toque de suave das reminiscências. A partir desse olhar da Prof.<sup>a</sup> Ana, pude sentir uma total mudança em minha vida. Os olhares eram diferentes, senti que a nova atitude começava surtir efeitos, eu estava adquirindo direitos e, ao mesmo tempo impondo respeito. Continuei participando do Grupo de Pesquisa e realizando trabalhos com a professora, a quem a chamo de “anjo na minha vida”. Ela revoluciona de forma positiva todas as pessoas, que estão ao seu redor. Eu a comparo como um bom pescador, que já conhece no mar, o local em que se encontra o seu maior e melhor cardume.

Em 2015, o Grupo de Pesquisa assume uma nova nomenclatura: Grupo de Estudos e Pesquisa em Memórias (Auto)Biografias e Inclusão (GEPEMABI) que tem como líder a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Francisca Maria Gomes Cabral Soares e vice-líder a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> PhD, Ana Lúcia de Oliveira Aguiar. Esse grupo tem crescido em números de pesquisadores e, principalmente pela qualidade das pesquisas publicadas em periódicos, livros e em anais de eventos científicos. Tudo isso acontece porque existe uma estrutura acadêmica, bem organizada através dos estudos e pesquisas. Seus participantes são professores com titulação de Mestres e Doutores. São alunos de Graduação, alunos mestrando e, também, alunos doutorando das comunidades acadêmicas parceiras.

Os trabalhos, desenvolvidos tem repercussão no âmbito da educação em níveis regionais, nacionais e internacionais. A UERN, hoje, pode ser considerada uma Universidade, no ranking nacional, a que mais se destaca nas ações de políticas inclusivas e de diversidades. A Universidade me deu condições para afirmar que o “bom da viagem é a viagem”, palavras da Prof.<sup>a</sup> Ana Lúcia Aguiar. E para mim, o bom da viagem significa estudar e participar universo e traçar minha trajetória dentro e fora desse mundo, que até ontem era desconhecido por mim.

Vejo, agora, a importância de trabalhar dentro de uma Academia em Educação. Meu trabalho, juntamente, com a Prof.<sup>a</sup> Ana, nos Grupos de Pesquisas me possibilitou uma caminhada, pelo viés do possível sonho a ser realizado, por uma educadora que ainda acredita que o fazer educação não é somente armazenar conhecimento de conceitos e conteúdos numa instituição universitária, mas é tecer o caminho das oportunidades para aqueles sujeitos, que, ainda, estão à espera do olhar que faz todo a diferença.

Assim aconteceu comigo, uma mulher de sítio que busca êxito social pelo o estudo. Sua história de vida a fez chegar a uma universidade, cujas experiências do saber fazer, poderão

levar conhecimentos para aqueles, que, ainda, não obtiveram o seu êxito social, nem consciência de cidadania.

Usualmente, me indago “Como cheguei ao sonho? Tão impossível! Mas tão esperado e tão almejado o mestrado. Seria possível? Como chegar?! Uma educadora de linha Freiriana confiou em uma pessoa que se achava incapaz, apesar de já ter saído da opressão e lutava por sua cidadania e liberdade de viver a vida.

Em 2015, a Prof.<sup>a</sup> Ana Lúcia de Oliveira Aguiar, guerreira do cangaço<sup>10</sup>, e educadora por convicção, que jamais desiste de ir à luta por aqueles, nos quais confia e acredita na potencialidade, me convidou para cursar, em caráter especial, a disciplina Memória, Formação e Pesquisa (Auto)Biográfica”, ofertada e ministrada por ela, no Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC/UERN).

Foi por meio dessa disciplina que me encontrei com os estudos dessa área. Foi amor à primeira vista, tudo muito apaixonante, pois, até então, eu não tinha conhecimento do que era a (auto)formação pelas narrativas (auto)biográficas. Essa disciplina foi a responsável por mudanças em minha vida, pois me possibilitou compreender os meus empoderamentos e momentos charneira<sup>11</sup>. Comecei a acreditar que o ser humano é capaz de transformações e mudanças, pois o sujeito se descobre e descobre o outro. A construção de conhecimentos depende dos saberes, que advém da academia e, também, daqueles que vêm de histórias de vidas dos sujeitos.

Tive em todo o meu percurso de vida muitas opressões provenientes de pessoas de minha família e de mim mesmo. Nunca acreditei em minha capacidade, nos meus sonhos, sempre deixei os meus desejos em segundo plano, em favor da família e do outro. Nunca me via como um ser capaz, um ser que precisava de cuidados e de melhoramentos. Quando comecei a me aproximar das atividades acadêmicas da Faculdade de Educação, um novo mundo se abriu à minha frente. Novas leituras de mundo, estranhamento de fatos, que, até então, passavam despercebidos no cotidiano. O amor por mim mesmo, encheu meu peito e, me fez sentir viva, pois estava começando a compreender como é gostoso viver no mundo, formando opiniões próprias, com pontos de vistas a expor, tudo proporcionado pela leitura e vivência com o outro. Segundo Freire (1987), os sujeitos aprendem porque são seres sociais, porque a coletividade se faz no diálogo com outro e com o próprio mundo. A partir de suas experiências e da construção

---

<sup>10</sup> Nome dado ao grupo de alunos orientados pela Prof.<sup>a</sup> Ana Lúcia Oliveira Aguiar. Este grupo trabalha sempre junto em organização de eventos, seminários, grupo de pesquisas e extensão.

<sup>11</sup> Momentos ou acontecimentos – Charneira são aqueles que representam uma passagem entre duas etapas de vida, um “divisor de água”.

do seu saber, o sujeito comum aprende na convivência diária e enfrenta a vida de forma como ela é e a valoriza.

A empolgação e a crença de que eu tinha realmente me transformado em uma nova pessoa, deram-me forças para galgar o mestrado, como aluna regular. O caminho foi árduo, foram muitos seminários, encontros, estudos, debates e discussões, que foram moldando a minha consciência crítica, o meu entendimento sobre a educação. Estava firme em meu objetivo, sempre contando com apoio de professores e colegas de profissão, que acreditavam, também, que meu sonho era possível.

O edital foi publicado. Com o frio na barriga, mas com o propósito firme para a minha conquista, iniciei os estudos. A bibliografia indicada não era simples nem fácil. Dois nomes relevantes para as áreas da Educação e das Ciências Sociais estavam na lista, Bernard Charlot e Boaventura de Sousa Santos. Eis o meu grande desafio.

Foi preciso conciliar estudos, cuidado com a família, trabalho, sem deixar de participar de todas as atividades acadêmicas já programadas. Fiz a leitura dos livros, fichamentos, li resenhas, vídeos, porém o mais importante para minha formação e entendimento, foi o debate com as colegas, que também pleiteavam uma vaga no mestrado. A discussão foi esclarecedora, pois além de estudar a teoria, procuramos fazer um entrelaçamento da teoria com fatos do dia a dia. A leitura não era de fácil entendimento, mas aos poucos, fomos percebendo que o conteúdo teórico daqueles parágrafos complexos dizia muito sobre nós, sobre alguém que conhecemos.

Chega o dia da prova, 09 de maio de 2017, ainda me sinto insegura! Deu-me medo de enfrentar, pensei em desistir. A prova seria no período da tarde, então, procurei a Prof.<sup>a</sup> Ana Lúcia e falei para ela “não irei mais fazer a prova!”. Nesse momento, ela me dá uma olhada em um grau de 90°, fora o puxão de orelha que só quem a conhece sabe! Foi o suficiente para melhorar meu ânimo, corri para dentro de uma sala, refleti um pouco, e resolvi aceitar o incentivo da professora. Chega o horário da prova e o vou para sala, procuro o final da sala, bem no recanto, como um refúgio, faço uma oração e começa a prova, e tudo começa a clarear em minha mente. Gosto da prova. Essa etapa termina e a ansiedade continua à espera do resultado. Finalmente, chega o dia do resultado da prova escrita, lembro que estava em Atividade de Extensão com o Projeto História de Vida em música, teatro e desenho com a Prof.<sup>a</sup> Ana Lúcia, no Complexo Penal Estadual Agrícola Mario Negócio (CPEAMN) com toda equipe. As horas naquele dia para mim eram eternas. Chega a hora de voltarmos, a Prof.<sup>a</sup> Ana, atenta como sempre, às 17 horas, abre na página da UERN, e o resultado sai: o primeiro nome que eles

procuraram foi o meu. Meu coração quase não aguentou de tanta emoção quando me deram a notícia da minha aprovação, cai de joelho e agradei a Deus.

Tudo caminhando para um destino tão sonhado, sinalizando que as trilhas, que estava percorrendo, abriam espaços e traziam esperança. Chega o dia do resultado do projeto, novamente sou aprovada, a felicidade é incontestável, passo assim para a última etapa: a entrevista que mais mexe com o emocional do candidato. Estudo bastante. Chega o dia, lembro que o meu horário foi às 16 horas, fiz a entrevista e a expectativa foi grande pela espera do resultado. Finalmente, chegou o dia do resultado final, fui aprovada, a minha emoção foi tão forte que nesse dia não consegui dormir, não parava de receber os parabéns através do meu telefone.

Após esse momento, no mês seguinte, partimos para outra fase, o Exame de Proficiência. Particpei de dois exames e não consegui ser aprovada. Escrevi-me pela terceira vez no Exame de Proficiência em Espanhol. No dia da prova, eu mais uma vez penso em desistir. Meus colegas que iam fazer comigo desistiram. Então a Prof.<sup>a</sup> Ana Lúcia, outra vez me puxa a orelha, e diz “você vai sim fazer essa prova!”, criei coragem e fui, mas não fiquei satisfeita achei a prova difícil, mas quando saiu o resultado tive a maior surpresa, passei. Fiquei aliviada, então agora eu poderia continuar as minhas atividades mais tranquilas.

Dia 21 de agosto de 2017, chega o dia tão esperado por todos, início das aulas do mestrado, eu mestranda, nem acreditava! Nossa primeira disciplina Educação e Cidadania, ministrada pela Prof.<sup>a</sup> Ana Lúcia de Oliveira Aguiar, PhD em Educação. O semestre letivo 2017.2: na primeira aula, com direito a um aprendizado de relevância e de cultura, na trajetória dos fazeres e saberes através dos que buscam educação e cidadania pelos estudos. Freire (2015) afirma que o homem é um ser inconcluso e entendido nessa condição está sempre na busca do ser mais, em seu processo de construção.

Iniciamos nossas primeiras orientações para a Dissertação do Mestrado. A pesquisa (auto)biográfica irá relatar a trajetória de vida de uma mulher de sítio com o título: *Êxito Social através de história de vida e formação: trajetória de uma mulher de sítio em diálogo com os saberes da experiência e os saberes acadêmicos.*

A disciplina ofertada traz em sua metodologia a total aproximação com a pesquisa (auto)biográfica, com a qual trabalho na minha dissertação de mestrado com a Professora orientadora, Ana Lúcia Oliveira Aguiar com o título *Êxito social através de história de vida e formação: trajetória de uma mulher de sítio em diálogo com os saberes da experiência e os saberes acadêmicos.* Por esse caminhar, na teia dos estudos com a (auto)biografia me fiz outra,

me transformo e me formo diariamente. Formo-me e formo. Relembrando de Josso (2010), a metodologia (auto)biográfica admite que a pessoa seja objeto e sujeito da sua formação. Desde que iniciei pela aproximação à referida metodologia, percebo que estou me constituindo no processo de pesquisa-formação com relevo para além de um meio de investigação. Revi-me como humana em processo de humanização, de poder fazer, de poder estudar, de poder revisar-me. Mais do que uma metodologia, para mim, é, também, um instrumento pedagógico-humano. A partir das pistas da (auto)biografia, aqueci minha sensibilidade com enfoque em mim mesma, no meu cotidiano, nas pessoas, nos detalhes da vida diária e no outro. Posso examinar detalhes, recortes, e contextos dos sujeitos em sua diversidade para trilhar lugares e, assim, conhecer sujeitos e memórias de suas vidas em sociedade. Começo a ter entendimento dos princípios da diversidade humana a partir das experiências de cada um e de todos. Percebo os modos e espaços de fazer e saber narrar histórias individuais e coletivas. Esse salto foi forte e está presente em minha vida. Por esse prisma, me reconheci como possibilidade de me enfrentar para me defender da minha condição de pensar que sou menos, podendo ressignificar conhecimentos e aprendizagens experienciais, dando um novo sentido à formação e à vida.

Fecho este capítulo com a vontade de reviver a viagem de volta sobre os poemas de Pablo Neruda ao dizer sobre a experiência de navegar e regressar com alegrias para sentir na viagem e na força de cada canto vivido a liberdade como um dom especial de colher tesouros. Aonde estejamos, mesmo em espinhos, dores e aflições, precisamos nos colocar aos ferimentos e encontrar novos voos encontrando em cada lugar ternura. Embebida da força do reaprender a vida sentindo o aroma de cada canto viajado aprendizagens superações, socialmente referenciadas fundamentada em desejos e sentimentos. A metodologia da pesquisa (auto)biográfica permitiu, que grilhões que me amarravam a uma história, na qual me colocava como menos. Permite que minhas ações me façam caminhar pela vida consciente, agindo e sabendo que faço minhas escolhas, portanto, estou conseguindo aumentar minha capacidade de pensar rumo à superação dos obstáculos, com mais lucidez, no processo de formação. Finalizo envolvida pelo que nos alimenta Pablo Neruda: “Regressei de minhas viagens. Naveguei construindo a alegria”. Ao entrar no capítulo seguinte, intitulado **Saberes da experiência de uma mulher de sítio: lugares e fazeres (auto)formativos** navegarei por entre águas tranquilas ou revoltas, mas já refeita pela crença de que construí alegrias.

## CAPÍTULO 2: SABERES DAS EXPERIÊNCIAS DE UMA MULHER DE SÍTIO: LUGARES E FAZERES (AUTO) FORMATIVOS

[...] Mas gostaria que se admitisse a importância de se fazer uma distinção entre “experiência existencial” e “aprendizagem pela experiência”. Com efeito, a experiência existencial diz respeito ao todo da pessoa, diz respeito à sua identidade profunda, à maneira como ela vive como ser; enquanto a aprendizagem a partir da experiência, ou pela experiência, está relacionada apenas com as transformações menores (JOSSE, 2010 página 55)

**Foto 25 - Francinilda Honorato e Ana Lúcia Oliveira Aguiar, Sítio Cabeços/PB**



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Antes de iniciar este capítulo, gostaria de falar sobre a dimensão da experiência profunda de uma mulher de sítio que se revigora, encanta-se, percebe-se com um trajetória que inscreve-se nas vivências de uma identidade de sítio, na labuta da terra, na experiência com o pai, a mãe e irmãos que cresceram com a experiência existencial, com experiências que quem vive o ser no conhecer, no fazer. Conforme afirma Josso (2010) a experiência existencial está ligada à existência que se distingue pelos saberes vivenciados ao longo da prática e ao longo da vida dos sujeitos. Esta é a dimensão que apresentamos neste capítulo. No meu caso, os saberes da minha existência enquanto mulher de sítio, me autorizam a de narrar, ouvir, escutar aos que fizeram, no passado, parte considerável da minha existência, bem como da produção de uma base de vida.

Ressalto que neste capítulo e em toda a construção do texto dissertativo, enfocamos essas experiências existenciais, também como se dá a aprendizagem pela experiência. Sendo a primeira relacionada ao todo de um sujeito, como por exemplo, sua identidade mais autêntica, maneira do viver de uma pessoa. Na segunda, aprendizagem da experiência, aprendemos pela experiência das transformações como seres humanos, porém, em uma dimensão menor às quais nos identificamos com a trajetória existencial, mostrando como um sujeito é capaz de construir a sua (auto)formação utilizando-se com esses saberes e experiências de uma mulher de sítio em seus lugares e fazeres.

Neste capítulo, falamos dos saberes e das experiências de uma mulher de sítio, que mostra, através de narrativa (auto)biográfica, como essa mulher construiu seus saberes e suas experiências como sitiante. Conta suas passagens por esses lugares, e fazeres, construindo sua história de vida que conduziu para o caminhar da (auto)formação e empoderamento. Relata como uma mulher sitiante conseguiu construir uma história de superação do estigma da terra, do campo, ao êxito social através dos seus estudos. Esses lugares e saberes, vividos na terra, abriu espaço para o diálogo entre os saberes das experiências, com os lugares e fazeres (auto)formativos, a sua trajetória de vida, os caminhos por ela vivido, a memória dos sujeitos, dos lugares, dos acontecimentos como espaços de reflexão.

Desde sua infância e adolescência, conta o lugar onde viveu com seus pais e seus irmãos, o sítio Cabeços, município de Catolé do Rocha PB lugar que lhe trouxe muitos desafios, mas alegrias. Lugar de vida dos seus pais, dos seus avós maternos e paternos, moradores do lugar, histórias vividas a partir do código da terra, da gramática do comportamento do lugar; A mulher sitiante fala de seus caminhos, de histórias de vida, memórias, conquistas, avanços e permanências para, mais tarde, quebrar paradigmas, construir outros espaços que contribuíram para o erguimento de uma história que atravessa gerações em lições de mim com repercussões em sua alta autoestima, em seus fazeres do ontem para o hoje.

Dos saberes das experiências de uma mulher de sítio, do Sítio Cabeços, quantos sujeitos trazem os convívios do chão do lugar e conjugaram, com suas lições, condição para o perfil da mulher que neste texto narra, convicta, de suas transformações e crescimento? Dos lugares das experiências quantas memórias provocam uma retrospectiva confortadora dos caminhos e dos descaminhos aonde vamos cravando nosso umbigo? Dos sujeitos das experiências de uma mulher de sítio, os olhares, os ensinamentos, os aprendizados, a generosidade do prazer de viver histórias que reorganizam, reformam, reaproveitam espaços de resistência? De todos esses saberes, os saberes da paixão pelo lugar, pelos sujeitos do lugar, pela memória do lugar, pelos

acontecimentos do lugar, a experiência da palavra, da paixão, adicionados, fortalecem, recuperam, reanimam, em meio às incertezas do ontem, ao esperar do hoje.

### **2.1 Moro num lugar, numa casinha inocente no sertão, de fogo baixo aceso no fogão... fogão à lenha**

Destaco neste tópico o lugar da minha pertença, pertença de uma mulher de sítio moradora de uma casinha de taipa simples e bem aconchegante, casinha essa que está representada na foto número dois, página cinco do primeiro capítulo. Algumas reformas foram feitas, como aparece na foto, uma cisterna e um pequeno alpendre. Fica localizada na região do Sertão, Sítio Cabeços, Município de Catolé do Rocha-PB. A foto mostra uma Serra ao fundo com três cabeças, por isso originou-se o nome, Cabeços. Conto como foi minha vida desde sua infância e adolescência, juntamente com meus irmãos e familiares.

As experiências pelos lugares vividos, a mulher sitiante do Sertão Nordestino, de matas verdejantes, de cheiro da terra molhada que se mistura ao aroma, vindos dos animais e que aguça o nosso olfato. Sítio Cabeços, lugar que me traz muitas saudades e recordações do tempo de criança, lembro ainda menina, ao amanhecer do dia, quando nossa mãe, bem cedo na cozinha de nossa casinha, com cheiro de barro e fumaça que vinha do fogão à lenha. Terezinha Alves Pereira, nossa mãe, mulher jovem, muito cedo ensina seus filhos a ter ciência de suas responsabilidades pessoais, como: levantar-se cedo, tomar banho, escovar os dentes e vir para mesa, momento de uma breve oração, o Pai Nosso. Realizávamos a primeira refeição do dia, que os sitiantes a chamam de desjejum, qual seja, tomar café junto com os pais. É assim, a cultura das mulheres sitiantes em seus lugares de experiências e saberes. Com esses saberes aprendi muito cedo a exercitar experiências cotidianas repassadas pelos meus pais. Uma família de sete mulheres e quatro homens, que ainda crianças iam com sua mãe para o Açude Velho, foto número um do primeiro capítulo. Tantos lugares de saberes e de memórias de ritos de aprendizagem, de experiências compartilhadas que apontam vivências diretas com a terra, com os outros, com o lugar que nos permitem protagonistas. Josso (2010, p. 63) ensina que a condição para que o sujeito atue como ator e autor de sua história e seja, potencializado para conduzir, repensar, recriar, refazer o rumo à sua vida deverá “ser capaz de desenvolver a sua capacidade em estar presente a si (ou desenvolver sua atenção consciente) em todas as circunstâncias, através do exercício de suas competências genéricas transversais”. Percebemos, por essa via de Freire, o sujeito, no mundo, com o mundo, na arte de fazer e saber. São competências advindas do estar o sujeito consciente no mundo, gerenciando sua vida, com sua

capacidade de refletir, dizer, praticar, sugerir ou decidir o que ocorre com sua vida e o que está ao seu redor.

O ensinar de nossa mãe: o aprender, o dizer, o praticar na feitura da vida eram práticas de outras mulheres de sítios, nas roupas que levava ao açude para lavar e conversar as conversas de comadres, o dia inteiro até a roupa ficar seca para retornar dobrada do varal ou das pedras grandes que serviam de secadores. Vemos em Graciliano Ramos escrito na contracapa do livro *Vidas Secas*:

Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer.

Quando li essa comparação do autor, embora o foco do autor fosse para explicar como se deve escrever e segundo ele, a palavra não foi feita para enfeitar e sim para dizer. Graciliano Ramos faz uma relação e dá o exemplo de passo a passo de como lavar roupa e cita as mulheres de Alagoas. Seguindo este exemplo, relacionei logo com minha história de vida, porque era assim, com essa metodologia que a nossa mãe nos ensinava como seria o processo de lavar roupa, esse mesmo caminho citado pelo autor Graciliano Ramos. Isso para quem era principiante, ao chegarmos ao Açude Velho, do Sítio Cabeços, as tarefas eram realizadas da seguinte forma: as meninas aprendiam a lavar roupa começando com suas roupas íntimas, cuecas e os calções dos meninos. Os meninos, eram responsáveis em trazer água do açude e abastecer as bacias. Essas tarefas tinham duração de duas horas, dependendo da quantidade de roupas para lavar. O que não era diferente do ensinar de dona Terezinha Alves Pereira, mãe da autora, que narra as suas experiências de trajetória de vida, ainda criança.

Dessa forma que as mulheres sítiantes, bem cedo, ensinam os seus filhos e filhas, saberes das experiências de lugares e fazeres (auto)formativos, provindo de seus antepassados e (re)passando, esses saberes e fazeres dos lugares de suas pertencas para as gerações futuras. Retomando à memória da minha infância, após a lavagem de roupas, nossa mãe, nos permitia usufruir de um maravilhoso banho e brincadeiras dentro do Açude Velho, como por exemplo, nadar, fazer piruetas, virar bunda canastra e pular na água, de cima dos ombros dos meninos ou então de cima de uma cerca. Recordo-me dos filhos dos nossos vizinhos, que vinham tomar banho

no açude e as brincadeiras tornavam-se uma verdadeira festa. Lembro-me da letra da música do grupo Molejo, grupo brasileiro, por título, Brincadeira de Criança, no refrão canta: “Brincadeira de criança, como é bom, como é bom guardo ainda na lembrança, como é bom, como é bom, paz, amor e esperança, como é bom, como é bom, bom é ser feliz”. As palavras na letra da música me levam aos lugares de memória dos meus antepassados que ressaltam os detalhes do viver cotidiano entre os barreiros, os açudes, os criatórios. Quando ultrapassávamos o tempo das brincadeiras permitido por nossa mãe, muitas vezes ela dizia que levaríamos uma chinelada. Era a forma de sairmos de dentro do açude.

Meu pai e minha mãe nos ensinaram como deveríamos nos comportar nos lugares, tanto em casa, com os nossos irmãos, como também com outras pessoas, principalmente respeitar os mais velhos, que fossem da família ou não. Por exemplo, ao passar por pessoas mais velhas era para pedirmos a benção. Orientavam-nos quando fossemos a casa do vizinho, não entrássemos para o interior da residência, sem que fossemos convidados e se chamássemos para comer, era para dizer que já havíamos almoçado ou até mesmo jantado. Para meus pais era falta de educação, “gorejar<sup>12</sup>”, ou seja, na linguagem sertaneja é ficar de olho grande no comer do outro. Dizia minha mãe: “é muito feio!” Todos esses ensinamentos e princípios passados pelos nossos pais nos fizeram crianças e adultos de caráter. A mulher sitiante mostra que, embora morando no Sertão Nordeste da Paraíba, tendo uma vida simples, as recordações de sua pertença, levam a explicar o tema do primeiro tópico, deste segundo capítulo. Quando me refiro ao fogão aceso a lenha, trago a memória vivenciada por mim, o compreender de que, a simbolização do fogão a lenha não é só para cozinhar, mas também acender as memórias. Portanto, a memória deve ser entendida como um fenômeno coletivo e social, construído coletivamente e passível de flutuações, transformações e mudanças constantes (POLLAK, 1992, p. 201).

Quando falo sobre esses aquecimentos dos saberes e lugares por mim vividos, muito me emociona me fazerem vê hoje, o reconhecimento de que minhas experiências levam-me cotidianamente para a (auto)formação, e com elas, através das memórias, mostram a subjetividade e pluralidade da construção e transformações de uma mulher de sítio em busca de oportunidades constantes para chegar ao seu empoderamento e Êxito Social. Histórias contadas que narram a sua própria (auto)biografia utilizando-se de seus saberes, das experiências de uma

---

<sup>12</sup> Gorejando: ato de ficar vendo alguém fazer alguma coisa.

mulher de sítio entre lugares e fazeres (auto)formativos. Para Freire (1999) a educação formal não deve se fazer alheia ao chão em que o sujeito pisa.

**Foto 26 - Festa dos cem anos da vó paterna Mãe Zefinha**



Fonte: Arquivo pessoal, 1996.

Em meio às memórias dessas histórias contadas, me lembro de minha avó mãe Zefinha. Não poderia deixar de citar uma pessoa tão central em nossa família, que foi nossa avó. Seu nome, Josefa Maria da Conceição, filha de Miguel Arcanjo Camarão e Maria Francisca da Conceição, nasceu na cidade de Paraú – RN, em cinco de maio de mil oitocentos e noventa e seis, viveu parte de sua infância e juventude na cidade de Campo Grande, Rio Grande do Norte. Morou ao lado de famílias ilustres do Sertão, como Saldanha, Veras e Maia. Mais tarde mudou-se para o Sítio Cabeços, Município de Catolé do Rocha- PB. Ainda muito nova casou-se com o Senhor Honorato dos Santos Monte. Conhecida na região por Josefa Honorato, e para nós, netos e bisnetos, carinhosamente a chamávamos de mãe Zefinha.

Lembro-me ainda criança, no Sítio Cabeços, quando chegava o tempo das frutas de época, como mangas de diversas espécies, goiaba, pinha, conhecida em outras regiões como fruta do conde, caju e outras. Minha avó, mãe de meu pai, mãe Zefinha, nos alertava para o dia seguinte, acordar cedo, para pegar as primeiras frutas que haviam caído durante a noite, principalmente as mangas, antes que, os moradores fossem mais cedo. Mãe Zefinha se sentia dona do sítio, por ter plantado a maioria das plantações de frutas, era uma mulher simples, de saber comum, que se destacava por sua bravura de mulher independente do sertão. Todos a respeitavam como uma mulher de muitos saberes e experiências.

A mãe Zefinha nos contava ter passado por épocas de muito perigo no sertão e de muito medo, como exemplo, a passagem de Lampião pelo sertão nordestino. Era mulher muito devota de Frei Damião, Padre Cicero do Juazeiro e São Francisco de Assis, santos reconhecidos pela Igreja Católica Apostólica Romana, tinha muita fé, acreditava e orientava os seus filhos para não terem medo, pois os santos iriam protegê-los de Lampião.

Na comemoração dos seus cem anos, em 1996, filhos e netos se reuniram e realizaram uma grande festa, que teve a presença do então Senhor Senador da República, Doutor Lavoisier Maia Sobrinho. À época foi realizado um pequeno documentário de sua história de vida pela imprensa da cidade de Natal - Rio Grande do Norte, mas o referido documentário não ficou disponível. Não se sabe com quem o guardou. Nosso desejo é ter acesso ao referido documentário. Desse momento, temos o folder e algumas fotos. Através do folder tive a possibilidade de informar quantos descendentes à época que contabilizam doze filhos, cento e dezesseis netos, trezentos e trinta um bisneto, e cento e quarenta e um trinets e um tetraneto. Total de descendentes, seiscentos e um. Levantamento feito no período dos cem anos.

Nos relatos seguintes falo de uma mulher de sítio, Josefa Honorato, que através de sua coragem e de suas experiências e saberes, soube validar os seus direitos e sua cidadania de mulher de sítio e ao mesmo tempo o empoderamento, que segundo Paulo Freire (1986), é a capacidade do indivíduo realizar, por si mesmo, as mudanças necessárias para evoluir e se fortalecer contra qualquer forma de discriminação ou rejeição.

Josefa Honorato era conhecida como uma mulher de muitas artes, saberes e experiências. A sua saída do Sítio Cabeços, para Mossoró, foi bastante dolorosa, tornando-se essa partida, para ela, algo da sua história e trajetória dentre de sofrimentos, lutas e superações, como se sua história, estivesse acabado ali, ou encerrado. Porém, pelo contrário, passando esse momento de saudades e lembranças do seu lugar de pertença, dona Josefa Honorato, continuou sua vida dando exemplos de para todos os que a conheceram.

Morou conosco por muitos anos até a sua morte com 106 anos. Josefa Maria da Conceição articulava seu cotidiano como uma mulher sábia do lugar, com saberes construídos com as pessoas do lugar, com ensinamentos refletidos na interação com a realidade e as pessoas do seu canto. Martins (2017, p.54) nos ajuda a entender como mãe Zefinha compreende os saberes do chão, quando diz que, “o senso comum é comum não porque seja banal ou mero exterior conhecimento, mas porque é conhecimento compartilhada entre os sujeitos da relação social”. Mãe Zefinha entende o lugar como o fazer de todos os dias na companhia de seus conhecidos dentro da realidade que a cerca em seus contextos de aprendizagem.

Mãe Zefinha aos cem anos, ainda administrava a própria casa e cuidava do filho mais velho, Pedro Honorato, com oitenta e dois anos, que era cego. Ela criava galinhas no seu terreiro e jamais faltava um pavão, dizia que ele adornava toda paisagem do terreiro com suas penas coloridas e exuberantes. Criava porcos e ovelhas. Gostava muito de passarinhos. Mulher de sítio de muita garra, também muito valente, Mãe Zefinha, criou todos os filhos, netos e bisnetos de forma que todos morriam de medo, dos seus olhos grandes e verdes de repreensão, pois era considerado um castigo. Ajudou a minha mãe com as tarefas de casa quando ainda éramos pequenos. Com mania de guardar dinheiro dentro dos seios ou então nos buracos das paredes de casa, a noite ela não dispensava o cachimbo antes de dormir. Minha trajetória de vida foi envolvida com homens e mulheres de sítio, passeando por esses saberes de experiências e fazeres, que a mulher sitiante constrói sem nem mesmo perceber que estes são caminhos (auto)formativos. Segundo Tardif (2012) os sujeitos são construídos por muitos saberes, os quais constituem a totalidade identitária de si.

A minha avó gostava muito de nos ensinar a fazer remédios caseiros, como, chá de marcela, para dor de barriga, também a folha do olho da goiabeira, chá preto para febre, chá da folha da cidreira, para dor de cabeça, chá da folha de laranjeira para acalmar os nervos e chá de erva doce também para mal estar e dor de cabeça. Todas essas ervas eram cultivadas por minha avó no terreiro de nossa casa. Lembro, muito bem, quando estávamos com constipação, ou seja, prisão de ventre, também conhecida na linguagem do sertanejo como buxo inchado, quando os chás não resolviam, ela vinha com o cachimbo, defumar as nossas barrigas. Até hoje não entendi qual era o benefício dessa defumação, sei que os resultados eram satisfatórios. Eu pensava que ficávamos embriagados com o forte cheiro desagradável da fumaça do cachimbo, e logo adormecíamos. Um dos momentos mais difíceis de sua vida foi quando ficou viúva, tendo que criar doze filhos sozinha e com muitas dificuldades. Naquele tempo o único meio de vida para se manter era trabalhar no campo. Além desse aspecto nos idos dos anos trinta, ela enfrentou várias secas seguidas. Os filhos todos ainda pequenos, contavam que foram separados por não ter condições de criá-los sozinha. A família Maia o médico e fazendeiro, e dono do sítio Cabeços, Doutor Lavoisier Maia e sua esposa Dona Trezième Rosado Maia adotaram todos os filhos permitindo minha avó morar na terra. Seus filhos foram distribuídos entre os mais velhos do lugar, entre essas famílias, Maia e Rosados, puderam ajudar a criar seus filhos.

Trazendo para minha história de mulheres de sítios que tiveram êxito social através dos estudos, cito uma mulher que é do meu conhecimento, sempre foi muito presente em nossa vida, uma eterna praticante da vida, mulher de coragem, bem determinada no que faz. Seu nome de

batismo, Rita Honorato Lopes, dos doze filhos de mãe Zefinha, ela é a décima primeira filha nascida no Sítio Cabeço, em 1928. Hoje, com noventa anos cuida de sua casa, faz feira, vai todos os domingos a igreja e ainda borda, fazendo desenho com o ponto cruz em abafadores de alimentos. Tia Rita, conta que por motivo de ter perdido o pai muito cedo, morou pouco tempo com a mãe “nos Cabeço”, foi criada em Mossoró. Quando tinha sete anos, veio morar na casa de Doutor Lavor, juntamente com um dos seus irmãos, o Coronel Maia.

**Foto 27 – Rita Honorato, tia de Francinilda Honorato**



Fonte: Arquivo pessoal, Mossoró/RN, 2016.

Pergunto a Tia Rita, se ela se lembrava de como o nosso pai nos criou? Ela responde: “todos foram criados muito bem por seu pai. Francinilda Honorato foi uma filha boa, educada, muito competente, estudava lá mesmo nos Cabeço, sua mãe era sua professora, comadre Teresinha” Sobre meu pai, Tia Rita ainda diz: “todo mundo respeitava muito Honorato, ele era uma pessoa muito querida de todos os moradores, tudo tem atenção a ele, todos gostavam dele” Sobre seu irmão Pedro, Tia Rita conta que Pedro seu irmão mais velho ficou viúvo, e sua mãe Zefinha, teve que criar suas quatro netas órfãs e que, para se manterem, foi preciso trabalhar na roça apanhando algodão e ajudando a mãe Zefinha fazer os queijos. Tia Rita, relata que se lembra

de quando chegamos à Mossoró de caminhão, e diz que antes da gente vir morar em Mossoró, o meu irmão Francimar, veio para estudar e morou alguns anos em sua casa. Ela comenta que sua mãe morou um tempo em sua casa antes de ir morar no Sítio Sereno, e que levou o seu filho mais velho que à época tinha 82 anos e estava cego. Tia Rita, emocionada narra que “você filhos de Honorato são para mim como filhos”. Em seus vários comentários ela afirma: “você Francinilda o que tem é seu estudo e isso foi a felicidade de vocês terem vindo aqui pra Mossoró, tanto pra você, seu pai, e sua mãe”. Digo à Tia Rita que nosso pai tinha um projeto de vida para seus filhos, projeto que tinha um endereço, à despeito de tantas inquietações e dúvidas, mas que a valorização do que somos e do que precisamos crescer não se afastava de suas decisões.

A perseverança como uma dimensão forte tomada por meu pai, sua decisão de sair do Sítio Cabeços para que seus filhos estudassem e seguissem outra vida, era uma decisão do seu interior e consciente. Transformou-se em uma prática de reflexão diária daquilo queria compreender como outro percurso que estará por vir ao sair do Sítio Cabeços. Sua palavra estava cercada pelas complexas situações que se apresentam no centro da nossa existencialidade, mediada por nossa historicidade, que, por sua vez, está inserida na cultura, onde estamos envolvidos. Na trajetória de um homem de decisões, nessa trilha, as plurais aquisições do saber foram se somando às palavras. Para Bondía (2002, p. 20) “as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação”. Honorato dos Santos cria no poder das palavras e da ação, que a palavra é força para a ação. As palavras de nosso pai tinham força, pois ele acreditava que podíamos fazer coisas com as palavras e que as palavras podiam construir projetos na vida dos seus filhos.

Trazer tia Rita para minha história de vida é também mostrar que dentro da família Honorato existe várias mulheres, que obtiveram também seus êxitos através dos estudos, histórias, experiências, e lutas, nem todas essas conquistas de mulheres de sítios foram pelos os estudos ou pelo letramento. Tia Rita é uma pessoa acolhedora e de uma humanidade afeiada. Ela vê o outro com o olhar de fazer o bem, com amor. Procura ajudar a família com respeito, mas também não é de levar desaforo pra casa! É daquelas se bateu levou, tipo mulher Maria bonita! Mulher que não se envergonha de suas origens de mulher de sítio, é exemplo de luta, e coragem para outras mulheres, que sejam dos sítios ou mesmo da zona urbana a serem independentes. Nunca precisou depender “de homem para realizar as suas atividades”, como afirma e que seria na época mesmo os serviços, executados por homens, ele realizava essas tarefas com muitas habilidades. Gostava de cultivar jardins em sua residência, até mesmo hoje! Com noventa anos, gosta muito de andar bem perfumada é supervaidosa. Rita Honorato Lopes, mulher de baixa

estatura, de cor clara, e de olhos verdes, mulher forte e brasileira, mulher bastante feliz e também hilária, se orgulha em dizer que é mulher de sítio, mulher sensível, que ama e é amada, mulher, que muitas vezes me espelhei em suas coragens e atitudes, Rita, Mulher! Cheirosa, como as flores de seu jardim.

**Foto 28 - Doutor Lavoisier Maia e esposa Treziéme Rosado Maia**



Fonte: Arquivo pessoal, 2018

Outro exemplo de pessoa que me ajudou aos caminhos dos estudos, através do meu pai foi Doutor Lavoisier Maia, Doutor Lavor, como era chamado pelos mais próximos, era um médico conceituado e de bom caráter, cinco filhos, dos cinco, dois eram homens, já falecidos, por nomes de Lauro e Lavoisier, e três filhas, Laurita, Lilian e Lenita. Laurita filha mais velha, casada com Dr. Clovis Augusto de Miranda, história relatada no primeiro capítulo. Laurita, que a chamo de tia do meu coração, quando chegava ao sítio Cabeços, de férias, a noite ela juntava as crianças do e gostava muito de brincar as modalidades lúdicas. Eram momentos bastante prazerosos e felizes para nós crianças com suas brincadeiras de roda, pular corda, esconde esconde, o pega tica, e com a bola mata. A tia Laurita, nem imaginava que naquele momento estava nos proporcionando o lúdico, no processo educacional.

Segundo Andrade (2009, p.127) Ao brincar, as crianças exteriorizam o seu interior, os seus desejos, e os seus medos. A brincadeira possibilita a integração entre as crianças e destas com os professores e demais envolvidos, envolvidos, vivenciam situações que lhes levam a refletir e resolver problemas.

**Foto 29 - Doutor Clovis Augusto de Miranda e esposa Laurita**



Fonte: Arquivo pessoal, 2000.

A outra filha de Doutor Lavor, Lilian, casou-se com o engenheiro Rui Ciarlini e foram morar no Rio de Janeiro. Lenita filha mais nova e solteira, gostava muito de tomar banho no Açude Velho, no Sítio Cabeços, momentos em que eu a acompanhava, pois, seu pai não a deixava a ir sozinha ao banho de açude o que ocorria em poucos minutos, com tempo determinado por seu pai. A nossa boia era feita de um caule de bananeira, o que nos deixava mais felizes, pois construíamos nossas brincadeiras com o que a natureza nos fornecia. Dr. Lavor era muito zeloso com os filhos e tornava-se um pouco radical com suas atitudes. Quando contrariavam suas ordens, lembro-me que ele gostava de dizer: Ora bolas! Ora bolas! Palavras essas que meu pai, também gostava de dizer, quando se contrariava. Sua filha Lenita, mais tarde, conheceu um rapaz por nome Genivan Josué Batista e casaram-se. Freire (1979) diz que o homem ao refletir sobre si mesmo, poderá descobrir-se como ser inacabado e, como tal, poderá ser sujeito da própria educação e não objeto dela. Genivan Batista baseou sua trajetória descobrindo-se como ser inacabado, inconcluso. Humilde busca por mais educação, interage com seus outros, compartilha, partilha, troca saberes. Ao descobrir-se inacabado, Genivan se exige a tarefa de amar a pessoa que, de alguma forma, seja o seu próximo. Esse amor conduz a busca de superação do egoísmo na medida em que ocorre a “intercomunicação íntima de duas consciências que se respeitam” (FREIRE, 1979, p. 29). Essa condição é fundamental à humanização nas interfaces pessoais, pois o homem é um ser de relações.

Sendo assim, o homem é um ser que aprende e ensina, recebe influência de outros e do mundo que lhe cerca. Nesse aspecto, “quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções” (FREIRE, 1979, p. 30).

**Foto 30 – Dr. Genivan Josué Batista e esposa Lenita**



Fonte: Arquivo pessoal, Mossoró/RN, 08/04/2019.

Genivan Josué Batista, de camada humilde, hoje sujeito empoderado e dono de seu destino, conhecido em Mossoró e em todo Rio Grande do Norte, formado em odontologia função que desenvolvi durante muitos anos. Depois resolveu investir na área comercial e, juntamente com a família, tornou-se um grande empreendedor e empresário de lojas de construções civil, contribuição essa, para o desenvolvimento da cidade de Mossoró e região. Eu, o comparo, como aprendi na vida prática de BRANDÃO (2002, p. 25) “a argila resiste as mãos do oleiro, mas se deixa conduzir por elas e se transforma na obra feita”. Genivan Josué Batista é bastante conhecido em nossa Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN, por ter sido professor e Reitor desta Instituição de Ensino Superior, nos anos de 1981 a 1983, gestão que era da Fundação Regional do Estado Do Rio Grande do Norte (FURRN). Nesse mesmo ano é convidado a ser Secretário de Educação do Estado do Rio Grande do Norte. Cuidou de toda família, possibilitou educação e emprego a todos. Hoje todos os seus familiares são bem formados e estabilizados, inclusive, Genivan Josué Batista foi um dos que ajudou a nossa família, dando emprego a alguns dos nossos irmãos. Homem simples contribui para um

mundo melhor e deu exemplo a sociedade com sua conduta e trabalho. Conta Genivan Josué Batista que na entrevista que:

[...] Até os 14 anos eu morava na zona rural, analfabeto e trabalhando de enxada de meia e depois fui ser vaqueiro também, aos 14 anos eu era vaqueiro, já tinha aprendido a tirar leite que era uma profissão, tinha saído da enxada para tirar leite, e depois fui ser vaqueiro, depois fui estudar, por um acidente assim da vida, abençoado, um parente meu me viu algumas vezes antes de ir para o curral com meu pai, antes de quatro horas da manhã, me via com a lamparina querendo aprender a ler, aí um dia ele chegou na fazenda, tava morando em Caicó, aí disse: eu vim lhe buscar para estudar; não, mas eu não posso não; mas vai ter que poder. Papai e mamãe dá a ordem, disse que não podia mesmo; não mais vai, eu vou levar; aí papai foi a Janduís, uma cidadezinha aqui próximo e comprou tecido para mamãe fazer duas camisas para mim, e duas calças para mim, e uma cueca. Mamãe foi quem costurou essa roupa e eu fui para Caicó, compramos também um sapato, aquele sapato da feira, um sapato fox, mas me feriu todo o sapato, porque meus pés nunca tinham calçado um sapato, eu calcei o sapato fabricado numa cidade daquela, naquele tempo, e não tinha como ninguém suportar e eu deve ter forçado um pouco pois meu pé nem é grande, meu pé é pequeno e eu deve ter forçado que eu nunca tinha calçado sapato, aí eu me feri muito com este sapato, aí fui estudar em Caicó [...] (Narrativa de Genivan Josué Batista, Mossoró/RN, 29/10/2018)

Percebe-se a trajetória de conquistas a partir de um referencial de trabalho e destemor, sobretudo com uma família de decisões forte, pois animar o filho a buscar uma vida de estudo e de trabalho confiando no que viria pela frente, não foi simples para seus pais tomar uma atitude firme. Hoje com setenta e oito anos, homem inteligente e estudioso, lutou e conseguiu através de sua trajetória de vida e com suas experiências de fazeres e de ressignificação de momentos, lugares e pessoas, mostrou a toda a sociedade que, o homem simples do campo, é capaz de chegar a conquistas de empoderamento pleno, com êxito social de muito louvor. Ao fazer um breve relato da história de vida de doutor Genivan Josué Batista, na nossa dissertação, o objetivo é de ilustrar cada vez mais, como em minha história de vida de mulher sitiante homens e mulheres simples ergueram suas mãos para a derrubada de barreiras. Genivan Josué Batista veio do campo em busca de seu êxito social. Estudou, buscou estratégias para as lacunas, muitas lacunas, de um menino franzino e sem a condição de muitos da cidade percorreu, com êxito, todas as oportunidades surgidas e construiu tantas outras. Quando pergunto ao Genivan Josué Batista como ele vê a família Honorato hoje. Ele responde:

[...] Honorato era um homem, inicial função muito modesta, trabalhava com meu sogro, ligações estreitíssimas quem eles tinham, mas de uma moral elevadíssima, era um homem que morava na fazenda, tinha um irmão que tinha

muito mais posição social do que ele, muito mais, que era o Coronel Maia, que quase criado por Doutor Lavor e depois de Dix Sept Rosado Governador, levou Maia pra ser parte na polícia e Maia se tornou Coronel da Polícia, também muito querido, se relacionava muito bem, mas os status moral da família Honorato quem deu todo, todo, todo, eu me arrisco a dizer isso, foi Honorato o pai dela, não era que os outros não tivessem o valor, tinham, mas ele era um homem muito sério, muito respeitado, muito honesto, muito educado, super educado, sem escola, eu uma vez disse que meu pai se tivesse existido um Itamarati na zona rural, papai seria um diplomata, Honorato provavelmente teria sido também um diplomata [...] (Narrativa de Genivan Josué Batista, Mossoró/RN, 29/10/2018)

É certo que a base de formação de meu pai, Honorato Santos, está alicerçada em sujeitos, lugares e acontecimentos que favoreceram seu crescimento de homem honrado, tenaz, decidido. Na entrevista com Genivan Josué Batista, apresento a professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, como orientadora do mestrado, falo que foi através dela que hoje estou aqui, com sessenta e quatro anos, terminando meus estudos, por seu incentivo. Então no momento da entrevista pedi para Genivan Josué que, falasse sobre o conhecimento de minha trajetória de vida. Expliquei o motivo de estarmos buscando sua entrevista. Falei sobre o mestrado, sobre o tema que estamos escrevendo, a pertinência do estudo para minha vida e a vida de tantas outras mulheres de sítio. Perguntei: Como o senhor vê uma filha de seu amigo Honorato dos Santos, no caso eu, Francinilda Honorato, com esse desempenho e que chegou ao seu empoderamento através dessa luta tenaz? Genivan Josué Batista respondeu:

[...] a gente quando toma um rumo assim, aprendendo, tem algo abençoado que vem lá, deve vir lá de cima essas coisas, quando os seus horizontes se fechavam, pra que você interrompesse seus estudos, ela surge e ainda está presente, então quem souber da sua história não tem como não ter admiração por você, eu tenho admiração por vocês todos, quando eu passo e vejo vocês exercendo as atividades assim, eu vou buscar lá no passado, mas como era lá no passado? coitados, nem saber andar sabiam, eles só sabiam abrir uma porteira, quando pegar numa enxada pra trabalhar, foram exercendo funções nobres, numa cidade nobre como Mossoró, uma cidade grande como Mossoró, através da escola, sem ela você não chegaria aí nunca, eu fico muito feliz de estar aqui sendo entrevistado por você, porque se não fosse esse episódio, de você vir pra Mossoró e você ter seus valores também, que herdou de seus pais, de seus avós, se você estivesse lá, você no mais seria uma aposentada rural, não tinha educado os filhos, dentro de um raciocínio de lógica, não tinha educado os filhos e não tinha chegado a essa posição, de forma que a gente, quem conhece o passado e vê o presente de vocês são admiradores de vocês, porque realmente, vocês souberam construir essa posição que tem hoje [...] as coisas melhoraram muito, eu sou seu admirador, de vocês todos, acompanho vocês bem direitinho, nas topadas que vocês levaram, algumas delas eu participei [...] (Narrativa de Genivan Josué Batista, Mossoró/RN, 29/10/2018).

Em sua narrativa, Genivan Josué Batista ressalta os aprendizados dos valores morais aprendidos com nossos pais, sobre o significado do aprendizado simples na terra, com a terra, na labuta para a sobrevivência como lições de casa, lições da terra que permitem àqueles que dela vivem, tirar as aprendizagens os sentimentos dos pais a respeito da importância de uma vida honesta. Aponta a saída de meu pai, Honorato dos Santos, do Sítio Cabeços com o propósito do estudo para os filhos. Destaca em sua narrativa a visão do outro lugar, para além do Sítio Cabeços, como um lugar de aprendizados. Honorato Santos desejava que seus filhos estudassem, embora sabendo que muitas topadas viriam, mas que os obstáculos que enfrentariam seriam superados.

Genivan Josué Batista, genro de Doutor Lavor, herdou sua resistência aos desafios, abraçou seus ensinamentos e aprendeu, sobretudo, a buscar possibilidades nas dificuldades encontradas. Evidente que, casado com sua filha Lenita, aprendeu, dia a dia, com a fibra de Doutor Lavor, um homem considerado de muito respeito. Lavor, como era chamado pelos mais íntimos, cabe repisar, trabalhava e residia em Mossoró-RN. Uma vez por mês, vinha verificar suas propriedades no Sítio Cabeços, viajava de trem até a cidade de Almino Afonso -RN, momento em que, meu pai, Honorato dos Santos, vaqueiro e gerente, homem de sua inteira confiança, o pegava na estação do trem no horário determinado, às 17h e 30min. Da estação de trem, faziam um percurso, a cavalo, de 15 km, muitas vezes debaixo de fortes chuvas e trovoadas. Minha avó, mãe Zefinha cozinhava para todos da casa. cardápio de todos os dias com os frutos da terra. Arroz de leite, doce, com carne de sol assada na grelha, no fogão à lenha. Quando Dr. Lavor chegava, dizia com essas palavras: “Comadre, Zefa, me prepare um banho morno”. Tomava o banho, vestia o seu pijama e vinha jantar, lembro-me como se fosse hoje, a sala de jantar era adornada por uma enorme mesa de madeira com bancos, também, de madeira nas laterais, e nas extremidades da mesa, eram cadeiras individuais. Dr. Lavor se sentava e jantava, eu criança, com uns sete ou oito anos mais ou menos, acompanhava a minha avó, para ele não ficar sozinho, na hora do jantar. Ele gostava de conversar comigo. Lembro que minha avó pedia para eu ficar sentadinha na escada do sótão. Eu acompanhava o jantar com meus olhos fitando os biscoitos palito. Dr. Lavor gostava então de tomar café esse tipo de biscoito. Ele me dava os biscoitos e me perguntava: “quantos biscoitos eu lhe dei?” Para testar se eu sabia fazer contas, como chamavam à época. Eu era péssima em matemáticas. Eu ficava com vergonha, mas Dr. Lavor me indagava! Vamos! Diga! Você está na escola, é para saber! Depois ele contava comigo os biscoitos e colocava mais biscoitos, ao mesmo tempo me pedia alguns de volta e perguntava-me: com quantos biscoitos você ficou? Ensinando-me a somar e diminuir, só que eu não entendia, ficava com medo e não respondia, porque eu achava que ele estava tomando novamente os

biscoitos e eu não iria ganhar os biscoitos que tanto eu gostava. Então Doutor Lavor, foi um professor e um avô, pois fez parte de nossa infância e também contribuiu com os seus saberes e fazeres, em nossa formação, nos dando exemplo de respeito e valores morais para com o outro.

Toda a trajetória de experiências vivenciadas, compartilhadas pelos sujeitos da experiência, ela é paixão. Para Bondía (2002, p 26):

Se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão. Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidade da ação, mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional. E a palavra paixão pode referir-se a várias coisas.

Dos sujeitos, lugares e acontecimentos no Sítio Cabeços, uma das propriedades mais estimada por homens e mulheres da labuta diária era a experiência na prática. Dr. Lavor, homem do fazer, nos ensinou o sabor da prática, o aroma da terra, a felicidade com as coisas simples. Este homem de labuta diária tinha muitas cabeças de gado e outros animais como suínos, caprinos, ovinos e cavalos. Ele e meu pai, Honorato dos Santos saiam bem cedo a cavalo para fazer vistoria nas terras e contar os animais. Doutor Lavor gostava de ficar mais tempo no sítio. Na época da moagem, ele trazia esposa e filhos, genros e netos, para usufruírem dos sabores naturais do processo da moagem. Constituía-se em uma época de grande movimento no sítio. Eu gostava muito, pois tinha gerador para funcionar luz elétrica, porque nesse tempo, não havia passagem de rede elétrica nos sítios. Minha mãe Terezinha Alves Pereira era a responsável pela fabricação de alfenim, produto esse feito também do mel, tem todo um processo para chegar ao ponto de alfenim. Eu ficava em casa com os meus irmãos menores, para ela executar essa tarefa, que ao mesmo tempo servia de ensinamentos para outras mulheres sitiantes. Ela ensinava e aprendia. Minha mãe gostava de modelar os alfenins. No final das tardes, ela nos trazia umas patinhas, dentro dos seus ninhos cheio de ovos, modelava também em formas de frutas como caju, pinha. Achava-os tão lindos que tinha pena de comê-los.

**Foto 31 - Moagem no Sítio Cabeços/PB**

Fonte: Arquivo pessoal, 1969.

O meu pai, Honorato dos Santos, além de gerenciar todo o evento, era o responsável pela fabricação dos doces chamados de batida, feito do mesmo mel que fazia a rapadura, só que era retirada uma parte desse mel, colocava dentro de uma bacia grande. Quando o mel ficava na temperatura de bater com uma espátula, até ficar no ponto de batida, colocava-se um tempero, por nome de erva-doce, ou canela, para o doce ficar mais saboroso e depois do ponto de batida, colocava-se numa forma de madeira, ainda morno. Ao final de dois dias, retirava da forma e era envolvida em palha de bananeira, para ficar bem protegida e conservada por muito tempo. Os trabalhos encerravam-se às 17 horas, quando todos os trabalhadores da moagem se dirigiam para a janta no sítio.

Quando os patrões estavam no sítio com suas famílias, a maioria dos moradores vinha à noite para a casa grande, chamava-se assim, quando se referia à casa dos patrões. Muitos levavam os filhos e parentes para consultas à noite e ficavam conversando com Doutor Lavor, no alpendre da casa grande, ele sentia um prazer imenso se balançar em sua rede e mirar a paisagem ao redor da casa grande. A rede é um utensílio bem usado e amado por todos os sertanejos. Nas histórias de vida e das vivências na memória do meu pai aprendidas junto a um homem da prática, como Dr. Lavor, reforçam a relação entre memória e identidade, Autores como Pollak (1989) e Thompson (1992), tratando da ligação entre memória e identidade, enfatizam ser através da memória, que indivíduos podem recuperar suas histórias de vida interrompidas, por processos históricos, ocasionados por traumas históricos vividos.

Doutor Lavoisier Maia, médico, profissional e de enorme potencial no conhecimento da medicina, era bastante conhecido e reconhecido em sua profissão na sua época, o melhor médico em toda região, tanto do Rio Grande do Norte, como na Paraíba e em outros Estados. Em suas

consultas, quando ele examinava clinicamente um paciente e dava o seu diagnóstico, visualmente, a família poderia levá-lo para qualquer parte do Brasil ou cidades mais desenvolvidas na área da medicina, que o resultado dos exames confirmava com o seu diagnóstico. A família Honorato dos Santos é muito grata a Doutor Lavor e família pelos seus préstimos de respeito e considerações com todos os membros da nossa família. O meu pai tinha muito amor por ele, pois, além de padrinho, também foi o seu pai adotivo, não por uma adoção de fato, mas de reconhecimento de coração e está em documentário produzido pela família Maia.

Um padrinho que lhe ensinou o que é ser um homem de valores sociais, de princípios, caráter, respeito e de muita moral, fez de Honorato Santos, que em latim antigo Honoratu, Honoratus, que significa “honrado” “estimado”, “distinto”, um homem que atravessou a vida com os princípios do Sítio Cabeços na educação dos filhos. Hoje esses adjetivos estão escritos em seu túmulo, pesquisa feita e escolhida por seu filho Francimar Honorato. Essas palavras, direcionadas a Honorato dos Santos, condizem com um homem justo e honesto. Ele não só aprendeu as experiências e os fazeres ao lado do seu padrinho, Doutor Lavor, também práticas básicas na área da saúde, como os primeiros socorros, aplicações de injeções, curativos nas pessoas, atividades estas exercidas na ausência de Doutor Lavor, fazia essa mesma prática com os animais, história já relatada no meu primeiro capítulo. Através da memória contada, narrada por Dr.Lavor, por Honorato dos Santos e por tantos outros sujeitos de memórias reforçamos os ensinamentos de Halbwachs (1990, p. 40), quando enfatiza que a força dos diferentes pontos de referência que estruturam nossa memória e que a inserem na memória do grupo a que pertencemos por que vivências compartilhadas. O pensamento da família, da tradição, da terra, dos costumes, do criatório, das comidas, das brincadeiras, dos vizinhos é como força, pois fornece “os fornece os quadros sociais”. Esses quadros de memória são sociais, pois são ação vivida na prática entre os sujeitos da ação.

Na minha pré-adolescência, residindo no sítio Cabeços, a minha mãe, Terezinha Alves Pereira, nos orientava, para após as tarefas escolares e as de casa, todos os dias às dezesseis horas e trinta minutos, era o horário de tomarmos banho e esperar nosso pai chegar com o gado do campo, para jantarmos, coalhada de leite puro, dentro de panela de barro. Esta panela de coalhada colocava-se no meio de uma mesa grande na sala de jantar constituída por uma mistura de farinha com açúcar, ou cuscuz com raspa de rapadura. Lembro-me que esse alimento já fazia parte, tradicionalmente, do jantar dos moradores do sítio. Após esse momento, íamos todos para a sala, sentávamos e os nossos pais ou vizinhos, que vinham fazer boca da noite em nossa casa,

ou seja, visita após o jantar, para “jogar conversa fora”, como por exemplo contos de trancoso ou lendas populares, ficávamos ouvindo as histórias até chegar o horário de dormir. Segundo Brandão (2007, p. 25):

[...] tudo o que existe disponível e criado em uma cultura como conhecimento que se adquire através da experiência pessoal *com o mundo ou com o outro*; tudo o que se aprende de um modo ou de outro faz parte do processo de *endoculturação*<sup>13</sup>, através do qual um grupo social aos poucos socializa, em sua cultura, os seus membros, como tipos de sujeitos sociais.[...]

Aprendemos vendo os mais velhos fazerem e fazendo a partir das práticas dos mais velhos. Aprendemos, desde pequenos, mesmo sem querer a labuta diária com o gado, o cachi, o criatório. Como as mães aprendemos as experiências da culinária do sertão no fogão a lenha. Desde nosso nascimento, a cuidar dos irmãos, à escuta dos sons da natureza, pois íamos para a escola por entre estradas de chão e a pé todos juntos. Aprendemos a ouvir o ambiente, a ouvir nossos pais, a cumprir suas determinações.

Uma casinha de fogão à lenha deixa uma memória social de repercussão ao longo da vida. Momentos felizes da minha infância e adolescência. Vejo esse período de forma central na minha base de vida, com todas essas experiências em lugares que vieram para somar a minha construção (auto) formativa. De acordo com as lições de (RICOEUR, 2012.p.57-58), podemos observar:

É na superfície habitável da terra que nos lembramos de ter viajado e visitado locais memoráveis. Assim, as ‘coisas’ lembradas são intrinsecamente associadas a lugares. E não é por acaso que dizemos, sobre uma coisa que aconteceu, que ela teve um lugar. É de fato nesse nível primordial que se constitui o fenômeno dos ‘lugares de memória’. [...] Os lugares permanecem como ‘inscrições’, monumentos, potencialmente como documentos, enquanto as lembranças transmitidas unicamente pela voz voam, como voam as palavras.

Como Ricouer, nos deixa de lições, habitei uma terra, as terras do Sítio Cabeços, com uma memória carregada de lugares da memória que nos permite, diariamente, associá-las a nossa prática de vida pessoal e profissional. Todos esses lugares de memória falam de algo que ocorreu e que permaneceu vivos como uma memória imaterial dos cantos de convívio, como marcas, como textos e contextos. Ao relato de minha infância e da pré-adolescência, na casinha de fogão a lenha, lembro-me de uma das obras de Paulo Freire (2003, p. 14 e 15) “A retomada da infância

---

<sup>13</sup> Endoculturação é o processo permanente de aprendizagem de uma cultura que se inicia com assimilação de valores e experiências a partir do nascimento de um indivíduo e que se completa com a morte.

distante, buscando a compreensão do meu ato de “ler” o mundo particular em que me movia - e até onde não sou traído pela memória, me é absolutamente significativa.”

Paulo Freire, ao se referir ao mundo além das leituras, das palavras, traz toda a pertinência dos meus dias de sítio, pois nesses momentos recrio e revivo relatos das experiências, quando não alfabetizada, quando não lia as palavras em livros, em textos escritos, mas fazia a leitura de um mundo existencial, pelo mundo da vida. Vejo nos ensinamentos de Freire, em seus textos os relatos dos sujeitos de memórias tanto na minha infância, como na adolescência, histórias bem parecidas, as vivenciadas na minha trajetória de vida de mulher de sítio. Freire fala da família, principalmente de sua infância, do convívio com seus irmãos mais velhos, dos riscos, do seu sótão, da sua mãe, que brincava debaixo das sombras das plantas, do quintal, em onde foi seu primeiro mundo. O primeiro mundo, o igual mundo que vivi e vivo, lições dos aprendizados, do engatinhar, do balbuciar, me pus de pé, falei, andei um mundo que me encontro com minhas experiências.

Quando os meus irmãos mais velhos foram estudar fora, eu assumi junto com a minha mãe, as responsabilidades de cuidar da casa, tarefas antes exercidas por eles, mas como minha mãe nos ensinou desde muito cedo a trabalhar, a assumir essa tarefa, não foi difícil. Formei-me dentro de casa como aquela filha que amava aprender com a mãe as tarefas de casa. Enquanto ela costurava nossas roupas, cobria os rasgados desenhados pelo barro, pelos espinhos dos cactos, pelo cotidiano de embrenharmo-nos no mato durante o aboio, com meu pai, antes de voltarmos à casinha de forno à lenha, eu também aprendia a fazer as roupas das minhas bonecas, inclusive ela nos ensinava a repor os botões perdidos. Eu gostava muito de observar minha mãe fazer os queijos de coalho e manteiga e quando ela viajava, eu assumia essa tarefa com muita alegria, pois isso me fazia sentir como um sujeito capaz de realizações de coisas positivas e determinantes, do aprender fazer. A confiança de minha mãe em mim era algo de muita relevância em minha vida, pois realizar essa tarefa de tanta responsabilidade, onde pessoas iriam comprar estes alimentos, como o queijo que produzíamos, provindo das mãos de uma menina com apenas nove anos, esse trabalho me fazia ser uma pessoa mais digna e também me sentia como gente grande que reforçava no fazer as aulas da minha mãe nas lições de casa.

Quando eu falo desses aprendizados através de meus pais ou familiares, associo meus costumes e vivências da vida de sítio, aos dos regimes tribais indígenas, como vejo nos escritos de Brandão e Émile Durkheim (DURKEIM apud BRANDÃO, 1986, p.18), sociólogos da educação, os quais explicam:

Sob regime tribal, a característica essencial da educação reside no fato de ser difusa e administrada indistintamente por todos os elementos o clã. Não há mestres determinados, nem inspetores especiais para a formação da juventude: esses papéis são desempenhados por todos os anciãos e pelo conjunto das gerações anteriores.

Trazemos para o nosso texto dissertativo e comparamos em alguns ensinamentos de homens e mulheres de sítios, assemelham-se com essas aprendizagens tribais. Portanto o olhar de quem não sabe, aprende com aquele que sabe fazer e ensinar, com a própria prática viva de fazer. Hoje, o que escrevo nesse primeiro tópico, do segundo capítulo, vejo em uma mulher de sítio com outro vislumbrar da vida que, ao mesmo tempo vem em minha memória atual a voz de minha professora e orientadora Ana Lúcia Aguiar, desde do ano de dois mil e dezesseis, quando eu cursei as disciplinas em caráter especial, no Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Ao ouvir, pela primeira vez, palavras como citadas por minha orientadora em salas de aula ou em palestras proferidas sobre sujeitos plurais, memórias, empoderamento, liberdade, opressão, paradigmas, autonomia, êxito, ascensão social, história orais e tantos outros conceitos que se aproximam da vida cotidiana de homens e mulheres simples, logo reconheci que minha história de vida refletia experiências ancoradas na memória de um *ethos* do campo. Diariamente em sua prática formativa, de quem estiver ao seu redor, a forma de construir conhecimentos, do saber fazer através das experiências formativas em lugares diversificados que, ao mesmo tempo introduz a inclusão social, o engajamento e inserção daqueles que estão fora da academia. Ana Lúcia Aguiar ensina na prática que aprendemos e ensinamos ao mesmo tempo, porque somos sujeitos plurais.

Toda trajetória de minha infância, foi repleta de aprendizados com os saberes e experiências dos lugares por mim vividos, passadas pelas veredas do Sertão Nordestino, das caatingas, de cactos verdes e floridos, planta conservada e resistente no sertão e de muita admiração, por essa trajetória de vida por ser uma menina, mas que sabia observar a natureza, não só do campo, mas a natureza bela e esplendorosa do universo trazia ao meu olhar, o flertar e o namorar, por seus encantos de força e energia da mãe cósmica, que gostava de apreciar as estrelas, a lua e o sol, e o lindo céu azul, que enche de amor, esperança e alegria de uma menina simples, mas sonhadora. Da minha infância, na casinha de fogão a lenha tenho boas lembranças cheia de sonhos, vividos de forma lúdica embelezadas pelos sofrimentos que me empoderaram ao sonho. Sonho de voar e de trazer outros sonhadores. Esses foram superados mais tarde com o amadurecimento pelas práticas e as experiências vividas nos lugares por onde passei, que dialogaram com os saberes da mulher de sítio, em especial do Sítio Cabeços. Durante todo o

meu percurso, me encontrei com situações, acontecimentos, encontros, desencontros, sujeitos que me fizeram o meu encontro comigo, mergulho em mim. Josso (1991, p 208) me permite pensar nos meus formadores de percurso. Sua história de vida reflete minha história de vida, pois:

Assim, o que foi formador no meu percurso, foram as actividades, situações, acontecimentos, encontros e relações que me fizeram descobrir realidades desconhecidas até então e que me permitiram exercer ou adquirir qualidades, que me provocaram tomadas de consciência, que interrogaram os significados adquiridos ou criados anteriormente e me forçaram a reelaborar o sentido.

De uma casinha simples, de fogão a lenha, pude identificar que a aprendizagem acontece passo a passo, que se coloca diante de etapas. Na história de vida de Josso, as etapas vejo semelhança com as minhas etapas de vida, a saber: iniciação, aquisição; manutenção; e transferência; a aprendizagem acontece, ainda, pela “capacidade de auto observação e de explicitação do que foi feito para se conseguir a aprendizagem” (JOSSO, 1991, p. 210). Nesse sentido, considero que o processo de aprendizagem e da formação, inscreve-se na reconstrução da memória do sujeito que se coloca diante dos aprendizados de suas histórias de vida e formação experienciais. Não é no entanto, o estar como observador passivo, mas como observador que molda, que reconhece as possibilidades, as enfrenta e segue na remodelagem da vida. Na casinha de fogão a lenha me submeti a vida e a submeti aos meus desejos de crescer, de vencer, de superar do ponto de vista intrapessoal, interpessoal e na minha relação com o ambiente natural ao redor daquela casa de fogão a lenha com tantas histórias para sugerir.

## **2.2 Prosas no terreiro no final de tardes: conversa na debulha do feijão**

Neste segundo tópico relataremos a história de vida de mulheres de sítios do sertão nordestino, com suas experiências, costumes, hábitos e fazeres em seus lugares, em seu cotidiano de vida, usando como referência principal as histórias das mulheres e homens do Sítio Cabeços nos momentos de prosa no terreiro durante a debulha do feijão e outras histórias de mulheres na debulha de outras práticas de prorear. Narraremos seus afazeres e, ao mesmo tempo em que conversam e proseiam, à sombra dos terreiros de suas casas, em final de tardes, trocam ideias, contam histórias de histórias dos sujeitos do lugar, fazem planos para os dias que se seguem. Com as prosas, aproveitam para dividir tarefas coletivas e não param de trabalhar, fazem a debulha do feijão para a refeição do outro dia, já antecipando as suas tarefas dos seus cotidianos. Juntas vão colher a lenha seca na mata para fazer o fogo, no fogão a lenha, prática essa que

depois que juntam todo fecho da lenha, amarram com uma corda, depois fazem uma rodilha, que, segundo os saberes do povo do lugar, é uma toalha ou pequeno lençol, elas enrolam de forma redonda e põe em suas cabeças para amenizar o peso dos fechos de lenha, sendo também utilizado ao trazer a lata d'água na cabeça, como diz uma a música brasileira bastante antiga, de autoria de Candeias Júnior que diz assim: Lata d'água na cabeça, lá vai Maria, lá vai Maria Sobe o morro e não cansa pela mão leva a criança lá vai

Maria, lata d'água na cabeça, Maria lava roupa lá no alto, lutando pelo pão de cada dia sonhando com a vida do asfalto, que acaba onde o morro principia. Ao citar essas estrofes da música, apenas para enfocar mais a realidade caracterizada pelas mulheres sitiadas, eu mesma por várias vezes fiz esses percursos pelos Sítios Cabeços e no Sítio Cardosos, na região dos Estados da Paraíba e Rio Grande do Norte, onde morei por muitos anos. Aprendi na prática como mulher de sítio, com posições críticas quanto à postura cartesiana de muitos profissionais das universidades e com as leituras de autores que trazem seus ensinamentos como Bondía (2002, p.20) quando diz que irá nos propor “que exploremos juntos outra possibilidade, digamos que mais existencial (sem ser existencialista) e mais estética (sem ser esteticista), a saber, pensar a educação a partir do par experiência/sentido. Por esse caminho exploraremos as experiências/sentido das prosas de terreiro na debulha do feijão e outras situações de homens e mulheres em suas práticas de muitas outras debulhas na vida.

**Foto 32 – Prosas no terreiro no final de tardes: conversa na debulha do feijão Sítio Sereno/Mossoró/RN**



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Práticas e saberes de homens e mulheres de sítios e com os costumes cotidianos, sabem fazer e ensinar. Outro ensinamento a partir de Brandão (2007, p. 10), ensina que “Assim, tudo o que é importante para a comunidade e existe como algum tipo de saber existe também como

algum modo de ensinar”. No texto ele se refere aos ensinamentos das aldeias e vimos que tem muita semelhança com as nossas histórias dos sujeitos sertanejos. Segundo o autor, inspirado nesses saberes, hábitos e costumes, relatamos neste trabalho os saberes de homens e mulheres do Sítio Cabeços ou até mesmo de outros lugares, pois suas histórias agregam os mesmos ensinamentos. Como exemplo, quando falo a respeito dos costumes das mulheres de Sítios, que esperam por seus esposos nos finais de tardes, vindos do campo em grupo. Ensinamentos em situação de contextos de formação, em espaços plurais dos sítios, em situações de aprendizado plurais e coletivos. Domincé (2010, p. 76), afirma que:

Os acontecimentos, os outros, as decisões, as situações são contextos de formação. [...] A formação é um espaço de vida que é atravessado por processos de aprendizagens. [...] Todos os espaços de vida influenciam na aprendizagem e desenvolvem o interior profissional de cada sujeito.

Podemos confirmar que, nessas lentes a formação se constrói de forma contextualizada, numa dinâmica interno que se movimenta, se reorganiza, sendo assimilada pelos sujeitos do processo que reconhece na forma de como lidou com esse contexto, produzindo-os em ações concretas e permitindo novas aprendizagens. As narrativas, as memórias dos sujeitos na dinâmica de lembrar e contar a partir da memória reminiscência significa que a construção da narrativa construída pelo próprio sujeito que narra a sua trajetória de vida e formação ancora um potencial para que se reconstrua, se avalie no decorrer desse processo. As experiências vividas, e narradas de forma reflexiva promovem a (auto)formação pela entender seus limites e possibilidades de avançar para além de suas fronteiras criativas. Essas mulheres na debulha do feijão contam suas histórias que reforçam suas práticas, suas táticas, suas estratégias. Neste instante nos encontramos com a noção de homem ordinário e seu cotidiano, de Certeau (1994), no buscar para nossas história suas contribuições para se pensar um cotidiano permeado pelas práticas dos “homens ordinários” cuja criatividade, segundo ele, está marcada por astúcias silenciosas, sutis e eficazes pelas quais cada um inventa para si mesmo uma maneira própria de caminhar.

Ao trazer uma teoria das práticas cotidianas, de Certeau, vai nos permitir a sensibilidade para buscarmos, na dinâmica da vida cotidiana das mulheres de sítios, nos comportamentos mais simples, esse indivíduo que tece seu dia a dia e afirmar que esses momentos não são singulares, ao contrário, são momentos constantes, “majoritários” na vida social, em seu dizer, muitas vezes relegados e que só aparecem a título de resistência. Certeau considera que as astúcias, as táticas cotidianas dos praticantes compõem uma rede de antidisciplina.

Dentro desse processo dinâmico de lembrar e narrar, estão os sujeitos das relações vividas em comunhão, em tensões, em acordos e desacordos. Traremos não apenas o pensar pelo pensar, mas dar sentido ao que fazemos, o que somos, construímos, sabemos, pois diz Bondía (2002, p. 21):

Pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos.

Ao trazermos as histórias de terreiro na debulha do feijão faremos com as narrativas, as palavras, mas damos sentido ao que fomos e ao que somos do que construímos em nossa trajetória de vida e ao que nos acontece, de como relacionamos, correlacionamos as palavras e as coisas, de como damos nomes ao que fazemos, aprendemos, sentimos o que chamamos de situações de sentido e aprendizado. Iniciaremos as palavras, as narrativas, ou ouvir/contar pelos sujeitos que tem pertença no processo de produzir a vida desta que vos fala, mulher do Sítio Cabeços.

Iniciaremos por meu avô materno, conhecido por Chico Dedelo, que tinha o nome de batismo de Francisco Alves da Silva. Quando vinha do campo, ao entardecer, trazendo as vacas e bezerros para enriqueir<sup>14</sup>, chegava cansado, tenso e ao mesmo tempo animado pelo gado que manteve vivo e alimentado. Embora com um trabalho imenso, ainda para executar, com todos juntos no alpendre para a debulha do feijão, meu avô resistia. Embora exausto, antes do banho, da janta e depois a debulha do feijão, precisava enriqueir os animais. Na linguagem sertaneja, se separa os bezerros das vacas leiteiras, suas mães põem em outro local do curral, para que durante a noite eles não mamem, pois no outro dia o vaqueiro vai fazer a desmame manual, para o consume da família ou até mesmo vender o leite e seus derivados, como o queijo e a manteiga para sua renda familiar. Após todo esse ritual, iniciava a debulha com as prosas que tomavam conta de uma boa parte da noite quando todos eram autores e atores de suas histórias heroicas.

Eu achava interessante uma prática ou costume dos sertanejos mais idosos. Lembro-me que muitos deles tomavam um só banho por dia e lembro que meu avô, à tardinha, em casa, sentava-se na calçada, num tamborete pequeno e falava assim para minha avó Virginia Maria

---

<sup>14</sup> Enriqueir: Introduzir ou colocar em chiqueiro; recolher animais no chiqueiro.

da Conceição: Minha veia traga uma bacia com água e uma toalha para eu lavar meu rosto e meus pés. Então eu ficava observando e pensando, vixe como meu avô é sujo! Chega da roça e nem toma banho, meu pai não é assim! Mas, isso era só no meu pensamento de criança e falando comigo mesma, porque se eu dissesse algo, meu avô já dizia que eu o estava desrespeitando. As crianças da época não podiam comentar nada com as pessoas mais velhas. É o costume das senhoras mais idoso dos sítios, não que por isso, fosse lhes dá uma conotação de pessoas que não tinham higiene com seus corpos, mas por estar o dia todo trabalhando ao sol e vindo do fogão a lenha. No entender deles, fazia mal tomar banho com o corpo quente, porque poderia causar um ramo, que quer dizer, uma trombose ou mesmo um acidente vascular cerebral.

As mulheres do sítio acreditavam em superstições. Cruzar com um gato preto às sextas feiras era sinal que o dia não iria ser bom. Ouvir um eco do rasga mortalha que é um, pássaro sertanejo, dizem que é sinal de morte; dia de lua cheia, à meia noite, uma pessoa iria virar um bicho chamado de Lobisomem; se visse um homem de orelhas grandes, era chamado de papa fígado, pois nossos pais acreditavam que esse tipo de gente matava crianças para retirar o fígado e comer, porque era comendo o fígado, que eles se curavam. Eu passei muito tempo tendo medo dessas histórias de sítios, corria para dentro do mato todas as vezes que via um velho de orelhas grandes e carregava os meus irmãos menores, ficava aterrorizada, lembro que chorávamos muito, até dos ciganos eu tinha muito medo, porque diziam que eles roubavam e eram feiticeiros.

São esses medos que podem levar as crianças a se tornarem pessoas inseguras para o resto de suas vidas, como, por exemplo, a alma do finado fulano está aparecendo para alguém do lugar. Meu Deus! Eu passava a noite sem dormir me tremendo dentro de uma rede. E esses medos eram induzidos pelos próprios pais, porque eles tinham medo e acreditavam nessas superstições. A maioria das mulheres de sítios, aproveitavam essas histórias. Quando um dos filhos não as obedecia, diziam que iam ser comidas por um bicho. Além delas, iriam comer as pessoas da família e do lugar. Eu até hoje respeito esses ensinamentos e falo para os meus filhos, que tenham cuidado com os choques térmicos, que era o caso do medo das pessoas mais velhas, senhores e senhoras de sítios. Embora, com os tempos modernos de hoje, isso ficou para trás, principalmente para a maioria dos jovens, para eles isso é mito. Segundo JOSSO (2010, p. 62):

[...] baseadas em *experiências formadoras e fundadoras*, que marcaram seu processo de formação e seu processo de conhecimento, pertencem à categoria das pessoas adultas que dão crédito à ideia de desenvolvimento pessoal e, conseqüentemente, à ideia de aprendizagens transformadoras de sua existência. Para elas, a formação supõe trazer novidade, portanto,

transformação, mudança. E as aprendizagens novas exigirão desaprendizagens: livrar-se de hábitos mais ou menos antigos que, por diferentes formas de tomada de consciência, se revelam como freios para ir em frente e nos tornar disponíveis para a criatividade. [...]

O que eu quis trazer para minha história nessa citação que Josso conta, é que através das experiências de formação fundadora o conhecimento nos faz acreditar no desenvolvimento pessoal, de aprender transformando a sua própria existência, mas a formação nos surpreende com as novidades, transformando e mudando com as aprendizagens novas, que vai exigir também o desaprender, como por exemplo, os hábitos antigos que serão substituídos pelos novos hábitos e costumes de estarmos livres para outras criatividades, como acontece nos dias de hoje. Os sujeitos atuais já não seguem tanto ao “pé da letra” as velhas experiências. Preferem ir mais além, através da consciência mais inovadora. Quando eu me referi aos meus filhos, que não acreditam tanto nessas experiências e hábitos dos nossos pais, avós, e familiares, preferem optar pelas suas crenças, de fazer, ensinar e aprender de outras formas diferentes.

As mulheres do Sítio Cabeços, ainda com suas prosas de comadres à sombra de seus terreiros, elas conversam e comentam umas com as outras suas queixas, sejam pessoais ou familiares, se aconselham entre si e sempre estão juntas na caminhada do dia a dia. Enquanto elas conversam e trabalham, os seus filhos também estão ali por perto. Lembro-me que eu brincava com minhas bonecas e minhas amigas, Maria Nauri [Nunes e Livinha essa última colega morreu de leucemia ainda adolescente, foi um grande choque para mim, sofri demais, pois, éramos amigas. Debaixo do juazeiro conversávamos, contávamos nossos segredos. Havia, nesse mesmo lugar, um lajedo, e um tanque feito na própria rocha. Quando chovia, eu e minhas amigas lavávamos as roupinhas de nossas bonecas e ficávamos imitando as nossas mães. Brincando e aprendendo, desde cedo como nossos pais. Esse caminhar de aprendizado, nos leva a obtermos conhecimentos através das experiências vividas e convivas com o outro. Segundo Freire (2014, p. 67): A nossa capacidade de aprender, de que decorre a de ensinar, sugere ou, mais do que isso, implica a nossa habilidade de aprender a substantividade do objeto aprendido. Homens e mulheres do Sítio Cabeços dialogam e reafirmam-se como sujeitos em comunhão, pois antes da leitura da palavra, confirmam as aprendizagens pela leitura de mundo, como ensina Freire.

Josso (2010, p. 37), salienta sobre as recordações como referências em nossas vidas que as recordações referência se constituem como simbólicas da formação. Que a recordação referência se apresenta ao mesmo tempo em uma condição concreta e perceptível de pensamentos e atitudes do sujeito. A recordação referência pedem sensibilidade para um passeio

às percepções sensíveis das imagens sociais, esses lugares de memória que marcam nossa existência e, uma dimensão singular, carregada de emoções, de significados e de valores transmitidas pelos nossos pais. A recordação referencial é formadora à medida que abrimos espaço para os aprendizados, as trocas, as partilhas, a comunhão. Quando nos deixamos às experiências do que foi aprendido, o saber fazer que direciona toda a trajetória de vida.

É assim o que acontece com as mulheres sítiantes, que são constituintes de seus próprios saberes, em diálogo com as experiências partilhadas, aprendem olhares diferentes, fazendo um intercâmbio através de saberes que as fazem mulheres conhecedoras e realizadoras de suas práticas e costumes. Aprendem e ensinam, mas também desconstróem e reconstróem. São aguerridas por suas lutas, e conhecidas por serem mulheres de prática que vem da alma, do umbigo enterrado na terra dos seus pais. Quando me refiro às dores que vem dessa travessia, não só com relação que poderia impedir, mas que ergue, posto que os projetos de vida comandam os fazeres e as dores passadas pelos seus cotidianos e por elas superadas, porque às fazem mulheres batalhadoras em busca de seus êxitos através da luta pelos seus objetivos.

Argumentamos, cabe repisar, a o valor das experiências, naquilo que nos dá sentido, no que nos passa, o que nos provoca, o que nos marca, toca, define. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca sem sentido, como ensina Bondía (2002). A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, acontece e não nos damos conta dos significados para a vida, para as reconstruções. As experiências devem ter um lugar de reflexão e alerta nos cuidados de não deixarmos que o desenvolvimento de tecnologias de informação tome o lugar de nossas experiências, como destaca e se preocupa Benjamin (1994, p. 2) no texto O Narradora sobre “a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara”. O autor está preocupado com o fim da narrativa, das narrativas reflexivas das experiências a que passa de pessoa a pessoa. Ele diz que essas narrativas são a fonte a que recorreram todos os narradores. Acrescentamos que dessas narrativas nos alimentamos, de tantos narradores orais que passamos a apresentar de forma escrita suas narrativas neste estudo. Nesse processo de ouvir/contar, temos outra dimensão fundamental, a saber, o da escuta. Como é gratificante quem nos escute.

Particpei de um minicurso que me possibilitou ouvir e contar. Enxerguei melhor sobre o conceito de resiliência. Esse conceito, apesar da minha orientadora e professora doutora, Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD, sempre, em salas de aula, nos mostrar, a resiliência em cada conquista de seus alunos. Ela nos faz descobrir que somos resilientes, pois nossa restauração vai para além de elementos que tentam no bloquear e nos impedir. Minha orientadora

compartilha com diversas áreas de conhecimentos e de saberes nas histórias de vida dessas mulheres, utilizamos as seguintes frases: virar a página, por exemplo, significa que a pessoa precisa quer continuar, sem ficar se lamentando como o passado. Virar a página é pensar em ter coragem e não ter medo de ter medo, mas de enfrentar o medo.

Considero que as mulheres sitiantes, principalmente as do Sítio Cabeços, com as quais convivi e vivo com algumas até hoje, cito minha mãe, minhas avós, tias, e em outros parentes e amigos do lugar onde engatinhei meus primeiros passos, nascem com a marca da resiliência. Falta exercitar e acreditar, de fato, na consistência dessa mistura, com poder de rejuvenescimento, de dores e alegrias, doces e amargos, esperanças e desesperanças.

Miro essas mulheres citadas, inclusive eu, sempre como sujeitos, que não eram apenas para cuidar da casa, debulhar feijão, cozinhar no fogão a lenha, ter um filho por ano ou até dois, no caso de minha mãe, que teve gêmeos, cuidar dos maridos, como era o pensamento da sociedade à época em que nasci. Nessa época, as mulheres eram “subservientes” aos seus maridos, não exerciam seu direito de falar, pois somente os homens tinha autoridade de determinar o que sua mulher deveria fazer. Viviam em forma de submissão, muitas vezes voluntária, mesmo que essa forma não fosse entendida como opressão por essas mulheres. Segundo Freire, em uma das suas obras, Freire (1987, p. 29) o autor explica que:

Esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de cria-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. Somente os oprimidos, libertando-se, podem libertar os opressores.

Compreendemos que não devemos ficar na defensiva de que alguém está nos oprimindo, mas entendermos as formas dessa opressão e não agirmos da mesma forma, ficarmos em alerta para o opressor que está dentro de cada um de nós. Por esse motivo, as mulheres de sítios não podem ser vistas como incapazes de refletir e nem subservientes, pois, na mesma condição do homem de pensar e de agir, tinham suas estratégias, suas táticas de defesa e muitas vezes sutil. Hoje, algumas dessas mulheres do sítio Cabeços, e nesse ponto me incluo, e demais sertanejas, vivemos de forma a expressar atuante e determinada nossas diferenças, nossos pontos de vista. Libertam-se a cada dia dos constrangimentos cotidianos, que tanto as sufocavam, e que muitas vezes se sentiam humilhadas, e até desprezadas pelos seus espaços de vida.

No mundo atual as mulheres de forma geral não sofrem mais tanto esse tipo de lugar menor e de autoritarismo do passado. A maior opressão é a conduzida pela a violência contra a mulher, de sua liberdade, de ter o direito à vida porque foram, por muito tempo, subestimadas

pela sociedade como um todo. A mulher de hoje conquista, passo a passo seu lugar através de suas ações, projetos, sonhos e perseguem esses projetos de forma aguerrida, em todos os espaços e em todas as esferas, sejam elas, políticas e sociais, e principalmente, atuantes em todos os territórios das diversidades plurais.

Lembro-me das mulheres do sítio Cabeços e Coroatá<sup>15</sup>, mesmo nos seus cotidianos simples, elas também, gostavam de planejar os seus momentos de lazer, combinavam com seus maridos e iam para os bailes de forró das regiões mais próximas, pois a dança lhes proporcionava momentos de alegria e prazer. Constituíam-se momentos de descontração, de interação com seus maridos e de sedução. O forró acontecia muitas vezes na casa de amigos, do Sítio Cabeços e de Sítios vizinhos, ou até mesmo em um mercado público, pois não existiam clubes para festas à época na região. Esses momentos eram proporcionados e coincidiam com as festas religiosas dos padroeiros de cada cidade. Vivenciar esses momentos por entre plurais caminhos me nortearam para um conceito de vida comum, porém com outras lentes, outros olhares, de como um sujeito se constrói e (re)reconstrói pelas suas experiências e costumes. Por essas trajetórias de vidas, em que as narrativas das falas através dos saberes e fazeres, me levaram a me sentir gente, e aprender a caminhar por diferentes lugares com minhas pernas.

A mulher que provindo de um sítio mostra em sua história de vida, que o querer do aprender, transforma o sujeito simples, em um sujeito que se empodera e se liberta pelo experimentar seu próprio caminhar, a vislumbrar novas histórias e conquistas, cria alma nova e autoestima.

**Foto 33 - Professora Ana Lúcia Aguiar no evento Congresso Nacional de Ciência e Tecnologia (CIENTEC) em Natal, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte**



Fonte: Arquivo pessoal, 2017

---

<sup>15</sup> Coroatá é um povoado que fica distante cinco quilômetros do Sítio Cabeços e pertence a Almino Afonso, Rio Grande do Norte.

Outra mulher da debulha do feijão, da pesca, do criatório, da quebra de pata de caranguejo que me inspirou à valorização da minha história de vida e me aqueceu a voz mostrando, na prática, que devemos buscar nosso lugar de protagonismo, moradora de uma casinha de Ilha, na Ilha de Fernando de Noronha é a professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar. A minha gratidão é imensurável a essa educadora em destaque que me fez observar tudo o que eu não tinha conhecimento antes de entender, o que de fato real, era a palavra educação, isto em um contexto universal. Minha professora e orientadora, Mulher essa, que tem o olhar que, a educação se constrói pela singularidade dos sujeitos. Assim é o seu modo de fazer sujeitos simples chegarem de forma inusitada ao mundo do conhecimento universal de uma academia, trazendo as suas experiências e saberes das trajetórias de vidas, para fazer ponte com os conhecimentos acadêmicos e com esses conhecimentos levá-los para um novo mundo, onde essas mesmas histórias irão contemplar mulheres e homens de todo nível educacional e social, pela ótica humana do aprender, do fazer e do saber (auto)formativo.

Trazer mulheres de sítios e da debulha do feijão em terreiros e tantas outras debulhas nos permite trazer Pollak (1992, p. 200) quando outorga uma grande possibilidade de entender o cotidiano das mulheres simples do ponto de vista dos acontecimentos, das pessoas e dos lugares dessa memória “que pode fazer parte da herança da família com tanta força que se transforma praticamente em sentimentos de pertencimento”. Acrescentar as lições de Freire (1996) ao se referir em trajetória que se estuda tocando em nervos; um passado que emenda com a vida de cada um, uma aventura de sensibilidade, não apenas um esforço de pesquisa pelos arquivos, por documentos escritos, por Lattes ou banco de teses e de dissertações.

Professora e mulher que, traz em suas raízes, experiências de uma mulher que conviveu numa ilha, Fernando de Noronha, ilha de renome turístico nacional, pelas suas belezas naturais. Sua época de convivência na Ilha e provinda de pais humildes e camponeses, foi preciso lutar, ainda criança trabalhar, para ajudar a contribuir com a renda familiar, seu pai pescador e sua mãe mulher de pouco saber educacional, mas de uma visão enriquecida dos saberes naturais da vida, já sabia que seus filhos precisavam plantar suas sementes em outros lugares para poder colher os frutos desejados e sonhados por eles. Essa professora trouxe um poder de muita grandeza, de alma e de corpo, reconhecida por todos aqueles que passaram por ela e em todos os contextos de dimensões na diversidade inclusiva.

Ela se destaca com seu modo diferencial de mulher e educadora. Quando faço esse relato sobre a professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar, no contexto das conversas na debulha do feijão de mulheres simples, de saber comum, é porque ela se encontra nesse contexto de mulher, que

vem de camada humilde, pois traz a sua marca original de desafiadora, protagonista, em que mostra sua trajetória de vida e luta, para conseguir o seu êxito social, empoderamento e liberdade. Saiu na maioria das vezes de sua zona de conforto, e continua exercitando o inusitado para salvar e realizar os sonhos daqueles sujeitos que não tinham mais esperança de realizar seus sonhos, como eu mulher de sítio. Educadora, que se dedica de corpo e alma vinte e quatro horas por dia, não medindo esforços em dá as oportunidades aos seus alunos que sejam, de mestrados ou da graduação, a sua dedicação faz toda diferença, e o que eu mais admiro nessa professora, são os desafios por ela buscados e determinados, com a coragem e confiança que ela deposita em todos esses sujeitos, quer sejam, alunos, funcionários, pessoas da rua, do campo, pescador, marisqueiros, apenados, quilombolas, rendeiras, pessoas com deficiências. Todos esses são trabalhados com muito amor e dedicação, sua verdadeira paixão. Aqueles sujeitos que ainda não se superaram através de suas lutas, ela ajuda para que superem. Todos dão os seus depoimentos ou testemunhos, pelo poder de superação, levando-os a se sentirem pessoas empoderadas, realizadas e felizes, pelo esperar do amor armado. Palavras bastante citadas por essa educadora.

Para concluir as narrativas desse tópico de prosas no terreiro no final de tardes e conversas na debulha do feijão, registro o meu encanto por ter viajado no tempo e (re)memorizado as fazes mais importantes de minha vida, juntamente com os meus familiares, em que tenho prazer de citar mais uma vez, referenciar as mulheres do sítio Cabeços, minha pertença original de mulher de Sítio. Cito palavras de um dos amigos de Paulo Freire, por nome de Pedro Pontual, quando se refere a Escola da Cidadania- Instituto Polis. Pontual diz que Paulo Freire falava de uma ética universal de ser humano: o diálogo, a escuta, a humildade, a tolerância, o respeito ao outro, o reconhecimento do diferente. O que relatei foi o que vivi e o que senti, vivendo por delicioso passeio nas veredas das memórias da minha gente do meu Sertão e do lugar de minha amada pertença na debulha do feijão quando tantas histórias de vida são contadas e escutadas por todos como um momento prazeroso de confirmação de um *ethos* que está na pele, no corpo, no aroma do povo do Sítio Cabeços.

No Terceiro Capítulo, deste estudo, mostraremos histórias inéditas as histórias de conquistas dessa mulher de sítio em que vai dialogar, suas experiências de fazeres e saberes, de uma história que sai da vida simples de sítio e encontra na academia todo o seu diferencial de mulher, onde aprendeu a empoderar-se e ser resiliente, com a força erguida pelas paixões das oportunidades, não mais de rupturas sentidas como negação ou paralisia, mas caminhos trilhados, na perspectiva de entender a aprendizagem e sabor do percurso. Caminho percorrido

com prazer e amor pelo o que faz e pelo que pode ser feito, refeito, mudar, permanecer, transformar.

### **2.3 Os guardiões da memória como historiadores de família: vivências do Primário no Grupo Escolar.**

Neste terceiro tópico, narraremos, através dos guardiões de memórias e outros guardiões historiadores de família, a partir do empréstimo de suas memórias, minhas vivências nas primeiras séries do Primário no Grupo Escolar do Sítio Coroatá. Halbwachs (1999) diz que a memória deve ser entendida como um fenômeno coletivo e social, construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes em uma sociedade. Segundo o autor a memória individual não está inteiramente isolada e fechada e para evocar o passado apelamos para as lembranças alheias, onde recorreremos às memórias da família, como avós, tios e pais. Iremos fazer um passeio através das memórias de pessoas que são, para este estudo, intituladas como os guardiões de memórias que são aquelas que, por forte afeição, defende aguerridamente algo ou alguém, protetor, conservador, depositário. Eles serão os sujeitos referenciais e historiadores que farão parte do nosso trabalho nesta viagem.

A memória é um conceito fundamental para a edificação dos escritos deste capítulo. Através dos guardiões de memórias escolhidos para as narrativas, teremos suas memórias remanescentes dos convívios diretos e indiretos sejam elas coletivas ou individuais durante minhas vivências nas primeiras letras dos estudos. Utilizaremos as narrativas (auto)biográficas, e com esses guardiões de memórias traremos lembranças das mulheres e homens do Sítio Cabeços, e de outras localidades por onde praticamos nossos saberes.

Com Paulo Freire (1991) aprendemos que a consciência não é uniforme e que o sujeito pode ser lido a partir dos seus fragmentos culturais, como, memórias orais e também escritas, em várias formas de transmissões de lembranças. Com o acervo contado, traremos histórias da minha fase de criança, e adolescência e esses historiadores que compartilharam vivências de minha vida passada pelos lugares das minhas primeiras bases escolares do primário no Grupo Escolar Sítio Coroatá, Rio Grande do Norte/RN.

Fizemos um roteiro de viagem, acompanhada de minha orientadora, professora Ana Lúcia Aguiar, meu irmão Josemar Honorato e minha irmã Maria das Graças. Josemar Honorato participou ativamente como fotógrafo atento a todos os detalhes e ao que pedíamos. Saímos de Mossoró às 14 horas do dia 16 de novembro de 2018, numa sexta-feira, com destino aos lugares

da minha identidade, da minha pertença e chegamos ao Sítio Coroatá às 16 horas e 30 minutos. Passamos pela primeira morada onde minha irmã, Gracinha e meu irmão Josemar ficaram hospedados. Dividimo-nos em duas casas. Todos “brigavam” para nos hospedar. A professora Ana Lúcia Aguiar e eu nos hospedamos na casa do meu primeiro professor, chamado Ari de Souza Nunes. Instalamo-nos em um quarto que estava preparado para nos receber, tomamos banho e fomos jantar. A mesa estava posta com café, bolo, cuscuz, queijo assado, batata doce, sopa, leite e ovos. Todos os alimentos são da produção do quintal da casa de Ari Nunes. Era uma mesa farta. Após o jantar fomos para o alpendre e, em cadeiras de balanço todos se sentaram para iniciarmos nossa primeira roda de conversa em sessão de narrativas (auto)biográficas. Ari Nunes, o primeiro narrador, emocionado e muito feliz, começou dizendo que podíamos ficar à vontade, pois ele contaria tudo com prazer. Fomos muito bem recebidos por Ari Nunes e toda família em sua morada.

A viagem até a região do Sítio Cabeços foi emocionante, pois havia muitos anos que eu não via o professor Ari Nunes. Este ficou bastante emocionado e chorou. No dia 16 de novembro de 2018, às 19 horas, no alpendre de sua casa, expliquei ao professor o objetivo da visita. Destaco este primeiro guardião de memória, o professor Ari de Souza Nunes. Ele, muito à vontade, inicia falando sobre sua história de vida:

Ari de Sousa Nunes, conta que nasceu em 11 de março de 1931, tenho 87 anos, ensinei na Escola Isolada de Coroatá, hoje passou a se chamar José Cordeiro dos Reis, ensinava a ler e escrever, só as coisas do primário mesmo! Tabuada, depois chamava de aritmética e quando saia da tabuada ia para as operações. Eles vinham dos Cabeço a pé, vinham e voltavam a pé, na escola não tinha nem merenda pra eles, coitadinhos, saiam daqui morrendo de fome, quatro quilômetros daqui para onde eles iam, as vezes o sol quente, a estrada ruim, era desse jeito. Quantidade de aluno na sala variava, porque tudo os pais eram agricultor e precisavam do trabalho dos filhos muitas vezes eles falhavam muito na escola, e era o jeito que tinha era falhar porque os pais precisavam deles pra trabalhar e eu não tinha o que fazer, as vezes não botava nem falta, coitadinhos, com pena deles.[...] Quando eu comecei a ensinar: antigamente o professor, ele sofria muito, porque tudo era difícil, eu trabalhava nesse grupo, não tinha carteira, não tinha mesa, não tinha quadro negro, os meninos sentados no chão, não sei se você ainda lembra disso, se pegou esse tempo, tudo sentado no chão com muita dificuldade, salário nem se falava, quase nada. Agente tinha uma bondade, nesse tempo aluno respeitava professor, hoje em dia é que o professor é quem de medo do aluno, tudo são valentão, e tem essa vantagem, antigamente tinha essa vantagem, agente ensinava com todo gosto por isso, porque o aluno cativava o professor, todo professor queria bem aos aluno. Como eu já disse: eu ensinei a um bocado de filho de Honorato, tinha o Mazim foi o primeiro, bom aluno, me ajudava também aqueles alunos mais atrasados, ele me ajudava a ensinar, porque eu ensinava de primeiro ano a terceiro, e eu sozinho, aí tinha essas dificuldades de ensinar e graças à Deus

todos eram bons alunos, nunca me fizeram raiva, tudo são bons e ela principalmente, que está aqui, eu dizia a ela que gostava de todos eles lá da casa de Honorato.[...] (Narrativa de Ari Nunes, Sítio Coroa, 16/11/2018)

**Foto 34 - Professor Ari Nunes**



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

O professor Ari Nunes narra que não havia cadernos na escola, “no início eram compradas aquelas folhas de papel pautado, costurado na máquina. Orgulhoso Ari Nunes diz que “fazia aquelas folhazinhas, sempre eram cinquenta folhas, os cadernos eram feitos em casa e não tinha história de caderno pronto, comprado em livraria, os alunos tinham que fazer seu próprio caderno”. Perguntamos se os alunos interagiam no momento da aula. Ele responde que sim, relata que “eles gostavam de perguntar as coisas e a gente tinha que responder, mas muitas vezes, a gente tinha dúvida, voltava no outro dia e dava a resposta para o aluno”. Sobre como os alunos procedam na entrada da sala de aula, Ari Nunes afirma que “os alunos entravam na sala da aula tudo em fila, quando chegava dentro da sala ia cada qual pra o seu canto, recitavam uma poesia ou as vezes cantavam também. Lembra que “quando os alunos entravam, botavam os cadernos na mesa, e ele ia passar a caligrafia para cada um, pois um dia era cópia que faziam pelo livro e as contas em outro caderno”. Sobre a tabuada Ari Nunes diz que “depois passava a conta em outro caderno todos davam a lição de tabuada”. Ele acentua que “a palmatória me ajudou, naquele tempo me ajudou, porque tinha o argumento num sabe”.

Ele me pergunta se eu fui do tempo em que ele trabalhava com o argumento. “Não sei se você ainda foi do tempo do argumento, o argumento era o seguinte: eu botava por exemplo, os

alunos da carta de ABC, colocava eles numa roda e perguntava uma letra a um, se ele soubesse, quando ele dizia, os meninos batiam palmas, e se não soubesse passava para o outro. Eu perguntei e o que acontecia com quem errasse. Ari Nunes disse que “se não dissesse passava para o outro, o que acertasse a letra pegava a palmatória e saía dando bolo naqueles que não sabiam, era assim, a palmatória era pra isso, só para argumento”. Uma das metodologias era a seguinte, disse Ari Nunes: “Tabuada do mesmo jeito, perguntava, tanto com tanto quanto é fulano? Não sabia. Ia para o outro: “você fulano, quando ele dizia vinha dar bolo naquele que não soube, aí eles achavam bom também era a brincadeira, a palmatória em cima da mesa”. Então eu disse professor, na época eu lembro que papai era quem dava a palmatória aos professores. E ele responde, “era sim, era pra isso, e o argumento ajudava muito também, para dar bolo da palmatória”. O professor Ari relata que quando chegávamos, entrávamos todos na sala de aula, em fila, cantando uma música e também do mesmo jeito era quando terminava a aula. O professor Ari Nunes recordou pouco da letra da música que dizia assim: “nós hoje estudamos tanto, como é grato repousar, o afeto querido enquanto a sombra do veio de lá!”

O que mais me chamou atenção nas narrativas do professor Ari Nunes foi a criatividade da metodologia que ele utilizava à época, mesmo com a utilização da palmatória como um elemento da disciplina, ele introduziu a ludicidade para a aprendizagem. Introduzia a música como estímulo para os alunos que, por sua vez, se sentiam atraídos e estimulados. Professor Ari Nunes conseguiu que os alunos interagirem de maneira prazerosa do aprender brincando que hoje é método bastante usado em sala de aula e de (auto)formação. Naquela época, sem saber, utilizava nos seus planos de aula o que hoje está orientado na organização curricular dos cursos de Licenciatura, a ludicidade, o que não era a mesma prática dos nossos professores anteriores, inclusive a da minha mãe Terezinha Alves Pereira que me alfabetizou.

O professor Ari Nunes, homem de retidão ética, um ser humano que se importava com os problemas da comunidade, pois trabalhava com atividades contextualizadas com recursos do ambiente natural, contextualização. Á época podemos dizer, praticava-se uma pedagogia, segundo Freire (2015), com métodos que privilegiava a voz do professor como argumento de verdade, e poder. De forma geral as escolas dos sítios não oportunizaram método mais libertador que, tornasse o aluno um conhecedor de leitura do mundo, com temas cercados por leitura de mundo e leitura da palavra. Embora com esse perfil das escolas, o professor Ari de Souza Nunes, introduzia a metodologia da leitura de mundo, através de suas experiências de vida, pelo dom dos saberes enriquecidos pela leitura da palavra, dos lugares pelos alunos vivido, construindo saberes e repassando o conhecimento em diálogo no seu papel de professor, de um construtor

de tantos ensinamentos. As lembranças do professor Ari Nunes trazem imagens dos ensinamentos das lições na escola do Sítio Coroatá que se misturam com nossos sentimentos de pertencimentos e nossas lembranças repletas de essência da terra.

Halbwachs (1990, p. 28) nos ensina que: “Se as imagens se fundam estreitamente com as lembranças, e se elas parecem emprestar à lembrança sua substância, é porque nossa memória não é como uma tabula rasa”. Os saberes de pessoas comuns, com histórias de vida construídas no cotidiano do Sítio Cabeços, na interação dos saberes, são textos marcados pela sabedoria dos sujeitos do lugar. São páginas recheadas de histórias.

As memórias do professor Ari Nunes, sua disciplina permeada de respeito e de moral, ensinando-nos a formação ética do saber pelo diálogo, na essência da educação como prática de liberdade. Nas lições de Freire (1987) o professor Ari Nunes nos deixou uma semente plantada, chamada de esperança ou porque não dizer esperar. Não importava os obstáculos, sua prática pedagógica nos remetia a esperança que também se fazia necessária para o enfrentamento das “situações limites”, pois como alerta Freire haverá, barreiras a serem vencidas ao longo de nossas vidas pessoais e sociais. O professor Ari Nunes nos conta que hoje vive triste em passar todos os dias pelo Grupo Escolar de Coroatá e vê-lo em ruínas.

Afirmou, com voz embargada que “gostaria muito; de poder erguer novamente e transformar o Grupo Escolar em uma escola que pudesse servir de modelo dentro da comunidade do Sítio Coroatá”. No Sítio Coroatá, durante nossa visita, tivemos a honra de visitar outra professora da minha época, por nome de Judite Nunes dos Santos, que continua morando no referido sítio. Em virtude de problemas de saúde, não tivemos condições de entrevistá-la.

**Foto 35 - Maria Nauri Nunes, filha do professor Ari Nunes.**



Fonte: Arquivo pessoal 2018.

Navegando em meio às histórias pelos lugares da minha pertença e de minha vida escolar, no Sítio Coroatá, reencontro com a minha amiga e colega de infância Maria Nauri Nunes, filha do meu professor Ari de Souza Nunes que fez parte dessa história no Grupo Escolar. Fomos amigas de sala de aula e foi alfabetizada por seu pai e professor Ari Nunes. Minha amiga de infância, Maria Nauri Nunes, hoje professora aposentada que, para dar uma condição de vida melhor aos pais, decidiu mora no Sítio Coroatá na casa dos seus pais, conta:

Eu nasci em 54, eles já moravam aqui, antes aqui era uma comunidade só família, irmãos, primos, tios, no tempo que o povo de seu Honorato morava aqui, era tudo família, tudo construído por família, mais ai depois foram morrendo, foram embora, foram estudar [...]. O Sítio Coroatá fica no Município de Almino Afonso, já pertenceu a Patu, mas aí depois houve a emancipação política, Almino Afonso desligou-se de Patu e Coroatá ficou pertencendo a Almino Afonso. A vida aqui é muito tranquila, é uma vida agrícola, é vida de agricultores, tudo na simplicidade, cada um explora sua agricultura da forma que pode, gostam de criar, as pessoas criam gado, criam ovelhas, criam galinha, uma diversidade de animais, aqui na região. E também tem apicultura que hoje está quase que desativada, tem a casa do mel, uma casa que é toda mecanizada, tudo muito bacana lá dentro, tem laboratório, e tudo lá, mas como esses anos de seca atrapalhou, então a apicultura está praticamente extinta. Estão tentando recuperar agora novamente, porque está aparecendo novas abelhas, mas é assim, a vida na simplicidade, é vida é difícil porque não tem investimento, aqui cada um se vira como pode e é dessa forma, quando vem uma seca acaba com tudo, a gente passou agora por cinco anos de seca, a vegetação aqui é uma área bem arborizada, vocês , vejam que tem bastante juazeiro que resiste a seca, mesmo na seca eles caem as folhas e ficam verdinhos novamente sem ser preciso aguar e esse juazeiro na época da seca serve de alimentação para o gado, eles cortam porque está verde e serve de alimentação para o gado. E não é fácil viver no sítio, mas ainda é um ambiente tranquilo. [...] Francinilda fez parte da minha infância, fomos criadas praticamente juntas e como eu não tinha aqui muitas meninas para brincar eu saia daqui com meus irmãos e a gente ia para casa de seu Honorato lá nos cabeços, brincar de boneca, brincar de casinha, as bonequinha bem fraquinha, os brinquedinhos que agente inventava que catava por ali e arrumava as casinhas e brincava, ia para as mangueiras na época de inverno que tinha muita fartura e era uma família muito bacana como hoje ainda é e assim esse contato da gente com o povo de seu Honorato nunca acabou, no entanto que quando eu estava em Mossoró com meus irmão sempre dia de domingo a gente ia para o Sereno por convite deles e passava o dia lá também conversando, se divertindo e brincando e uma família que evoluiu muito e que cresceu muito desde que saiu daqui todos estudaram e se formaram nenhum deu para o caminho do mal, todos são pessoas do bem, educados e essa menina Francinilda é um exemplo também né que nunca desisti apesar das dificuldades e tudo que ela já tinha passado como dificuldade na vida e ser uma mulher casada e também ter se divorciado e ter criado os filhos educados, ela nunca desistiu, sempre batalhou e sempre trabalhou e a prova é esta que aos 64 anos ela continua estudando e batalhando e fazendo mestrado e é uma

vencedora, eu acho ela uma vencedora.[...].(Narrativa de Maria Nauri Nunes, Sítio Coroatá, 16/11/2018).

Ao ouvir os relatos dessas pessoas sobre dias compartilhados ao sabor do leme da natureza nos contos de Maria Nauri posso relacionar a esses relatos de experiências que minha amiga se despediu do Sítio Coroatá em razão da continuidade dos estudos, cresceu, levou a base do sítio para sua vida e obteve êxito através de seus estudos. Mulher sitiante que, até os dias de hoje, é exemplo de virtudes, de um empoderamento de vida pessoal e social e se constituiu em uma educadora dedicada. Fico imaginado o quanto os sujeitos são protagonistas de suas próprias histórias que nem se dão conta que, suas trajetórias de histórias de vida simples, fizessem tanta diferença na vida de uma ser humano. Construímos-nos como pessoa, como gente capaz de fazer, de ser, de conviver e propagar suas aprendizagens na terra como outros que cruzarem seu caminho. As narrativas de vida, através do método (auto)biográficas, abre espaço para subjetividades e fazeres de sentido, conhecer o outro, e diante dessas trocas de experiências percebemos que as histórias de vidas, anunciam textos e contextos em vidas comuns, compartilhadas. Trata-se, certamente, do passado vivido, bem mais do que o passado apreendido pela história escrita, sobre o qual poderá mais tarde apoiar-se sua memória (HALBWACHS, 1990; POLLACK, 1989). Estes autores nos permitem confirmar que as histórias que não foram escritas, as histórias vividas e silenciadas devem ser respeitadas, posto que vivenciadas em compartilhamento. Não só o que foi permitido ser escrito, como se faz com a História Oficial deve ser considerado como relevante, mas aquelas histórias de sujeitos simples, com a mesma pertinência.

Ao trazer as memórias de pessoas do meu *ethos* me sinto como responsável por aquelas vozes silenciadas e que por muito tempo se consideraram sem história. Por esse caminho, após a roda de conversa com Maria Nauri Nunes, fomos dormir acalentando nossas emoções e criando energia emancipatória para, no dia seguinte, dia 17 de novembro iniciarmos as emoções com destino ao Sítio Cabeços. Dormimos às 22 horas em um quarto preparado para nos receber. Tinha uma mesa para estudo onde instalamos nossos computadores e livros. Todos se admiraram pelo fato de irmos estudar ainda até duas horas da madrugada e disseram da satisfação em saber que tínhamos aquele ritmo de estudo. No dia seguinte, café da manhã, com cuscuz, bolo, ovos cozidos e fritos, leite, queijo, café e frutas. Nossa ansiedade tornava-se aumentada a medida em que pensávamos no que iríamos encontrar no Sítio Cabeços. Que pessoas nos receberiam, como estaria a casa onde morei, o açude, o criatório, o plantio. Lugar realmente da minha pertença cantava e aquecia minha ansiedade. Viajamos por uma estrada

estreita, de chão batido e com muitos desníveis. Chegando lá, me surpreendo ao encontrar também um amigo e colega de escola da minha época de alfabetização, por nome de José Galdino Campelo Filho. A minha felicidade maior foi ter visto esse colega ainda em minha adolescência, quando eu morava no sítio Cabeços. Então pergunto para ele se eu posso entrevistá-lo, eu e a professora Doutora Ana Lucia Oliveira Aguiar, explicamos o objetivo da nossa pesquisa, para relatar situações do nosso convívio, a minha convivência naquele lugar em que morei e estudei na mesma sala de aula, no sítio Cabeços. Muitas perguntam vinham a minha mente, muitas brincadeiras, muito cuidar com a plantio. Ele diz: “que é com grande prazer em colaborar com a nossa entrevista”.

José Galdino Campelo Filho chegou à alfabetização, pois não continuou os seus estudos. Preferiu permanecer no Sítio Cabeços, trabalhando com seus pais na roça. Começo a entrevista dando bom dia, digo o dia da semana, expresso a enorme felicidade de estar naquele momento com ele, recordando os lugares da minha infância e ouvindo dele, memórias já esquecidas por mim, do tempo de nossa época de infância e colegas de escola.

**Foto 36 – Francinilda Honorato, Ana Lúcia Oliveira Aguiar e José Galdino, no Sítio Cabeços/PB**



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Eu perguntei se ele sabia o porquê de o nome do Sítio Cabeços, ele fala que era para ser Sítio Três Cabeços, por causa da serra, mas ficou conhecida como Fazenda Cabeços, era como as pessoas da região, os mais velhos, chamavam o sítio. José Galdino diz que se chama “Três Cabeças, por causa da Serra, têm três picos em formato de cabeça na Serra, três pontas grandes”. Ele diz que o povo chama Três Cabeços. Ele lembra que mudaram o nome, mas que “as três cabeças lá na serra [...]”. Homem de sabedoria aprendida no dia a dia com a terra. Sobre sua história, seu nome, sua idade e onde nasceu, diz:

[...] Meu nome é José Galdino Campelo Filho. Sessenta e oito, estou perto de sessenta e nove, sou do dia oito de março de 1950. Nasci em Mossoró, na Almeida Castro em Mossoró, às cinco horas da tarde. Mas me criei aqui nos Cabeços. [...]. (Narrativa de José Galdino Campelo Filho, Sítio Cabeços, 17/11/2018).

José Galdino foi alfabetizado pela professora Terezinha Alves Pereira. Ela ensinava com o caderno e a cartilha de ABC, aquelas cartilhas de ABC! Ele lembra que “o caba, tinha que fazer, tinha que desenhar, se não fizesse direito, era disciplinado com tapa na mão ou palmatória”. Continua lembrando que se, o aluno não fizesse as lições, se não soubesse a tabuada “na cabeça”, a ordem dos pais era o de castigar com a palmatória. José Galdino diz que seu pai dava ordens a professora Terezinha para bater caso o filho não tivesse feito todas as tarefas e se não obedecesse às regras do professor. A professora Terezinha Pereira ensinava na cartilha de ABC e tabuada e “eu aprendi várias palavras, primeiro aprendi meu nome, depois fazer nome de bola, de lápis, de caderno, de livro, essas coisas, aí daí fui desenrolando, na cartilha de ABC” José Galdino recorda que a professora alfabetizava da seguinte forma: “Ela botava um quadrinho que era um papel com um quadrado no centro e colocava em cima da letra e perguntava que letra é essa?” Saía perguntando: que letra é essa? o caba ia dizendo”. Continua José Galdino a narrar com emoção nas palavras e com os olhos para cima como quem procura as memórias dos lugares, dos acontecimentos e diz:

Hoje em dia o caba aprende no computador, tudo no mundo no fim num sabe é de nada. Mais homi, aqui, naquele tempo tinha mais de oitenta morador, era menino aqui que friviava, era muitos, ela ensinava de meio dia para a tarde, dona Terezinha quando chegava já tava tudim. Ainda veio uma professora que seu pai trouxe, dona Nega, e ela hoje é minha comadre, ai que, depois seu Ari, depois vocês foram pra rua, pro Catolé (Narrativa de José Galdino, Sítio Cabeços, 17/11/2018)

Essas lembranças reminiscência de José Galdino engendram em nossa memória o que aprendi através do que nos deixa Halbwachs (1990) sobre a memória coletiva que não é vista de forma a ser uma imposição uma forma específica de dominação ou violência simbólica. O autor centua em suas narrativas as funções positivas desempenhadas pela memória comum, do ponto de vista do reforço à coesão do grupo, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo. Memória, para ele, faz parte de um processo social em que os indivíduos não são vistos como seres isolados, eles interagem ao longo de suas vidas a partir de estruturas sociais determinadas. Uma memória que define o que é comum ao grupo e o que o diferencia dos outros fundamentando e reforçando os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio culturais. Ele deu ênfase ao fato de que os indivíduos se recordam de acordo com quadros sociais. Para Halbwachs (1990) os indivíduos utilizam imagens do passado enquanto membros de grupos sociais, que sempre precisam da memória de outras pessoas para confirmar suas próprias recordações e para lhes dar resistência. Vimos, por meio, das narrativas dos sujeitos do nosso lugar, o afeto pelo grupo, o reforço do sentimento marcado pela força do lugar, as lembranças a partir dos cenários do lugar, das pessoas do lugar, dos acontecimentos do lugar. Cada recordação de José Galdino enlaçava nossas lembranças e repisava o sentimento de ligação de cada um com a história do outro.

**Foto 37 – Francinilda Honorato na Casa Grande do Sítio Cabeços/PB**



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

No sítio Cabeços, a professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar, meu irmão Josemar Honorato dos Santos e eu, fizemos um passeio por todos os lugares de minha infância e pré-adolescência.

Visitamos a casa em que moramos, a casa grande da fazenda, entramos por todos os cômodos passando as mãos com o coração saudoso e a mente carregada de lembranças. José Galdino falava sobre cada lugar, cada quarto, sala, cozinha, reportando-se para o passado. No sótão da casa grande, onde eram guardadas e escondidas as armas da época, para defender-se dos ataques dos cangaceiros, houvesse resistência na fazenda, subimos e pegamos em cada instrumento da época. Vimos pequenos buracos paredes, feitos de forma estratégica, para visualizar os cangaceiros chegando e atacar de surpresa. Tiramos fotos de todos os momentos. A casa grande não tem mais os objetos domésticos. No entanto, guarda em sua parede da sala um mapa de toda a área da fazenda de propriedade de Lavoisier Maia. Visitamos o açude velho, descemos até suas margens, sentimos a água fria que por tanto tempo nos banhou e nos permitiu brincadeiras. Emocionei-me ao tocar suas águas, pois, o tocar nas águas foi um presente de Deus! No meu pensamento talvez encontrasse o açude seco, pois para mim, em terra do sertão de sol escaldante em pleno dia 17 do mês de novembro de 2018 seria um milagre o açude está com suas águas transbordantes. Eu achava que não haveria mais nenhum açude com água. Desde que saímos do Sítio Cabeços para Mossoró depois de mais de 40 anos, voltar aquele lugar, de minhas raízes, seria inusitado encontrar tudo como estava em nossa memória ao longo desses anos. Visitar as terras por onde alicersei minha formação é falar comigo mesma e dizer que senti as lágrimas molharem meu coração, a emoção foi sem palavras. Lembrei-me como o sangue que corre nas nossas veias e recebe alimento das memórias de vida, com um bom efeito de purgação pelas lembranças do lugar de pertença, senti através das emoções como criança ao encontrar seus pais. A felicidade que vem de dentro da alma e do sentimento renovado de energia, que brotava de dentro da terra, a poeira do chão do Sítio Cabeços, grudava nos meus calçados, como a resina do pé de angico, impregnava em nossas almas. Lembrei-me quando vinha da escola pelas veredas do sítio, subíamos no pau de angico e retirava a resina para comermos. Tempos de aprendizados que levamos para a toda a vida de trajetórias de vida e de vivências ao longo da vida. Encontramo-nos com desafios, reconstruímos, refazemos, retornamos, avançamos.

**Foto 38 – Francinila Honorato revive a emoção ao tocar a água do Açude Velho**



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Essa viagem me fez construir e reconstruir antigos e novos sonhos, de continuar aprendendo que, O Bom da Viagem, é a Viagem, como ensina a professora Ana Lúcia Aguiar. É uma das suas frases preferidas. Demorei entender, porque a professora a repetia tanto, em todos os momentos, em suas convivências, e em todos os lugares em seus contextos. Vejo que o significado dessa sua frase tem uma dimensão de interpretações e de aprendizados, que nos faz refletir que O Bom da Viagem é a Viagem Porque, nos remete, conhecimentos e os tropeços, que passamos pelo bom da viagem e nos levanta quando entendemos que as experiências são aquelas quando as vivenciamos na prática entendendo-nos como sujeitos das experiências. Que ao mesmo tempo, aprendemos com o bom e com o que não é bom. Aprendemos também, com os desafios e obstáculos de toda viagem! O que nos faz aprender fazendo, e trabalhando as emoções enriquecedoras dessa tão maravilhosa viagem.

Neste momento, revisei a minha memória reminiscência passando pelo Sítio Coroatá, pelo Sítio Cabeços – Paraíba/PB; por Patu - Rio Grande do Norte e Catolé do Rocha na Paraíba/PB. Retornei à minha segunda pertença, na qual passei a maior parte da minha adolescência. Patu, uma cidade do Estado do Rio Grande do Norte, me proporcionou mais uma roda de conversa com mais uma das minhas professoras do primário, Neuzuíte Diniz, conhecida

como Dona Nega. É uma das guardiãs das memórias de minha vida escolar. Chegamos à cidade de Patu e a encontramos deitada em uma cama do quarto de sua casa, cercada por seus familiares. Diz a professora: “tenho oitenta e dois anos e nasci em São Bento da Paraiba-PB, o mundo não me conhece pelo o meu nome Neuzuite Diniz, mas por Dona Nega, os pais dos meus alunos e as crianças me chamam de Dona Nega”. Sobre como ensinava Dona Nega relata elevando seus olhos como quem procura nas memórias os dias de ontem. Relata que:

Quando eu ensinava as vocês, era tabuada e cartilha do povo, tinha até uma mão assim, a, e, i, o u, e eu ensinava uma vez, a, b, c, d, até chegar à letra z, aí quando chegava, eles iam sentar no canto deles, cada um com sua carta de ABC na mão, aí quando vinha pra dar a lição, sabia direitinho, eu perguntando as letras, cobria as letras e deixava só a dele dizer, mais era mesmo que um raio de céu, dizia tudinho” depois quando terminou a cartilha, foi tudo pra o primeiro ano, era o Nosso Brasil, o nome, primeiro ano, segundo, terceiro e quarto ano do Nosso Brasil” Eu, ensinei a vocês lá no estábulo, nos cabeços. Aí depois compadre Honorato, com aquele coração de anjo, fez uma transferência pra os meninos quem vir, pra minha casa na estiva, que não era tão longe e eu ficar em casa, que ensinar em casa era melhor, dez vezes, porque, com uma ruma de menino atrás de mim, tinha trinta e cinco, tinha mais rapaz e moça do que menino, os rapazes não podia ser mais analfabeto, aí os meninos pequenos sabia ler e eles não, aí aprendeu a ler todo mundo, graças à Deus, eu começava ensinar as onze horas do dia até as três horas da tarde, mais ou menos, eu ia a pé e voltava a pé, mas seu pai fez essa bondade para mim, em ensinar em casa, eu nunca vou esquecer! Comadre Terezinha, Ave! Maria! era a maior amiga que eu tinha ali naquelas bandas, era ela! ia pra missa, pra os forrós, pra todo canto.

(Narrativas de Neuzuite Dinis, Patu, 17/11/2018).

**Foto 39 – Francinilda Honorato com a sua segunda professora, Dona Nega**



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Perguntei a Dona Nega se ela permitiria que eu a citasse em minha dissertação e história, e se permitia que eu tirasse fotos daquele momento? “Dona Nega responde: “do tanto que você quiser, com todo prazer”. A professora Nega diz que eu, Francinilda Honorato era uma boa aluna de todos da minha casa, só tinha uma mais danada, era Francilene. Dona Nega conta que tinha uma palmatória que havia mandado fazer que ficava escondida para ninguém pegar e os alunos nem sonhava onde a palmatória estava escondida. Era conta que a palmatória ficava na “frachada”, que era uma abertura na porta da casa de sua mãe. Dona Nega nos diz não a utilizava, mas que era para amedrontar os alunos. Sobre seus alunos nos diz: “Graças a Deus os meus alunos obedeciam, ainda hoje tudo me chama de Dona Nega e me abraça quando me encontram. Eu velha desse jeito, mas recebo o carinho até os filhos dos meus alunos.

A memória de Dona Nega, minha professora, hoje com 82 anos, aponta uma memória movimento, dinâmica, social, construída na relação entre si e entre o grupo. Trata-se de uma memória coletiva, lembrada pela presença de cada um na história do outro. Halbwachs (1990) nos fortalece ao rejeitar a ideia de que a memória seja algo apenas físico capaz de ser medida em laboratório. Sua noção de memória repousa na ideia de que ela está relacionada a representações coletivas estabelecidas por grupos sociais e que sua materialidade está na sociedade. Os indivíduos, para ele, não se lembram por si mesmos, e, para lembrarem, necessitam da memória coletiva, ou seja, da memória que foi construída compartilhada com outros indivíduos. Dessa forma, Halbwachs, apoiado nos quadros sociais; da memória, procurou o significado do que era atribuído ao que era lembrado. Os guardiães de memória das histórias narradas neste estudo se apoiam nos quadros lembrados por suas memórias e cada quadro se torna forte, empodera, na medida em que confirma a maneira e o comportamento de uma cultura de sítios.

A professora Neuzuíte Diniz, com seus oitenta e dois anos, contribuiu bastante com sua memória lembrança para o resgate dos meus dias de adolescente. Resgatei lembranças de minha vida como aluna que tinha em suas tarefas a responsabilidade de aprender para a vida, pois nem todo mundo leva para a prática os ensinamentos do seu período de infância de d adolescência. A professora Neuzuíte Diniz, dentro de suas possibilidades de memória, narra momentos singulares da minha vida na condição de aluna, assim como momentos da minha infância. A guardiã Dona Nega é uma amiga de nossa família desde muitos anos, comadre de meus pais, madrinha do meu irmão mais novo Josemar Honorato dos Santos. Teve dois filhos, a mais velha, por nome Aurita e Marcondes hoje professor. Aurita Maria Diniz, foi minha colega de escola,

foi alfabetizada por sua mãe. Aurita sempre foi uma aluna exemplar, muito inteligente, como filha de pais sitiantes, passou por muitas dificuldades para estudar, mas foi e fez das dificuldades os aprendizados e luta buscou caminhos para o seu êxito social através de seus estudos e conseguiu!

Mulher que até os dias de hoje segue com os exemplos de ontem para todos que, com suas experiências trazidas desde, de sua pertença, contribuíram muito para o seu crescimento, tanto pessoal, educacional e social. Sua filha Aurita Diniz é graduada em Ciências Contábeis e Especialista pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, Campus de Patu-RN. É funcionária da instituição, UERN, mulher que, se empoderou e se libertou de amarras, na quebra de seus grilhões com construção do saber e do fazer com base em suas experiências de vida, orientada por sua consciência e respaldada pela força de vontade de vencer na vida.

Ao encerrar este tópico que fala dos guardiões de memórias da minha vida, ainda de escolarização, sinto-me menina criança, mulher alfabetizada, mulher do sítio. Satisfaço-me e renovo minhas energias, resiliente, a partir das memórias das mulheres de ontem e de hoje, do Sítio Cabeços, e as de todos os sítios do meu Sertão Nordestino. Ao terminarmos este capítulo, cabe repisar, nos sentimos reforçar os narradores com suas memórias guardadas do Sítio Cabeços como uma comunidade afetiva com depoimentos que não cessam de concordar com os fundamentos comuns cujo encontro foi erguido espiritual e na vida de cada um dos nossos outros. As memórias das histórias que contamos, as emoções das histórias, das histórias que contamos como uma força potencial.

#### **2.4 Ao entardecer, o caminhão parte, as cancelas se fecham: a chuva, uma noite, a entrada em Mossoró**

Começo esse quarto tópico, com uma palavra sobre o significado da escolha do tema. Início com a dádiva da palavra experiência, a paixão da experiência, o sujeito da experiência, o lugar da experiência, do sentimento por mim em cada palavra. Bondía (2002, p. 21) diz “eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco”. Nesta experiência das marcas da palavra e do momento do “entardecer” cravou com uma flecha em nosso corpo. Bondía afirma que “as palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras”.

**Foto 40 – Francinilda Honorato simbolizando o fechamento da cancela na partida para Mossoró/RN**



Fonte: Arquivo Pessoal, 2018.

O significado da palavra “entardecer” instiga voltar a memória ao passado entre o final da tarde e o início da noite quando meu pai tomou a decisão de morar em Mossoró. O “entardecer” daquele dia quando abrimos a cancela para o caminhão, que nos levava, passar e seguir foi com uma cortina que cai entre a cena e o palco. A escolha do título deste tópico. Ao entardecer, o caminhão parte, as cancelas se fecham: a chuva, uma noite, a entrada em Mossoró, se deu pelo sentido de todo aquele momento na vida de cada um dos meus familiares, pais e irmãos. Sentimento de encerramento de uma parte da história da família Honorato dos Santos, para o recomeço em outro lugar, desconhecido, estranho, diferente do viver no cotidiano do lugar de nossa identidade, idade primeira. Narraremos não só um até logo ao Sítio Cabeços, mas o adeus! Cruzamos aquela cancela com um adeus! O sentimento, naquele momento, era de tristeza, de dúvida, de inquietação, de agonia de quem deixa o que antes era palpável, certo, conhecido, para outro lugar de aprendizados. Estávamos sofrendo o pelo da dor e não sabíamos o que era viver O Bom da Viagem, ainda. No momento da partida, o sentimento que vinha de dentro da alma, surtia uma saudade enorme, pois as raízes enfincadas na terra do lugar onde “enterramos o umbigo”, a raiz, naquele instante, se separava de seu caule. Frágeis nos sentimos, pois o que o concreto daquele lugar, eram as raízes de fertilidade. A partida, com a separação entre a raiz e o caule nos deixou com os sentidos pausados e abalados, com o choque pelo seu desligamento. Não havíamos sido preparados sobre as decisões da mudança. Muita tristeza e saudade da amada pertença, sabedores de que aquele entardecer não seria mais visto. O mesmo sol, à tardinha de brisa fria, as noites de lua clara, de céu azul com suas estrelas a brilhar ficaria

para trás. Ficou o sítio Cabeços, tão amado, mas arraigado pelas lembranças levadas das terras. O olhar para os momentos do ontem foi algo que me fez sentir, buscar para aliviar o pesar da dor. A esperança alimentava minhas forças e a certeza que as raízes iriam brotar novamente em outro lugar e dessa vez, o adubo fertilizaria com mais vigor, para dialogar agora para um descobrimento de um novo e desconhecido mundo.

O caminhão chega no horário marcado, às 17 horas. O motorista por nome Dário, homem de muita paciência e gentileza que mais tarde veio morar na Cidade de Mossoró- RN e, por coincidência, veio ser novamente nosso vizinho. Começamos a arrumar os cacarecos, palavras usadas pelos costumes sertanejos, que significa objeto de pouco valor, arrumar os “troços”, que nos sítios são chamados os móveis das pessoas humildes. Colocamos todos os objetos dentro do caminhão e pouco a pouco somos visitados pelo momento mais desafiados que foi o de subirmos, filhos a filhos, no caminhão, escalando a carroceria alta e, para nós, íngreme. Todos no caminhão, cada um ao lado do outro, como uma escadinha. Os mais velhos com a tarefa de tomar conta dos outros que estavam sentados por cima dos “cacarecos”. Os animais foram os últimos a serem colocados. As cancelas se abrem e o caminhão passa e as cancelas se fecham, começa então a viagem, destino a Cidade de Mossoró-RN. Crianças e adultos choram e até os animais demonstram saudades. As cabras berravam para as cabras que ficaram, os garotes, mugiam, as galinhas cacarejavam. Sinais de tristeza com a partida. O cachorro latia, o gato miava, os papagaios e periquitos emitiam seus sons como se estivessem chamando os que ficaram. No rosto do meu pai, vimos lágrimas caírem e se enterrarem no chão de sua pertença. Meu pai tinha certeza que esse sacrifício não seria em vão, pois, junto com minha mãe, sabiam o destino escolhido, com a certeza do destino determinado por Deus, que era oferecer uma nova vida a família, dando-lhes a oportunidade de estudar e serem gente, palavra sempre repetida. Meu pai foi uma pessoa de pensar no outro e abdicar da sua vida para acolher os sonhos daqueles que estavam por perto. Lembro-me que tinha um dos trabalhadores por nome Francisco Nicássio Rosa apelidado de Chico do Capim. Ele alimentava os animais do Sítio Cabeços, por ser cortador de capim. Era um rapaz de muito carácter, de inteira confiança do meu pai e de toda família e veio trabalhar em nosso Sítio Sereno em Mossoró. Chico do Capim fez parte de toda essa trajetória, inclusive vinha também, no caminhão da mudança. O caminho foi longo, estrada carroçável, noite longa que oferta a dádiva da chuva para abrandar nossos corações, embora sem proteção, cobertos apenas com uma pequena lona, encolhido, agarrávamos uns nos outros. Vejo-me nesse momento com o sentimento daqueles que atenderam ao chamado de Noé.

Quando faz a separação das espécies viventes, ordena entrar na arca, cada casal de cada espécie, para a chegada do grande dilúvio.

Noite longa e cansativa. Chegamos à Mossoró, as 20 horas no ano de 1970, direcionamos para a nossa nova casa, localizada na Rua Rodrigues Alves, nº 869 - bairro Santo Antônio, todos muito cansados, com fome e na memória a nossa casa no Sítio Cabeços. Tudo era tão estranho, as pessoas da rua nos olhavam de forma muito desconhecida, e nós, bem assustados com o novo mundo que iríamos enfrentar, a partir daquele momento. Meus pais, nos apresenta a nossa nova moradia. Lembro que nossa tia Rita Honorato Lopes veio com seus filhos nos receber, pois a nossa casa ficava próxima a rua que ela morava, nos trouxe alimentos e também nos ajudou a organizar os “cacarecos” dentro de casa. Após todos alimentados, meus pais, começam arranjando lugares nos cômodos da casa, colocando redes em todos os cantos para nos acomodar, tarefa realizada com paciência, pois armar onze redes não foi fácil! Todos organizados em seus lugares, fizemos as orações antes de dormir e pedimos a benção!

No dia seguinte, bem cedo, minha mãe, na cozinha, prepara o café da manhã e, cada um, foi acordando atendendo a minha mãe orientando para irmos para o banheiro, localizado no final do quintal, bem antigo, sem muita, condições de uso. Não havia chuveiro, mas um pequeno tanque com água bastante quente e o sanitário era feito de alvenaria, não existia vaso sanitário de louça. Foi a casa, no entanto, possível de ser comprada com os poucos recursos à época. Uma nova história recomeça diante daquele novo mundo que aos poucos nos adaptamos no conviver, embora sentindo a saudade enorme do Sítio Cabeços. Estávamos convictos e obedientes à decisão de nossos pais que Mossoró, traria para toda a família, uma esperança de um amanhã com possibilidades de oportunidades de estudo. A mudança do Sítio Cabeços para Mossoró tinha um objetivo que superaria qualquer obstáculo e enfrentaria todas as barreiras.

O recomeço da história da família Honorato dos Santos, no fincar os pés em Mossoró seria permeado pelas energias emancipatórias necessárias em situações de limite. Mossoró começou a parecer em nossos olhos como um lugar apaixonante, amado por todos, pelo chão do lugar, com suas belezas naturais, cidade histórica por muitos atributos em sua historiografia, cidade conhecida por sua resistência, de homens e mulheres destemidos. Terra que tem a marca dos momentos do embate com Virgulino Ferreira da Silva, mais conhecido por Lampião. Cidade hoje, bastante conhecida em todo território nacional, suas histórias contadas, escritas e oralizadas por historiadores e artistas da terra, contadas em livros, poesias, cordéis, peças teatrais. Também conhecida por festas tradicionais, religiosas, da padroeira da cidade dia 13 de dezembro, festas de muita tradição junina. Terra do alto da liberdade, e do 30 de setembro,

comemoração da libertação dos escravos em Mossoró, e outras mais, citadas fartamente nos escritos da história da cidade.

A cidade de Mossoró é conhecida também por ter sido a primeira cidade em que uma mulher votou pela primeira vez no Nordeste, em novembro de 1927, a professora Celina Guimarães Vianna. Houve também o "motim das mulheres" movimento liderado Anna Floriano. Mossoró do petróleo, da terra de sol e do sal, de praias de areias coloridas, cidade geograficamente dividida por um rio, com duas pontes, que torna a cidade mais formosa por suas belezas natural e conhecida por suas riquezas culturais. Vitoriosa, nomeada, Capital do Oeste Potiguar, Mossoró é a segunda maior cidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Quando me reporto a Mossoró vem em minha mente uma parte da minha vida, como o ar que respiro que nos recebeu, nos acolheu, para que pudéssemos fazer parte da produção da vida nessa etapa iniciada desde quando o entardecer fez a cancela se abrir e se fechar. Orgulho-me em dizer que sou também uma Mossoroense, não, por nascimento, mas por ser a minha terceira pertença até os dias de hoje, lugar do meu aprender/fazer, de minhas paixões cotidianas, proporcionando-me todos os dias o prazer apaixonante de viver e crescer neste lugar. Fiz-me mulher, pelos caminhos dos saberes, dos conhecimentos, das experiências louváveis, no encontro com minha história de vida, o meu êxito social pela formação, trazida pelos saberes de uma mulher sitiante que tem a honra de dizer, que a cidade de Mossoró, minha pertença atual, veio-me fortalecer, mulher inspirada por todas mulheres guerreiras na história de Mossoró.

Quero ressaltar que a história contada por mim e minha orientadora professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar, nesse tópico da nossa pesquisa de dissertação de mestrado são válidas trajetórias de mulheres que se empoderaram através de sua tenacidade e perseverança, em épocas quando não respeitadas pela tradição do passado, pois não era comum o direito de uma mulher ter voz, e muito menos concretizar sua liberdade. As mulheres Mossoroenses mostram coragem, autonomia e poder. Cito-as como exemplo, comparando também às mulheres sitiante que vencem suas lutas, pelos saberes das experiências dos lugares que as fazem aprende fazendo.

O que me levou a sentir vontade do falar sobre o momento do “entardecer”, da força dessa palavra em minha vida tem a ver com o significado da desagregação do Sítio Cabeços, do rito de passagem, com a margem, durante muito tempo em nossos sentimentos. Deslocados um lugar e o período que ficamos flutuando em emoção, inquietos até a reagregação, de fato, no acalmar nossos corações sobre o outro lugar que seria doravante nosso canto. Leituras foram feitas em

torno do que havia sido escrito sobre mulheres de sítios. Visualizei, em decorrência, que nada fora dito sobre qual destino essas mulheres teriam encontrado. Nada havia! Tomei a decisão pela (Auto)Biografia dessas mulheres de sítio, mulheres do Sítio Cabeços, para o encontro no entrelace das trajetórias com indicaras de possibilidade de transformação, com ênfase no êxito social pelos estudos. Indagações e narrativas surgidas durante o percurso feito no exato lugar onde a cancela se abriu para a passagem do caminhão que desagregaria a família Honorato dos Santos e a abriria espaço para o amadurecimento fora do lugar da primeira pertença. O mestrado colocava em minhas mãos um dever, cobrando, de minha consciência, a investigação que superasse a dimensão macro e caminhasse para além dos limites dos estudos até então realizados sobre mulheres de sítios.

Na ocasião imaginei tudo, menos a possibilidade de realizar, na prática, este estudo. Por onde começar? O que dos detalhes da tarde e percurso vivenciados desde a saída do Sítio Cabeços? Encontrar, conversar, ouvir e trazer esta história exigiria um grande desprendimento emocional. No entanto, a motivação veio, em primeiro lugar, de uma afirmação que me perseguia desde a saída do sítio. Qual seria nosso destino, tendo como base saberes tão simples das vivências no sítio? Isso me instigou, pois eu queria saber, escrever e perceber a importância das palavras, das experiências em minha vida. A história de minha trajetória, viva em minha memória, na iminência de desaparecer me aguçou. Com a mesma pertinência trazer os estudos sobre memória, força da memória. Tudo é memória. Outras perguntas se fizeram como: de que forma eu consegui me manter em permanente relação com a minha terra de origem e avançar a despeito de inúmeras dificuldade e preconceitos?

Ficava, no meu entendimento, a ideia de que, para além do racional, a certeza da nossa procedência comum atuando como manancial de sentimento de amor, de orgulho, de honra. A memória neste percurso dramático e desafiador não foi a memória do esquecimento, mas a memória da lembrança, a memória ressentimento, a memória, afeto, reivindicada cotidianamente em meio à trajetória. E esta tinha um endereço: nutrir o que viria alicerçado pelo que aprendemos na terra natal. Qual a razão, então de lembrar? Porque, em minhas narrativas, tantas alusões às vivências do sítio, à saída de forma tão dolorosa? Apesar do pavor que nos cercava no caminhão, das inquietações, uma saída repleta de medos e dúvidas, o único bálsamo com o qual contamos foi a memória lembrança ativada até os dias de hoje.

Percebo, para este momento da saída do Sítio Cabeços, noções de *rito de passagem*, conceito desenvolvido por Turner (1974, p.116), que vai à esteira de Gennep (1978, p. 26). O sentimento com a saída e passando pela cancela, ao final da tarde, foi que “o próprio ato de

viver que exige as passagens sucessivas de uma sociedade especial à outra e de uma situação social a outra (...) a vida individual consiste em uma sucessão de etapas (...)”. Esses autores afirmam que um rito de passagem é “toda mudança de lugar, estado, posição social e idade”. Mostraram assim, que “todos os ritos de passagem ou de transição se caracterizam por três fases: separação, margem e reagregação”. Turner vai aprofundar e discutir, em sua obra **o processo ritual**, um tipo de ritual, o de passagem, que concordo constituídas por uma fase de ruptura, outra de margem e, finalmente, a fase de reagregação. Entendo que a memória dos filhos de Honorato dos Santos foi como ancora, durante o rito de passagem, durante a travessia, de preservação da identidade da família, força emocional com intervenção da memória reminiscência, memória étnica, memória afeto, estudos sobre memória, como de Halbwachs (1990), Thompson (1992), Pollak (1989). A memória foi o caminho, a mediação, para a manutenção da identidade da família que migrava para outro lugar com a memória das lembranças, pelos onze filhos de Honorato dos Santos, que em cada momento da trajetória conversavam sobre os pontos relevantes em suas lembranças. Correspondem, então, aos quadros sociais da memória bem como às ações utilizadas para vivenciarem seu *ethos*. Agora, em outro lugar.

Durante a separação do Sítio Cabeços, os filhos de Honorato dos Santos vão acumulando uma longa memória. Foram recordando como única via de sustentação de sua história foi reunindo os fragmentos, juntando os pedaços. Mesmo atravessando situações distintas das vividas em seus povoados a memória de seu lugar permanece presente em suas lembranças. Seria preciso uma mudança sensível para que o contrário acontecesse, mas os tempos e situações plurais vivenciadas pela família de Honorato dos Santos foram como diz Halbwachs, sempre um tempo contínuo acessível em toda sua extensão. Quando se transforma é que um novo tempo começa para ele, assegura Halbwachs (1999, p. 123):

Mas o tempo antigo pode subsistir ao lado do tempo novo, e mesmo nele, para aqueles de seus membros, para quem uma tal transformação tenha abalado menos, como se o antigo grupo recusasse a se deixar absorver inteiramente pelo novo grupo que nasceu de sua substância.

Experimentamos nessa primeira vivência da saída de seu lugar de memória, de tradição de afetividades, o afastamento desse lugar e a aproximação a outro lugar e, assim, fomos nos formando com a força dois quadros de pensamento do lugar de ontem e foi em cada um deles que nos sustentamos para encontrar as lembranças dos quadros de memória dos dias de aprendizado de vida no sítio.

Halbwachs (1999, p. 129) afirma que nos novos quadros de memória em Mossoró encontrou na família Honorato dos Santos particularidades do antigo, pois só temos pensamento somente para estes. Como filhos saídos do Sítio Cabeços levamos em nossos pensamentos os traços de nossos lugares e a subsistência desses traços, continua o Halbwachs, “basta para explicar a permanência e a continuidade do próprio tempo e que seja [é] possível nela penetrar, a qualquer momento, através do pensamento”.

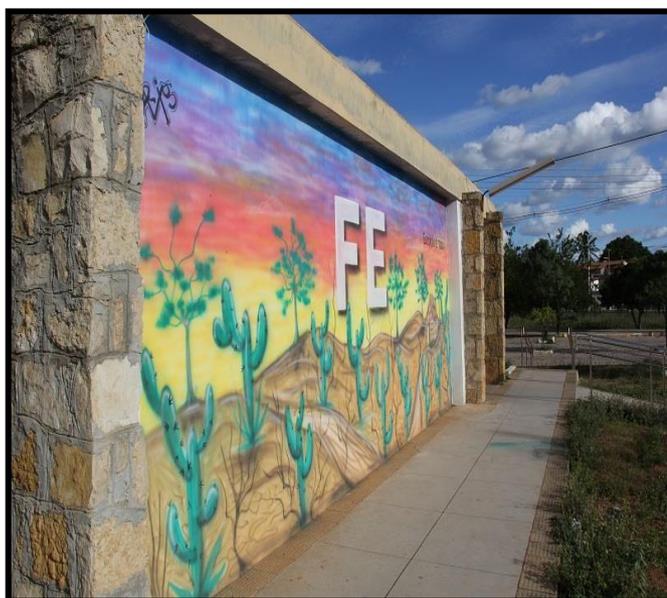
Para Halbwachs (1990. p.143) “não há memória coletiva que não se desenvolva um quadro espacial”. O espaço, durante a viagem de desagregação, foi para minha família fundamental. O espaço é uma realidade dura e nossas impressões se sucedem uma à outra, nada permanece em nosso espírito e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio natural +que nos cerca. Fomos reconstruindo esses lugares durante aquela viagem quando, ao final de tarde, a cancela se fechou para o caminhão repleto de memórias materiais e imateriais deixou os cenários da terra onde plantamos os princípios de uma formação que se manteria para o resto de nossas vidas, posto que edificado nos valores de homens e mulheres simples que tem na terra plantada sua honra. Deixando na saudade a narrativa deste tópico, momento de passeio, ainda, pela minha história de mulher de sítio, quero dizer que o inacabado trará muitas novas histórias a serem contadas.

### **CAPÍTULO 3 – SABERES DA EXPERIÊNCIA EM DIÁLOGO COM OS SABERES ACADÊMICOS: ÊXITO SOCIAL PELA HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO DE UMA MULHER DE SÍTIO**

Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer do caminho caminhando, sem aprender a refazer, a retocar o sonho, por causa do qual a gente se pôs a caminhar.

Paulo Freire

**Foto 41 - Faculdade de Educação, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte**



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Este capítulo permeia um sonho, um percurso, uma meta, um córrego, uma ladeira, um desejo embalado pelo ladrilhar com pedrinhas de brilhante para a passagem dos pés descalços de uma mulher de sítio em busca dos calçados coloridos pelas tintas dos estudos. Digo calçados, pois procuro revestir meu corpo com o alimento daquilo que é para toda a vida, os estudos. O fôlego que anima minha alma se nutre do meu passado e se ergue num desfile de livros, lápis, cadernos, agendas, papéis que me embalam a narrar e a escrever em meio às narrativas (Auto)biográficas dos saberes da experiência, que dialogaram com os saberes acadêmicos através da história de vida e formação de uma mulher de sítio. Segundo Paulo Freire, citado na epígrafe a cima, onde lemos, “ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer do caminho caminhando, sem aprender a refazer, a retocar o sonho, por causa do qual a gente se pôs a caminhar” testemunha o meu caminhar por uma estrada tão retorcida quando amorosa me transformando em uma mulher de reencantos. Para chegar ao caminho tão

desenhado em meus sonhos, precisei aprender a engatinhar, levantar, cair, subir, correr, rastejar, pedir, doar, caminhar sobre o chão batido do Sítio Sereno, tendo esse lugar como o esperar para voos nunca antes experimentados. Fazer do caminho o refazer e o retocar do sonho tão idealizado e almejado por mim e por meus pais sustentou os questionamentos da vida. Por meio da decisão do caminhar caminhando com meu corpo franzino, a mulher que veio do Sítio Cabeços, provou sabores por caminhos de tantos obstáculos, ao encontro de um novo mundo que se transforma pelo saber do conhecimento, que a faz compreender que uma mulher de sítio pode atingir o êxito social através do perseverar pelos estudos e insistir na sua história de vida e formação.

Ao vislumbrar a minha história em todo o contexto dessa dissertação de mestrado, vivi e revivi, caminhos de momentos inusitados, pelos êxitos alcançados de maneira compartilhada no entendimento que o caminhar se faz de refazer de experiências aromatizadas pelo prazer do conhecimento no âmbito acadêmico, do prazer fazendo. Neste capítulo, faço um diálogo com as viagens, contadas, e recontadas em todos os contextos, com as experiências, saberes, história de vida, e de toda formação da base escolar e acadêmica, por essa mulher narradora até os dias de hoje experienciados.

Destaco, neste capítulo, a minha imensa satisfação e, emocionada, passeio por lembranças das viagens duradouras da memória. Contarei as experiências de minha vida e o encontrar-me com pessoas que perceberam minhas possibilidades para o que eu não percebia. As estações vividas em cada momento da vida acadêmica se estendem em um tapete que tecerá todo o diferencial, de uma mulher sitiante. Superada de algumas pedras encontradas, por todo esse caminhar, peguei os obstáculos para fazer deles meus odores cantos do amanhecer ao anoitecer, trabalhados com outro olhar, com os conhecimentos adquiridos pela insistência em busca dos saberes e maturidade, pelas experiências coletivas dos sujeitos que sentiram longe a seta condutora, as maravilhas do dizer sim, do saborear o não, do tocar os ritmos em todas as suas notas musicais para alegrar corações desencantados de outras mulheres que se sentem frágeis e desesperançadas de suas histórias.

A partir das narrativas (auto)biográficas, expresso realizações que me fizeram chegar até os dias atuais. Por todos aqueles sujeitos que, de mãos dadas comigo, caminharam meu caminhar sem se abalar, sem se cansar fortalecendo-me com suas vozes e memórias, espalhadas, remoídas, renegociadas. Espelhei-me, no dia a dia, com o dito e o silenciado, do não dito nas dimensões que me teceram através das alamedas onde cada sujeito da minha história me forjou. Carregados em toa a sua essência, como diz o poeta Bráulio Bessa (2019) “Mas não desanime

por nada, pois até uma topada empurra você pra frente e toda coragem, precisa-se de um medo para existir”. Como nas mãos do oleiro que amacia o barro em suas mãos me movi enfeitando meu corpo, desenhando mãos curiosas de conhecimentos para me fortalecer no exercício de arrancar medos enchendo-me de coragem. Brotaram caminhos, semeei a bondade, colhi frutos em buscar do meu objetivo primeiro que foi chegar ao êxito social, através dessa construção de vida que, dialogou com as experiências dos saberes, e fazeres, dos estudos da academia.

O diálogo foi uma ponte que precisava ser construída, a partir das experiências dos saberes escolares e acadêmicos, na vida dessa mulher de sítio que narra sua história de vida para anunciar uma formação, através dos estudos compartilhados, em todos os momentos, pensando no (auto) formar-se pelas experiências cotidianas do prazer pelo aprender fazer com o Outro.

### **3.1 A mulher de sítio na construção de uma vida profissional: da educação básica ao Ensino Superior**

Após as vivências no Sítio Sereno, o deslocamento da família para a cidade de Mossoró e todo o período de estudos na Educação Básica, uma mulher de sítio na construção de uma vida, começa sua carreira profissional muito jovem, com a primeira experiência de trabalho na área da saúde, na Casa de Saúde e Maternidade Santa Luzia, no ano de 1971, e, como segundo emprego, mas uma vez na área da saúde de uma instituição do Estado do Rio Grande do Norte, na Secretaria da Saúde, na Cidade de Mossoró, tendo ocorrido em 1974. Foi com início da vida profissional foi possível entender sobre o aspecto da maturidade pelas experiências que me fizeram adquirir saberes norteadores para os caminhos por mim percorridos, e a percorrer. Serviram de base para toda a minha trajetória de vida, fundamentada nos conhecimentos adquiridos na Educação Básica.

Ao retomar histórias de minha vida, em especial na Secretaria de Saúde, conheci uma colega de trabalho, por nome Maria de Fátima de Souza Azevedo, bioquímica farmacêutica. Mulher dotada por muitos princípios e sabedorias, e dons evangélicos, uma grande conhecedora da palavra de Deus, hoje vive totalmente dedicada a igreja. Passou em vários países e passou um ano na China para conhecer a cultura e estudar o idioma. Trabalhamos juntas na mesma instituição, no Laboratório Regional de Saúde. De simplicidade invejável, sua humildade combina com ações humanitárias que, contribuiu de forma significativa para a qualidade de vida dos que estão ao seu lado e, comigo, seus saberes atingiram, diretamente, em uma razão de diferencial positivo para meu fortalecimento no exercício profissional na área da saúde, e para o meu crescimento pessoal.

**Foto 42 – Fátima Azevedo, no período que trabalhou com Francinilda Honorato**



Fonte: Arquivo pessoal, Mossoró/RN, 1977.

Fátima Azevedo esteve durante esse período que se prolonga até a data de hoje presente nos momentos de alegrias e tribulações, e até na escassez financeira. Ensinou-me com paciência que se deve enfrentar as dificuldades da vida, pela fé e esperança, e aprender a superar as barreiras provocadas pelas pedras em nossos caminhos, difíceis muitas vezes de remover. Por valorizar o outro, tornou-se uma das minhas amigas da alma e do coração. Conhecemo-nos no trabalho, na área da saúde, já citado anteriormente, no Laboratório Regional em Mossoró, em 1977. Trazer Fátima Azevedo em nosso trabalho, tem um significado, dentre tantos outros, com a possibilidade de contar, com o empréstimo de sua memória, amparos das memórias de vivências, do conhecer meus passos pessoais e profissionais, minhas decisões, meus anseios, meus projetos futuros. Fátima Azevedo faz parte de minha vida, conhece toda a minha história, me acompanha ao longo do cotidiano, me orienta, me aconselha, embora muitas vezes sem o momento presencial. Quando fala sobre como nos conhecemos, diz:

Eu conheci Francinilda no trabalho, no Laboratório Regional de Mossoró/RN, eu como bioquímica e ela como técnica de laboratório e, podemos nos aproximar e fazer uma sólida amizade. Tive o privilégio de participar da vida dela, de intervir algumas vezes também, tive o privilégio de fazer o primeiro teste de gravidez do primeiro filho. Então foi uma pessoa que eu acompanhei muito de perto e os desafios era muito grande, trabalhava e estudava, e sustentava a casa. (Narrativa de Fátima Azevedo, Mossoró/RN, 2018).

Percebo situações da presença de Fátima Azevedo em minha vida, me ensinando a ser desbravadora a partir de seu exemplo de vida, suas narrativas transmitem aprendizados que

geraram confiança, principalmente em situações que nos levam a maior sensibilidade para mostrar aspectos de vulnerabilidade emocional. Ao lado de uma pessoa que me inspirava segurança e da qual todos nós precisamos e que eu ansiava, considerando ser eu uma mulher vinda de sítios com todas as “defasagens” de minha nova vida, ou melhor, de outra trajetória de pertencimento, o caminho seria o de aprender a refazer, a ressignificar, acompanhada por seu olhar atento para todas as situações. Atingi uma Mudança total do ser sujeito, que faz, o diferencial quando muda, em seu passeio pelo mundo do trabalho, da área da Saúde, para a área de Educação, na Faculdade de Educação, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Essa mudança me fez diferente, considerando a ligação que pude estabelecer entre a Educação e a Saúde. Fátima Azevedo reconhece a fundamental pertinência do meu crescimento como pessoa ao desenvolver minhas atividades em um espaço diferenciado por fazeres ligados às práticas educativas. Ao lembrar sobre a UERN narra sobre meu encontro com outros modos de praticar as experiências quanto à diversidade e a inclusão, como podemos ler abaixo:

Esse foi o primeiro passo que mudou a vida de Francinilda, então ali, ela não teria chance nenhuma de mudar, ela entrou na Universidade e teve o privilégio de encontrar doutora Ana, foi um divisor de água, na vida de Francinilda, e quando eu conheci Ana, eu vi a diferença que ela pode fazer na vida dela, porque a minha amiga era um pouco deprimida, pela situação, pela vida que ela levou, os desafios, as dificuldades, e ela voltou a sonhar, ela sentiu motivada a voltar estudar. Ana a estimulou de uma maneira que ela voltar estudar, batalhar, e entrar no nível superior. Quando eu a reencontrei, foi uma alegria muito grande, vê como ela era querida naquele meio, porque Francinilda é uma pessoa muito especial, ela é especial para qualquer pessoa, ela doa-se as pessoas e no que ela faz, ela faz com muito amor, fiquei muito agradecida a Deus, por tudo que Deus estava fazendo na vida dela, e mais ainda agora, sabendo que ela está na reta final de uma Pós-Graduação, então eu fico muito feliz, porque com ajuda de Ana, ela pode chegar aonde chegou, e está chegando, eu sei que Deus usou Ana como um canal de bênçãos na vida dela, e instrumento que Deus usou para ajudá-la alcançar esse degrau, então eu fico muito feliz de ver a trajetória da minha amiga, de ver a mudança, de ver como faz diferença pessoas que entram nas nossas vidas, Deus usa as pessoas pra mudar nossa vida e ele usou Ana pra mudar a vida de Francinilda, então eu agradeço muito a Deus pela minha amiga está tão bem agora, por ter atravessado tantos desafios e ter chegado nesse patamar de vitória, então eu sou muito feliz de estar participando desse trabalho e agradecida à Deus por isso (Entrevista com Fátima Azevedo, Mossoró, 2018).

**Foto 43 - Entrevista com Fátima Azevedo**

Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Ao relatar a minha trajetória de vida me alegrei com dimensões como os caminhos que me levaram ao encontro com pessoas que me viram de forma diferente, que me olharam vendo em mim possibilidades, força, formas de fazer dentro da academia. Proporcionou-me, sem dúvida, enxergar valores sociais, compreender experiências de um novo universo que se contempla, com um olhar, de forma mais inovadora que, rega o meu “eu”, pelos sentimentos das emoções enriquecidas pelos aprendizados, que me leva, para a (auto)formação. Construimos uma comunidade colaborativa. Todos se juntaram para me ajudar. Ao recordar a partir da memória lembrança, percebo afetos, colaboração, soma, partilha e me lembro dos estudos de Halbwachs (1990, p. 34) ao dizer que memória “que a lembrança que nos recordam sejam reconstruídas sobre um fundamento comum (...) e que se encontrem tanto no nosso espírito quanto no dos outros.

Contar a vida através dos nortes apresentados eterniza-se em espaços construído nas formas de praticar a linguagem do mundo acadêmico. O emprego na UERN me levou a ser uma profissional dotada de mais saberes, com dimensões mais pertinentes e relevantes. Nos âmbitos profissionais, através dos conhecimentos que se completam com as experiências, saberes, fazeres e diálogos, oferecidos pelos ensinamentos acadêmicos.

Fátima Azevedo diz que “ao chegar à universidade, Francinilda Honorato, precisou de incentivos, principalmente de sua professora e hoje, orientadora, Doutora Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD. A professora Ana Aguiar defende serem os sujeitos possibilidades de mudanças, empoderamento e, embora com nossos limites constroem possibilidades, aprendem nas interações históricas, em rede com os sujeitos comuns, no diálogo, nas trocas. Os sujeitos são dinâmicos, movimento, possibilidades com a capacidade de opinar, optar, ficar, permanecer, refletir o fazer, sujeitos libertadores, orientados pelas e conhecimentos adquiridos pelos os estudos, nos convívios, nas aproximações, pelas práticas educativas. A meu juízo, os sujeitos se permitem fazer reflexão e do outro como espaço de auto formação.

Modos de fazer e seus desdobramentos significativos como reconstrução de vida, se alimenta, no caso deste estudo, dos sabres das bases morais e de valores familiares, das memórias do Sítio Cabeços, passando pelas experiências na cidade de Mossoró, da Educação Básica, realizados nas Escolas Públicas da Rede Estadual de Mossoró, estudos que me levaram à compreensão do que deveria ser uma carreira profissional implicada com o Outro com as bases da Educação Superior. Através desta esteira, estendida e reconstruída, do e em meu caminhar dialoguei, exercitei a vida pela via de uma trajetória árdua, tão árdua como educativa. O arcabouço envolvido, com todos esses saberes em todas as suas dimensões, aos saberes construídos em meio a minha História de Vida, vivenciada com os outros sujeitos colaboradores dessa trajetória me projetam caminhos do fazer mulher, com mais experiências somadas e aquecidas pelos sujeitos, lugares e acontecimentos. Essa base educacional, profissional, e acadêmica, me trouxe aos caminhos que jamais pensei de serem possíveis, de chegar à caminhar, para o novo mundo que, antes me eram desconhecidos.

Ao ouvir na narrativa de Fátima Azevedo afirmação como: “ela como técnica de laboratório” e, agora, no mestrado, ergo meus olhos para aquela época de 1974 e percebo quantas pedras ladrilharam nessa caminhada, pedras como pessoas que me ampararam, acreditaram em minhas possibilidades de escrever sobre o mundo desconhecido por mim, agora conhecido, desbravado de braços abertos para tudo o que se apresentasse a minha frente. Destaco um mundo a continuar a ser desbravado, como o inacabado, o incluso ensinado por Paulo Freire. Ao ler nas narrativas de Fátima Azevedo que “Ana entrou na Universidade e teve o privilégio de encontrar doutora Ana, foi um divisor de água, na vida de Francinilda” aponto a relevância de sujeitos que fazem pelo outro como se fosse para si. Quando leio nas reflexões de Fátima Azevedo que quando conheceu Ana, apresentada por Francinilda Honorato, “eu vi a diferença que ela pode fazer na vida dela, porque a minha amiga era um

pouco deprimida, pela situação de vida por ela vivenciada, os desafios profundos, as dificuldades, a fizeram voltar a sonhar, ela se sentiu motivada a voltar estudar”.

Precisamos de pessoas que nos reanimem, que nos abasteçam com sua alma de alteridade, que nos estimule a reacreditar em nossa condição de superar. O aprender olhar para dentro de mim me fez aprender a olhar o outro como um exercício vital gerador do encontro com pessoas que fazem uma leitura diferente do mundo, usam lentes diferentes para entender pessoas diferentes. Leitura que repercute em instigar para adiante nos retirando de abismos, nos fazendo repensar, para refazer e vir a ser.

Tenho, através deste estudo, através do exercício do pensar, criado dispositivos para me fortalecer, me empoderar para o protagonismo me faz ter a certeza que, hoje as minhas conquistas pelos saberes, me dão uma segurança de maturidade e responsabilidade no que faço, sinto-me a mulher de sítio, com muito orgulho de contar o que foi, o transformar pela (auto)formação. Queremos trazer para aqueles que irão ler essa dissertação o exemplo de que, qualquer espécie humana é capaz de chegar ao seu êxito social, em contar sua história de vida, e do outro, pelas narrativas (auto)biográficas. O que faz a prática do compreender para a mulher do Sítio Cabeços-PB foi ter se descoberto pelas narrativas escritas, de suas memórias, sendo elas, individuais ou coletivas, se sentir um ser humano, e sujeito que, se completa ao se encontra com o aprender, e, se identifica como cidadã, que buscou e continuar a consolidar sua própria cidadania, com as experiências, do conhecer pelos os estudos do aprender e do caminhar.

### **3.2 Os estudos se complementam no desafiar, no conhecer e no fazer: Aprender com o caminho**

Os estudos se complementam no desafiar, no conhecer e no fazer aponta para o caminho do aprender a aprender com e no caminho, no caminhar por esse caminho. Mira como os estudos se complementam no desafiar, no conhecer e no fazer de uma mulher de sítio. O tópico aborda o desafiar da mulher que saiu do Sítio Cabeços para o mundo. Sim, digo para o mundo, pois a saída do sítio para Mossoró me levou a um mundo nunca antes pisado e conhecido, uma vez que minha vida estava restrita a um espaço único onde as dimensões da vida ocorriam numa relação entre a casa, o plantio, a escola. Perpassei por desafios enfrentados, por emaranhados que através da consciência do fazer, com as experiências do aprender, com o caminho no conhecer e no fazer me realimentei. Os estudos se fizeram desenrolar com o cotidiano que se apresentava com conhecimentos muito diferentes dos aprendizados com a natureza, com o criatório, com o açude, com a casa de farinha. Levou-me ao encontro do caminho do

conhecimento, e da consciência que, pelo saber fazer de sua história de vida, passei a perceber a necessidade de outro norte que poderia me levar ao êxito social. Com as experiências na cidade de Mossoró obtive uma formação com o diálogo como subsídio, compartilhados pelos saberes descobertos nos estudos trabalhados e vivenciados, de como uma mulher simples do sítio, se sente revigorada na sua terceira idade, tendo o prazer e alegria em narrar sua própria história. Mulher que descobre coisas inusitadas tendo saído das estradas de chão batido para estradas de chão de asfalto. A memória da identidade do lugar de origem me fez crescer uma vez alimentada por minha pertença. Aprender com o caminho, com as dores, as aflições, com os estudos, atravessados pelos saberes construídos em minha trajetória de vida, principalmente hoje, esses aprendizados me conduziram ao um novo conhecimento no que diz respeito a minha vida profissional e acadêmica. Pollak (1989) e Thompson (1992), tratando da ligação entre memória e identidade, enfatizam ser através da memória, que indivíduos podem recuperar suas histórias de vida interrompidas, por processos históricos, ocasionados por traumas históricos vividos.

Em 2000, cheguei à Faculdade de Educação, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), com a expectativa de todas as práticas que desfilavam aos meus olhos no cotidiano. Mudanças que exigiriam de mim outro desafio, outro fiar a vida, submetida agora, aos conhecimentos acadêmicos. E o que seriam esses conhecimentos? Meu Deus! Tudo muito diferente do aprendido na escolaridade básica em outras experiências profissionais, como por exemplo, na Secretaria de Saúde lugar de minha primeira experiência profissional. Práticas desconhecidas, e estranhas no meu modo de ver, pois nada, conhecia dentro dos lugares que me foi apresentado. Sofri e tive medo! Como seria a minha vida a partir de agora? Pensava, meditava, me questionava. O medo me fragilizava, por alguns minutos, muitas vezes por dia, noites sem dormir num pensar sobre o que ocorreria no dia seguinte. Pensava comigo mesma! Aprendi fazendo e vendo os outros praticarem o mundo da universidade. Não pensei, em nenhum momento que eu tinha, em minha essência a força emocional de superação das fragilidades. Muito pelo contrário, me sentia frágil de uma fragilidade sem solução. Mais tarde uma professora da Faculdade de Educação, Brígida Félix, me disse se sentir impressionada com as possibilidades que o cenário de aprendizado da Faculdade de Educação e eu sem querer expandir a minha formação. O fato é que a professora Brígida Félix se colocou como estando nesse cenário e não perceber a responsabilidade de que os profissionais lotados na referida faculdade poderiam se dispor, como disse a professora citada acima “mas eu nunca me

preocupei com isso [...] eu nunca me preocupei, como professora Ana se preocupou, em alavancar a formação de Francinilda Honorato.

As constatações acima eu não ouvi à época. Talvez eu tivesse me visto, mais rápido ainda, como potencial para a inserção em cursos de formação continuada. No entanto, fiz um trabalho de utilizar outras formas de ler, de estudar o ambiente de trabalho e de me construir profissional que após um longo tempo de observação, de leituras, de conversas com aqueles que se prontificaram a me introduzir nesse espaço de conhecimentos teóricos, comecei a ouvir pessoas me parabenizar pelo novo emprego e, ao mesmo, tempo me estimular para a autoconfiança. Muito bem, diziam as pessoas, você agora é da academia. Trabalha na UERN! Eu me perguntava: as pessoas dizem isso por quê? Será tão diferente de outros trabalhos? Eu meditava e me perguntava: será que é porque tem muita gente de muitos saberes e muitos intelectuais? Ou será porque, quem trabalha numa faculdade ganha melhor? Essas perguntas me inquietavam e foi nesse caminhar da minha trajetória de vida, nesta instituição acolhedora e abençoada que percorri de perguntas a respostas. Às vezes, sem respostas para muitos questionamentos que eu fazia dentro de mim. O lugar me mostrava oportunidade para me pensar, pensar o que era esse lugar constituído por pessoas tão estudadas e o que faz um sujeito refletir quando é desafiado ao novo. Ao refletir observei aos poucos, através das experiências iniciadas pelos lugares da instituição, dos setores na época, possibilidades múltiplas de aprender a aprender. Um reaprender que me provocava.

Os conhecimentos pelo fazer, através do cotidiano acadêmico, vivenciado, na ocasião, por uma mulher de sítio começam a me levar à clareza, a mudar as lentes para enfrentar o que seria a vida o aprendizado dentro de uma faculdade. Sinalizava ao meu ouvido a ideia que algo diferente iria acontecer dentro desse novo universo para mim de crescimento. Tanto no contexto das experiências de uma vida profissional, como a mudança pelos os estudos começam a história da transformação de uma mulher, a observar, ainda, com os poucos saberes, sobre o universo do fazer de uma academia. Caminhava pelos corredores da UERN no exercício de indagar os objetivos desse mundo, quando tudo começou, como eram desenvolvidos todos aqueles ensinamentos e os seus métodos de ensino? Questionava-me se todos aqueles saberes da academia seriam somente provindos dos professores? Com essas curiosidades, na fase inicial de meu trabalho na Faculdade de Educação, desenvolvi uma prática de anotar, de um diário de campo. Confidenciava todas as minhas inquietações, as dúvidas, minhas perguntas, minha vergonha de perguntar. Meu caderno de campo se constituiu em meu melhor professor, Anotava tudo o que via e o que não compreendia para, durante as horas de folga, refletir e buscar leituras

em outros lugares do aprender o que me levou a tirar as dúvidas que muitas vezes me provocava a encontrar as respostas. Meu caderno de campo me permitiu anotações purgativas. Meus questionamentos me fortaleciam, me acalmaram o coração. Através do exercício de anotar, de escrever, de purgar, construí um lugar de pesquisa. Evidente que essa constatação fiz muito tempo depois com os aprendizados refeitos, reparados, reorganizados. Deparei-me com o aprender a aprender. Meu caderno de campo foi meu lugar do aprender a aprender. Meu caderno de campo era meu confidente, acolhia minhas lágrimas, acobertava meu choro, protegia meu nervosismo. Acolheu-me, me aproximo ao contato com as pessoas que estavam ao meu redor. Aprendi a perder o medo. Procurei me dedicar, e adquirir a confiança de todos, e com isso, gradativamente, consegui me fortalecer diante de um mundo considerado, por mim, muito distante.

A mulher de sítio aprende com o caminho, caminhando, e sua autoestima começava aflorar pelo prazer de trabalhar em uma universidade, principalmente, uma das suas faculdades mais respeitada, a Faculdade de Educação, curso de Pedagogia, curso que provoca reflexão sobre os saberes, objeto e ciência, que estuda educação e a didática, que facilitam a aprendizagem do sujeito. É o ser humano que se educa, mas, se educa ao ensinar a aprender. Com essa troca e intercâmbios pelo aprendizado provocamos pistas para diferentes saberes do cotidiano, aprimorar, com o trabalho realizado, resultados pelas metas traçadas e alcançadas dentro desse contexto do caminhar. A memória da mulher de sítio, de todos que fizeram parte dessa trajetória de aprendizados, do aprender desde o Sítio Cabeços, da saída em 1965, até o percurso da escolaridade básica até a academia, acentuam o que Pollak nos ensina e nos permite perceber, para este estudo, sobre os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva como os acontecimentos vividos pessoalmente, os acontecimentos “vividos por tabela” correspondendo ao grupo ou à coletividade à qual a pessoa se sente pertencer e os lugares da memória. Então Pollak outorga uma grande possibilidade de entender o cotidiano da mulher de sítio do ponto de vista dos acontecimentos, das pessoas e dos lugares dessa memória “que pode fazer parte da herança da família com tanta força que se transforma praticamente em sentimentos de pertencimento” (POLLAK, 1992, p.200). Uma trajetória que se estuda tocando em nervos; um passado que emenda com a vida de cada um, uma aventura de sensibilidade, não apenas um esforço de pesquisa pelos arquivos. (FREIRE, 1966).

À medida que os desafios, bem como as estratégias traçadas para a superação das barreiras, me provocavam, de repente, me vi com um maior desafio, a meu entendimento, a saber, recebi o convite da pela diretora, à época, a professora mestra Maria das Dores Lopes de

Paiva que dirigiu a faculdade no período de novembro de 1997 a dezembro de 2001 e reeleita para outra gestão, de dezembro de 2001, a março de 2003. Convida-me, para assumir a função de secretária do Curso de Especialização em Educação. No momento do convite, fiquei perplexa, pois tive medo de confirmar a minha aceitação para a função, a mim confiada. Um grande desafio. Então perguntei a diretora se não poderia ser outra função mais simples? Falei sobre a minha não capacidade para exercer a referida função. Eu não tinha, no momento, curso superior e esse cargo exige mais experiências. Para minha surpresa a diretora me respondeu que estava precisando de um funcionário para esse setor e que a faculdade não tem ainda normas que sinalizasse a exigência de um servidor para o referido cargo com curso superior. Acrescentou que viu no meu perfil “jeito, sim, para a função”. Acalmou-me e disse: “Não se preocupe vamos ensinar e vai dar tudo certo”. Através dessas experiências comecei o primeiro desafio, a saber, na Faculdade de Educação. Os coordenadores e vice- coordenadores do Curso de Especialização Em Educação me receberam me apoiaram, e me ensinaram as tarefas com decisão e paciência.

No ano de 2003, se conclui a gestão da professora Maria das Dores Lopes de Paiva, e no mesmo ano, o professor Francisco José de Carvalho assume a direção da faculdade de Educação, também por processo eletivo. Permanece na gestão por um período de março de 2003 a dezembro de 2005, término do seu primeiro mandato quando, mais uma vez, é reeleito para a direção da Faculdade de Educação e para esse momento segue até junho 2009. A partir de junho a dezembro de 2009 assume a referida direção a professora doutora Maria Antônia Teixeira da Costa, apenas por um período de 6 meses. Em seguida, por processo eletivo assume a professora Maria Auxiliadora Alves da Costa, gestão do período de dezembro de 2009 a dezembro de 2013, tendo um interstício na direção com o professor José Evangelista de Lima (*Pro Tempore*). Após o período de licença da professora Maria Auxiliadora Alves da Costa, se instala novo processo eleitoral em que a professora Auxiliadora Alves é reeleita por mais quatro anos, de março de 2014 a março de 2018. Em março de 2018 assume a professora doutora Francisca de Fátima Araújo Oliveira, a direção da Faculdade de Educação, também, como *Pro Tempore* por 50 dias, período que se instala novo processo eleitoral e a professora doutora, Meyre Ester Barbosa de Oliveira, assume a direção da referida Faculdade para o período de 17 de maio de 2018 até 2022.

Afirmo que, diretores e professores, colegas e alunos, da Faculdade de Educação, contribuíram de forma profunda para o meu aprendizado e crescimento na função como Secretária e como ser humano. Recebi elogios nos meus acertos, e quando não, me orientavam

de forma ética e carinhosa. Lembro-me da minha primeira tarefa que foi a de organizar um cadastro em fichas manuais todos os livros do acervo da pesquisa, uma mini- biblioteca, instalada na Faculdade de Educação, para atender professores e alunos do Curso de Especialização. Os livros eram guardados em pequenos armários de ferro. Após a realização dessa etapa de organização fui me familiarizando com os outros serviços da secretaria, atendia os alunos e professores, fazia empréstimos dos livros, anotava as pendências para resolver, com os coordenadores no dia seguinte. Comecei a realizar tarefas trabalhando com a máquina de datilografia na realização das tarefas mais burocráticas como: Ofícios, memorandos, relatórios, diários de classe dos professores, bem como a reserva de retroprojetores solicitados pelos professores. Na época eram utilizados em sala de aula transparências, para projetar as imagens. O tempo inesquecível do mimeógrafo, esse equipamento produz cópias a partir de matriz perfurada, estêncil<sup>16</sup>, afixada em torno de pequena bobina de entitamento interno e acionada por tração manual ou mecânica. Protocolava documentos e eu era responsável pelo arquivamento de toda a documentação do Curso. Todas essas tarefas eram por mim executadas, pois não havia um técnico auxiliar para a biblioteca setorial. Acresce que a cada ano eram ofertados novos cursos de especialização em educação.

O público alvo do referido Curso constituía-se de professores graduados das Redes Estadual, Municipal e Privada de Ensino, professores universitários que ainda não haviam cursado uma especialização em educação. No ano de 1999, iniciamos a primeira edição do curso. Disponibilizávamos dois campos temáticos, a saber, Alfabetização e Gestão do Sistema de Ensino. O Curso foi criado a partir da necessidade de dar continuidade a proposta de institucionalização e sistematização da Pós-Graduação, da Faculdade de Educação, de modo que possibilitasse a consolidação de suas Linhas de Pesquisa e conseqüentemente tivesse condições efetivas de criar e implementar o Mestrado em Educação. Todos os cursos tinham modalidade integral.

A demanda foi se ampliando e a Faculdade atendendo, passo a passo, as necessidades sinalizadas pela procura do Curso de Especialização. No ano 2000 é lançada a segunda oferta de curso com mais um Campo Temático com áreas a fins, mais específicas em Educação somando-se aos existentes. Foi essa a de Formação de Professor. O Curso de Especialização em Educação toma corpo, dessa feita, com três campos temáticos. Para fomentar o crescimento do

---

<sup>16</sup> Estêncil: folha de papel fino especial, que recebe gravações na forma de pequenas perfurações obtidas com o uso de máquina de escrever e estilete, para servir de matriz para a impressão por mimeógrafo. (dicionário de língua portuguesa)

curso, os professores de pesquisa, junto à direção e Departamento da Faculdade de Educação resolvem criar mais três campos temáticos, totalizando seis campos temáticos: Alfabetização Leitura e Escrita, Gestão do Sistema de Ensino, Formação de Professor, Educação Especial, Educação de Jovens e Adultos e Ensino e Currículo Escolar. De acordo com o quadro abaixo:

**Quadro 1 - Quantitativo de alunos matriculados e concluintes do Curso de Especialização Em EducaçãoFE/UERN- Anos de 1998 a 2012.**

<b>ANO 1998 a 1999</b>	
Campo Temático:	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Alfabetização Leitura e Escrita; •</li> <li>Gestão do Sistema de Ensino.</li> </ul>
Alunos Matriculados:	20
Alunos Concluintes:	18
<b>ANO 1999 a 2001</b>	
Campo Temático:	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Alfabetização Leitura e Escrita;</li> <li>• Gestão do Sistema de Ensino;</li> <li>• Formação de Professor.</li> </ul>
Alunos Matriculados:	26
Alunos Concluintes:	21
<b>ANO 2001 a 2002</b>	
Campo Temático:	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Alfabetização Leitura e Escrita;</li> <li>• Gestão do Sistema de Ensino;</li> <li>• Formação de Professor.</li> </ul>
Alunos Matriculados:	30
Alunos Concluintes:	27
<b>ANO 2002 a 2004</b>	
Campo Temático:	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Alfabetização Leitura e Escrita;</li> <li>• Gestão do Sistema de Ensino;</li> <li>• Formação de Professor.</li> </ul>
Alunos Matriculados:	36
Alunos Concluintes:	30
<b>ANO 2003 a 2005</b>	

Campo Temático:	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Alfabetização Leitura e Escrita;</li> <li>• Gestão do Sistema de Ensino;</li> <li>• Formação de Professor;</li> <li>• Educação Especial;</li> <li>• Educações de Jovens e Adultos;</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ensino e Currículo Escolar.</li> </ul>
Alunos Matriculados:	28
Alunos Concluintes:	19
<b>ANO 2004 a 2007</b>	
Campo Temático:	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Alfabetização Leitura e Escrita;</li> <li>• Gestão do Sistema de Ensino;</li> <li>• Formação de Professor.</li> </ul>
Alunos Matriculados:	26
Alunos Concluintes:	15
<b>ANO 2006 a 2008</b>	
Campo Temático:	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ensino e Currículo Escolar;</li> <li>• Gestão do Sistema de Ensino;</li> <li>• Formação de Professor;</li> <li>• Educação Especial;</li> </ul>
Alunos Matriculados:	31
Alunos Concluintes:	23
<b>ANO 2007 a 2010</b>	
Campo Temático:	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ensino e Currículo Escolar;</li> <li>• Gestão do Sistema de Ensino;</li> <li>• Formação de Professor;</li> <li>• Educação Especial;</li> </ul>
Alunos Matriculados:	24
Alunos Concluintes:	21
<b>ANO 2010 a 2012</b>	

Campo Temático:	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ensino e Currículo Escolar;</li> <li>• Gestão do Sistema de Ensino;</li> <li>• Formação de Professor;</li> <li>• Alfabetização e Letramento;</li> <li>• Políticas para Diversidade e Inclusão.</li> </ul>
Alunos Matriculados:	23
Alunos Concluintes:	18
<b>Total de matriculados:</b>	<b>244</b>
<b>Total de concluintes:</b>	<b>192</b>

Fonte: Arquivo do Curso de Especialização em Educação – FE/UERN – Campus Central, 2018.

A ampliação dos Campos Temáticos robusteceu o Curso de Especialização em Educação e fortaleceu a inserção social. A procura cresce com o interesse de vários graduados buscaram que puderam optar por várias especificidades, a partir do leque de ofertas de áreas de concentração. Durante onze anos trabalhei a função de secretária do Curso de Especialização em Educação, com a responsabilidade que o serviço público exige e compartilhado, dia a dia pela satisfação pública de alunos e professores. Minha tarefa como Secretária encerra no ano 2017, mas continuo no acompanhamento do supracitado curso e testemunha do seu crescimento. Seus gestores, professores, funcionários e alunos, de mãos dadas todos lutaram e ainda lutam para ter um ensino com mais qualidade. Hoje, vejo o quanto a faculdade tem crescido em sua história acadêmica, bem como as contribuições visíveis através das experiências qualificadas por seus seguimentos, principalmente a preparação na qualificação dos professores da Faculdade de Educação.

A instituição tem em seus quadros vários profissionais, graduados, especialistas, mestres e doutores, o que eleva o nível dos cursos e eixos temáticos com aplausos da sociedade de Mossoró e regiões uma vez que cumpre sua missão de ofertar possibilidades em níveis e modalidades distintas de aprendizado e progressão acadêmica. Atualmente a maior parte do corpo docente da Faculdade de Educação é constituída por mestres e doutores, através desse caminhar pelas histórias e experiências dos ensinamentos e saberes desta academia, com vislumbrar de outro olhar, novas lentes. A Faculdade de Educação, com sua equipe de docentes, técnicos e alunos reconhecem que, para continuar o crescimento da academia, seria necessário o olhar e empenho de qualidade. O olhar voltado para a qualificação dos técnicos especializados

fomentou oportunidade de se formarem, da formação continuada e pensar no corpo de recursos humanos da Faculdade de Educação como um todo. Essa meta nos deu aberturas aos direitos que nos foram concedidos ao reconhecimento das nossas contribuições efetivas e éticas com a instituição.

A Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN é uma instituição que cresceu e se desenvolveu cumprindo sua missão de universidade socialmente diferenciada. Pela ótica de acompanhamento percebo o diferencial nas mudanças desde o ano de 2000, quando iniciei o trabalho nessa instituição acadêmica, o que vem permitindo reconhecimento local, regional e nacional. Observamos avanços em seus seguimentos: administrativos, docentes, discentes e técnicos, luta também pelo o seu melhoramento de recursos humanos, físico e estrutural dentro do contexto orçamentário. Outra vertente de preocupação da Faculdade de Educação é a qualidade em suas pesquisas. Com elas, a faculdade e a universidade, tem criado vários novos cursos se estendendo aos campos avançados, a despeito de enfrentamentos de crises financeiras do Estado do Rio Grande do Norte. O corpo docente e técnico, em seus vários segmentos de atuação, imprimem esforços cotidianos para manter a marca de uma universidade pública de qualidade desde o seu início até hoje aos 50 anos 2018 que tem contribuído para sua evolução no desenvolvimento do ensino, pesquisa e extensão. Relatos escritos em seu Editorial, em revista de comemoração, dos 50 anos da UERN destacam suas contribuições. Quando escrevemos e falamos sobre a história de nossa universidade não teríamos como deixar de falarmos dos caminhos por nós percorridos por essa academia e dizer o prazer de fazermos partes de sua história, como construtora dos saberes que levam mudanças significativas e suas contribuições no desenvolvimento de retorno para a sociedade.

A UERN conta com vários laboratórios em suas Faculdades para melhor atender a qualidade do ensino e pesquisa todos coordenados pelos seus professores pesquisadores. Esses avanços apontam uma universidade como referência na região. Aludimos para o crescimento de outras universidades, também no âmbito internacional, como é o caso da Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN), através do trabalho de uma equipe na gestão desde outubro de 2013, gerenciado pela Professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar que desenvolve trabalhos de formação continuada, com seus alunos da pesquisa e do mestrado, em eventos internacionais. É público a abertura dos espaços aos diálogos e troca dos saberes, educacionais e culturais, pelos países na América Latina.

Sinto-me grata de ter sido privilegiada em ter aceitado a função de secretária do Curso de Especialização em Educação, no ano 2000 pelas oportunidades de crescimento e ressignificação

do aprender a aprender, aprender a me reconhecer como sujeito de aprendizados ao longo da vida. Encontrar-me dentro desses aprendizados foi, e é, uma grande contribuição de valores que vieram somar a minha trajetória de vida, no pessoal, profissional, e no acadêmico. Adquiri experiências através da função de secretária, pelos desafios aceitos que me proporcionaram utilizar novas lentes. Levaram-me todas essas vias de aprendizados a desenvolver compartilhar experiências e praticar os conhecimentos pelo novo olhar, da nova mulher sitiante.

Minha intuição me norteava sinalizando que o trabalho na Faculdade de Educação iria me oferecer saberes e crescimentos dentro do contexto de minha nova vida, após o primeiro trabalho na Secretaria de Saúde de Mossoró. Digo que é mais um dos meus “momentos charneira<sup>17</sup>.” o transformar pelo amor inacabado. Hoje me vejo mulher transformada em vários contextos diferentes de maturidade, que aprendi, e cresci com os aprendizados que me fizeram uma dinâmica de transformação. Por essa via de me permitir aprendente construir um espaço de me fez sentir mulher autônoma e viver o sabor de ser livre para o aprender, o fazer e o ensinar. Permito-me reconhecer minha identidade e posso dizer que me sinto mulher empoderada. O meu olhar hoje sobre a academia é entender que os sujeitos se transformam, podem se sentir responsáveis em contribuir e construir saberes e experiências que a própria academia nos põe a aprender, sobretudo com os desafios, e por meio dos espaços de aprendizado obter respaldos que vão contemplar em rendimentos e produções o nosso trabalhar.

Trabalhar na Faculdade de Educação é para mim um divisor de águas. Aprendi a confiar em todos e a ter a confiança de todos os gestores, professores e técnicos. Sentimento esse que para uma mulher simples e cheia de inseguranças e medos vindo do Sítio Cabeços é relevante. Olhar para os tempos passados, compreender a implicação de todos esses referenciais de pessoas, de lugares de aprendizados e de acontecimentos indica uma linha de tempo, não linear, pois carregada de entradas, de saídas, de percursos retorcidos e chegar ao êxito social através dos estudos traduzem em experiências e saberes que fazem diálogos com tantos outros saberes e possibilidades. Implicam em saberes acadêmicos em diálogo com os saberes do dia a dia alimentados pela vontade de superação. O caminho desejado dessa mulher de sítio mostra que, no desafiar das rotas, consegue se superar, passa por todos os seus percalços de vida em alguns aspectos, como, no trabalho, nos estudos, na vida pessoal, na família, tristezas pelas decepções, nas rupturas que aconteceram, nos caminhos, nos obstáculos cotidianos e interrompidos pelas as pedras encontradas nos caminhos constroem outras passagens e endereços.

---

<sup>17</sup> Momentos ou acontecimentos – Charneira são aqueles que representam uma passagem entre duas etapas de vida, um “divisor de água”.

No aprender no e com o traçado vivenciado por essa mulher do Sítio Cabeços denota a importância das histórias contadas, narradas, carregadas de sujeitos desafiadores e pelas oportunidades, desejos e escolhas que se complementam no seu desafiar, da riqueza do aprender na e com a trajetória de vida, com e no mundo. Esses aprendizados leva uma mulher de sítio ao que Freire (1963, p. 17) afirma “O homem, afinal, no mundo e com o mundo, como sujeito e não como objeto. [...] descobrir-se-ia criticamente agora, como fazedor desse mundo da cultura. Descobriria que ele, como o letrado, ambos têm um ímpeto de criação e recriação”. Histórias ouvidas e contadas, por outros sujeitos ensinam, formam. Em muitas vezes há semelhanças nas características dos relatos, contados como costumes, sofrimentos, lugares, épocas, superstições, festas, religiões, famílias, superações e tantas outras dimensões e significados de produção da vida. O significado das histórias e trajetórias, narradas por essa mulher de sítio, e sua orientadora professora, Ana Lúcia Oliveira Aguiar, representam uma vida em sua sociabilidade simples. Essa professora é sua maior incentivadora da história contada e narrada, com o tema: Êxito Social Através da História de Vida e Formação: Trajetória de uma Mulher de Sítio em Diálogo com os Saberes da Experiência e os Saberes Acadêmicos. Para um olhar original da professora Ana Lúcia Aguiar, para a potencialidade de uma mulher de sítio, chegar a mulher mestranda, com esse tema bastante relevante para a dissertação de mestrado é preciso sensibilidade, olhar aos detalhes para o Outro. Aprendi no diálogo entre outros sujeitos uma riqueza de detalhes muitas vezes perdidos quando não olhamos o cotidiano com um olhar de estranhamento. Pelo conhecer, pela troca dos saberes, e das experiências vividas, do fazer, e aprender com o caminho, nos levam a temas bastante pertinentes para a nossa aprendizagem. Posso narrar de plurais lugares desses saberes, como por exemplo, o V Seminário Narrativas (Auto)biográficas realizado, no período de 09 a 10 de outubro de 2018, na Faculdade de Educação, no Campus Central UERN, em Mossoró/RN, mesa redonda com o tema: Narrativas para desejar continuar narrando- dos lugares das calçadas aos lugares de encontro com o Outro e ressignificação das vivências, Coordenação Geral pela professora doutora Ana Lúcia Oliveira Aguiar PhD. Construções das viagens internacionais, da professora e seus alunos do mestrado. De tema: Revisitando as memórias: I Jornada Pedagógica Internacional de Inclusão do Brasil no Peru e Chile: Práticas Educativas, cultura, Diversidade e Inclusão. O tema citado por nós nesse tópico, nos estimula pelo desejo de continuar cada vez mais narrando as histórias, pela (auto)biografia e como esse tema enriquece, e contribui com nossas narrativas, pelas semelhanças das histórias contadas, sobre a ressignificação das vivências pela Francinilda Honorato.

Retomando, a história de vida pelos caminhos do meu estimado mundo, a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), lugar e extensão da minha casa e família uerniana, a Faculdade de Educação é para mim um dos meus maiores e melhor prêmios, por eu fazer parte hoje, definitivo do seu quadro de funcionário administrativo. Continuo a narrar e contar outras experiências pelas oportunidades que essa instituição me contemplou e ainda contempla para o meu crescimento, pessoal, profissional, acadêmico e educacional. Tenho privilégio de fazer parte em alguns de seus projetos, tantos em níveis internos e externos, embora exercendo a função de secretária, pois o olhar sobre o profissional técnico era o de executor de tarefas vindas da Direção e da Chefia de Departamento.

**Foto 44 – Coordenador Francisco José e equipe do Pedagogia da Terra, MST e FETARN**



Fonte: Arquivo pessoal, 2005.

Caminhos de oportunidades confiados a minha pessoa, trajetórias de desafios por uma construção de experiência do aprender servir foram ofertados em 2005 o Projeto Pedagogia da Terra, resultado dos Convênios N.º 89.000/2005 e N.º 98.000/2005 -INCRA/UERN, teve a finalidade de licenciar em Pedagogia, Habilitação: Séries Iniciais do Ensino Fundamental, 180 assentados, (incluindo-se dependentes e agregados) da reforma agrária do Rio Grande do Norte. O projeto atendia assentados do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), e Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do RN (FETARN). Fui convidada pelos Professores: Francisco José de Carvalho, diretor da Faculdade de Educação- FE-UERN, à coordenador geral do programa Pedagogia da Terra em Mossoró-RN e pela a professora especialista, Vera Lúcia de Abreu, coordenadora pedagógica do MST, sendo a mesma também, professora do referido projeto. O Projeto Pedagogia da Terra foi uma das melhores experiências

no meu caminhar profissional. Aprendi muito, com as experiências repassadas pelo o convívio com os alunos assentados do MST, e toda equipe de professores do programa.

Todos os envolvidos trouxeram saberes e fazeres como lição de vida, para o nosso aprender com o outro, nos ensinaram através de seus costumes e práticas culturais e com elas mostraram disciplinas de respeito e ética no conviver em grupos, com todas as dificuldades, encontradas de sobrevivência. Uma das experiências fundamentais foi a de conviver com os alunos na sede da organização que se transformou em e salas de aula local. A estrutura, com todas as dificuldades de água, poucas cadeiras permitiram ressignificar a prática e perceber a luta na luta, a escrita na escrita do lugar, as marcas das lacunas que muito permitem formação. Alunos e seus coordenadores escrevendo novos significados a partir do pouco. Colegas me estenderam as mãos com uma comunidade de afetos.

O Curso de Pedagogia da Terra o seu próprio nome condiz com as origens de seus participantes que honravam a oportunidade de conquista para terem um curso superior. Lutaram, sofreram no percurso dos sonhos de conquistaram o projeto tão esperado como o de poder terminar o curso superior e voltarem para suas pertencas, ao retorno de suas casas. Levar consigo não só um título, mas dentro de si o saber do aprender aprendendo com as experiências que abriram portas para o êxito social através da pedagogia que brota da terra, em sua esfera popular, e arraigada de seus conhecimentos e saberes. Buscaram outras experiências pelas dimensões do conhecer e do aprender, pelo viés do um aprendizado, agora, na modalidade presencial do nível superior.

Aprendi com o Curso de Pedagogia da Terra, na função de secretária, a trabalhar com alunos, professores, coordenadores, pessoas de apoio e moradores dos assentamentos. Contemplaram-me de forma significativa e, na soma, me ensinaram, ainda mais, os valores natos das pessoas simples e de exemplos que, nos ensinam a mantermos nossa herança étnica, pelos atos de humanização de um povo, com suas conquistas de direitos e liberdade social. Por ter tido a experiência de trabalhar com os alunos do MST, não só nesse projeto de Pedagogia da Terra, mas, dentro da Faculdade de Educação. Pessoa querida e amada por todos, mulher e educadora, de princípios e caráter excepcionais e de uma cumplicidade com a humildade que a faz um ser humano com várias qualidades de pessoa do bem, que brota como uma flor e expele o seu perfume ao ar no amanhecer do dia. Assim que vejo a professora Vera Lúcia de Abreu. Admiro-a muito e me identifico mais ainda por ser essa professora uma mulher do sítio, do campo.

**Foto 45 – Professora Vera Lúcia de Abreu**



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

No dia 14 de novembro de 2018, eu e a professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar, procuramos a professora Vera Lúcia de Abreu, para participar de uma entrevista, com relatos sobre o que, ela conhecia da minha trajetória de vida, dentro da Faculdade de Educação, época que ela me conheceu. A professora logo se dispôs e aceitou fazer os relatos para contribuir com o nosso trabalho de dissertação de mestrado. Leiamos o que narra Vera Lúcia de Abreu:

Quero dizer inicialmente que aceito sim fazer essa narrativa, esse relato, da convivência que tivemos como amigas de trabalho e dizer que é uma tarefa prazerosa fazer parte de alguma forma dessa sua trajetória. A primeira vez que vi Francinilda foi no Campus de Patu, Campus da UERN de Patu, e naquele momento eu achei Francinilda muito parecida com as pessoas daqui de Mossoró, porque eu já tinha convivência com a família dela, eu estudei com um irmão dela, e eu perguntei quem era aquela senhora, e as pessoas que estavam na sala comigo disseram que era Francinilda Honorato, esposa de um professor do campus. E naquele momento Francinilda se apresentava como uma senhora, uma mulher tipicamente do campo, com suas características, e aquela imagem ficou, acho que porque eu senti uma aproximação dela com essas pessoas que eu já conheci aqui, de fato era a família dela, e qual foi minha surpresa que um dia Francinilda estava na Faculdade de Educação onde eu também trabalho e passamos a ter uma convivência no Departamento de Educação, em primeiro lugar, porque ela também teve contribuição, e tem até hoje uma contribuição muito importante no Departamento de Educação. O que eu posso dizer de Francinilda é que ela é uma pessoa que tem para mim três características principais, é uma pessoa que tem uma simplicidade que encanta, é uma pessoa que tem uma disponibilidade para ajudar o outro e é uma pessoa que tem coração bom, uma coração que tem muita solidariedade, coração que é aberto as pessoas e isso é muito significativo na pessoa dela. No departamento a nossa convivência já foi muito importante, eu comecei realmente a identifica-la melhor como pessoa, como profissional, sempre muito solicita a tudo que a gente procurava, eu fui chefe adjunto do departamento e ela me fez uma surpresa quando terminou esse período, porque

ela reconheceu a nossa simples contribuição e isso foi um momento muito importante para mim, porque eu, acho que as pessoas que sabem reconhecer, são pessoas de grande valor, porque nem sempre o que a gente faz e que não é reconhecido, a gente acha que não teve realmente uma contribuição e Francinilda foi essa pessoa que teve essa ideia do reconhecimento e eu achei isso muito significativo. (Narrativa da Prof<sup>a</sup>. Vera Lúcia de Abreu, Mossoró/RN, 14/11/2018).

A narrativa acima da professora Vera Lúcia de Abreu, relata toda uma história, desde que, viu a Francinilda Honorato, pela primeira vez, no campus da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte -UERN, da cidade de Patu, Rio grande do Norte, a mesma conta que ficou surpresa, pois tinha certeza pelas características de Francinilda Honorato, que já a conhecia de algum lugar, pois achou parecida com alguém que ela já havia conhecido da família, e realmente ela lembrou que já tinha estudado com um irmão da mesma, em Mossoró.

Segundo a professora Vera Lúcia de Abreu, para ela foi de uma grande surpresa quando a encontrou trabalhando nas dependências da Faculdade de Educação- FE/ UERN. E a partir deste encontro, os laços de amizade passaram a ser mais próximos. A professora se torna Chefe de Departamento de Educação, setor que Francinilda Honorato está lotada.

Retomando novamente, a minha convivência com a professora Vera Lúcia de Abreu, vou escrever o que ela relata sobre nossa trajetória, agora no projeto Pedagogia da Terra – MST/FETARN.

Francinilda é uma pessoa que busca e uma pessoa que nunca se nega a enfrentar coisas novas, e aconteceu o projeto na Universidade da Faculdade de Educação, especificamente Pedagogia da Terra, que foi para mim um dos projetos mais importantes que a UERN abraçou através de um convênio com o INCRA, para atender alunos jovens assentados da reforma agrária. Francinilda foi convidada para participar do projeto, e ela se dispôs e trabalhamos juntas, e foi um aprendizado muito importante para as nossas vidas, continuando a mesma destreza, a mesma solidariedade, a mesma busca de conhecer, de aprender, de dar o seu melhor, ela fez no Pedagogia da Terra, ele se significa para mim o maior exemplo, o maior projeto como eu já disse, do papel social da faculdade e da UERN, por ter prestado esse grande serviço aquela juventude que tinham terminado seu ensino médio e estava com dificuldade de continuar sua formação, e a universidade fez isso e foi muito importante. Francinilda ela fez parte de toda a trajetória do Pedagogia da Terra como secretária, esteve sempre presente em todos os momentos de formação, de oficinas, tanto os assentamentos de origem dos alunos, como também na própria faculdade, tenho certeza que ela se encontrou assim como eu me encontrei também, porque a gente tem um vínculo com o campo, com a zona rural e está ali era como se a gente tivesse voltando a nossas origens com um outro olhar, com o orgulho do bom, de prestar um serviço aquelas pessoas, aqueles jovens, que era da zona rural, para que estivessem a mesma oportunidade de voltar para sua realidade e poder contribuir efetivamente com uma mudança social daquela realidade que eles viviam e principalmente com

suas próprias vidas e a sua própria formação”. O Pedagogia da Terra na sua primeira fase foi realizado no assentamento esperança, que era antiga fazenda São João, no caminho de Baraúna, e Francinilda como secretária era muito importante, para prestar o seu serviço e atendimento aqueles alunos e todos os dias ela estava lá, tínhamos nesse assentamento uma mini biblioteca, que ela tinha muito zelo com os livros, distribuía com os alunos, atendia os alunos, com relação a documentação, ela estava sempre visitando as salas de aulas para saber o que os alunos precisavam, então era essa pessoa muito ativa no projeto, a dificuldades de água era muita grande, Francinilda levava aquelas garrafas de água, ela servia os alunos, e dando também assistência aos professores, então ela foi uma pessoa extremamente importante e de um trabalho muito, que a gente diz assim, um trabalho de base, e de apoio, que sem ele o projeto não poderia realmente acontecer (Entrevista da Prof. Vera Lúcia de Abreu, Mossoró/RN, 14/11/2018).

Os relatos da professora Vera Abreu condizem com a história de vida e experiências, pelos fazeres e saberes por mim percorridos que se evidenciam nas falas dos sujeitos narradores sobre todo o seu caminhar de mulher de sítio até o seu encontro com academia. Pessoas que a conhecem e que estabeleceram um convívio cotidiano enlaçam um referencial de postura dessa mulher de sítio com um destaque a sua dimensão de vontade de aprender a aprender. Os relatos da professora Vera Lúcia de Abreu e os demais, entrevistados, que fazem parte deste estudo mantêm suas atividades, até os dias atuais, e marcam a história da Faculdade de Educação.

Suas narrativas, no decorrer de nossa escrita, cada uma com suas especificidades de relatos, dirão dos avanços, dos retrocessos, dos medos, das angústias, do empoderamento da mulher do Sítio Cabeços deste estudo. Sua arte de fazer, de saber, de inventar seu cotidiano, através de suas convivências e afinidades, no pessoal, no trabalho, no acadêmico e todo o seu caminhar em busca de aprendizados.

### **3.3 O Mestrado em Educação: o “momento-charneira”**

Começar escrever esse tópico com esse título posso dizer que é o relato que mais mexe com as minhas emoções, por ser o maior desafio de toda trajetória de minha vida e formação. Fazer o mestrado? Como? Não estava como uma das minhas aspirações, pois não me sentia com “capacidade” para esse nível de estudos. Ainda, a maior parte daqueles que estavam ao meu lado não me via com essa possibilidade. Não preciso dizer que mesmo como gestos, muitas vezes nem precisavam expressar, pois estava em um olhar, em um comportamento, em uma palavra. Lembro-me de uma ocasião, em uma reunião da plenária departamental, da Faculdade de Educação, quando a plenária discutia uma pauta e eu quis emitir minha opinião, um colega disse: técnico não tem que pensar sobre as pautas, não, pois não tem opinião para serem

votadas”. Isso me fez derramar lágrimas, muitas lágrimas na ocasião. Mas eu, tão impactada, não soube responder. No entanto, minha professora orientadora, respondeu: “todos aqui devem emitir sua opinião, não deve existir dicotomias entre docentes e técnicos, pois todos fazem parte do processo de construção da Faculdade de Educação”. Através dessa trajetória de aprendizados com o outro no lugar do outro passei no processo seletivo para aluno regular do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERN.

Neste tive a oportunidade de conhecer e vivenciar meu maior “momento charneira” cuja frase e teor me desafiou a entender, primeiro o que seria o referido momento. Empoderamento e resistência foram dimensões de sobrevivências emocional para Francinilda Honorato, como diz a professora Vera Abreu:

Francinilda foi uma pessoa que nos mostrou isso, que é possível, de fato você é uma mulher empoderada, é o termo que está na moda, mas isso cabe para você, você é mulher empoderada que mostra isso concretamente com seu mestrado, com a sua superação, com a vida que você tem hoje academicamente falando, ela realmente focar um tema sobre o êxito social através da história de vida e formação: trajetória de uma mulher de sítio em diálogo com os saberes da experiência e os saberes acadêmicos. (Narrativas da Prof. Vera Lúcia de Abreu, Mossoró/RN, 14/11/2018)

Ter ouvido essa frase pela primeira vez em sala de aula, por minha estimada professora, e hoje orientadora, doutora Ana Lúcia Oliveira Aguiar me tocou à curiosidade e estimulou a minha memória reminiscência quando cenas, antes de pensar em cursar o mestrado, me rodeavam me levando a reflexões. Por exemplo, a professora Ana Lúcia Aguiar me levou a pensar como possibilidade de seguir para a progressão acadêmica, agora ao nível de mestrado. Quando entendi falei para dentro de mim: “é este o momento real”. Este momento fez uma reviravolta em minha forma de pensar e de agir dentro da academia. Pensar em uma academia que valorize o técnico especializado e que eu tenho, como tantos outros, capacidade de me ver mais uma vez em sala de aula. Esse momento fez uma diferença abissal na mulher simples do Sítio Cabeços. São momentos que representam uma passagem entre duas etapas da vida. Considerar que é um “divisor de águas”, termos que eu designo para os acontecimentos que dividem e articulam as minhas etapas da vida. Trazer para o mestrado e narrar toda essa história pertence ao mundo dos sonhos. Descoberta de um universo novo, dentro de outro universo gigante. São esses momentos das mudanças em determinadas situações, sejam elas, pessoal, profissional e acadêmico, que se ancoram em minha pertença. Momentos de ligação entre minha memória e a pertença de cada um que fez parte do meu crescimento como afirma Pollak (1989, p.104), no mesmo sentido, ao afirmar que, “quando se trata de memória herdada há uma ligação

entre esta e a identidade dos indivíduos”. Há uma herança emblemática de todos os sujeitos do meu cotidiano quanto aos ensinamentos oferecidos por cada um dos profissionais da academia.

Vislumbrar as etapas no que faz toda diferença na vida dessa mulher de sítio ao mundo antes desconhecido, a saber, a universidade, especificamente, a Faculdade de Educação, que me recebeu de braços abertos, pelo diretor, com palavras de muita gentileza: “seja bem-vinda! A Faculdade de Educação, lugar de memória responsável, pela construção de espaços de saberes e conhecimentos intelectuais que me ensinaram e me trouxeram novos olhares paradigmáticos pelo desejo de entrar e viver os caminhos da escrita, à (auto) formação.

Contar como cheguei a essa formação, foi um desafio que mais me comoveu, pelo fato de ser, o lugar que me ensinou e ensinar como se caminha, passo a passo, pelas as histórias e experiências adquiridas no cotidiano com os saberes e conhecimentos, que chega aos sujeitos de forma inusitados, como aconteceu. Ter sua história narrada, e contada no pisar sensível pelas pedras no caminho, principalmente por essa mulher de sítio, em que, antes, jamais pensou de realizar, o tão almejado sonho na sua vida, que era terminar seus estudos, e chegar a uma graduação, seria impossível! Imagina! Um mestrado! Realmente, são coisas e mistérios de Deus que, só ele tem o poder de decifrar. Meu norte foi chegar a Faculdade de Educação- FE-UERN, conhecer e conviver com pessoas com dons de ver o outro, pessoas, que não estão naquele lugar só por estar, mas, pessoas que conhecem o real sentido do que é educação e como praticar a educação para os sujeitos, os modos do aprender e do fazer educação, como exercício das diversidades. Romper obstáculos e se pensar como sujeito de superação tem nas narrativas da professora da Faculdade de Educação, Vera Abreu, um testemunho pertinente. Assim, leiamos:

[...] Francinilda ela também se coloca como uma pessoa autônoma e uma pessoa buscadora daquilo que ela quer de bom para vida dela, em termos de ela aprender com todas as experiências que ela tem vivido da Faculdade de Educação, que a gente pode dizer é que de fato Francinilda, ela é um sujeito que tem uma pertença cultural importante para o crescimento, para sua formação, para a continuidade do aprendizado tanto na vida como na academia, ela realmente superou muitas, algumas dificuldades que com certeza todos nós temos, mais que ela realmente buscou, superou, se construiu enquanto uma pessoa realmente autônoma e sujeito da sua história, sujeito da sua vida né, o que é mais importante, ela adquiriu, ela conquistou nessa luta com todas essas características, quando as pessoas têm essas características de bem servir (Narrativas da Professora Vera Lúcia de Abreu, Mossoró/RN, 14/11/2018)

Através dessas rotas os sujeitos aprendem, por vias de vários contextos, pelas experiências que nos ensinam e faz o próprio sujeito se descobrir. É como eu apresento, a professora e minha orientadora, doutora Ana Lúcia Oliveira Aguiar, que tem todos esses,

predicados, e de outros mais, como dote, prenda, virtude e qualidades do educar, do ensinar, e construir educação. Ela é uma professora que se destaca por possuir, vários dons de fazer educação, ou melhor, de ensinar, transformando os sujeitos e transformar tudo o que toca como sujeitos protagonistas. Ouvi essas palavras narradas pelos ex-alunos alfabetizados, pelo método de Paulo Freire, por este educador, na cidade de Angicos, Rio Grande do Norte-RN quando realizamos uma pesquisa sob a coordenação da professora Ana Lúcia Aguiar, na Cidade de Angicos, em março de 2016, com os alunos do mestrado e alunos das disciplinas em caráter especial do mestrado. Então, eu, concordo e afirmo que esses alunos de Angicos aprenderam a se (auto) conhecer. Sinto-me mulher de sítio e gente! Hoje, entendo o sentimento da palavra “ser gente”, repetida por meus pais e as mesmas frases ouvimos dos ex-alunos de Paulo Freire, na cidade de Angicos-RN, quando eu ainda não tinha a realidade do conhecer, do poder significativo da palavra, ser “gente”. Eu ficava triste porque na minha concepção da palavra, todo ser humano, para mim é gente! Eu me chocava, quando as pessoas se declaravam, que eles só seriam “gente” através da alfabetização e só seriam cidadãos se soubesse assinar o seu nome e exercer o poder de votar. Para quem pensa na fora da palavra “ser gente” pela palavra, pela escrita, para eles é sinônimo de cidadania, ou seja, de ser “gente”. A palavra em destaque no texto dissertado, foi para mim uma experiência do conhecer e saber através desse caminhar, a professora Ana Lúcia Aguiar que trouxe e me ensinou pelas trajetórias da vida a me conhecer e reconhecer o poder da palavra ser “gente”.

No decorrer da escrita todos irão entender por que uma mulher de sítio faz questão de enfocar o nome de sua professora e orientadora. Os relatos seguintes, desse tópico, mostrarão o que essa educadora fez e faz, não só no caminhar da autora desse estudo, mas por todos aqueles que estão ao seu redor e até os que estão a distância. A sua forma de fazer educação é transformar, no construir saberes e mostrar possibilidades aos sujeitos de como chegar ao Êxito Social através da História de Vida e Formação. Destaco a importância e força que traz a (auto)biografia dentro de uma pesquisa social, sob tal perspectiva. Segundo Passeggi (2003, p.02) afirma “[...]admite-se como hipótese que a narrativa (auto)biográfica [...] beneficiaria o narrador, no sentido em que o exercício de análise e interpretação dos fatos modificaria suas representações e a forma como elas incidem sobre sua vida”. Livro organizado pelos orientandos da professora Ana Lúcia Aguiar, hoje, são mestres em educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC/ FE/UERN. O professor Alex Carlos Gadelha pertence ao quadro de docentes efetivos da UERN e a professora Ma. Maria da Conceição Fernandes de França, também atua em outras instituições de ensino.

Passos para chegar ao mestrado e ao então sonhado caminhar pelas possibilidades através da professora Ana Lúcia Aguiar. Em junho de 2010, concluiu Especialização em Psicopedagogia Institucional. Monografia de Tema: Psicopedagogia e Inclusão: Relatos de Ensino e Aprendizagem de (auto)Formação de Docentes com Alunos Surdos No Ensino Superior. Com esse estudo objetivamos compreender como os docentes que lecionam no ensino superior interagem com os alunos com surdez, deficiência esta que exige, não somente o conhecimento da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, ou conhecimentos teórico e científico, mas especialmente sensibilidade, alteridade, olhar miúdo e atitude inclusiva. Para concluir essa especialização, a professora Ana Lúcia se disponibilizou ser minha orientadora, pois o curso de especialização não tinha um orientador para que eu pudesse concluir o curso no prazo determinado. Mais uma vez a professora me estimula para concluir o curso. Sem sua intervenção, com a sua tão grande generosidade e sabedoria de uma educadora que não consegue ver aluno em dificuldades, obtive a orientação pertinente para a caminhada da pesquisa. Logo ela se preocupou em me ajudar e concluí em junho de 2010.

A partir desse contato e movido pelo incentivo da professora, continuo a trocar ideias com ela voltadas para a área da educação e com o olhar pela educação inclusiva. No ano de 2012, a seu convite da professora Ana Lúcia Aguiar, e de outros professores, me inseri no Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia e Educação Inclusiva. Iniciei como secretária do referido grupo de pesquisa e hoje continuo no mesmo grupo, sendo que, com outra nomenclatura: Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Memórias, (Auto)Biografias e Inclusão (GEPEMABI), sobretudo pela pertinência das discussões e temas de estudos e orientações da professora Ana Lúcia Aguiar que fundamentou as bases teóricas e práticas do supracitado grupo de pesquisa. Por meio dessa investida comecei a me interessar pelos estudos e passei a participar das atividades propostas pelo GEPEMABI. A professora me orientou na ocasião para consultar um edital do POSEDUC que ofertava disciplinas em carácter especial no mestrado, semestre 2016.1.

A seleção do POSEDUC nesse edital era feita através de uma carta de intenção. Vi que a professora, Ana Lúcia Aguiar ofertava vagas para a disciplina: Memória, Formação e Pesquisa (Auto)biográfica. Escrevo-me e ao fazer a carta de intenção, faço a seguinte justificativa:

Os motivos que me levam a cursar esta disciplina além de sua relevância são pela necessidade de constante aperfeiçoamento e qualificação profissional que irá proporcionar novas leituras e estudos; da, possibilidade de utilizar as práticas e conhecimento adquiridos em benefício do cotidiano das pessoas; da, afinidade e trabalhos desenvolvidos com as temáticas abordadas que darão

oportunidade para ser agente multiplicador na transformação social e viver esta, experiência que certamente será de trabalho, dedicação e muito aprendizado (Narrativa de Francinilda Honorato dos Santos, Mossoró/RN, 2018)

Fui selecionada, que surpresa! Que alegria! Fiquei apreensiva quando pensava sobre o início das aulas. A princípio quis recusar, não me achava capaz, tive vergonha de enfrentar uma sala de aula, com pessoas bem mais jovens e preparadas, muitos deles professores, mas, a professora Ana Lúcia me incentiva e dizia: “deixe de marmota, vá para aula, você vai gostar da disciplina”. Iniciam as aulas. Foi amor à primeira vista quando me deparei com a turma e principalmente com a disciplina. Primeiro pela forma de metodologia que a professora inicia as aulas e deixa o aluno em estado emocional de prazer. Segundo a disciplina é apaixonante. A professora Ana Lúcia expõe o programa da disciplina que traz em sua Ementa a preocupação com os Fundamentos de uma biografia educativa. Assinala sobre o papel do resgate de experiências fundadoras e formadoras na trajetória pessoal de educadores. Memória docente do ponto de vista do sujeito que se (auto)narra. Pesquisa sobre a autobiográfica no contexto educacional. Acresce o objetivo que envolve a todos, pois propõe uma reflexão sobre as perspectivas teóricas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica e formação como constitutivas e articuladoras na formação de professores entendendo-as como instrumento de (auto) formação, de pesquisa e de intervenção. No que, toca a metodologia aponta uma via de atividades desenvolvidas com base nas deliberações constantes do conteúdo, intensificadora reflexão dialógica entre os sujeitos do processo educativo, educador/educando. A escrita da trajetória começa um sentido desafiador, pois com a disciplinas cursadas no Mestrado em Educação me permite enxergar com outras lentes que me atiram para outros desafios inspiradores:

Então chegar ao mestrado que a gente sabe que é uma tarefa que não é fácil para muitos, [...] a gente só tem o que admirar e o que se orgulhar pela sua chegada ao mestrado, rompendo com todas as barreiras, que a princípio a gente pensa que são intransponíveis, mas não são, quando a gente realmente se permite avançar, quando a gente tem o domínio das nossas convicções e a gente domina a vida, e domina os objetivos que a gente quer alcançar e a gente chega. (Narrativas da professora Vera Lúcia de Abreu, Mossoró/RN, 14/11/2018)

A minha insistência em esclarecer alguns tópicos do programa é mais para focar o meu prazer de dizer e narrar todo o início do meu caminhar que abriu lentes do/de conhecer para saber fazer. A mulher sitiante que, se encontra no lugar dos saberes e vai dialogar com suas experiências e os saberes acadêmicos se encontram diante de desafios prazerosos. Após cursar

essa disciplina, me veio o desejo de participar mais uma vez dos processos seletivos para as próximas disciplinas ofertadas pelo POSEDUC, também, em caráter especial. A professora Ana Lúcia oferta novamente disciplinas e desta vez participei do processo através de uma prova escrita. Mais uma vez selecionada a disciplina seria sobre Tópicos em Práticas Educativas I em sua relação com a Educação Intercultural, Educação Popular e Educação Ambiental na esteira de Paulo Freire. Uma via, de fato, que instigou, pois trazia a pertinências do Diálogo com Paulo Freire as práticas educativas em espaços de saberes e fazeres dos Sujeitos do lugar, a formação de educador (a) popular, ambiental e inclusivo capaz de responder aos dilemas da modernidade/colonialidade por meio do diálogo entre a Educação Intercultural, Educação Popular e a Educação ambiental na perspectiva da aprendizagem do convívio para a paz. Uma disciplina que aborda o sujeito em seu estatuto de sujeito protagonista não poderia deixar de indicar como objetivo o aprofundamento da relação entre Intercultural, Educação Popular e Educação Ambiental na esteira de Paulo Freire na sociedade atual, com vistas a desenvolver a curiosidade, o espírito investigador e a criatividade como prática de libertação dos sujeitos enquanto (re)construtores de sua cidadania. Foi uma viagem de aprendizado sem medidas.

No semestre de 2017 sou selecionada para a terceira disciplina, também em caráter especial. Com a disciplina Tópico Especial em Educação I, que tinha como mote a Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva Para a Cultura da Paz discutimos a Política nacional de atenção educacional às pessoas com necessidades especiais, com base na Legislação Federal, nos Marcos Político Legais da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, na Convenção Sobre os Direitos das pessoas com Deficiência e na Lei Brasileira de Inclusão- Estatuto da pessoa com Deficiência, Lei Nº 13.146/2015. As discussões entraram no âmbito da formação humana e desenvolvimento profissional docente com foco na formação de professores numa perspectiva de atendimento às pessoas com deficiência, nas práticas pedagógica e acesso ao conhecimento numa perspectiva do princípio de educação para todos e acessibilidade. Como o objetivo geral vislumbrava compreender as orientações e subsídios na promoção da inclusão educacional, com vistas a assegurar um sistema de educação inclusiva em todos os níveis de ensino que maximizem o desenvolvimento social compatível com a meta da plena participação e inclusão, realizamos visitas à várias instituições, associações e fundações que trabalham com pessoas com deficiência. Buscamos os reflexos das referidas leis nas políticas públicas e nas ações para a efetivação dos direitos das pessoas com deficiência.

A partir da construção e o desenvolvimento pelos conteúdos apresentados e metodologias das disciplinas ofertadas, trago para esse tópico a relevância das disciplinas, e

riqueza de aprendizados através dos estudos dos teóricos da área com as descobertas e aprendizagem ministrada pela professora doutora Ana Lúcia Oliveira Aguiar, com o diálogo e reflexões práticas a partir das experiências dos colegas de sala. Cursar a disciplina, Memória, Formação e Pesquisa (auto)biográfica foi para mim um paradigma de descobertas e olhares de todos os lugares no caminhar dos saberes e valores conhecidos nos caminhos, viagens descobertas pelas memórias lembradas e trabalhadas pela professora. Proporcionou-me o conhecer, o fazer e o aprender. Mergulho aos textos, livros, vídeos, aulas de campo com destino à Comunidade de Quilombos, de Aldeamentos Indígenas, como o Jenipapo-Canindé em Aquiraz, no Ceará, bem como palestras com representantes de várias instituições e de outras ricas referências por ela citadas, no decorrer das aulas, como, por exemplo, suas experiências de vida nos países por onde morou e realizou formação continuada.

Comecei a me identificar com a metodologia da disciplina, Memória, Formação e Pesquisa (Auto)biográfica, e com ela, começa o norteamento para a compreensão dos saberes e aprendizados através das narrativas (Auto)biográficas. O compreender e o conhecer da experiência vivida me fizeram viajar, por via, das memórias construídas e (re)reconstruídas. Fez-me observar que o sujeito descobre e se descobre como ser humano pelas narrativas de si e do outro, via que nos leva a revelar as dimensões das riquezas de aprendizagem pelos relatos (auto) biográficos. Relatar nesse texto a performance da disciplina citada favorece a um dos, motivo que me levou a decidir pelo mestrado. Através dessa via, de cursar a referida disciplina, percebi todo o diferencial em minha vida pelo incentivo da minha professora e orientadora Ana Lúcia Oliveira Aguiar.

Francinilda ela ainda vai longe, porque ela busca, então assim, essa chegada ao mestrado, foi uma surpresa e ao mesmo tempo foi uma confirmação daquilo que eu já pensava sobre ela, porque como a gente se aproximou tanto, [...]. E levo de volta uma perspectiva de que outras pessoas, de que outras mulheres não importa a idade, não importa a origem social, e importa sim, o empoderamento, importa sim, a busca, importa sim, o desejo de renovação, que aconteceu com você, acontecer também com outras mulheres daquela comunidade, daquela localidade, que traga realmente essa vontade, esse desejo e esse olhar. (Entrevista da Professora Vera Lúcia de Abreu, Mossoró/RN, 14/11/2018).

Fazer a rota das disciplinas por mim estudadas antes da entrada como aluna regular ao mestrado se constitui na esteira de trajetórias nunca imaginadas ter podido vivenciar, inclusive passar por tantos “momentos-charneira”. É ter a possibilidade de explicitar as emoções pela a escrita do saber fazer e do aprender, do reaprender. Refletir as oportunidades que chegam, e nos

surpreendem pelo o olhar do outro. O sujeito, humano deve ter consciência e capacidade de se reconhecer. Com esse olhar sobre o outro pelo ensinar da professora, e educadora, me senti com potencialidade de trazer minhas experiências para dialogar com todos esses conteúdos repassados em sala de aula. Em outros lugares que caminhamos e ao caminhar foram construídos valores em contextos das diversidades, do saber e conhecer de uma mulher simples do Sítio Cabeços, inserida dentro de um campo, cheio de novos paradigmas nas trajetórias dos caminhos por mim pisados, pelo conhecer e aprender com as disciplinas do Mestrado em Educação, os desbravamentos ocorridos, mas, com respaldos positivos, que me levaram a concluir essa primeira etapa de atividades após a graduação.

Outra dimensão de base em meu percurso profissional que se alinha ao meu viver acadêmico e denota um diálogo entre as aprendizagens, em 2 de agosto de 2017, na sala das sessões dos colegiados, tendo como presidente professor Dr. Pedro Fernandes Ribeiro Neto, atual Reitor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte é expedido a seguinte, RESOLUÇÃO Nº 27/2017 – CONSEPE que aprova “Normas de Capacitação do Pessoal Técnico Administrativo da UERN, no uso de suas atribuições legais e estatutárias, e conforme deliberação do Colegiado”. Através da referida Resolução são aprovadas as orientações para deliberações do Comitê Permanente de Pós-Graduação *Stricto Sensu* (CPPG- *Stricto*) que aprovaram a proposta de legislação da capacitação do pessoal técnico administrativo, constantes no Processo Nº 1.226/2017 – UERN. A supracitada Resolução da instituição vem para definir um pertinente avanço de uma instituição pública em seu percurso de atenção a todos os segmentos do qual é constituída. Com base na resolução foco o ganho para a inclusão por Lei para todos os servidores técnicos administrativos e a minha inclusão, pois me submeti ao processo do Edital para alunos regulares da pós-graduação a partir, da disponibilidade de um percentual de vagas para os referidos servidores com vistas à progressão dos estudos com alvo no *Stricto Sensu*. Os avanços da UERN mostram ser composta por uma equipe gestora de maturidade com um trabalho sensível e que não dispensa pensar a universidade como um todo. Vislumbra o olhar politicamente correto e afirmativo preocupada com a prestação de serviços à sociedade, com qualidade. Uma universidade que oportuniza e investe nos seus funcionários para melhor atender e contribuir na construção dos seus avanços. Registrar essa narrativa é relatar, com amor e prazer, a história de uma mulher de sítio que hoje, com suas experiências e conhecimento, continua a se fortalecer aproveitando de todas as oportunidades para a qualificação pelo caminhar nessa instituição que lhe acolheu e lhe ensinou a fazer, aprender, a refazer, a reaprender, através do dialogar, e compreender como uma mulher de sítio obteve êxito

social através de sua história de vida e formação. Tais oportunidades abriram novos horizontes o que conduziu a mulher de sítio ao fortalecimento para se inserir no Edital para o Mestrado em Educação como aluna regular. O Mestrado em Educação, seu maior desafio em todos os passos de sua história de vida se instalou como um endereço onde eu deveria chegar. No dia 10 de março de 2017, o POSEDUC lança de Nº 003/2017- POSEDUC/UERN. Este Edital veio para me desafiar, provocar meus estudos, aprendizados e minha performance emocional para além da graduação e para além do que eu imaginava onde poderia chegar. Eu via possibilidades, mais do que desafios. Os desafios são próprios da vida, da nossa linha de tempo, mas os desejos, as escolhas e as oportunidades são instâncias da vida inerentes às decisões pessoais. Decidi, após pensar sobre os caminhos que eu teria de vivenciar e barreiras de aprendizados, desde a escolaridade básica, que eu teria que romper.

Ao ler que a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – POSEDUC tornou público, por Edital, o processo de seleção e inscrição de candidatos para o Mestrado em Educação, vi que eu poderia concorrer, uma vez que atendia aos requisitos técnicos de cursos, de formação inicial. As cotas de vagas para os técnicos administrativos me instigaram. Foram disponibilizadas duas vagas para o referido segmento. Consultar o referido Edital se constituiu em um exercício de formação. Palavras diferentes do meu cotidiano, autores de livros que eu não conhecia e etapas do processo que pareciam uma eternidade, pois as etapas de provas eliminatórias tinham início em maio de 2017 com conclusão em julho do mesmo ano. Etapas, para mim, infundáveis que me desafiavam a resistir. Como dizemos em determinadas situações de medo: “Tremi nas bases”. Ao examinar o quadro de ofertas de vagas, o POSEDUC ofertava vinte e seis vagas dentre as quais seis vagas estavam ofertadas pela professora Ana Lúcia Aguiar. As vagas foram, assim, distribuídas: vinte vagas para o público em geral, duas vagas para professores e servidores técnico- administrativos da UERN, três vagas para professores e servidores técnicos – administrativos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, e uma vaga para candidatos com deficiência, estas deveriam ser comprovadas em caráter terminativo pela Junta Multiprofissional da UERN. O edital informa, como se realizará todo o processo seletivo, inclusive elencando as duas linhas de pesquisa, à época, pois hoje está ampliado para três linhas, a saber, Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente e Políticas e Gestão da Educação. Ao término do processo foi criada nova linha de pesquisa Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão. Contemplou os novos integrantes de 2017 do Mestrado em Educação que em sua primeira concorrência, de 198 inscritos, 135 foram para a referida linha.

Uma concorrência nas mãos de quatro professores, hoje, seus membros. As inscrições para o certame ficaram estabelecidas, em cronograma, para o período de 20 de março a 20 de abril de 2017.

Cada dia para mim era uma constante de ansiedade e insegurança. Dentro de mim, no entanto, a intuição indicava “é agora ou nunca”! A professora Ana Lúcia Aguiar, e colegas, sempre no incentivo, para atenção do período das inscrições, para as etapas, para a leitura dos livros indicados para a seleção. Início pela etapa da organização da documentação e realizo a inscrição. Após essa etapa, analiso as referências indicadas. “Meu Deus! Que surpresa!” Eu não conhecia os dois livros indicados: Bernard Charlot. Da relação com o saber às práticas educativas e Boaventura de Sousa Santos, com a obra, um discurso sobre as ciências. Os desafios se aproximavam ainda mais em meus caminhos como sinalizando a necessidade de muita luta e muito esforço e coragem, uma corrida de contagem do tempo decrescente. Agora, era correr contra o tempo, em busca do meu maior sonho. Vivi o nomeado “momento charneira” (JOSSO 2010, pg. 90) tão lido e discutido em sala de aula nas disciplinas cursadas em caráter especial.

Livros emprestados, começo estudar. De início eu não entendia nada, tudo estava distante dos autores lidos na minha graduação, os temas dos capítulos dos livros uns mais desafiadores a minha compreensão. Tudo muito estranho os conteúdos muito aprofundados em vista ao meu conhecimento, dentro do contexto educacional, e das temáticas com o saber às práticas educativas. O texto sobre o Discurso das Ciências Sociais de Boaventura se apresentava como o maior desafiador das barreiras conceituais que eu deveria demolir. O que fazer diante de tantos desafios? Alimentei-me não dos desafios, mas das possibilidades. Lutar em busca de alternativas de superação, fazer as adequações necessárias através das pessoas que pudessem me ajudar. Encontrava-me com os colegas que iriam participar do mesmo processo seletivo que comentavam comigo as suas dificuldades com relação aos autores o que nos levou a organizar um grupo de estudos e fomos à luta! Do referido grupo faziam parte graduados em Direito, em Pedagogia, no Serviço Social. Somamos nossos conhecimentos, nossas experiências de leituras. Começamos ler os livros e a levar para discussões, trazendo estudos de outras fontes para dialogar com os autores indicados em Edital. Assistimos aulas em vídeos e lemos resenhas para entendermos melhor antes de entrarmos nos autores indicados. Essa metodologia ajudou a termos um esclarecimento anterior dos autores indicados pelo o programa. O estudo desafiador, mas prazeroso no percurso de todo aprendizado. Eu e meus colegas nos sentíamos felizes quando o dia era bem produtivo nos estudos em grupo. Para as próximas etapas correspondentes

à prova escrita, análise de anteprojeto de pesquisa, defesa do projeto de pesquisa, análise de Curriculum Lattes e prova de proficiência tivemos três etapas eliminatórias e uma etapa, a da análise do Curriculum Lattes, classificatória. O dia da prova, 9 de maio de 2017, no horário das 13h30 às 17h30, tão esperado, chega e nos encontra fortalecidos, pela metodologia de estudos estabelecida e organização dos estudos antecedentes ao processo.

Ao chegar o dia da prova escrita me sinto nervosa e converso com um colega que também iria concorrer comigo as vagas ofertadas para técnicos da UERN, pessoa de muita competência e inteligente. Digo-lhe que eu estava muito nervosa e insegura, mesmo tendo estudado. Ele me diz que não vai mais participar da seleção. Fiquei preocupada e disse: “também não irei fazer. Tive medo! ele me disse “pelo amor de Deus, não faça isso”. “Você se preparou e eu não tive tempo suficiente para estudar”. Embora ele quisesse me estimular a não declinar da minha ideia, o meu pensamento foi de desistência. Procuro a professora Ana Lúcia e comunico sobre a minha desistência. A professora me olha, de forma repreensiva, e em seguida me dá uma boa lição de moral, com o carinho de uma educadora que conhece bem os seus alunos. Ela me disse: “você vai perder a sua chance de realizar o seu maior sonho”? “Onde está a mulher forte”? Aquela mulher que já se mostra empoderada na sala de aula e nos trabalhos? Faça essa prova nem que tire um zero, mais vá fazer! Você estudou! Tente! Então fui pensar mais um pouco. Entrei em uma sala sozinha, chorei, e fiz uma oração para que eu pudesse me tranquilizar. Aproxima-se a hora da prova, as mãos e pés gelam. Finalmente chega a hora da prova, muita gente chegando, fico mais apreensiva, mas os olhares de meus colegas eram de uma força tão emblemática que me levantou. O fiscal de sala pede para entrarmos em sala. Procuro a última cadeira bem num recanto da sala. Recebo a prova e medito um pouco para começar a escrever. As questões bem elaboradas e focadas dentro do contexto dos autores das referências ofertadas vão me acalmando. O resultado da prova escrita foi publicado no dia 23 de maio de 2017. Nesse dia eu estava em trabalho com a professora Ana Lúcia Aguiar e a equipe do projeto de extensão que realizamos no Complexo Penal Estadual Agrícola Dr. Mario Negócio. O resultado estava previsto para às 17h00min, horário de nossa saída do referido sistema prisional. A ansiedade só aumentava em todos nós. Na equipe do projeto do Complexo Penal éramos três candidatos. Os telefones não abriam sinal de frequência para acessarmos o edital com o resultado. No momento que estávamos para entrar no carro a professora mais uma tenta em seu celular acessar o resultado. Os colegas estavam muito nervosos. A professora consegue ver a lista dos aprovados e nós todos ao redor da professora dizíamos: “vamos diga quem passou”? e o mais interessante, todos queriam ver primeiro o meu nome se constava na lista, pois eu era a mais

nervosa. A surpresa! Meu nome! Quase desmaiei. Caí de joelhos aos prantos e agradei a Deus e a professora, pois se não fosse o seu maior incentivo, com certeza, o meu nome não estaria na lista. A festa foi maravilhosa, os meus colegas também foram aprovados, o telefone não parou de tocar me parabenizando! Meu Deus! Não acreditava. Vi a luz no fim do túnel. Aproximava-me das possibilidades de realizar o meu sonho com o mestrado. Passei a me preparar para as próximas etapas construindo uma capacidade alienígena, que, seguida, de escolhas e formação de capacidades.

Às vezes o medo de enfrentar me fragilizava, mas, a vontade de ir a busca pelo caminhar do meu sonho impulsionava a minha autoestima de lutar. Fiz as outras etapas e graças a Deus obtive aprovação. As referidas etapas ocorreram na sequência do cronograma até o resultado final que foi publicado no dia 31 de julho. Publicada a lista com os aprovados, a surpresa foi maior ainda. Estou entre os aprovados. Eu disse para dentro do meu coração: “o sonho vai ser realizado, pois a mulher do Sítio Três Cabeços, agora se encontra na academia como aluna do mestrado”. No dia dos procedimentos de conclusão do certame, o caminho para a matrícula e a com a expectativa de início das aulas vislumbrei como seria o I Semestre do Curso de Mestrado que teve início em 2017. Que sentimento de realização me cobriu no primeiro dia de aula. Senti-me confortável com minha alma de mulher de sítio. As aulas têm início e o encontro com os colegas de turma me deixa com o fôlego inquieto. Eu não conseguia conter a minha emoção e alegria, em especial pelo fato da professora e orientadora, Ana Lúcia Aguiar, ministra a primeira aula. Eu me tocava para ter a certeza que eu estava naquela sala de aula rodeada de mestrandos e na qualidade de aluna regular do Mestrado em Educação. Havia, no entanto, outro desafio a cumprir que era o de prestar a prova de proficiência. Essa etapa se constituiu em mais uma rota a seguir em busca de instituições que ofertassem a referida prova, além do POSEDUC que eu fiz e não obtive êxito. Outra oportunidade surge com um edital do Instituto Federal de Mossoró. Da mesma forma, não fui aprovada. Estava defasada com tantos anos sem estudar uma língua estrangeira. Matriculei-me no curso de proficiência em espanhol, de curto prazo, no Núcleo de Línguas da UERN que funcionou como preparatório. A o final do curso prestei provas na cidade de Pau dos Ferros, no Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros fica a três horas da cidade de Mossoró. No dia da prova os colegas que estavam inscritos, desistiram e eu me estimulei na desistência dos colegas e iniciei um sentimento de desistência. Comuniquei a professora Ana Lúcia Aguiar que não iria e, mais uma vez, ela me incentiva a viajar mesmo sem a companhia dos colegas. Eu disse: “ir sozinha”? Ela responde: Sim. A professora Ana Lúcia me orienta pegar o táxi de linha. Viajo a Pau dos Ferros. Considerei a prova tão difícil que pensei não seria aprovada. Eram quatro textos para interpretar. Terminei a prova sem muita esperança. Passaram-se vinte dias e resultado é

divulgado. Obtive aprovação. Experimentei a sensação de alívio. O aprendizado cada dia me encantava. A alegria era tão visível que as pessoas diziam que eu estava com semblante de paz, estava bem. Após esse tempo de euforia vieram os desafios, problemas familiares, doenças, trabalho. Não consegui cumprir os prazos do cronograma de atividades pela minha orientadora. Os problemas só aumentavam. A doença do meu pai, que o levou a morte, se tornou um momento de muito choque e tristeza. A fragilidade me levou ao acompanhamento médico. No momento não tive forças para superação. Uma depressão me deixou abalada e descontrolou toda a minha vida acadêmica, pessoal e profissional. Uma licença médica foi o caminho. Eu precisava, urgente, cuidar da saúde. Com essas condições, nesse período, eu não tive ânimo para continuar frequentando as aulas do mestrado. Resolvi desistir. A ruptura me tirou o sonho de realizar o que mais almejava. A doença não me deixava pensar em voltar. Fiquei ofuscada e perdi todo o prazer em voltar ao mestrado. O medo novamente me vencia. Não suportava ouvir falar em trabalho e mestrado e a vontade era de ficar, o tempo todo, trancada dentro de um quarto, sem receber visitas. A minha família preocupa com meu estado de saúde, não saía de perto. Precisei de psicólogo e de psiquiatra. Um tratamento em longo prazo cuidado pelos anjos enviados por Deus à terra trabalhou para eu não desistisse da vida e do mestrado. Considero meu remédio maior o de resgatar a minha fé em Deus, o apoio da família, em especial, dos meus filhos, amigos, e todos sem exceção, meus colegas, professores, chefes da faculdade de educação. A minha professora e orientadora, tinha viajado, a trabalho, ao Peru com alunos do mestrado, inclusive eu estava inserida nessa equipe com participação nos trabalhos. Tudo pronto para a viagem. Próximo à hora de fazer check-in, comecei a passar mal, o medo e o pavor de viajar me consumiam de maneira desesperadora. O resultado foi o de cancelar a viagem e fui parar no hospital. Eu não me perdoava, decepcionei a minha orientadora e colegas e a mim mesma. Eu não entendia a causa dessa doença. Quando a professora chega da viagem comunico por e-mail que não iria mais continuar com os estudos no mestrado.

Desistência definitiva. Não obtive resposta ao meu e-mail. Ficou em silêncio e em choque com a minha decisão. Em seguida me convoca para uma conversa presencial que me deixou preocupada, pois sei que a professora Ana Lúcia Aguiar é de buscar levantar as pessoas, mas como eu estava decidida, não queria ouvir palavras de estímulo. No encontro eu estava irredutível. Conversamos muito e, ao final, a professora me deu uma chance para pensar por alguns dias. Após esse espaço de tempo, novo encontro para outra conversa. Eu me sentia melhor, ela me convence a voltar, fala do nosso trabalho está indo muito bem e eu tenho condições de ainda terminar com meus colegas. Converso com minha família e eles me apoiam para voltar, e

me aconselharam, para seguir os conselhos da professora, pois irá fazer bem a minha saúde. Então fui aos poucos voltando para sala de aula, e voltando ao trabalho, sentia vergonha dos colegas, mas, eles me davam muita força e carinho, era como um efeito revigorador. A professora Ana Lúcia me inseriu aos poucos nas atividades de orientações e de encontros acadêmicos de cursos, minicursos, que me trouxeram ânimo e vontade de seguir. Minha alta autoestima sinaliza como a força do conviver coletivo. Entre as rupturas e retornos a vida voltada ao cotidiano e às águas serenas. Senti-me no dever de dizer como ser humano que o sujeito é vulnerável em determinadas circunstância, mas capazes muito mais, de se superar. O exemplo disso é essa mulher de sítio que encontra vigor para a escrita deste texto.

O aprendizado, durante essa minha *liminaridade*, momento em que eu suspendi meu cotidiano, li muito sobre depressão, desde a primeira viagem à Argentina quando sofri pânico de avião. Encontrei textos do Dr. Márcio Bernik, médico psiquiatra e coordenador do Ambulatório de Ansiedade do Hospital das Clínicas do Instituto de Psiquiatria da Universidade de São Paulo. Ele explica, em uma das suas entrevistas, o que é Síndrome do Pânico e responde, na linguagem psiquiátrica, que esse transtorno é uma enfermidade que se caracteriza por uma crise absolutamente inesperadas de medo e desespero. A pessoa tem a impressão de que vai morrer de um ataque cardíaco, porque o coração dispara, sente falta de ar e tem sudorese abundante. Ainda segundo medido psiquiatra, existe a Ansiedade Antecipatória e Agorafobia que é uma doença a se manifestar especialmente em mulheres. Não prevê quando pode surgir novamente e gera uma ansiedade chamada de antecipatória. A pessoa fica preocupada com o fato de que os sintomas passam aparecer numa situação para a qual não encontre saída nem ajuda, como dentro de elevadores, metrô, aviões, salas de médicos e dentistas, trânsito. Se reagir de forma a evitar esses lugares a partir dessa experiência, desenvolverá uma segunda doença, a agorafobia, um quadro fóbico provocado pelo pânico não tratado que se caracteriza por fugir de situações nas quais uma crise de pânico possa representar perigo, causar embaraço ou a sensação de estar presa numa armadilha.

Geralmente os pacientes com pânico sofrem mais pela agorafobia do que pelo pânico em si. É o medo do medo. Pegar um avião é hipótese fora de cogitação. Outra característica importante da agorafobia é, uma vez estabelecida, não constitui uma fase passageira da doença e não cura sozinha. Além disso, as crises não desaparecem com a idade.

Pesquisar sobre a minha doença me permitiu tentar esclarecer todas as minhas inseguranças em toda trajetória de minha vida. Para mostrar que a mulher sitiante com todas as suas fragilidades foi capaz de superar muitos dos desafios enfrentados, me orgulho pelos

superados, mas na luta pelos que preciso vencer. Vejo meu caminhar pelos estudos e com os saberes que fazem ponte com o diálogo e as experiências, no âmbito de uma construção, não só intelectual, mas profissional. Considero a trajetória em todo o decorrer do mestrado, como diz a professora Ana, mesmo nos momentos de dor “O bom da viagem é a viagem”. Frase que nos faz refletir e nos ensinam a administrar certas situações que sejam de choque ou de prazer sempre será o bom da viagem, porque é com ela que temos oportunidade de (auto)formação.

### **3.4 Na esteira da luta pelo êxito social através dos estudos: o desembocar de uma mulher de sítio**

Reporto-me ao que vem sendo narrado, a uma história refletida num percurso em trânsito considerando que é processo, que é o inacabado, que é o inconcluso. Trata-se de um sentimento de admiração e, ao mesmo tempo, de prazer por saber que instiga o para além das fronteiras de onde até aqui chegou a narrativa. Por ser temporário, em relação ao que foi narrado, até o momento, significa a experiência com o tom do vivido, do praticado, do abalado, do ferido, do alvejado, do que aqueceu a memória afetiva. A experiência de uma mulher de sítio ante a história de construção e formação que não é sua, mas de todos que enfrentaram as possibilidades em conjunto. Ao iniciar o caminhar pelo pé no chão da terra de sua pertença até mesmo antes de sua existência escolar, profissional e acadêmica desenhos foram desenhados, mapas foram feitos e refeitos, projetos, sonhos, desejos foram perfilando como uma rua ladrilhada de escolhas e oportunidades. Este estudo, mais de que uma pesquisa de mestrado, é o estudo da autora pela autora que, mergulha em si para arrancar de dentro o ser possível para chegar ao êxito social pelos estudos. Através da História de Vida e Formação percorri o cotidiano de uma mulher de Sítio em Diálogo com os saberes da experiência e os saberes acadêmicos. Construído com sua orientadora traz uma pergunta para o centro da pesquisa provocativa para a mulher de sítio que percebeu avanços inusitados que provocou sua curiosidade para saber como uma mulher de sítio obteve êxito social pelos estudos em sua história de vida e formação? Tecer essa compreensão não foi simples pelo fato de eu resistir a entender a importância do estudo para a academia. No entanto, no percurso narrativo, percebi que minha voz soaria tão forte que capturaria outras mulheres para mobilizar suas energias emancipatórias. Uma central interrogação: Como foi que uma mulher saída pequena do sítio Cabeços município de Catolé do Rocha- PB obteve êxito social pelos estudos em sua história de vida e formação? Não foi fácil obter essa resposta, mas pelo compreender do caminhar, entre a experiências de vida e formação no esforço somado com

a professora Ana Lúcia Aguiar sua orientadora, o caminho abrem possibilidade para os reerguimentos e ressignificações.

Professora de leitura a várias lentes, e educadora Freiriana, coloca a mulher de sítio em testes de grandes desafios. Na esteira de luta pelo êxito social dos estudos: o desembocar de uma mulher de sítio permite abrir e fechar as cortinas do conhecer para aprender, o aprender para conviver, para viver, para ser. Não só a autora dessa dissertação, mas com todos os seus alunos perpassam o saber transformar os sujeitos. Trabalhos construídos com seus alunos trouxeram para a pesquisa dissertativa, através da (Auto)Biografia um tom de movimento. Histórias de quilombolas, de pescadores, os povos do mar, de caiçaras, de aldeamentos e tantos outros sujeitos e culturas constroem vidas.

**Quadro 2 – Produções na Academia por Francinilda Honorato**

<b>QUADRO DEMOSTRATIVO DE PRODUÇÃO NA ACADEMIA</b>		
<b>CAPÍTULOS DE LIVROS PUBLICADOS</b>		
1 -	TEMA	Formação Continuada Através dos Diários de Classe: Lugares de Memória, Formação e Inclusão de Discentes Surdos.
	AUTORES	<u>SANTOS, F. H.</u> ; Aguiar. A.L.O.; FREITAS, C. L. S.; FERNANDES, STENIO DE BRITO; COTA, ELIANE CORREA
	EDIÇÃO	In: Danielle H. A. Machado; Janaína Cazini. (Org.). Inclusão e Educação. 1ed.Ponta Grossa -PR: Atena, 2019, v. 5, p. 01-241.
2-	TEMA	Saindo do Casulo: encontros, aprendizados, e vivência com alunos surdos no Curso de Pós- Graduação em educação.
	AUTORES	SOARES, F. M. G. C.; Aguiar. A.L.O. ; FRANCA, M. C. F. ; MEDEIROS, E. A. ; <u>SANTOS, F. H.</u>
	EDIÇÃO	In: Ana Lúcia Oliveira Aguiar, Maria da Conceição Fernandes de França, Emerson Augusto de Medeiros. (Org.). Educação, (auto) biografias e inclusão entre a escuta e a escrita de si. 1ed.Curitiba: CRV, 2017, v., p. 1-324.

<b>QUADRO DEMOSTRATIVO DE PRODUÇÃO NA ACADEMIA</b>		
<b>TRABALHOS COMPLETOS PUBLICADOS EM ANAIS DE CONGRESSOS</b>		
1 -	TEMA	'PRÁTICAS INCLUSIVAS E INSERÇÃO SOCIAL COMO POLÍTICA PARA PROCESSOS FORMATIVOS EM CONTEXTOS LOCAIS NA PÓS-GRADUAÇÃO'.
	AUTORES	FREITAS, C. L. S.; Aguiar. A.L.O. ; LIMA, J. E. ; <u>SANTOS, F. H.</u> .

	EDIÇÃO	In: III Congresso Internacional de Educação Inclusiva, 2018, Campina Grande/PB. Anais III CINTEDI, 2018. v. 1.
2-	TEMA	O PASSADO COMO EXPERIÊNCIA VIVA DO EU NO PRESENTE: OS DESAFIOS DA MEMÓRIA DIVIDIDA NOS ESCRITOS DE UM APENADO'.
	AUTORES	FREITAS, C. L. S.; Aguiar. A.L.O. ; LIMA, J. E. ; <u>SANTOS, F. H.</u> .
	EDIÇÃO	In: III Congresso Internacional de Educação Inclusiva, 2018, Campina Grande/PB. Anais III CINTEDI, 2018. v. 1.
3-	TEMA	NARRATIVAS DE HISTÓRIA DE VIDA DE MORADORES DA ALDEIA JENIPAPO KANINDÉ - AQUIRAZ/CE: MEMÓRIAS DA CONSTRUÇÃO DO LUGAR.
	AUTORES	MEDEIROS, R. F. N. ; <u>SANTOS, F. H.</u> ; Aguiar. A.L.O..
	EDIÇÃO	In: III Congresso Internacional de Educação Inclusiva, 2018, Campina Grande/PB. Anais III CINTEDI, 2018. v. 1.
4-	TEMA	Histórias de vida como dimensão reflexiva para a compreensão do êxito social dos sujeitos em permanente formação.
	AUTORES	<u>SANTOS, F. H.</u> ; Aguiar. A.L.O.
	EDIÇÃO	In: I Colóquio Nacional em Êxito Escolar, Empoderamento e Ascensão Social, 2018, Mossoró. Histórias de Vida como Dimensão Reflexiva para a compreensão do Êxito Social dos sujeitos em permanente formação, 2018.
5-	TEMA	O ÊXITO SOCIAL DE MULHERES DE SÍTIO: uma reflexão à luz do Estado da Arte.
	AUTORES	<u>SANTOS, F. H.</u> ; FERNANDES, STENIO DE BRITO.
	EDIÇÃO	In: V Seminário Nacional do Ensino Médio / II Encontro Nacional Ensino Interdisciplinaridade, 2018, Mossoró/RN. Anais V SENACEM 2018. Mossoró/RN: Publique coletivo (promotora de eventos acadêmicos), 2018. v. V. p. 36-44.
6-	TEMA	ESTUDO DE CASO DE UMA ALUNA COM SURDEZ BILATERAL PROFUNDA.
	AUTORES	AMARO, RITA DE CASSIA ARAÚJO; FERNANDES, STENIO DE BRITO; Aguiar. A.L.O. ; COTA, ELIANE CORREA ; <u>SANTOS, F. H.</u> .
	EDIÇÃO	In: II CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA, 2016, CAMPINA GRANDE- PB. Anais II CINTEDI, 2016. v. 1.
	TEMA	Narrativas de uma pessoa com visão Monocular: Sentimentos e Angustias de um Discente.

	AUTORES	<u>SANTOS, F. H.</u>
7-	EDIÇÃO	In: III Congresso Nacional de Educação - CONEDU, 2016, Natal. Anais III CONEDU. Campina Grande - PB: Editora Realize, 2016. v. Vol. I.
	TEMA	Narrativas e empoderamento em histórias de mim: memórias das lições de Paulo Freire em Angicos/RN.
8-	AUTORES	Aguiar. A.L.O. ; FERNANDES, STENIO DE BRITO ; LIMA, J. E. ; <u>SANTOS, F. H.</u> .
	EDIÇÃO	In: IX Encuentro Internacional 'Presencia de Paulo Freire', 2016, Cienfuegos. Anais do IX Encuentro Internacional, 2016.
	TEMA	Empoderamento e Libertação: memórias, lutas e resistência de mulheres camponesas.
9-	AUTORES	<u>SANTOS, F. H.</u>
	EDIÇÃO	In: IX Encuentro Internacional 'Presencia de Paulo Freire', 2016, Cienfuegos. Anais do IX Encuentro Internacional "Presencia de Paulo Freire", 2016.

### QUADRO DEMOSTRATIVO DE PRODUÇÃO NA ACADEMIA

#### APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS

1 -	TEMA	O ÊXITO SOCIAL DE MULHERES DE SÍTIO: uma reflexão à luz do Estado da Arte.
	AUTORES	<u>SANTOS, F. H.</u> ; FERNANDES, STENIO DE BRITO
	EDIÇÃO	2018. (Apresentação de Trabalho/Seminário).
2-	TEMA	HISTÓRIAS DE VIDA COMO DIMENSÃO REFLEXIVA PARA A COMPREENSÃO DO ÊXITO SOCIAL DOS SUJEITOS EM PERMANENTE FORMAÇÃO.
	AUTORES	<u>SANTOS, F. H.</u> ; Aguiar. A.L.O..
	EDIÇÃO	2018. (Apresentação de Trabalho/Outra).
3-	TEMA	Formação de professores na perspectiva da aprendizagem da convivência pacífica inclusiva.
	AUTORES	Aguiar. A.L.O. ; LIMA, J. E. ; <u>SANTOS, F. H.</u> .
	EDIÇÃO	2017. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
4-	TEMA	História de Vida em desenhos: uma experiência de ensino e aprendizagem com idosos.
	AUTORES	Aguiar. A.L.O. ; LIMA, J. E. ; <u>SANTOS, F. H.</u> .
	EDIÇÃO	2017. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

5-	TEMA	FORMAÇÃO CONTINUADA ATRAVES DOS DIÁRIOS DE CLASSE: LUGARES DE MEMÓRIA, FORMAÇÃO E INCLUSÃO DE DISCENTES SURDOS.
	AUTORES	Aguiar. A.L.O. ; FERNANDES, STENIO DE BRITO ; FREITAS, C. L. S. ; <u>SANTOS, F. H.</u> ; COTA, ELIANE CORREA .
	EDIÇÃO	2016. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
6-	TEMA	Memórias de Sala de Aula: narrativas (auto)biográficas de ex-alunas de Paulo Freire da cidade de Angicos.
	AUTORES	<u>SANTOS, F. H.</u> ; Aguiar. A.L.O.; SILVA, A. P. S. L.; COTA, ELIANE CORREA; FERNANDES, STENIO DE BRITO
	EDIÇÃO	2016. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
7-	TEMA	ESTUDO DE CASO DE UMA ALUNA COM SURDEZ BILATERAL PROFUNDA.
	AUTORES	AMARO, RITA DE CASSIA ARAÚJO; FERNANDES, STENIO DE BRITO; Aguiar. A.L.O. ; COTA, ELIANE CORREA ; <u>SANTOS, F. H.</u> .
	EDIÇÃO	2016. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
8-	TEMA	História Oral e Tradição: a memória saudade nas narrativas autobiográficas de um vaqueiro.
	AUTORES	<u>SANTOS, F. H.</u> ; Aguiar. A.L.O..
	EDIÇÃO	2013. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
9-	TEMA	O ESTUDO DO FENÔMENO FÉ NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE CIÊNCIAS DA RELIGIÃO.
	AUTORES	<u>SANTOS, F. H.</u> ; PEREIRA, M. M. D..
	EDIÇÃO	2007. (Apresentação de Trabalho/Simpósio).
10-	TEMA	A Origem da Igreja de Cristo na Cidade de Mossoró.
	AUTORES	OLIVEIRA, M. M. C. ; <u>SANTOS, F. H.</u> ; FELIX, B. L. B. .
	EDIÇÃO	2006. (Apresentação de Trabalho/Outra).

<b>QUADRO DEMOSTRATIVO DE PRODUÇÃO NA ACADEMIA</b>		
<b>PARTICIPAÇÃO EM BANCAS DE TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO</b>		
<b>PARTICIPAÇÃO EM BANCA DE CLARA JORDANA DANTAS DE LIMA.</b>		
1 -	TEMA	O Uso das Tecnologias da Informação e Comunicação na Prática Docente.
	BANCA	FELIX, B. L. B.; SILVA, M. S.; <u>SANTOS, F. H.</u>

	EDIÇÃO	2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.
PARTICIPAÇÃO EM BANCA DE MIGUEL RUFINO DE SOUZA NETO.		
2-	TEMA	O Programa Mais Educação: implantação e desenvolvimento na Escola Municipal Aluizio Alves em Areia Branca - RN.
	BANCA	MARINHO, Z.; <u>SANTOS, F. H.</u> ; PEREIRA, M. M. D..
	EDIÇÃO	2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Fonte: Quadro organizado pela Francinilda Honorato, com as produções da Francinilda Honorato.

**Quadro 3 - Produções da LBI, promovidas pela Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN), com participação de Francinilda Honorato.**

DATA/HORÁRIO DO ESTUDO	ESTUDO	LOCALIZAÇÃO DE REALIZAÇÃO	CARGA HORÁRIA
22/02/2016, das 14h às 17h	VI Roda de Estudos sobre a Lei 13.146, Lei Brasileira de Inclusão (Estatuto da Pessoa com Deficiência), sancionada em 06/07/2015. <b>Direito Previdenciário na Lei Brasileira de Inclusão.</b>	Faculdade de Enfermagem - FAEN	3h
21/03/2016, das 14h às 17h	VII Roda de Estudos sobre a Lei 13.146, Lei Brasileira de Inclusão (Estatuto da Pessoa com Deficiência), sancionada em 06/07/2015. <b>Lei Brasileira de Inclusão – da Educação e do Intérprete da Língua Brasileira de Sinais</b>	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFRN – Campus Mossoró	3h
19/04/2016, das 14h às 17h	VII Roda de Estudos sobre a Lei 13.146, Lei Brasileira de Inclusão (Estatuto da Pessoa com Deficiência), sancionada em 06/07/2015. <b>Lei Brasileira de Inclusão: do Direito à Educação – 3ª. Parte</b>	Colégio Mater Christi	3h
23/05/2016, das 14h às 17h	IX Roda de Estudos sobre a Lei 13.146, Lei Brasileira de Inclusão (Estatuto da Pessoa com Deficiência), sancionada em 06/07/2015. <b>Lei Brasileira de Inclusão: do Direito à Educação – 4ª. Parte</b>	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFRN – Campus Mossoró	3h
21/06/2016, das 14h às 17h	X Roda de Estudos sobre a Lei 13.146, Lei Brasileira de Inclusão (Estatuto da Pessoa com Deficiência), sancionada em 06/07/2015. <b>Aspectos Gerais da Lei Brasileira de Inclusão.</b>	Colégio Diocesano Santa Luzia	3h

26/08/2016, das 14h às 17h	X Roda de Estudos sobre a Lei 13.146, Lei Brasileira de Inclusão (Estatuto da Pessoa com Deficiência), sancionada em <b>06/07/2015.</b> <b>O Desenho Universal na Perspectiva da Lei Brasileira de Inclusão.</b>	– UNP - Mossoró	3h
27/09/2016, d/as 14h às 17	XII Roda de Estudos sobre a Lei 13.146, Lei Brasileira de Inclusão (Estatuto da Pessoa com Deficiência), sancionada em 06/07/2015. <b>A Saúde na Perspectiva da Lei brasileira de Inclusão.</b>	Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais – FAFIC/UERN	3h
24/10/2016, das 14h às 17	XIII Roda de Estudos sobre a Lei 13.146, Lei Brasileira de Inclusão (Estatuto da Pessoa com Deficiência), sancionada em 06/07/2015. <b>Do Direito à Assistência Social na Perspectiva da Lei Brasileira de inclusão - Lei Nº 13.146/2015</b>	Auditório da Ordem dos Advogados do Brasil – OAB – Subseção Mossoró	3h
30/11/2016, das 14h às 17	XIV Roda de Estudos sobre a Lei 13.146, Lei Brasileira de Inclusão (Estatuto da Pessoa com Deficiência), sancionada em 06/07/2015. <b>Habilitação e Reabilitação na Perspectiva da Lei Brasileira de Inclusão.</b>	Colégio Diocesano Santa Luzia	3h
20/12/2016, das 14h às 17	XV Roda de Estudos sobre a Lei 13.146, Lei Brasileira de Inclusão (Estatuto da Pessoa com Deficiência), sancionada em 06/07/2015. <b>Saúde Inclusiva na Esteira da Psicopedagogia: a perspectiva da Lei Brasileira de Inclusão.</b>	Universidade Potiguar/UNP/Mossoró	3h
22/03/2017, das 14h às 17	XVI Roda de Estudos Sobre a Lei Brasileira de Inclusão, Lei No. 13.146/2015. <b>A Lei Brasileira de Inclusão: modos de saber e de fazer na perspectiva das Instituições locais</b>	Universidade Potiguar/UNP/Mossoró	3h
19/04/2017, das 14h às 17	XVII Roda de Estudos da Lei Brasileira de Inclusão, Lei nº 13.146/2015 - A Lei Brasileira de Inclusão. <b>A perspectiva da Educação na Lei Brasileira de Inclusão – Transtorno do Espectro Autismo.</b>	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFRN - Campus Mossoró	3h

24/05/2017, das 14h às 17	XVIII Roda de Estudos Sobre a Lei Brasileira de Inclusão, Lei No. 13.146/2015. <b>A perspectiva da Educação na Lei Brasileira de Inclusão – Transtorno do Espectro Autismo.</b>	Faculdade de Enfermagem - FAEN	3h
21/06/2017, das 14h às 17	XIX Roda de Estudos Sobre a Lei Brasileira de Inclusão, Lei No. 13.146/2015. <b>A Lei Brasileira de Inclusão - Um diálogo com os Conselhos Municipais dos Direitos das Pessoas com Deficiência.</b>	CREEMOS	3h

#### Itinerantes

23/08/2017, das 14h às 17	I Roda de Estudos Itinerante Sobre a Lei Brasileira de Inclusão, Lei No. 13.146/2015. <b>Do Direito ao Transporte e à Mobilidade na Perspectiva da Lei Brasileira de Inclusão.</b>	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Apodi – Apodi/RN	3h
11/09/2017, das 14h às 17	II Roda de Estudos Itinerante Sobre a Lei Brasileira de Inclusão, Lei No. 13.146/2015. <b>Educação, Acessibilidade e Efetivação de Direitos na Perspectiva da Lei Brasileira de Inclusão.</b>	UFERSA/Caraúbas/RN	3h
23/11/2017, das 14h às 17	IV Roda de Estudos Itinerante Sobre a Lei Brasileira de Inclusão, Lei No. 13.146/2015. <b>Do Direito ao Transporte e à Mobilidade na Perspectiva da Lei Brasileira de Inclusão</b>	Câmara Municipal de Baraúna	3h
24/05/2018, das 14h às 17	V Roda de Estudos Itinerantes Sobre a Lei Brasileira de Inclusão, Lei No. 13.146/2015. <b>Identificando sinais do Transtorno do Espectro Autista – TEA.</b>	Serra do Mel	3h
	<b>Total da Carga Horária</b>		<b>54h</b>

Fonte: Concedido pela Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN), 05/04/2019.

Na esteira de luta pelo caminhar do caminho, antes percorridos pelas veredas construídas pela terra de sua pertença, dentro das matas, em atalhos curtos e longos, por veredas limpas e retorcidas, cheguei ao que nunca imaginava poder chegar. Assim começam os passos dessa

mulher de sítio na esteira da luta pelo êxito social e dos estudos. Pela escrita dos textos e dos contextos procuramos da maneira mais explícita e detalhada apresentar o desenrolar da experiência. Os contextos se inserem de emoções e seus sentimentos de transparência no desabafo do falar e na escrita de uma mulher de sítio são possíveis se fortalecer, ensinar e aprender. Descobrir-se e se conhecer, através de suas histórias de vida, as possibilidades que lhes foram concedidas, pelos saberes das experiências, e saberes que lhe chegam através das experiências adquiridas ao dialogar com a academia, revelou outra mulher, talvez uma mulher muito forte, mas escondida pelo medo. Com essa combinação os saberes dos compartilhados entre os sujeitos se tornam uma construção de pluralidades que por meio das narrativas (Auto)Biográficas brotaram vidas. Construímos-nos e desenvolvemos todas essas narrativas com o objetivo de mostrar o prazer de usufruímos, pela escrita narrada os retornos de aprendizados que a academia fez e faz todo um diferencial na vida da autora ao construir essa dissertação do mestrado em educação. Encontrar a sua própria identidade e assumir a liberdade que lhe fez sujeito capaz de vencer comprovam as possibilidades de se conhecer gente. As narrativas seguintes dirão da luta para o êxito social de uma mulher na construção do seu empoderamento.

Posso afirmar que todas as pessoas encontradas em minha trajetória de crescimento do Sítio Cabeços até os dias de hoje me levam a pensar nos ensinamentos de Freire quando aponta os processos de como as pessoas veem o Outro. Afirmo sobre a humanização daqueles com os quais me encontrei percebido, por mim, da seguinte forma (FREIRE, 1969, p. 124).

Se, para uns, o homem é um ser da adaptação ao mundo (tomando-se o mundo não apenas em sentido natural, mas estrutural, histórico-cultural), sua ação educativa, seus métodos, seus objetivos, adequar-se-ão a essa concepção. Se, para outros, o homem é um ser de transformação do mundo, seu que fazer educativo segue outro caminho. Se o encararmos como uma “coisa”, nossa ação educativa se processa em termos mecanicistas, do que resulta uma cada vez maior domesticação do homem. Se o encararmos como pessoa, nosso quefazer será cada vez mais libertador.

Aqueles que se colocaram à minha disposição me encararam como pessoa de possibilidades de fazer, de me libertar. O passeio pelo retomo às histórias pelas narrativas e empréstimo da memória a tantos sujeitos narradores e partícipes do roteiro de uma mulher de sítio apontam um olhar sobre a mulher de sítio como um ser de transformação. Para robustecer e ilustrar a nossa dissertação com as entrevistas concedidas, através de narrativas de pessoas que fizeram e fazem parte de sua trajetória de vida, rego este tópico com o sabor do saber daqueles que exercitam a educação das sensibilidades. Narrativas, que testemunham no processo de desenvolvimento de mulher de sítio, provindo de uma vida de paradigmas

opressores, mas, capaz de se libertar através de um novo paradigma. Transformar-me ao vivenciar a universidade desde minha chegada com os colegas e, em seguida, com minha orientadora, me fez outra mulher. Aquela mulher de sítio, franzina, envergonhada, que se sentindo sem potencialidades se ergueu no cotidiano. Ora aprendia, ora ensinava, mas nas rotas, aproveitava os ensinamentos. Buscou nas narrativas de todos aqueles que lhe oferecessem uma escuta os momentos formativos. Dispusera-se a me estender as mãos aqueles que, sentindo o contentamento de ensinar, a paixão e implicação pelo outro, não economizaram tempo em colaborarem com muita alegria e satisfação, de fazerem parte desse crescimento que me levava a ser autora de sua história.

Para todos os sujeitos da pesquisa, deste estudo, perguntamos se aceitavam em participar da pesquisa e se concordava em assinar o termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o termo de autorização de uso de imagem, das narrativas, da publicação<sup>18</sup>. Consideramos o respeito pela dignidade humana e pela especial proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos e consideramos o desenvolvimento e o engajamento ético. Explicamos sobre a eticidade da pesquisa; sobre os Aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos e ressaltamos o que deve atender aos fundamentos éticos como constam na Resolução N° 466/2012.

Começo a sequenciar os nomes das pessoas colaboradoras com as sessões de narrativas que nos foram concedidas no decorrer da escrita de nossa dissertação e que trazem com suas memórias registros consideráveis para o crescimento de quem mergulha nas palavras de cada frase, como nas narrativas da professora Vera Abreu e a professora Brígida Lima Batista Félix, professoras da Faculdade de Educação, do professor Francisco José de Carvalho, da professora Fátima Resende de Carvalho. Os quatro professores narradores, com larga experiência e anos de trabalho na UERN/Faculdade de Educação. A professora Brígida Félix foi Pró-Reitora de Recursos Humanos, Chefe de Departamento de Educação da Faculdade de Educação e Coordenadora do Curso de Pedagogia no Programa de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), Campus Mossoró. A professora Francisco José de Carvalho foi Diretor da Faculdade de Educação da UERN e a Professora Fátima Resende de Carvalho, coordenou o Curso de Licenciatura Pedagogia da Terra, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Os momentos das sessões de narrativas reflexivas foram de uma oportunidade singular para

---

<sup>18</sup> O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido o TCLE é o documento que permite aos sujeitos da pesquisa conhecer seus direitos no momento da aceitação de fazer parte da pesquisa. É um documento obrigatório nos projetos, naqueles que utilizarão de entrevistas, como o caso desta pesquisa. Verificar a Resolução N° RESOLUÇÃO N° 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012.

autoformação de todos os que estavam presentes durante as sessões. Com a professora Vera Abreu foi marcado no Campus Central, escolha da referida professora, porque a professora estaria em atividades de trabalho o que facilitaria fecharmos o encontro, no seu momento de pausa. Da mesma forma, a professora Ana Lúcia Aguiar estaria nas dependências da Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, pois a professora Ana Lúcia Aguiar, que sempre participa com seus orientandos das sessões de narrativas, estaria, no momento, com possibilidade para o referido local que foi aceito pela professora Vera Abreu, por conhecer o trabalho de inclusão da UERN e por ser um local de repercussão de um trabalho em busca do respeito aos direitos humanos, mote de vivências práticas da professora vera Abreu.

Fizemos uma roda de conversa de cuja memória rememoração fizemos outras trajetórias e vislumbramos, inclusive, novos projetos. A professora Vera Lúcia de Abreu diz sobre nossas histórias vividas diretamente e não por tabela a qualidade da superação considerável ser permitida por nós a nós. Leiamos sobre as narrativas da referida professora sobre Francinilda Honorato:

[...] Francinilda buscou o lado bom de toda essa história, de toda a experiência que ela viveu, de superar todas as dificuldades que ela tinha, inclusive algumas dificuldades familiares, algumas dificuldades no próprio trabalho, dificuldades de relacionamento que muitas vezes a gente tem, e ela superou isso com a dignidade que é realmente assim, admirável em Francinilda, e ela consegue realmente em toda essa caminhada, a construção desse sujeito que ela é hoje, a forma como ela se coloca hoje na academia, ela é fruto da sua própria luta. [...].olha! ela fez isso, ela se realizou, ela cresceu, ela mudou, eu também posso - Então eu acho que essa é uma grande contribuição que você pode levar com o seu legado, com a sua trajetória para comunidade que você viveu na zona rural, fazendo com que outras mulheres também desejem e possam, como você, entrar nesse ciclo de superação e de realização profissional e pessoal. (Narrativas da professora Vera Lúcia de Abreu, Mossoró, 2018)

Em nossas sessões de narrativas (auto)biográficas com as pessoas que tem conhecimento dentro da minha vida pessoal, profissional, e acadêmica, criamos um espaço de aprendizados através das narrativas das professoras que participaram das sessões de narrativas reflexivas, espaço de reviver memórias silenciadas, memórias interditadas e antes adormecidas. Rememoração que vieram contribuir a partir do entendimento que estávamos em lugares de formação instalamos uma linha de vivências para a tessitura desta escrita do trabalho dissertativo. Os relatos dos sujeitos da pesquisa condizem com toda história de vida do antes e do depois da mulher do Sítio Cabeços construída com destino ao seu êxito social com plurais marcadores de tempo, lugares e acontecimentos. O tema conota com as narrativas

(auto)biográfica, pelas experiências dos sujeitos narradores, pois em muitos deles ouvimos como a mulher de sítio chegou ao êxito social pelos os estudos, no profissional e acadêmico. Esses marcadores de tempo, com suas dimensões embutidas pelas histórias de convivências daqueles que conheceram os meus avanços são de significativa importância, pois agregam lugares de fazeres no espaço acadêmico, como os que estamos relatando. Para Vera Abreu o que a mulher de sítio trouxe para a academia, além da experiência de vida, ancora-se na energia e na capacidade social dos significados de sujeitos que nascem e crescem em lugares rurais e que contribuem para outras mulheres se empoderarem e conseguir entender-se como mulheres de potencialidades, sobretudo para outras mulheres na academia que não se percebem, ainda, como possibilidade emancipatório. Assim, leiamos como Vera Abreu sobre esse assunto relata:

[...] a gente constrói essa capacidade, de voltar a nossa origem social, de voltar a nossa realidade, como uma pessoa que tem outro olhar para essa realidade, e traz que eu acho que é isso que você leva para essa realidade de sítio, essa realidade rural, que você viveu, você leva as pessoas, às vezes consegue levar em termos de trabalho, em termos de atividades a ser realizadas naquela comunidade, que é algo que você pode fazer ainda, mas eu vejo que você leva com a sua própria vida, com sua própria história uma grande contribuição para algumas mudanças que possam acontecer naquela sua realidade com outras mulheres que contribuíram com você e que também percebem a sua superação, o seu crescimento, o seu exemplo de pessoa, de mulher do sítio que vem para academia e faz todo o trajeto formativo. (Narrativa da Professora Vera Abreu, Mossoró 2018).

Outra professora mestra em Gestão Ambiental e, hoje, doutoranda em Geografia pela UERN, Brígida Lima Batista Felix, que me conheceu ao chegar à vida acadêmica como secretária e me acompanha até este momento. Dias antes de convidá-la para esta entrevista, conversamos muito rapidamente e durante essa conversa ela me diz: “Francinilda eu te resumo na academia, hoje, em uma frase que é a de uma dependência emocional à liberdade intelectual”. A frase da professora me inquietou e me emocionou, então eu pensei, vou procurar entender melhor o que, realmente a professora quis me dizer. Conteí para minha orientadora e ela me orientou que a professora Brígida, fosse uma das convidadas para nossas entrevistas. No momento fiquei sem entender, mas em seguida ela me explica que se trata de uma pessoa que chegou à Faculdade de Educação com o emocional dependente das demais pessoas que compunham o quadro de servidores daquela faculdade e que, passo a passo, foi rompendo com essas barreiras emocionais à medida que eu aprendia e me sentia autoconfiante. Chegar à liberdade, explicou Brígida Félix, significou a maturidade do pensar por mim mesma me levando a assumir posições críticas. A liberdade intelectual foi migrar, ainda explica a

professora Brígida Félix, do senso comum ao senso crítico. Então, entramos em contato com a professora e fizemos o convite que foi aceito de imediato. No dia 10 de dezembro de 2018, às 8h00 horas da manhã, na sala do Grupo de Estudos e Pesquisas Educação, Memória, (Auto) Biografia e Inclusão (GEPemABI), nas dependências da Faculdade de Serviço Social-FASSO-UERN, fizemos a entrevista.

Primeiro, eu e a professora Ana Lúcia Aguiar fizemos o protocolo para a realização das sessões de narrativas atendendo ao protocolo de pesquisa. Depois perguntamos se ela aceitava em participar da pesquisa e se concordava em assinar o termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o termo de autorização de uso de imagem, das narrativas, da publicação. Termos que são aplicados com todos os entrevistados, normas do Conselho de Ética. Uma professora que tem largo conhecimento dentro da universidade, que me conhece há muitos anos e que acompanhou a minha trajetória de vida dentro da Universidade, professora Brígida Batista de Lima Félix teria que se encontrar na lista de sujeitos da pesquisa e este foi um dos nossos critérios de seleção dos referidos sujeitos. Brígida Félix ressalta o profissional, a disponibilidade a atenção e cuidados de Francinilda Honorato com o trabalho.

Diz:

[...]eu conheço Francinilda já de muitos anos e ela entrou aqui na Faculdade de Educação e eu já estava aqui, mas eu já conhecia Francinilda de outros momentos, conhecia o ex-marido dela professor Osório, conhecia a família dela [...]. Esses laços com Francinilda só se estreitaram aqui na universidade, foi uma amizade importante que Deus me concedeu, não só amizade com Francinilda, mas também com a professora Ana [...]. Eu quero só falar na questão pessoal, professora Ana, antes de falar no profissional, na questão pessoal sempre me impressionou a disponibilidade de Francinilda em ajudar e servir, independente das condições dela, aquilo sempre me impressionou, antes da chefia do departamento, trabalhamos no Curso de Licenciatura Pedagogia da Terra, trabalhamos por longo tempo [...], essa disponibilidade de Francinilda sempre me chamou atenção, [...] e [...] então pessoalmente me chama atenção essa disponibilidade, essa facilidade que ela tem de servir, facilidade que ela tem de acudir as pessoas [...]. Francinilda nunca soube o que foi egoísmo na vida dela, eu olho para ela e digo: meu Deus, ela nunca soube o que foi ser egoísta, porque é o altruísmo faz parte da natureza dela, [...], uma vez ela procurou falar comigo sobre um autor, eu nem tive condições de ajudá-la, e eu sei que ela procurou outras fontes também, ela queria fazer um trabalho sobre Boaventura Santos [...], eu passei nos corredores depois perguntando se ela tinha conseguido fazer e ela respondeu que, tinha conseguido fazer [...]. Apesar da gente perceber que, o altruísmo dela fez com que ela se negasse muito, eu percebia em Francinilda uma perseverança, lá dentro do coração dela uma perseverança e uma vontade, mesmo que ela diga que, ela anulou essa vontade, mas essa vontade ficou adormecida dentro de você, Francinilda essa vontade foi adormecida dentro de você e graças a Deus, Deus usou Ana para despertar essa vontade, porque essa vontade nunca lhe deixou, ela só foi

interrompida, você usa essa palavra interrompida. [...] eu me lembro de Francinilda na graduação em Teologia, lembro do esforço dela, [...] lembro de Francinilda estudando texto de teologia, buscando mais fontes, não se limitava ao que lhe era dado, ela sempre procurava saber mais, embora que não tivesse Ana, como é natural de uma pesquisadora inicial, ela não tivesse assim uma visão, como eu posso dizer, sistemática, dos pontos que ela teria que atacar, mas ela atacava aquilo que ela estava em dúvida, isso pra mim, era muito importante, para mim é uma qualidade do pesquisador que, ela procurava saber aquilo que ela estava em dúvida e não apenas o que o professor determinava pela lei, aparecendo na leitura uma coisa que ela não entendia, ela ia buscar essa informação, isso para mim, era notável nela. [...] (Narrativas da professora Brígida Lima Batista Félix, Mossoró, 2018).

As narrativas da professora Brígida Félix traduzem um caminho de buscar e de potencialidades que estavam por mim, também silenciadas, caladas, protegidas por um medo de fazer, de dizer. A professora Brígida Félix, durante a sessão de narrativa, me lembrou de dimensões que eu havia esquecido, ou que eu não queria lembrar. Em nossa convivência admirava a professora sua dedicação à Deus, sua fidelidade aos ensinamentos do Evangelho. Uma mulher humana e virtuosa, além outras fundamentais nas relações de convívio humano: honestidade e humildade. Brígida Félix não é só uma grande profissional, mas, é uma das maiores mãe do mundo que eu conheço e abençoada que renunciou muitas coisas em prol da família. Quando em sua fala na entrevista alude sobre a professora Ana Lúcia Aguiar, de fato, ela alavancou a minha formação, adormecida durante décadas pela carga emocional que me consumia a cada situação à minha frente. Minha fragilidade sonegava minha coragem. Durante uma pesquisa com os ex-alunos de alunos de Paulo Freire, em Angicos, fizemos um trabalho com pessoas, hoje, com 80, 85, 90 anos de idade que foram alunos dos 40 dias de Paulo Freire, alfabetizados no processo da palavra geradora. Vi através da fala e do olhar, dos ex-alunos, a forma de gratidão pelo o amor que eles falam do professor Paulo Freire. Educador que deixa todo um legado de cultura educacional e popular, no Brasil e no mundo.

Os ex alunos do professor Paulo Freire, dizem que, “hoje eu só sou gente”. Eu, digo para o mundo, agora, e posso gritar: “Agora eu sou gente, professora Brígida”. O igual sentimento os ex-alunos do educador falam com tanto amor, gratidão, essa palavra “sou gente”. Assim sou eu, pelas mãos de uma professora e educadora dedicada em sua vida dentro e fora dessa academia, em fazer as pessoas, dizerem “sou gente”. Com segurança, hoje, dentro dessa academia, da minha vida pessoal, minha escolaridade, minhas experiências, aprendi muito com a professora Ana, que me trouxe realmente o claro das minhas lentes a palavra alfabetizar, digo num contexto em dimensões gerais do aprender com as experiências, e do aprender fazendo. Eu fui uma pessoa que me anulei na vida, perdi a minha identidade por um tempo e fui resgatada

e eu jamais pensei que seria da forma como ocorreu. Deus à usou de forma amorosa e sou muito grata Deus por tudo isso ter acontecido em minha vida.

Durante a sessão das narrativas a professora Ana pergunta a professora Brígida, sob a repercussão desse estudo para outras mulheres de Sítio. Como ela percebe? Brígida responde:

[...] Com certeza, um exemplo a ser seguido, Francinilda faz parte de uma estatística, uma estatística preciosa, no sentido de ser única, entre tantas, poucas mulheres Francinilda, conseguem chegar onde você está chegando, vindo do sítio, [...] então o ganho disso para outras mulheres que, não só são do sítio Ana, mas dentro das cidades, dentro das capitais, mulheres que se anularam, fizeram até a graduação mas se acomodaram, porque se envolveram na rotina da profissão, na rotina do casamento ou na rotina delas próprias e não deixaram que essa dimensão se acendesse, a dimensão do conhecimento científico [...] (Narrativas de Brígida Lima Batista Félix, Mossoró, 2018).

Ouvir esses relatos da professora Brígida, é entender que a nossa trajetória de vida com o diálogo na academia, nos corredores, lugares internos e externos da faculdade, é apontar para uma construção de saberes não só extraída pelo âmbito da pesquisa científica, mas, na perspectiva também de valorizar os saberes com as experiências e o saber pelo senso comum. A professora reconhece que o estudo alavancado nesta dissertação de mestrado a partir das narrativas (auto) biográficas, faz uma mulher de sítio purgar, uma catarse que a reedifica, pois a faz pensar no experienciado, enfoca a história de vida de uma mulher de sítio Cabeços, na Paraíba despertador dos silêncios, do silenciado, do que estava nos subterrâneos de uma mulher. Acordou meu interesse sonolento por muitos anos, no meu cotidiano. Certamente irá acordar outras mulheres em buscar o êxito social com suas histórias de vida.

A seguir ouviremos o professor Francisco José de Carvalho que foi diretor da Faculdade de Educação e sua esposa Maria de Fátima Resende de Carvalho que estava na parte administrativa do Curso de Licenciatura Pedagogia da Terra. Escrever em nosso texto dissertativo, o entrevistado a seguir, muito nos emociona por se tratar de uma pessoa muito especial em especial para mim. Professor Francisco José de Carvalho me conhece há mais de cinquenta anos, foi meu professor de ginásio, Colégio Estadual Jerônimo Rosado, em Mossoró. Professor, coordenador, diretor, em toda minha história pelos estudos na cidade de Mossoró- RN, mas a nossa trajetória maior foi no convívio dentro da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN, na Faculdade de Educação.

**Foto 46 - Prof. Francisco José de Carvalho e esposa Maria de Fátima Resende de Carvalho.**



Fonte: Arquivo pessoal, Mossoró/RN, 2015.

Sua esposa Maria de Fátima Resende de Carvalho, ambos trabalhavam juntos, na mesma instituição. Os dois me conhecem desde minha juventude. Pessoas, que acompanharam, de fato, a minha história em vários contextos de minha vida. A quem devo muito pelo meu crescimento, educacional e profissional, nos caminhos em que percorremos em uma estrada cheia de pedras, mas também estradas tecidas na construção de sua dedicação com resultados sociais de boas sementes plantadas. Um trabalho dedicado que trouxe em sua colheita os melhores frutos que, hoje, estão a frutificar por todos os setores da educação ou até mesmo em outras áreas profissionais. Na entrevista, eu e a professora Ana Lúcia, queríamos que o professor Francisco José e sua esposa narrassem sobre Francinilda. Dissemos: “professor, fale sobre Francinilda”, desde sua experiência no Ginásio no Colégio Jerônimo Rosado.

[...] Na verdade vou fazer um parêntese, pois eu estou muito feliz, hoje, quando pelo fato de eu estar nesse atendimento, principalmente pelo brilhantismo que ela passou, está passando, com esse mestrado, mesma emoção a satisfação que eu estou tendo hoje, eu posso dizer que tive quando me encontrei com ela lá no Colégio Estadual, quando eu comecei a fazer também minha carreira de professor. Eu devo dizer que foi um momento muito feliz que eu passei, porque, mesmo com Francinilda, mas todos os alunos naquela época eram muito dedicados e Francinilda mais destacada. Dada o seu, digamos assim o seu desejo de estudar, e eu conhecia Francinilda, assim de passagem por conta dos familiares dela, mas a satisfação foi encontrá-la lá no Colégio. Devo dizer que nessa passagem lá foi muito frutífera, porque ela como boa aluna teve sucesso. Então daquela época eu só guardo muitas recordações, principalmente dela. [...] mas umas coisas que eu tive satisfação

também, é que a gente introduziu dada a dificuldade da estrutura, das condições do colégio, mas nós contávamos também com o apoio, à participação dos alunos e nós fazíamos trabalhos práticos em campo. Talvez se Francinilda se lembra, da feira de projetos de ciências que a gente fez pesquisa que deu muita repercussão com o sal [...], os alunos faziam as pesquisas pela vontade, pela disposição, porque o colégio não tinha condições [...]. (Narrativa do professor Francisco José de Carvalho, Mossoró, 2018)

Na fase que trabalhamos juntos na UERN, Faculdade de Educação, continua o professor Francisco José de Carvalho, colaborado por sua esposa, Maria de Fátima Rezende de Carvalho a narrar sobre a experiência com Francinilda Honorato desde a época da Comissão Permanente de Vestibular, na COMPERVE quando se envolvia nas ações para os candidatos ao Vestibular, à época, coma utilização de procedimentos inovadores junto ao Ministério de Educação e Cultura (MEC) quando falavam em Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), Vestibulares para o PROFORMAÇÃO com tamanha dedicação e com ideias que ela não imaginava acertadas. Sobre esta fase, narra o professor Francisco José:

Na Universidade a gente teve logo contato com Francinilda, participando que na época, eu também trabalhava como supervisor da COMPERVE, comissão permanente do vestibular e nós tivemos a participação, que na época Francinilda já era funcionária da UERN e participou com a gente nas ações que a gente desenvolveu com vista nos vestibulares, [...] foi a partir desse momento, que nós, inclusive nós tivemos uma oportunidade de introduzir, de realizar alguns procedimentos inovadores, como por exemplo, nós estava preparando para os alunos, já com vista a fazer o vestibular diferenciado, de acordo com o curso que eles tinham interesse de fazer a prova do vestibular, [...] naquela época nós estávamos fazendo, essa inovação que o MEC está fazendo agora, nós fizemos lá, preparando com os alunos junto com o pessoal da UERN, já trabalhando nessa perspectiva, repetindo, o que o MEC, o INEP está falando no ENEM, [...]. Francinilda sempre esteve presente em todas as ações que a gente estava preparando, se preparando para trabalhar com os alunos, ela foi sempre foi dedicada e sempre participativa, no sentido de, vamos dizer na linguagem popular, estar em todos os momentos com a gente e todas as ações a gente estava acompanhando, contando com ela e com outros funcionários, [...] Francinilda você deve se lembrar, por exemplo os vestibulares que a gente fez para o Pró-Formação e outros eventos que nós trabalhamos, em função do trabalho da UERN, mais com a comunidade, isso digamos assim, estou falando esse destaque, por que sempre foi um tipo de atividade extra, [...]. Francinilda sempre nos ajudava, participava independente de ter gratificação, retorno financeiro pelo trabalho, tanto isso que ela deve ter satisfação pelo fato de também aprendeu muito com esse trabalho. [...] inclusive já naquela época no Curso de Especialização, já trabalhava também junto a seleção do pessoal que ia ingressar na UERN para a Especialização, [...] , mas depois ela se deu destaque para a montagem de uma biblioteca, [...] , um trabalho que se destaca, exatamente pela participação no atendimento, no zelo, no atendimento para os alunos, não só para os professores do curso, mas também para os alunos. [...] (Narrativa do professor Francisco José de Carvalho, Mossoró, 2018)

Na mesma sessão de narrativa, a professora Fátima Rezende de Carvalho, em todos esses projetos já citados, imprime o seu relato sobre a trajetória e a professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar comenta: “eu conheci a Fátima Rezende junto com o professor Francisco José no trabalho incansável, no dia a dia da Faculdade de Educação, no Curso de Licenciatura do Pedagogia da Terra, erguendo, colocando a questão da assiduidade, da pontualidade, de um trabalho rigoroso, zeloso, com respeito ao serviço público.” O professor Francisco José diz que:

[...] no Pedagogia da Terra, um grupo trabalhava com o MST e outro grupo com a FETARN e Francinilda desenvolveu todo um trabalho junto ao MST, em que ela além do trabalho que tinha aqui no campus Central, ainda se deslocava para Fazenda São João, quando o pessoal do MST estava tendo aulas na Fazenda São João. [...] eu me lembro dela a partir de como ela se vestia, daquela simplicidade, aqueles vestidos que ela gostava, que ela usava no joelho e depois Francilda foi desenvolvendo crescendo e ela cresceu como mulher, não só no estudo, mas como mulher, como um todo. Francinilda partiu a ser aquela mulher mais alegre, mais feliz e quando ela passou a trabalhar lá na Faculdade de Educação, eu senti como ela passou a ser uma mulher feliz, alegre, mudou totalmente a vida dela. Quem conheceu Francinilda no começo e que hoje conhece Francinilda, só eu posso dizer essa diferença, porque eu vivi, ela se tornou sua mulher feliz, uma mulher destemida, uma mulher corajosa, aquela mulher que diz tudo aquilo que vem dentro dela e que no início ela era fechada, ela era triste, diante de tanto sofrimento que ela passou na vida, porque ela é uma batalhadora, ela é o que é hoje, porque ela lutou muito para ser o que ela é hoje. [...] (Narrativa do professor Francisco José de Carvalho, Mossoró, 12/12/2018)

Na voz da professora Fátima Resende, esposa do professor Francisco José de Carvalho, reflete sobre as aprendizagens que eu havia deixado nunca por mim imaginadas. Fátima Resende se refere a minhas contribuições, à época. Diz “Francinilda não imaginava, à época, suas contribuições aos Cursos de Formação como o Pedagogia da Terra e o PROFORMAÇÃO. A professora citada narra que:

Foi tão significativa que cresceu e tanto que até depois foi, teve uma preparação especial, com a preparação da Reitoria, foi graças ao trabalho de Francinilda diga-se de passagem. [...] eu trabalhava na formação do curso Pedagogia e nós trabalhamos esse projeto que, a gente chamou de Pedagogia da Terra junto com o INCRA que, era a formação, da oferta do Curso de Pedagogia para as pessoas do campo, os agricultores, aí foi também outro momento que Francinilda também contribuiu muito com esse trabalho. (Narrativa da Professora Fátima Resende de Carvalho, Mossoró, 2018).

Percebemos como as dimensões do praticar no dia a dia as atividades da Faculdade de Educação, da UERN, buscando observar como as pessoas desenvolvem seu trabalho são

formativas. Projetos de Extensão, projetos de Pesquisa, Programas Formativos, forma e reforma, transforma, ressignificam, tece caminhos com leituras plurais e ofertam espaço para aqueles desejosos de aprender se envolver.

Todos esses relatos de pessoas experiente e dedicadas, com vontade de colaborar com os aprendizados, significaram com força pelas contribuições, pelas ricas memórias do convívio a mulher do Sítio Cabeços. O desembocar da autora flui e continuará fluindo com o humano como central dimensão. Através de sua história de vida, no elencar uma mulher de sítio, sua experiência de vida simples que chegou e conquistou através das possibilidades ofertadas por esse caminho, onde a história de vida e formação se misturam no dialogar. Suas experiências e saberes que a levaram a academia e a desenhar seu melhor título, o êxito social através dos estudos, trouxe empoderamento para obter a tão grande colheita, como posso dizer a partir do que aprendi no Evangelho, que esperei com paciência no senhor e não temi a colheita. O maior professor na educação popular Paulo Freire, considera que, os sujeitos são inacabados. Em sermos sujeitos inacabados a colheita é de muitos bons frutos e servirão para fortalecer a outros sujeitos a realizar seus sonhos, como essa mulher do Sítio Cabeços, município de Catolé do Rocha/PB, em ouvir, contar, contou, junto com sua orientadora doutora Ana Lúcia Oliveira Aguiar. O seu caminhar em ter chegado ao topo de sua formação e ter adquirido Êxito Social Através da História de Vida e Formação por meio de uma trajetória de mulher de sítio em diálogo com os saberes da experiência e os saberes acadêmicos, tem o lugar central do estudo sua maior dignidade.

O compreender de toda história de vida da mulher de sítio, veio ser possível pelas narrativas (auto)biográficas, em narrar sua história, sendo ator e autor de suas construções. Eu e minha orientadora professora Ana Lúcia, durante todo percurso da pesquisa, podemos observar mudanças em pessoas que conheceram um pouco da história de mulher de sítio e mostram interesse de conhecer melhor a (auto)biografia, ao perceberem que as experiências e saberes, contadas pelos os sujeitos em suas narrativas, conseguem construir transformar, abrilhantam, brilhar e admirar a vida. O caminhar, do/no caminho, daqueles que conseguiram o êxito social por suas histórias de vida, se constitui como o melhor legado para a minha alma.

**Foto 47 – Retornando da viagem do Sítio Cabeços, sítio de sua pertença**



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Lembro-me, neste momento, de todo o percurso vivenciado desde a saída do Sítio Cabeços e sinto a necessidade de expressar a “viagem de volta” Oliveira (1999), que vivenciamos todos os dias como o oxigênio alimentador de todos os avanços, recuos, permanência, transformações. Tenho certeza que faremos, para os dias que virão a viagem de volta, uma vez que a pertença não se desfaz, não se vende, não está à escambo. Essa viagem ao lugar onde enterramos nosso umbigo seduz e sinaliza para todos os aprendizados que virão adubados pelos ensinamentos dos meus pais, dos meus familiares e de todos os moradores do Sítio Cabeços. O Plantio, a debulha do feijão, a colheita, não ficaram em trás nos idos de 1965 quando em busca de melhores condições para a educação de seus filhos a família saiu de seu lugar de origem e pertença e migrou para a zona urbana do Município de Catolé do Rocha no Estado da Paraíba. O caminho encontrado foi vislumbrar condições para uma educação de qualidade, entendida por eles, no espaço urbano, e condição para “sermos gente”. Meus pais tinham o entendimento que a educação, os estudos nos permitiriam galgar outra condição que não fosse a enxada, o rastelo, os graus a cada canteiro cavado. Lá trás ficou fisicamente o Sítio Cabeços que até o momento continua alimentando nossos sonhos. A força da terra, a essência aprendida por entre os torrões duros do chão, em meio aos caminhos percorridos, a pé, para chegarmos até à escola no Sítio Coroatá, nos anima e nós encoraja até os dias de hora. Do Sítio

cabeços, na Paraíba, veio a alma, a essência para o Sítio Sereno em Mossoró, sítio comprado por meu pai para enterrar seus umbigos.

As minhas incertezas, aos meus questionamentos, às minhas tensões, ao meu amargo, os meus sabores, ao meu apazível, ao meu deleitável, das dimensões pessoal e coletiva me fazem ler meu doce e suave ser ao passeio pela minha leveza do ser, ser capaz de me transformar no meu próprio ser de sujeito, adentrar, mais ainda, em meus contextos, minhas memórias, minhas experiências, meus sentidos, minhas mobilidades, em novos arranjos sociais e configurações que me identificam para nesse ato de conhecimento continuar promovendo a autotranscendência, como nos lembra o filósofo Sócrates, no caminho das renúncias e purificações acompanhado de uma prática reflexiva permanente das minhas ações, atitudes, para me tornar, sempre, possibilidade de me descobrir e de me autorizar todos os dias. A vida em sua dinâmica. A vida arte que vamos aperfeiçoando na arte de vida, esteira na qual encontramos nossa potencialidade formadora. Por entre as trajetórias narradas neste capítulo, a partir das vozes daqueles que me viram, me ouviram, me ajudaram a entender e a fazer a releituras instigaram o movimento do me biografando tendo como ponto de partida, o viver a vida como o mundo, comigo, com os outros.

As dimensões subjetivas e da subjetividade permitem o autoconhecimento. Ouvir a voz dos caminhos construtores e diante dos quais dialogamos no interior de cada um no presente. A debulha do feijão, o plantio, as conversas em meio aos momentos do trabalho na roça do Sítio Cabeços e no Sítio Sereno estão vivos acendendo o percurso de retorno do que criamos e recriamos. Os processos formativos levam à questão do ser humano, como central, como sujeito e como objeto do processo de transcendência. Escrever o mundo, a partir de modos de viver, narrar, guardar em diálogos cruzados na região de fronteira onde os sujeitos se tocam, modos de produção da vida para apreender novos contornos e configurações na arquitetura da cartografia de partilha, reflexões, aproximações. Aglutina a inventividade e nos construímos como produtores das nossas histórias de vida. Contar a minha história para viver a minha vida, a sua vida, dando-lhe um modo que lhe corresponde e a revela.

Ao longo deste capítulo senti o desejo de pensar na viagem de volta e falar sobre a consistência para a continuidade do movimento da minha vida de progressão acadêmica que penso para o Doutorado e para o Pós-Doutorado. A relação intergeracional do Sítio Três Cabeços, na Paraíba, ao Sítio Sereno, no Rio Grande do Norte marca de forma apaixonada, e viva, a minha vida. Minha mãe Terezinha Alves Pereira minha professora da vida, das letras, das artes, das lutas, do amor. Foi minha primeira mestra de cujos ensinamentos me apropriei com uma Cartilha do ABC sem alguma obrigação de lembrar, mas do sabor doce e suave do

lembrar por onde caminhei com quem caminhei e com quem construí alegrias, sonhei, vivi certezas e incertezas, dores, interdições e permissões, no prumo dos valores de respeito aos princípios da dignidade humana. Na relação intergeracional com a minha mãe, meu pai, meus tios, nessa trajetória me fiz com base na honra e dignidade com e para a vida.

O valor das relações de vínculo está cimentado nos braços, no colo, no corpo de uma mulher franzina, de um pai vaqueiro, na constituição corporal, mas fortes, seguros, decididos, resilientes na performance dos valores humanos. Eles me ensinaram: “seja gentil e firme”. À força do não poder interditar os saberes construídos e aprendidos com as gerações que nos antecederam e que nos sucederão e que permitem desvelar nossas histórias de família que envolve e proporciona equilíbrio entre o ontem, o hoje e o amanhã, em uma relação interativa e dinâmica aprenderam e aprenderão como mestras presentes. As regras dos saberes contido em mim, dentro de mim, estão e são latentes. Serão sempre latentes, estarão sempre latentes. E aqui, faltam palavras para dizê-los como são tão fortes em minha vida que em tudo o que eu desenhe, escreva, faça, produza estão os sinais de uma professora lá trás que atravessa o tempo me fazendo companhia. Minha família, meus amigos, meus professores da vida.

A trajetória deste capítulo me deixou um diário. Um diário escrito das singularidades dos seus lugares de memória, dos seus espaços educativos, de suas cartilhas benéficas para minha formação como sujeito da minha história. Ímpar em meus textos e contextos. A vida foi sábia em saber falar e eu em saber escutar! Sua voz soa como um eco no mover do meu coração. Os aprendizados com a debulha do feijão, com plantio e colheita na roça, com os banhos de açude, no criatório, nas conversas de alpendre ao final da tarde são herança para o resto da vida.

## **COMO SUJEITO INACABADO, NÃO TEMI A COLHEITA, ESPEREI COM PACIÊNCIA NO SENHOR**

Aquele que leva a preciosa semente, andando e chorando, voltará, sem dúvida, com alegria, trazendo consigo os seus molhos.

(Salmo 126:6)

Este estudo teve como meta as narrativas da trajetória de vida tecida por uma mulher de sítio com o fito de mostrar sua construção desde a saída do seu lugar de origem, o Sítio Cabeços, localizado no Estado da Paraíba, à chegada à Mossoró, Rio Grande do Norte. Seu traçado se manteve nutrido pela semeadura regada pelo choro pranteado, mas sabedora do retorno, após o fio a fio, fiado com dores, incertezas, dúvidas, decepções, tristezas, canteiro a canteiro, com os molhos nas mãos, cantando seus júbilos como escrito no Salmo 126, como está na abertura deste tópico da dissertação.

Ao longo da minha vida, a vida vivida no chão de cada lugar foi, minha grande mestra. Trago a relação com pais, avós, família, vizinhos de sítios, com marca apaixonada e viva na minha vida. Minha professora da vida, das letras, das artes, das lutas, do amor, a terra de chão batido. Não podemos interditar os saberes construídos e aprendidos com as gerações que nos antecederam e que nos sucederão e que permitem desvelar nossas histórias de família que envolve e proporciona equilíbrio entre o ontem, o hoje e o amanhã, em uma relação interativa e dinâmica. As nesgas dos saberes contido em mim, dentro de mim, estão e são latentes. Serão sempre latentes, estarão sempre latentes. E aqui, faltam palavras para dizê-los como são tão fortes em minha vida que em tudo o que eu desenhe, escreva, faça, produza estão os sinais de uma professora lá trás que atravessa o tempo fazendo-me companhia, o Sítio Cabeços.

Diante dos ensinamentos da terra de chão batido, o Sítio Cabeços, a oportunidade de descobrir, de continuar perfazendo um caminho de valores das relações de vínculo, esse pequeno pedaço de terra fértil entre os terrenos de ontem e hoje, fortalecedores do amanhã. Vivi com a terra. Ela está inscrita em mim. Tudo o que eu sei estar para além de qualquer palavra que eu queira dizer. Para além ou aquém das palavras para dizê-lo.

Como um alforje que me torna pensável. É um saber que não se sabe totalmente, pelos mistérios do que não fica em palavras, mas que permeia os pensamentos. Instala-se no imaginário, no querer dizer e não foi dito, mas pensado, mergulhado em precisar dizer, mas se conter em dizer. É um saber que não se sabe, como um clássico, que nunca se esgota. Menos por sofisticação de palavra, de escritos, de produções da vida, do que pela simplicidade da

sabedoria que não teve ocasião de se expressar. Ensinaamentos guardados em minha oralidade de palavras comedidas, pensadas, dita, outras silenciadas. O silêncio da terra era como ensinamentos tão mais fortes do que o expressado. Era seu estoque potencial de vida, naquele alforje não oralizado, ainda não sabido, aprendido, num insciente, seu desprevenido. O cesto rústico, alimentado pelas plantas verdejantes dos cantos de plantio do sítio, posto que em construção permanente, carrego, como depositário dos seus ensinamentos, atravessando meus anos de vida, como transversal em toda às dimensões da minha vivência.

Os sentimentos estiveram aderidos à escrita, ao longo desses meses que antecederam a escrita das considerações que, agora, teço, não me deixando esquecer que a vida sem projetos, sonhos, perspectivas, não tem sentido. Reergo-me como sujeito da experiência que se permite à vida entendendo que cair, chorar, sofrer, ser abatido, ferido, ser esfacelado, derrubado, machucado, é o sujeito, de fato da experiência. Como sujeito da experiência que não ocupou um camarote para ver a vida passar, mas que se habilitou a produzir a vida escrevi três capítulos dessa história que, lá trás, tem sua pertença no Sítio Cabeços. Poesias, canções, versos foram os aromas escolhido para sua tessitura. Escrita e escritos, como a argila nas mãos do oleiro, combinaram com o ouvir, falar, narrar.

Traçados os objetivos, as metas, os pontos da saída até a chegada, experienciando toda a travessia nos seus retorcidos, veredas, florestas densas, rala, pântanos, desertos, escrevi três capítulos que edificaram a meta central que foi o de narrar uma história do *Êxito social através da história de vida e formação: trajetória de uma mulher de sítio em diálogo com os saberes da experiência e os saberes acadêmicos*. A decisão por este título passou pelo ponto de vista de que seria pertinente o percurso com todos os modos e arte de fazer e saber na construção do cotidiano de uma mulher de sítio.

Pensamos que o problema do estudo seria mais conveniente discutir sobre o êxito social da mulher de sítio através de sua história de vida e formação, por meio de narrativas (auto) biográficas. Contamos a sua trajetória de vida – pessoal, escolar e profissional –, através do diálogo com os saberes da experiência e acadêmicos. E foi através desses, que identificamos com as narrativas (auto)biográficas, de como aquela mulher chega ao seu êxito social, onde o diálogo, os saberes e experiências contribuíram para a formação pessoal, profissional e acadêmica na vida de mulher de sítio.

O estudo fez ressalva a trajetória de vida da mulher de sítio, em seu processo de transformação do sujeito, no pensar em si, falar de si e escrever sobre si. Valorizou a subjetividade das experiências por ela vivida que passou a ser a principal narradora,

Francinilda Honorato, e atora, em atos e cenas de sua própria história de vida no seu cotidiano na relação de si e com o outro. As contribuições desse projeto de mestrado estão relacionadas a partir de três seções: o pessoal, profissional e acadêmico do sujeito da pesquisa. No pessoal falamos a história de vida desde o início de suas origens até os dias atuais; o profissional relatou toda trajetória de trabalhos e lutas e suas experiências profissionais; e o acadêmico dialogou com os saberes que contribuíram para a formação pessoal de uma mulher de sítio. Entendemos que a pesquisa contribuiu para que outras mulheres sitiadas venham observar e refletir que é possível se obter êxito social através da história de vida e formação.

A disposição dos capítulos seguiu a seguinte ordem: O primeiro capítulo **Um olhar sobre a trajetória de vida de uma mulher de sítio: o pessoal, o escolar e o profissional**, onde a autora contou através de narrativas, suas experiências de vida de mulher de sítio sobre o olhar de sua trajetória. O primeiro tópico, **Vim da terra seca e árida do sertão, de uma vida muito dura inspiração: eu pessoa** foi feita uma ressalva desde o casamento dos pais, passando pelo nascimento até a juventude da sitiada. A vida simples de pais agricultores que era baseada no cultivo do próprio alimento. Nascida por mãos de uma parteira, “Mãe conceição”, que também era sitiada, mostrando que as mulheres de sítio daquela época se subsidiavam umas às outras com suas habilidades. Terezinha – sua genitora –, por exemplo, foi sua primeira professora, cuja qual ensinou a ela e seus irmãos a ler e escrever, demonstrando mais uma vez o reconhecimento da importância da educação de seus filhos, apesar das dificuldades que viviam no sítio Cabeço. Ainda neste primeiro tópico foram retratados caminhos da infância e adolescência, e toda construção da identidade dessa mulher em busca de seu objetivo: o seu êxito social. Obtido através do diálogo com senso comum e saberes acadêmicos.

No segundo tópico **Entre letras e lutas me eduquei: a escolaridade** em que dá continuidade as narrativas da escolaridade da mulher de sítio, relatou todo contexto da vida e vivência estudantil da Educação Básica da mulher de sítio que narra sua história escolar, que começou ainda muito pequena, no sítio cabeço município de Catolé do Rocha - PB. Ela e seus irmãos foram alfabetizados pela sua mãe, que saí mais tarde de sua pertença, e vai a busca de uma educação de qualidade para seus filhos. A autora relatou também as dificuldades enfrentadas, mesmo assim tem a perseverança em superar as barreiras. Como, por exemplo, enfrentar o estudo na cidade, passando por dificuldades principalmente financeiras com toda sua família.

É importante ressaltar que apesar de seus pais não terem formação acadêmica, o esforço feito por eles para que seus filhos tivessem a oportunidade de estudar e adquirir independência

intelectual é notado por todos os momentos em que nos mudávamos para novas cidades e escolas, tendo eles que abdicarem ou não da vida que já tinham.

Neste tópico erguemos breves histórias de como era o sistema de “paquera” daquela época na juventude. O irmão mais velho, por ordem dos pais, estava sempre a vigiar suas irmãs nas festas mais esperadas da cidade como forma de manter uma certa “moral” das moças. A proibição ocasionava na mulher de sítio a fuga busca de namorar na época, pois sempre fui uma moça muito romântica.

No terceiro tópico **Um momento na vida, um complemento na trajetória: o casamento** se deu na tessitura de como ocorreram os primeiros momentos em que Francinilda Honorato conheceu o homem, que futuramente viria a ser seu esposo, as dificuldades do casamento, tanto financeiras como a do relacionamento em si, até seu momento de ruptura. Ozório sempre foi um homem muito estudioso, por isso meus pais aprovaram nosso namoro, este que viveu através de cartas durante o tempo em que ele morava em Jundiaí, onde a distância causava muito ciúmes, naquela época a comunicação ainda era feita através de cartas, já que apenas pouca parte da população tinha acesso ao telefone, por ser um artigo da classe alta. Após o namoro, casamos e ambos se mudam para o Belém do Para, geralmente as mulheres tinham que acompanhar seu esposo para onde eles fossem, assim como fez a mãe de Francinilda Honorato ao acompanhar seu pai.

Neste momento é mostrado o verdadeiro papel da mulher sitiante, que é assumir as responsabilidades quando mais ninguém encontra solução, diante das dificuldades e rupturas, momentos cujos quais configuram o semblante experiente e extraordinário da mulher. Quando seu esposo precisou cursar engenharia agrônoma na Escola Superior de Agronomia de Mossoró, a mulher sitiante assumiu as responsabilidades financeiras da casa, como tinha aprendido através dos seus pais a ser guerreira e ter responsabilidades, e sem hesitar e com muita simplicidade foi o pilar por anos da família. Após muitas mudanças de cidades, se instala em Mossoró (até onde reside hoje), o motivo era de oferecer uma educação melhor para seus filhos, não havia barreiras que impedissem dar uma educação de qualidade para seus filhos, assim como fizera seus pais.

Finalizamos este tópico com a ruptura de casamento, um impacto na vida de quem havia crescido na perspectiva de um casamento até o fim da vida, de quem tinha tomado a decisão de agir em prol da família. O divórcio marcou o fim da história do seu amor por seu ex esposo, mas viria a dar início ao amor próprio e independência, não muito conhecida por mulheres

sitiantes, que privada de seus prazeres em nome de outros chegava a se assustar com a liberdade de finalmente poder amar a si mesma.

O quarto tópico **Minhas pegadas na história, trazem à memória toda a trajetória que trilhei até agora: o profissional – a universidade** registra a ruptura como ser social através da intelectualidade adquirida pelos saberes, abrindo a mente e descobrindo a possibilidade daquilo que um dia viria a ser o sonhado “êxito social”. Após trabalhar na área da saúde, os olhos mudaram quando começou conviver na área da educação, sendo secretária da especialização de educação da UERN. O trabalho dignificava a mulher sitiante, e com o passar do tempo ela foi conquistando espaços na área acadêmica conforme se dedicava as tarefas, seja estas básicas ou não, a dedicação desta mulher lhe agregava reconhecimentos da ordem acadêmica, à servidora, por sua notoriedade atuação profissional.

Relatamos o encontrar, no seu trabalho, uma válvula de escape para seus problemas, encontra amigos, uma família; e toda essa conjectura reafirma para essa mulher de sítio que a educação é a progenitora do êxito social da mulher de sítio, quebra a ingenuidade da mulher pacata e passa a revogar sua submissão, agora sendo responsável por mudar o pensamento da sociedade tornando-a a si como modelo, modificando seus arredores através dos saberes adquiridos, e compartilhados, empíricos ou não. Citamos nomes de pessoas chave para que a mesma tenha chegado aonde chegou, reconhecendo a extrema importância de cada um, onde resguarda em suas memórias cada nome que a forneceu a chance ou saber obtido por ela. Descrevemos o desafio de cursar teologia, seguido de uma especialização e a surpresa da mesma iniciar seu mestrado, onde apesar das limitações e da idade já avançada se propõe a não deixar-se estagnada como aqueles que antes a dominavam (pais, irmãos, ex esposo, filhos e sociedade em geral), por não se sentir satisfeita, a educação mostrou a mulher sitiante a constante insatisfação do estático, mostrando que não há barreiras para esta conseguir seu êxito social. A mulher de sítio se torna detentora de saberes acadêmicos, sendo agora referência e tendo ultrapassado aqueles que um dia haviam a dominado.

Frisamos neste tópico a importância da professora, Dra. Ana Lúcia Aguiar, que logo mais se tornou sua amiga. Comentamos e chegamos a discorrer que sem ela não teria conseguido orientação e estímulo para continuar sua vida acadêmica e ter chegado com a concepção da capacidade de ascensão da mulher de sítio, que outrora costumava se subestimar.

O segundo capítulo **Saberes das experiências de uma mulher de sítio: lugares e fazeres (auto) formativos** conduziu a mulher de sítio a mostrar os seus saberes através das suas experiências, de lugares e saberes (auto) formativos, que irão fomentar como uma mulher de

sítio chaga ao êxito social através da sua história de vida e formação. O primeiro tópico **Moro num lugar, numa casinha inocente no sertão, de fogo baixo aceso no fogão...fogão à lenha**, a autora falou de suas experiências no sítio de sua pertença, onde passou sua infância e início de sua adolescência com seus familiares. Lugar que lhe traz muitas recordações e saudades do tempo em que era criança. Toda a sua vida, ainda uma menina, se lembra dos momentos numa casinha simples e aconchegante no sertão, que tinha fogão aceso de lenha, não só para cozinhar, mas também aquecer os saberes e lugares por ela vivido, trazendo suas experiências para sua (auto) formação.

O segundo tópico **Prosas no terreiro no final de tardes: conversa na debulha do feijão**, esses momentos foram narradas as experiências e costumes das mulheres de sítio do sertão nordestino, que normalmente aos finais de tardes, se reunia na sombra do terreiro de suas casas para prostrar e conversar durante a debulha do feijão, alimento preparado para o seguinte dia. As mulheres aguardam os seus esposos chegarem da roça no final da tarde, para juntos realizar com a família a tão esperada ceia, como é de costumes no sertão, o feijão ainda é o alimento pioneiro na panela do sertanejo.

As mulheres compartilhavam suas histórias de vidas cotidianas, tecendo experiências, onde as mesmas em suas conversas aprendem uma com as outras, como por exemplo, traçavam planos do cotidiano para serem realizadas juntas como: dia de lavar roupa, debulhar o feijão, irem à igreja e batizarem os filhos. A missa na comunidade mais próxima era realizada uma vez por mês, e normalmente são dessas conversas que saí um apadrinhamento dos seus filhos.

O terceiro tópico **Os guardiões da memória como historiadores de família: vivências do Primário no Grupo Escolar** apresentamos, através dos guardiões familiares, as colaborações de suas memórias coletivas emprestadas, segundo Halbwachs(1999) a memória deve ser entendida, como um fenômeno coletivo e social construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes em uma sociedade. Ainda segundo o autor a memória individual não está inteiramente isolada e fechada, e para evocar o passado apelamos para as lembranças alheias, onde recorreremos as memórias da família, como avós, tios e pais.

No sítio de Coroatá, localizado em Almino Afonso, o professor Ari passava para os alunos como seria a aula daquele dia, em sua metodologia entrava várias disciplinas, como: matemática cujas lições eram acompanhadas pelo uso da tabuada, lições do português, a gramática e leituras, utilizavam livros e também cartilhas, que vinham ilustradas de outras disciplinas, com noções de conhecimentos gerais, história e ciências. Começava a aula com uma oração, e após a oração, o hino nacional, atividade obrigatória nas escolas como dever cívico.

O quarto tópico **Ao entardecer, o caminhão parte, as cancelas se fecham: a chuva, uma noite, a entrada em Mossoró**, a autora começou com uma história triste, nesse momento de partida, que foram de muitas dores e saudades, era um entardecer o caminhão passa e as cancelas se fecham de longe se viam o adeus dos que ficaram os animais e pássaros também nos dava o adeus, pois não era mais um até logo, e sim a partida definitiva da mulher de sítio que sai de sua querida pertença, juntamente com os seus familiares, momentos dolorosos e de tristezas, nos rostos de todos à amargura da partida, na certeza de que não voltariam mais para sua terra tão querida e não mais sentiria o cheiro da chuva, chão molhado de uma terra, do sol ardente.

A mulher de sítio que via através da esperança o seu sonho a caminho, onde junto destes trazia consigo seus saberes e experiências em busca do seu êxito que chegaria através de sua história de vida que a levaria ao diálogo e os saberes com a tão sonhada academia.

O terceiro capítulo **Saberes da experiência em diálogo com os saberes acadêmicos: êxito social pela história de vida e formação de uma mulher de sítio**, apresentamos, através das narrativas (auto)biográficas, os saberes da experiência que irá dialogar com os saberes acadêmicos através da história de vida e formação de uma mulher de sítio. No primeiro tópico **A mulher de sítio na construção de uma vida profissional: da educação básica ao Ensino Superior**, mostramos como foi a sua construção de vida profissional, educacional básica e superior; a mesma inicia a sua carreira profissional ainda muito jovem, e o seu primeiro emprego foi na área da saúde, trabalhou como enfermeira de berçário na casa de saúde e maternidade Santa Luzia, e através desse trabalho lhe trouxe um pouco de maturidade que proporcionou experiências e também adquiriu saberes os quais nortearam caminhos para a sua (auto)formação, que com as experiências já vividas, passa novamente por outro caminho profissional, o seu segundo emprego até os dias de hoje. E no caminhar dessa construção educacional básica e do ensino superior lhe traz através de sua trajetória de vida o encontro dos saberes e das experiências que dialogam com o ensino acadêmico.

A autora ainda relatou que, para chegar universidade foi preciso muitos incentivos de sua professora e hoje orientadora Ana Lúcia Oliveira Aguiar, que em seus ensinamentos sempre cita que, o sujeito é um ser capaz sim, de mudanças com seus limites e possibilidades. Segundo Freire (1987) os sujeitos aprendem porque são seres sociais, porque a comunhão se faz no diálogo com o outro e com o próprio mundo.

No segundo tópico. **Os estudos se complementam no desafiar, no conhecer e no fazer: Aprender com o caminho**, se reportou aos estudos eu se complementaram no desafiar,

no conhecer e no fazer de uma mulher de sítio. Que perpassaram por desafios por ela enfrentados, luta pela superação, através da consciência do fazer, com as experiências do aprender com o caminho, que irá levá-la ao encontro do conhecimento que, através dos estudos e de sua história de vida conhece o seu êxito social através da história de vida e formação: trajetória de uma mulher de sítio em diálogo com os saberes da experiência e os saberes acadêmicos.

No terceiro tópico **O Mestrado em Educação: o “momento-charneira”**, narramos como ocorreu o seu maior desafio de toda sua história de vida e formação. O mestrado em Educação, o momento-charneira na vida dessa mulher de sítio. É aqui o momento que realmente faz toda diferença na vida de uma mulher simples, que migra do sítio Cabeço lugar de sua pertença e chega ao um mundo antes desconhecido, que é a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN. Lugar esse, de construção de saberes e conhecimentos intelectuais, tanto no âmbito profissional quanto no acadêmico, trouxeram-me novos olhares paradigmáticos pelo desejo de cursar o mestrado em educação.

No quarto tópico. **Na esteira da luta pelo êxito social através dos estudos: o**

**desembocar de uma mulher de sítio**, mostramos como foi o lutar de uma trajetória de mulher de sítio pelo o seu êxito social, através dos seus estudos. Que trouxe as suas histórias de vida e os saberes das experiências para fazer uma ponte com o diálogo entre suas experiências de vida cotidiana de mulher de sítio com as experiências e saberes acadêmicos. Ainda nesse tópico apresentamos todo o desenrolar de como a autora conseguiu o seu empoderamento com respaldo nos estudos que lhe trouxe o êxito social através da sua história de vida e formação.

Para as considerações, que não consideramos para este momento, intitulado **Como sujeitos inacabados, não temi a colheita, esperei com paciência no senhor** pensamos em Paulo Freire, educador da esteira da educação popular, considera que, os sujeitos são inacabados. Baseado em seus ensinamentos não temi escrita deste trabalho, pois a paciência e a confiança no senhor me deu a boa colheita dos bons frutos que serviram para fortalecer e realizar sonhos de outros sujeitos também inacabados, que construíram o seu êxito social através dos estudos e de suas histórias de vidas.

A dissertação compreendeu por narrativas (auto)biográficas, como uma mulher de sítio obteve êxito social pelos estudos em sua história de vida e formação. Volto ao texto inicial dessas considerações como optamos por chamar para dizer que a terra dos meus país onde pisei, lutei, combati e resisti. É pré-texto, sempre será. É meu pré-texto que imprimiu o valor do cotidiano no texto e contexto de minha vida. Apontou que o valor das relações é condição ímpar posto

que envolve sentimentos guardiães, forma que põe em evidência a antecipação aprisionante na construção dos saberes. Constitui-se em um relato multicolorido de lições. É presença atenta. A terra Sítio Cabeços permitiu a escrita de um diário. Um diário escrito das singularidades dos seus lugares de memória, dos seus espaços educativos, de suas cartilhas benéficas para minha formação como sujeito da minha história. Ímpar em meus textos e contextos. Fui sábia em falar e sábia em escutar a terra dos meus pais, meus pais, minha família, meus vizinhos de sítio.

Ao chegar à escrita final deste trabalho, para não dizer que não falei das flores, muito pelo contrário, narrei de espinhos e flores, construí a partir das narrativas e memórias a invasão de lições e aprendizados das vozes de todos e de todas que me acolheram em todos os meus sentimentos, em todas as minhas angústias, dúvidas, lacunas, principalmente, essas ausências de saberes aprendido durante a trajetória e distantes do que eu havia aprendido no Sítio Cabeços. Reafirmo as motivações pessoais que me animaram à construção desses escritos que trouxe à superfície a trajetória de uma mulher de sítio que nunca sonhara em chegar à academia e passar por um processo seletivo com vistas ao mestrado. Ao fazer uma viagem para dentro de minha história de vida, experiência provocada pelos estudos do método (auto)biográfico, me encontrei com a relação ao meu objeto de pesquisa latente nos meus idos de criança, mas aflorado com os saberes reflexivos aprendidos na academia. Desenhou-se para o significado dessa identidade um ressignificar no sentido da minha história, edificada nos ensinamentos da sábia terra por quem eu fora afirmado na vida.

Fazer o caminho de volta em narrativa (auto)biográficas da minha história de vida me abriu possibilidades outras, por exemplo, vencer outros medos para voar outras viagens. As lições da reconstrução de minhas memórias resultam da percepção que a minha terra pertença, o Sítio Cabeços, me fez colher frutos e efeitos de um modo de viver e sonhar. Das marcas deixadas por meu pai, por minha mãe, meus irmãos e vizinhos do referido sítio sou herdeira das portas que se abriram valores de vida que permanecem iluminando minhas ações.

As pistas acadêmicas firmadas desde graduação, passando por meus estudos na especialização e o trabalho desenvolvido na UERN, me abriram os olhos para lentes sobre a relevância das histórias de homens e mulheres do dia a dia. Pessoas comuns que constroem a vida na interação de fazeres. Alertei meus olhos no conhecer a Prof.<sup>a</sup> Ana Lúcia Oliveira Aguiar, que segurou a minha mão e fez o caminho comigo, como se nunca tivesse feito esse caminho antes, e me apresentou o sentido da (auto)biográfica. Sua presença diária, me animando e reanimando em minhas desilusões nos estudos, me abastecem nas experiências para a minha formação pessoal, acadêmica e com o Outro.

Das sessões de narrativas que construí me fizeram afinar a escuta da minha alma, de dentro a florada, que me refizeram para transformações, com a força do seu significado investigativo que representaram um instrumento de revisão, do encontro comigo e o entendimento da aprendizagem pelos processos de conhecimento, de autoconhecimento, de (auto)formação, de aprendizagem. Os tempos, os lugares, os acontecimentos, arrancados em meio à purgação no exercício do narrar, escutar e dizer, me fizeram perceber a força do método (Auto)Biográfico, como potencializador de transformações e riqueza sobre a possibilidade de percepção, em seus exercício, para vermos os inúmeros projetos de vida que podem ser elaborados.

Foi possível me debruçar sobre situações do dia a dia das diversas táticas, estratégias e dimensões de modos de aprender a aprender, aprender a ser, a conviver, a conhecer, para serem fundamentadas em práticas educativas, percepções sobre as diferenças culturais, a diversidade e as pistas para a inclusão em aspectos nunca percebidos antes pelo sujeito da experiência. Pelo ladrilhar dos caminhos, no ouvir as vozes dos sujeitos, dos vizinhos, dos amigos, dos professores, o ensinar, da mesma forma a partir da interpretação desses modos de todos no fazer escolar, acadêmico, profissional e pessoal me ofertou o compreender as formas, bem perto de nós, para romper nossos silêncios, nossa memória interdita. Interessou-me fazer o percurso de uma mulher de sítio na feitura do êxito social pelos estudos optando pelo caminho artesanal de costurar os todos os pontos, com desenhos de flores e espinhos, de descanso e de cansaço, me dispondo a ouvir, paciente, a mim e àqueles que estiveram de braços abertos para me receber e construir este texto dissertativo.

De cena em cena, compositora desta história de mulher de sítio, rememorei e contei de mim e do outro. Concluí que os sujeitos desta pesquisa trouxeram testemunhos e experiências como um aprendizado que me auxiliou a pensar em outros projetos de vida para além da minha aposentadoria que está próxima, mas que eu direi para não me aposentar, pois farei um percurso de volta ao Sítio Cabeços para apresentar os resultados deste estudo e, em seguida, às escolas e universidade. O objetivo é dar visibilidade aos saberes da tradição, da muitas, lições podem ser disseminadas a partir desta pesquisa para que outras mulheres de sítios se percebam como potencialmente possível. Em meios aos dizeres e fazeres de sítio, da academia e dos convívios diários os interlocutores podem quebrar o silêncio e se transformar em caminhos de colaboração às reflexões de outros sujeitos que estão nos subterrâneos, à disposição dos ditames de quem sabe é a academia e quem não sabe são os sujeitos comuns..

No contar, ouvir, narrar, tecidas por meio dos relatos de todos aqueles que fazem parte desta história, este estudo se apresenta como relevante para os espaços de formação docente, pois provoca um se pensar da academia, das escolas, das famílias e dos sujeitos reflexão sobre os currículos, as metodologias, as formas de avaliação e trazem contribuições sobre a contextualização, a interdisciplinaridade, o respeito aos princípios da diversidade humana, a produção de políticas públicas para todos e todas, em especial, para jovens e adultos no interior das escolas e academias. Por seu turno, no aspecto social, o percurso de homes e mulheres comuns se constitui em um desafio para romper com os impedimentos que se forma no próprio sujeito e que são construídos socialmente fabricando os estigmas, os atributos. Como rico instrumento de formação de si e do outro, as histórias de vida, além da possibilidade de desencadear seus reflexos na formação, para as escolas, no sentido de criação de projetos para jovens e adultos, nas políticas públicas, como projetos que visem a formação continuada de professores para entender a diversidade e potencialidade humanas, as diferenças, atestam como um especial mecanismo de formação para o sujeito que se narra e para os outros que participam da narrativa e constroem, em conjunto, um discurso que leva às modificações do seu cotidiano.

Este Estudo sobre **Êxito social através da história de vida e formação: trajetória de uma mulher de sítio em diálogo com os saberes da experiência e os saberes acadêmicos** se justifica no seu aspecto social, pelo sentido acadêmico, pela dimensão central advindo das narrativas de uma mulher de sítio que se faz voz legitimada por histórias de homens e mulheres de vivências comuns. Essas mulheres buscam seu êxito pelos estudos e abrem pistas para a academia reaprender a cada dia que pessoas colocadas no anonimato, nos silenciamentos, à margem do saber, do poder escrever, do poder contribuir, são força, com suas vozes, suas histórias, em narrativas sobre o que sentem, do conhecer, que tiveram suas vozes silenciadas, que podem alimentar outra cultura nas escolas, nas universidades, para além do mecânico, do tradicional, do instrumental, para além das histórias oficiais.

Caminhei em meio ao desejo de entender como uma mulher de sítio obteve êxito social pelos estudos em sua história de vida e formação. Narrei a história de vida de uma mulher de sítio, com ênfase para as dimensões pessoais, escolares e profissionais que contribuíram para seu êxito social, identifiquei os lugares e fazeres, (auto)formativos, de experiência de uma mulher de sítio e compreendi como os saberes da experiência em diálogo com os saberes acadêmicos contribuíram para a construção do êxito social de uma mulher de sítio em sua história de vida e formação. Cada um dos narradores deste estudo foram caminhos para edificar superações, pois ao se entender como atores e autores de sua trajetória de vida, ao narrar, ouvir,

contar e refleti sobre a condição de produção de sentidos para redesenhar metodologias ativas para bem próximo das histórias locais, fazeres de sítios, de logradouros, de vilas, quilombos, aldeamentos e tantos outros lugares de aprendizados.

Não duvido que a grande contribuição do estudo fosse dar vozes aos sujeitos comuns, de ter permitido, reconhecer o processo (auto)formativo que esse percurso deixou vivenciado através das narrativas e do contar de si e do outro. Ao se ouvirem contar seus contos se fortalecem a mulher de sítio e todos os sujeitos silenciados se descobrem como sujeitos inconclusos, inacabados, de aprendizagens ao longo da vida.

Como linhas finais, para não concluir, deixo retorno à Epígrafe citada nesta dissertação permeada pelos poemas de Pablo Neruda (1979) quando diz que Ali onde estive, ainda nos espinhos que quiseram ferir-me, achei que uma pomba ia cosendo em seu voo meu coração com outros corações. Pablo Neruda, assim como eu, Francinilda Honorato dos Santos Achei por toda parte pão, vinho, fogo, mãos, ternura. Para meu sentimento de renovação, do esperar pedi permissão à professora Ana Lúcia Aguiar para citar a ideia central de um dos seus pensamentos denominado de **Repouso no meu Esperançar**. O Sítio Cabeços, lugar de onde tudo começou, continua o repouso do meu esperar como o barro nas mãos do oleiro. Regressei com os feixes nas mãos.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, A.L.O.; SOARES, F. M. G. C.; FRANCA, M. C. F. ; MEDEIROS, E. A. ; SANTOS, F. H.. Saindo do Casulo: encontros, aprendizados, e vivência com alunos surdos no Curso de Pós- Graduação em educação. In: Ana Lúcia Oliveira Aguiar, Maria da Conceição Fernandes de França, Emerson Augusto de Medeiros. (Org.). **Educação, (auto) biografias e inclusão entre a escuta e a escrita de si**. 1ed.Curitiba: CRV, 2017, v., p. 1-324.
- AGUIAR, A.L.O.; SANTOS, F. H.; FREITAS, C. L. S.; LIMA, J. E.. **Práticas inclusivas e inserção social como política para processos formativos em contextos locais na pós-graduação**. In: III Congresso Internacional de Educação Inclusiva, 2018, Campina Grande/PB. Anais III CINTEDI, 2018. v. 1.
- AGUIAR, A.L.O.; SANTOS, F. H.. **História Oral e Tradição: a memória saudade nas narrativas autobiográficas de um vaqueiro**. 2013. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BENJAMIN, Walter. (1994). **Magia, técnica e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**/Walter Benjamin. 7ª. ed.- São Paulo:Brasiliense
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961.
- BUENO et al. **Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985 - 2003)**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 385-410, maio/ago. 2006.
- CAVALCANTI, Roberto de Albuquerque. **Andragogia: a Aprendizagem nos Adultos**, Revista de Clínica Cirúrgica da Paraíba, nº 6, de 4 de julho de 1999.
- CERTEAU, Michel de. (1994). **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**/Michel de Certeau; tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ:Vozes.
- \_\_\_\_\_. (1974). A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques. **História Novos: problemas**, direção de Le Goff e Pierre Nora; tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro, F. Alves.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2014 (Coleção docência em Formação: saberes pedagógicos).
- DAMATTA, Roberto. **A Casa & a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5ª edição. Rio de Janeiro, 1997.
- DELORY-MOMBEGER, Christine. **Biografia e Educação: Figuras do indivíduo projeto**. Tradução de Maria da Conceição Passegi. Natal – RN: EDUFRN, 2008.

DELORS, Jaques (Org.). **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Tradução José Carlos Eufrazio. 5. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/ UNESCO, 2001.

DOMINICÉ, Pierre. **La formation enjeu de l'évaluation**. 3. ed. rev. Berne; Frankfurt: Peter Lang, 1985.

\_\_\_\_\_. **O processo de formação e alguns de seus componentes relacionais**. In: Nóvoa, António; Finger Mathias. O método (auto) biográfico e a formação. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

ELGIN, D. **Simplicidade Voluntária**. São Paulo: Cultrix, 1993.

FERRAROTTI, Franco. **Sobre a Autonomia do Método Biográfico**. NÓVOA, A.;

FINGER, M. (Orgs.) **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde. Depart. Dos Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988.

\_\_\_\_\_. **Sobre a autonomia do método biográfico**. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). O método (auto)biográfico e a formação. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 31-57.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 1. Ed. São Paulo: Moderna, 2003. Coleção palavra da gente; v. 1. Ensaio.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 46. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia**. 48. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

\_\_\_\_\_. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. **Conscientização**. São Paulo: Moraes, 1980.

\_\_\_\_\_. **Conscientização e Alfabetização: uma nova visão do processo**. Revista de Cultura da Universidade do Recife. Nº 4; Abril-Junho, 1963.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. **O Papel da Educação na Humanização**. Revista Paz e Terra, Ano IV, nº 9, Outubro, 1969, p. 123-132.

GADOTT. Moacir. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Brasil Cidadão, 2002

GARCIA, Walter G. **Educação: visão teórica e prática pedagógica**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1975, 173p.

GARCIA, M. C. **Pesquisa sobre a formação de professores: o conhecimento sobre aprender a ensinar.** *Revista Brasileira de Educação*, n. 09, p. 51-75, set./out./nov./dez. 1998, C. Pesquisa sobre a formação de professores: o conhecimento sobre aprender a ensinar. *Revista Brasileira de Educação*, n. 09, p. 51-75, set./out./nov./dez. 1998.

\_\_\_\_\_. **Formação de professores: para uma mudança Educativa.** Porto Editora, LTDA: Portugal, 1999.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GENNEP, Arnold Van. **Os Ritos de Passagem.** Petrópolis, Vozes, 1977.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Presses Universitaires de France, 1990.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** 2. Ed. São Paulo: Paulus, 2010.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

MORIM, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho – 2. ed. – São Paulo: Cortez ; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Narrativa autobiográfica: uma prática reflexiva na formação docente.** Trabalho publicado nos Anais do II Colóquio Nacional da AFIRSE – UNB – set/2003.

POLLAK, Michel. (1989). **Memória, esquecimento, silêncio.** In: **Estudos Históricos (Memória)**, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, PP. 3-15.

\_\_\_\_\_. **Memória e identidade social.** (1992). In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, nº 10, CPDOC, FGV.

\_\_\_\_\_. **“Memória e identidade social”.** In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da razão indolente contra o desperdício da experiência.** São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. **Um discurso sobre as ciências.** São Paulo: Cortez, 2010.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Rio de Janeiro: Vozes, 2012

THOMPSON, Paul. História oral e contemporaneidade. In: **História Oral**, nº 5. São Paulo/ associação Brasileira de História Oral, v. 5, 2002.

\_\_\_\_\_. **A voz do passado.** São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TURNER, Victor W. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura.** Petrópolis: Vozes, 1974.

THOMPSON, E. P. **A voz do passado.** São Paulo: Paz e Terra, 1992.

## **ANEXOS**



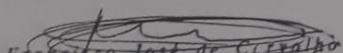
Governo do Estado do Rio Grande do Norte  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DE  
Curso de Especialização em Educação  
Campus Central - BR 110 - KM 46 - Rua Prof. Antônio Campos, s/n - Costa e Silva  
Telefones: (84) 315-2205 - Ramal 203 - 205 - FAX: (84) 315.2203  
CEP: 59.633-010 - Caixa Postal 70 - Mossoró - RN

## DECLARAÇÃO

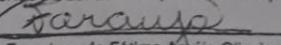
Declaramos para os devidos fins a servidora Francinilda dos Santos Menezes matrícula nº 55346-8, exerce a função de secretária do Curso de Especialização em Educação da UERN, com denodado compromisso e responsabilidade.

Cumprе ressaltar que a servidora se relaciona muito bem com os alunos e professores do curso e demais segmentos da Faculdade de Educação, desenvolve suas atividades de acordo com postura e perfil esperados de uma secretária.

Mossoró, 04 de julho de 2003

  
Francisco José de Carvalho  
Diretor da Faculdade de Educação - FE  
Mat. 0562-4 - Port. 375/2003 - GR/UERN

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO / DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO

  
Francisca de Fátima Araújo Oliveira  
- COORDENADORA